UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Em alto-mar[1]*:* narrativa de uma travessia

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Língua e Literatura Italiana da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. ANDREA LOMBARDI
Orientanda: REGINA CÉLIA DA SILVA
Área: LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA
Nível: Mestrado

3 DE AGOSTO DE 2006

[1] Título original: *Sull´Oceano*. Edmondo de Amicis.

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a

Andrea Lombardi, um amigo querido, pelo afeto e cuidado.

A Susana Kampff Lages, pela motivação em momentos decisivos.

A Liliana Laganá, tradutora exemplar e poeta da travessia.

A Paolo Spedicato, pelas pílulas de ironia, entusiasmo e bom humor.

A Lucia Wataghin, que nunca me deixa desistir.

A Alfonso Berardinelli, presença constante mesmo distante.

Ao Giovanni, a Sofia e ao Diego, pela compreensão e tolerância com minhas ausências.

A Janaína Büll, *sempre vicina*.

RIASSUNTO

Il presente lavoro ha l´obiettivo di presentare un suggerimento di traduzione per una delle opere più importanti di Edmondo De Amicis, *Sull´Oceano*, cronaca scritta a partire da un suo viaggio da Genova al Rio de la Plata compiuto nel 1884, e pubblicata nel1886. Questa ricerca comprende tre tappe: una presentazione di De Amicis a partire dalla sua opera più popolare, *Coração,* e la sua ricezione in Brasile. Analisi di alcuni elementi della narrativa di *Sull´Oceano*, e finalmente alcune riflessioni sulla traduzione di quest´opera per quanto riguarda lo stile dell´autore e il mestiere del tradutore.

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma sugestão de tradução para uma das obras mais importantes de Edmondo De Amicis, *Sull´Oceano*, crônica escrita a partir de uma viagem do autor da Gênova al Rio de la Plata realizada em 1884, publicada em 1886. Esta pesquisa compreende três etapas: uma apresentação De Amicis, a partir da sua obra mais popular, *Coração,* e sua recepção no Brasil; Análise de alguns elementos da narrativa de *Sull´Oceano*; e finalmente algumas reflexões sobre a tradução desta obra no que se refere ao estilo do autor e ao ofício do tradutor.

SUMÁRIO

1- Introdução 5
2- De Amicis: o autor de *Coração* 7
3- Em alto-mar: Um outro (?) De Amicis 16
4- Em alto-mar: um microcosmo da Itália Unificada 18
5- Os tipos originais da proa e da popa 24
6- Ainda sobre o narrador e a narrativa 36
7- Dos riscos da travessia e da tradução 45
8- Bibliografia 51
9- Em alto-mar

1. Introdução

Uma das questões que motivaram inicialmente este trabalho esta: por que um tema tão importante do ponto de vista histórico, sociológico e político, como a emigração em massa de italianos a partir da segunda metade do século XIX, por que esse trauma[2], mesmo coincidindo historicamente com uma tendência literária compromissada com a exposição das questões sociais, como foi o Realismo, foi tão pouco representado pela literatura da época? De fato há elementos que apontam na direção de uma remoção da historiografia e particularmente da historiografia literária em relação ao tema.[3]

Como jornalista, romancista e poeta, o escritor colocou a sua produção literária a serviço de suas convicções políticas e ideológicas, testemunhando a Unificação Italiana e denunciando seus efeitos.

Sua obra *Sull´Oceano,* a crônica escrita a partir de uma viagem ao Rio da Prata empreendida pelo autor, em 1884, parece ter sido único romance italiano a tratar com a devida atenção esta questão naquele contexto este que foi um dos efeitos colaterais da Unificação do Estado Italiano: a emigração.

Toda a produção literária de De Amicis, contudo, aponta para uma correspondência entre a vida e a obra deste autor, extremamente envolvido com as questões contemporâneas de seu Pais. Nascido em Oneglia, na província de Imperia, em 1846, De Amicis morreu em Bordighera, na mesma província, em 1908. Freqüentou o liceu em Turim e em seguida se inscreveu na escola militar de

[2] LOMBARDI, Andrea. "L'altro lato dello specchio: identità e multiculturalismo (un contributo italo-brasiliano)" In: *Cultura italiana e cultura degli italiani*. [Atti dell'incontro internazionale promosso dal Ministero degli Affari Esteri . Roma, Palazzo Firenze, 14 dicembre 2000], Roma: Adn Kronos libri, 2002, p. 71-78

[3] Asor Rosa. "La storiografia letteraria come operazione di conoscenza"in *La scrittura e la storia*. Firenze: La Nuova Italia, 1995

Modena. Combateu na batalha de Custoza com o grau de sub-tenente. Esta experiência inspirou-o a escrever em 1868 *La vita militare*. Trabalhou como jornalista para o jornal *La Nazione* de Florença. Publicou vários livros de viagem, entre os quais: *Olanda*, 1874, *Marocco*, 1876, *Costantinopoli*, 1878. Sua obra mais famosa, porém, certamente é *Coração,* publicada pelo editor Treves em 1886. Escritor com um forte sentimento patriótico ao qual aliou um forte caráter pedagógico, De Amicis sempre foi motivo de polêmica e alvo de duras críticas desde o início de sua atividade literária. Em torno dele alternaram-se críticas ora com relação à ideologia, ora ao estilo e à construção literária, ora ainda com respeito à questão pedagógica e à consciência educativa, atribuída em grande parte à sua adesão a certos valores institucionais como Pátria, Família, Trabalho e Sacrifício[4]. De fato De Amicis constituiu-se como um Educador de bons sentimentos nacionais[5] defendidos por uma pequena burguesia do norte da Itália, através de uma retórica que parecia excessivamente obstinada sob certos ângulos de visão. Numa visada das obras do autor e de parte de sua fortuna crítica, é possível supor que ele tenha sido o precursor em tratar aspectos emblemáticos de sua época e diante de posicionamentos tão claros e didáticos é impossível manter-se diante dele uma postura neutra.

A obra *Coração* está fortemente caracterizada pelo desejo do autor de prestar um serviço ao seu país inculcando nos jovens valores morais e sociais que conotavam o seu tempo: senso do dever, da honra, do pertencimento nacional, trabalho, honestidade. Valores sobre os quais devia nascer a Itália moderna. Por quanto que se possa minimizar suas qualidades literárias em função da *mensagem* transmitida por *Coração*, é fato que seu projeto obtém um êxito ao menos em termos numéricos. Nos primeiros dois meses e meio foram 40 edições, já 1896 somavam-se 197 e no século XX, a obra foi traduzida em 40 línguas.

---

[4] CAMBI, Franco. *Collodi, De Amicis, Rodari. Tre immagini d´infanzia*. Bari: Edizioni Dédalo, 1986, P.16.

[5] Idem.

Outros dois romances posteriores de De Amicis também são ambientados na escola, ainda que de um ponto de vista diferente. Em *Il romanzo d'un maestro* (1890) o seu olhar é amargo e desencantado; em *Amore e ginnastica* (1892), o mundo da escola gravita em torno da fascinante figura da professora de ginástica Pedani, atlética e dominadora, um personagem construído com elegância e ironia.

Além de *Sull'oceano* e *Primo maggio*, cujo título é uma alusão à primeira vez em que dia do trabalho foi celebrado, há que mencionar ainda outras publicações do escritor: *Poesie* (1881), i *Ritratti letterari* (1881), primeiro exemplo na Itália de um livro- entrevista com famosas personalidades do mundo literário, e *L'idioma gentile* (1905).

De Amicis: o autor de *Coração*

Se é verdade que um autor é apresentado pela sua obra, é quase impossível falar de De Amicis, sem se referir àquela que foi a responsável pela sua imagem diante do grande público, no bem e no mal. É por *Coração* De Amicis é conhecido no Brasil e no mundo. Falar de um implica falar de outro ainda que todo o De Amicis, sua estética e sua ética não se circunscrevam nem podem se reduzir à esta obra. E nesse ponto cabem algumas considerações sobre o contexto de produção e recepção desta obra na Europa e no Brasil respectivamente.

Embalados pela ideologia positivista que identificava na escola um precioso mecanismo para se inculcar princípios considerados valiosos para a organização social, alguns autores europeus e também brasileiros, a partir da segunda metade do século XIX, se lançaram à produção de obras literárias ou de leitura escolar com o escopo claro e definido de formar cidadãos, membros de um Estado e de uma pátria.

Nesse contexto nasce um verdadeiro projeto educativo e ideológico que se valia da escola como um todo, mas da literatura para crianças em particular, como elementos fundamentais para a formação de cidadãos mirins. Estes ventos

provenientes da Europa, onde apareceram várias obras com esse perfil, chegaram ao Brasil e inspiraram a produção de uma literatura *de encomenda*[6] por parte de importantes autores brasileiros. Entre as obras mais lidas no Brasil destacam-se *Coração,* de De Amicis, lançada na Itália em 1886*,* e *Le tour de la France par deux garçons*, de G. Bruno publicada em 1877 Este último, "foi objeto de uma adaptação mais requintada", tendo inspirado, em 1910, o famosíssimo *Através do Brasil* que, escrito por Olavo Bilac e Manuel Bonfim, tornou-se leitura apaixonada e obrigatória de muitas gerações de brasileiros"[7]

O autor de *Coração* é a própria encarnação dos ideais do *Risorgimento* e da formação do Estado italiano. Esta obra, pela qual se tornou conhecido no Brasil nas mais de 50 edições que teve em português, foi um fenômeno de vendas, desde a primeira edição quando seu autor já era famoso após as publicações de *Vita militare* e *Spagna*. *Coração* despertou imediatamente e na mesma intensidade, tanto a comoção e a estima do público, quanto a ferocidade da crítica, contemporânea e posterior. Amada ou odiada, trata-se sem dúvida de uma obra de grande importância histórica, através da qual é possível recuperar princípios e valores que orientavam a Itália, então recém unificada, e seus primeiros passos em direção a constituição de um Estado nacional de fato e de um ideal de pátria.

A obra é dirigida especialmente aos estudantes das escolas primárias, apresenta-se como a crônica de um ano escolar escrita por um aluno da terceira série, Enrico Bottini, reescrita pelo pai, que teve o cuidado de não alterar o pensamento do filho e de conservar ao máximo suas palavras; finalmente ela é relida e alterada pelo

---

[6] LAJOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola*. Olavo Bilac e a Educação na República Velha. Globo. RJ/Porto Alegre, 1982

[7] BIGNOTTO, Cilza Carla *Monteiro Lobato e a infância na república velha*

In: http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm

jovem que já chegou ao ginásio. É talvez o único romance conhecido na Europa que tem como ambiente a escola[8].

O forte apelo sentimental de *Coração* denota uma intenção de se formar patriotas e cidadãos "de bem". Tanto que ao longo da obra percebe-se a preocupação do autor com o adulto de amanhã. Ainda que a obra, tanto pelo conteúdo quanto pela linguagem direta e simples, tenha como meta leitores em idade escolar, nota-se que De Amicis tem em mente o cidadão de amanhã, os homens que em poucos anos constituirão o Estado italiano.

O recurso fundamental para que a massa de leitores de *Coração* aderisse ao projeto de formação da pátria italiana é sem dúvida o forte componente emocional. Os jovens leitores de *Coração* deveriam ser conquistados, pela emoção, para que abraçassem um ideal maior e único: aquele de amar a pátria e os seus símbolos. Tendo como ponto de partida as relações familiares, uma vez que a família é então entendida como célula da sociedade, os personagens do romance, e, por extensão, seus leitores, deveriam estender à pátria os afetos vivenciados no seio da família.

Respeitadas as devidas diferenças, o contexto sócio-político brasileiro apresentava semelhanças em relação ao contexto italiano. A proclamação da República havia também suscitado a valorização do amor à pátria; a crença no Estado e na importância da Educação laica. Assim *Coração* obteve também ótima recepção junto ao público brasileiro, chegando inclusive a influenciar a produção de textos escolares. A título de exemplo citamos uma série de leitura, que, a partir de 1904, passou a dividir o mercado editorial nacional. Trata-se da série graduada Puiggari-Barreto, criada pelos professores Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto. Essa coleção é muito semelhante à obra de Edmundo de Amicis. Nela, um narrador conta a história de Paulo e o seu convívio com os familiares, na escola, com os amigos e professores. Cada livro da série representa um ano de

[8] CUSTODI, Franco. Introdução a *Sull´Oceano* Garzanti, 1996.

escola do protagonista. Essa série é constituída de quatro livros – Primeiro livro de leitura (240 p.); Segundo livro de leitura (203 p.); Terceiro livro de leitura (227 p.) e Quarto livro de leitura (184 p.), e de acordo com os próprios autores, trata-se de um trabalho mais didático que literário, composto por lições repletas de ilustrações[9].

José Veríssimo, no prefácio à sua 4ª. edição brasileira, de 1894, refere-se a *Coração* como um "acabado manual de educação moral e cívica"[10]. O crítico, que também via na leitura "a mola real do ensino" e um importante instrumento para a aquisição de determinados princípios, indicava a obra de De Amicis, na ausência de produções nacionais mais representativas. Entre suas críticas aos títulos então existentes no Brasil incluía-se a ausência de uma "cultura cívica assim como moral". O autor descrevia dessa maneira o ideal de livro de leitura para as crianças brasileiras: "cumpre que ele seja brasileiro, não só feito por brasileiros, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assuntos, pelo espírito, pelos autores transladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que anime"[11]. No entanto, na falta de livros nacionais, Veríssimo recomendava o "estrangeiro" *Coração* e, portanto, é possível depreender que o crítico também visse na obra de De Amicis os ingredientes imprescindíveis para a formação dos leitores-cidadãos.

Monteiro Lobato, também intencionado em corroborar a constituição de uma identidade nacional através de uma literatura própria, escreve a Godofredo Rangel[12] manifestando sua preocupação pelos interesses e necessidades dos

[9] OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de y SOUZA, Rosa Fátima de. The faces of the reading book. *Cad. CEDES*, nov. 2000, vol.20, no.52, p.25-40.

[10] VERÍSSIMO, José. Introdução. In: *Coração*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1894, p.4.

[11] VERÍSSIMO, José. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985, p. 15.

[12] LOBATO Monteiro A barca de Gleyre. São Paulo: Brasiliense, 1972), p246

pequenos leitores. Numa carta ao amigo, Lobato faz uma alusão irônica disparando exatamente contra o *Coração*, antecipando uma atitude antropofágica que pouco depois será assumida pelo Modernismo brasileiro*:*

Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. (...). É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o Coração de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos...

É interessante observar o percurso de formação de um público leitor de massa no Brasil através de observações presentes nos prefácios e introduções das edições brasileiras de *Coração*, que reforçam claramente elementos e valores da família patriarcal burguesa. Bárbara Heller[13], por exemplo, aponta a possibilidade de se reconstruir a partir do prefácio de Valentim Magalhães a uma edição desta obra de 1891, o papel e a função da mulher leitora no final do séc. XIX. Apesar da simplicidade do texto de De Amicis, o prefaciador alude à incapacidade de compreensão da obra pela mulher e a necessidade de solicitar a ajuda do marido para se entender as "intenções" de De Amicis. Dirigindo-se ao público feminino Magalhães recomendava:

Lêde o Coração, minhas senhoras, lêde-o que quereis o livro mais agradável na forma e mais humanamente divino no fundo, na idéia, nas doutrinas, que poderíeis encontrar. Lêde-o e relêde-o, e depois, à noite, todas as noites, lêde uma página aos vossos filhos e não deixeis que o vosso esposo se recolha ao seu gabinete de trabalho ou ao seu quarto de cama, sem pedir-lhe a colaboração do seu saber e do seu entender para a completa inteligência do que pretende De Amicis neste ou

[13]HELLER, Bárbara In: Anais do 5o. Seminário Nacional Mulher e Literatura. Natal, UFRN/Ed. Universitária, 1995. pp. 519-525.

naquele passo de sua obra e para a mais perfeita execução dos seus planos educativos. [145]

Foi ele [Edmundo Amicis] *quem (...) conseguiu escrever um tratado de educação, sem fazer uma obra propriamente pedagógica, escrever o livro (...) que ele pressentia necessário às mães, quando, na solidão das suas câmaras, à noite, esperando os maridos ou vendo-os dormir, subjugados pelo cansaço, elas pensam na sua maternidade, prestes a desabrochar em frutos de amor, e sonham acordadas com os seus filhos queridos, que em breve hão de vir à luz. (...)*[15]

O livro *Coração* é considerado, assim, o produto mais notável da ação educativa atribuída aos literatos nas décadas que se seguiram à unidade nacional[16], quando se tornou necessário ao ideal de unidade nacional um conjunto de valores universalmente válidos, como pátria, família, religião, sacrifício e obediência.

Na esteira do que é proposto pelo então ministro da educação Coppino, em 7 de fevereiro de 1886, sobre a obrigatoriedade do ensino, a escola deveria exercer o papel de mediadora entre a família e a pátria. Não é por acaso que em *Coração* a palavra pátria seja pronunciada pela primeira vez justamente quando é feita a apresentação de um aluno calabrês, para testemunhar que a Itália é única de norte a sul. Com o advento da escola pública, de fato, ocorre um interclassismo através do qual se misturam crianças de vários estratos sociais e de procedência a mais variada possível. Assim, com a mesma edificante intenção pedagógica que alimentou *Vita militare,* (1867), em *Coração* através da Escola se dá o acesso à vida e nela aprendem-se os valores fundamentais em torno dos quais se realiza a solidariedade de classes.

---

14 5- Prefácio de MAGALHÃES, Valentim, em 1890. In: AMICIS,Edmundo. Coração. (Trad. V. Magalhães). São Paulo, Teixeira & Irmão,1891.

15 Idem. Op.cit.

16 Org. SQUAROTTI, Giorgio Barberi..Literatura Italiana linhas problemas autores. Nova Stella Istituto Cultural Ítalo Brasileiro EDUSP.

Coração *é um livro para a Itália unida: quando o livro é publicado, o jovem estado unitário italiano estava de frente a difícil tentativa de difundir em todo o território uma única consciência nacional e de realizar uma unificação cultural e lingüística ainda totalmente ausente.* Coração *e os contos mensais tentam, portanto ,apresentar uma Itália unida ao menos nos sentimentos e no amor de pátria. A moral saída dos livros de De Amicis é uma moral é válida para todos, das crianças piemontesas às calabresas, do rico senhor ao pobre carvoeiro; é uma moral que exalta o sacrifício e o trabalho, o respeito das hierarquias sociais e a fraternidade humana..".*[17]

Em *Coração* está, portanto, fortemente caracterizado: senso do dever[18], da honra, do pertencimento nacional, trabalho, honestidade. São valores sobre os quais devia enfim nascer a Itália moderna. Ao amor pela pátria são consagrados dois dos mais conhecidos contos mensais

Já o empenho em favor da solidariedade social está presente na obra onde é clara a intenção de se enaltecer a convivência pacífica entre as classes mascarando a luta que existe entre elas. Assim, burgueses mostram aos filhos como apertar a mão dos honestos trabalhadores, desde que cada um permanecesse na sua classe.

Isso é observável em passagens como *O carvoeiro e o fidalgo* na qual o *soberbo* Carlos Nobis insulta Betti chamando seu pai, um carvoeiro, de esfarrapado. A querela é dirimida com um simbólico aperto de mão entre ambos. O carvoeiro mostra-se magnânimo perdoando o insulto do garoto.

GAMBARO, Griselda in: http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2002/07/20/u-00502.htm

[18] A título de curiosidade a palavra *dever* é empregada cerca de 133 vezes, o emprego dos verbos *brincar, jogar e divertir*-se se dá 12 vezes.

(...)o livro Coração é uma verdadeira súmula das idéias positivas da burguesia italiana na fase da sua organização nacional (...) em De Amicis é portanto muito viva esta preocupação própria do populismo italiano de incluir uma visão burguesa do povo dentro do esquema político e cultural do Estado burguês unitário[19].

Deveres sociais, amor pela pátria e gratidão pela família não estão desvinculados e aparecem referidos, por exemplo, numa carta do pai louvando as belezas da Itália e exortando o filho a derramar o próprio sangue por ela. A relação com os pais, aliás, merece do autor uma atenção especial. Cabe a eles transformar cada evento, mesmo o mais banal da vida cotidiana, numa ocasião de adestramento moral e ainda ajudar o garoto Enrico a reconhecer e apreciar os sacrifícios silenciosamente suportados por eles. A vigilância contínua do pai e da mãe faz com que Enrico atinja uma certa maturidade. A introjeção dessa atitude *policial* pode ser verificada através de auto-censuras que Enrico se faz.

O único exemplo negativo neste universo perfeitíssimo é o personagem Franti, o "infame" com seu sorriso fora do lugar[20]., que foi considerado por Umberto Eco no seu famoso ensaio "O elogio de Franti" "o espelho da falsa sociologia de *Coração*[21].

Talvez os mesmos elementos que tenham sido fator do sucesso, foram também os maiores motivos de crítica em *Coração*. Sua retórica, sua pouca penetração psicológica, o sentimentalismo e o excessivo otimismo tornam evidente a sua

[19] . ASOR ROSA, Alberto. *Scrittori e popolo.* Savelli, Roma, 1979 p. *57*

[20] LITERATURA ITALIANA – linhas problemas autores. Org SQUAROTTI, Giorgio Barberi

[21] ECO,HUMBERTO , "*Elogio di Franti*" in Diario Minimo. Milano: Bompiani: 2001.Ecco dunque profilarsi l'idea di un Franti come motivo metafisico nella sociologia fasulla del *Cuore*. Il riso di Franti è qualcosa che distrugge, ed è considerato malvagità solo perché Enrico identifica il Bene all'ordine esistente e in cui si ingrassa.

preocupação em formar o adulto em detrimento de compreender o universo da criança do momento. Contudo o distanciamento temporal possibilitou também uma revisão crítica e uma conseqüente revalorização da obra do escritor ligúrio, mais propensa ao equilíbrio e a uma maior objetividade.

Enrico Bottini não tem oportunidade de falar de si próprio. É o narrador destinado a falar e a observar os outros. Diferentemente do também pedagógico Pinocchio, Enrico não apresenta profundidade psicológica, auto-reflexão e tampouco vivencia qualquer tipo de conflito existencial, o que o impede de ser verossímil. Seu relato acaba sendo uma cartilha destinada aos adultos de amanhã. Num certo sentido, o boneco de madeira de Gepetto é mais "humano" e, portanto, também "real" e mais próximo dos conflitos e desafios experimentados por um garoto de verdade.

A influência de Edmondo "*dai languori*"[22], como foi ironicamente chamado por Carducci, teve repercussão mundial sobretudo devido a *Coração* em seus ideais patrióticos, mas sobretudo devido à profunda crença no papel formador da família e da escola. E se a fama foi atingida já com a primeira obra *Vita militare*, foi principalmente sobre *Coração* que se formou a imagem de De Amicis.

Ao menos duas gerações se nutriram de sua eloqüência melodiosa e superficial e foram inspiradas por determinados elementos e temas que seriam responsáveis pela sua popularidade: o respeito pelo exército – acabado de sair das guerras de independência; o respeito pela missão do professor, da família e do trabalho, a solidariedade social.

Os valores ligados à família defendidos apaixonadamente por De Amicis nas páginas de *Coração* seriam mais profundamente colocados em discussão e contrapostos, dentro do âmbito da própria literatura, pela geração do pós-guerra. É por esse conjunto de elementos que De Amicis se tornou mundialmente e sobre

[22] D´ORTA, Marcello. Introdução *Cuore* Roma, Biblioteca Economica Newton.

eles foi construída sua imagem, no bem e no mal. Em seu caso a reputação de sua obra praticamente o precede.

Em alto-mar: Um outro (?) De Amcis

"Talvez tenha chegado o momento de reler ou, melhor, de *ler* De Amicis."[23] De fato, nosso trabalho nasceu do intento de corroborar essa tendência da crítica italiana contemporânea que, nas duas últimas décadas, tem tirado este autor do limbo ao qual foi condenado por muito tempo pela crítica. Esse "novo" De Amicis aparece bem mais complexo cuja releitura tem contribuído para se compreender a formação da sociedade burguesa italiana do final do século XIX.[24]

Nossa abordagem segue, portanto, a esteira do que vem afirmando a crítica recente, já antecipada por Asor Rosa[25], de que De Amicis merece uma leitura que supere as alternativas esquemáticas, propostas pela crítica anterior, e que leve em conta a sua importância dentro de um determinado percurso histórico e literário. Nota-se assim uma boa disposição em tirar do ostracismo o estigmatizado autor de *Coração,* o diário de um menino que cursa o terceiro ano primário e anota os principais acontecimentos sobre aquele ano escolar. Para o senso comum permanece quase como autor de uma única obra, embalsamado por uma moral maniqueísta e simplista protagonizada por Henrique e Franti[26] . O primeiro acabou por personificar uma parte da retórica do autor, da qual por muito tempo não se pôde desvencilhar. Provavelmente tenha constituído uma clássica (e equivocada)

---

[23] BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: paragrafi eterodosi*. Modena: Mucchi (IL vaglio 14) 1992.

[24] BACCHETTI, Flavia. *Viaggi "en touriste" di De Amicis. Raccontare ai borghesi* (I) Tirrenia: Edizioni el Cerro (Biblioteca di Scienze della Formazione 2) 2001.

[25] [25] ROSA, Asor. Introduzione a *Atti del convegno nazione di studi* a cura di Franco Contorbia. Imperia: 1981, p 12

[26] ECO, UMBERTO , Op.cit.

simbiose entre autor, narrador e personagem. Por décadas, ao autor do maior *best seller* da literatura italiana foi debitado todo o ônus do ponto de vista de um garoto de nível intelectual medíocre, protagonista de um manual de moral e civismo para a Itália pós unificação.

Várias leituras apontam para *Sull´Oceano* como o ponto de mutação para a interpretação da obra de De Amicis. Ela teria representado a conclusão de um ciclo. É fato que lendo esta obra e Coração, podemos sublinhar algumas diferenças significativas, que fazem considerar a primeira mais interessante e rica sobretudo com relação à construção do texto, ao ritmo impresso à narrativa e à caracterização dos personagens. Sem dúvida, o texto de *Sull´Oceano* deixa entrever um maior investimento do autor em questões propriamente literárias, ainda que nesta obra permaneçam reminiscências de um certo pedagogismo, da retórica socialista e mesmo da estrutura forma de diário. Certamente a coesão narrativa, a unidade espacial e temporal, a presença dos mesmos personagens, alguns dos quais já não enquadráveis no *bozzettismo*[27]*,* garantiram um salto de qualidade em relação às suas narrativas de viagem, apontando para mudança tanto da fontes quanto das informações que pretende comunicar[28]. Curiosamente o próprio narrador maldiz *os livros, as histórias de viagem, as reportagens e as conferências que nos tornam mais familiares os países mais distantes e nos mandam vê-los com a cabeça já saturada de suas imagens e incapazes de qualquer forte impressão* (p. 208), numa atitude de autocrítica.

Parte da crítica mais recente tende a considerar que, com *Sull´Oceano*, o autor teria deixado para trás o *engajamento edificante*[29] para se encaminhar à fase final

[27] DANNA, Bianca. *Dal taccuino alla lanterna magica. De Amicis "reporter" e scrittore di viaggi*, Firenze: Olschki (Centro studi lett.it. Plemonte Gozzano 15) 2000.p 157
[28] DANNA, Bianca. Op. Cit. P 157
[29] DE NICOLA, Francesco. Introduzione a *Sull´Oceano.* Milano: Mondadori, 2004, p. 28.

de sua atividade literária, aquela que o levará à adesão explícita ao socialismo e à escritura de *Primo Maggio*.

***Em alto-mar*: um microcosmo da Itália Unificada**

O terceiro capítulo de *Sull´Oceano*, já a partir do que o título sugere – A Itália a bordo - pode ser tomado como um princípio para uma chave de leitura para essa narrativa de De Amicis. Nela relata-se uma travessia com tempo cronologicamente delimitado, com duração e rota bem delimitadas: 20 dias de Gênova à América do Sul; no plano da enunciação, os vinte dias transformam-se em vinte capítulos de uma viagem pelo microcosmo da Itália recortada e reproduzida em escala dentro do navio[30]; numa espécie de geografia ideal, que permite um recorte e uma análise minuciosa dos elementos e personagens.

A viagem e o tempo da travessia constituem-se como condições ideais na história da literatura para se empreender um determinado percurso narrativo. Condição em que simultaneamente o narrador mergulha numa matéria narrativa, constrói uma trama a partir de fatos observados/vivenciados e traça o próprio perfil e percurso.

A viagem desde muito tempo é um recurso utilizado para imprimir ritmo à narrativa, o que se dá através da delimitação do espaço e do tempo e de um recorte da matéria a ser narrada. Uma viagem por mar assume a forma de cronotopos[31].

---

[30] BACCHETTI, Flavia. *Viaggi "en touriste" di De Amicis. Raccontare ai borghesi* (I) Tirrenia: Edizioni el Cerro (Biblioteca di Scienze della Formazione 2) 2001. p. 97

[31] Termo cunhado por Bakthin para designar a junção entre dados geográficos e topos literário, com dupla função: ao mesmo tempo em que faz progredir uma ação transmite um conteúdo específico, que age a nível conceitual e ideológico. In: TELLINI, Gino. Il romanzo italiano dell´ottocento e Novecento. COHEN, Margaret. *Il mare*. Milano: Mondadori, 1998.

Podia dizer enfim: por vinte dias, estou separado do universo habitado, estou certo de não ver outros semelhantes meus a não ser aqueles estão ao meu redor, os quais são, para mim, todo o gênero humano; por vinte dias estou livre de qualquer obrigação e qualquer servidão social, e certo de que nenhuma dor me sobrevirá do mundo externo, porque não pode me chegar nenhuma notícia de nenhuma parte. Mil desventuras podem me ameaçar, nenhuma pode me atingir. A Europa pode se abalar, eu não vou saber[32].

O cronotopos do navio reproduz de forma estável, esse pedaço de terra firme isolado do resto[33], o microcosmo social organizado conforme uma rigorosa hierarquia. Nele podem coincidir ou se condensar as dimensões de espaço e tempo; espaço físico, social e interior. Tempo cronológico, psicológico e mítico.

O desdobramento do aspecto da *viagem* pode ser produtivo para a compreensão do percurso empreendido pelo autor, senão vejamos: a concreta experiência de viagem empreendida pelo autor de Gênova à Argentina se deu em 1884 a bordo no navio *Nord América*, mas a publicação do romance que teve como base esta viagem, *Sull´Oceano*, deu-se em 1889; entre esses anos o autor lança *Coração*, que, em princípio, dista em muito daqueles princípios que pautaram a escritura desta obra *terrivelmente moderado* nas palavras de Asor Rosa[34].

Aos planos de viagem corresponderiam ao menos dois posicionamentos do narrador, num como escritor no seu papel de *bozzattistico melo boghese*, e outro

[32] De Amicis. Idem, op. cit.

[33] MELVILLE, H. White Jacket (1951) Apud: COHEN, Margaret. *Il mare*. In: Tellini, op.cit..

[34] ROSA, Asor. Introduzione a *Atti del convegno nazione di studi* a cura di Franco Contorbia. Imperia: 1981, p 11.

como uma testemunha[35] ocular que se compadece diante do sofrimento dos emigrantes, mas que pretende e consegue contribuir para um debate político *dando voz aos protagonistas do drama*[36], ainda que pese a interpretação e tradução dessa voz para o italiano-standard-fiorentino a partir do ponto de vista de um burguês simpatizante da ideologia socialista.

Os tipos originais da proa e da popa

---

[35] A questão do testemunho não é tema deste trabalho. Contudo reproduzimos aqui alguns pressupostos para o emprego deste termo aqui e mais adiante nesta dissertação. "O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido (o "real") com o verbal. (...) O conceito de testemunho desloca o "real" para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do "real".(...) não só aquele que viveu um "martírio" pode testemunhar; a literatura sempre tem um teor testemunhal. E, por outro, o "real" é – em certo sentido, e sem incorrer em qualquer modalidade de relativismo – sempre traumático. (...) A linguagem/escrita nasce de um vazio – a cultura, do sufocamento da natureza e o simbólico, de uma reescritura dolorosa do "real" (que é vivido como um trauma). (...)Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o "indizível" que a sustenta. A linguagem é antes de mais nada o traço – substituto e nunca perfeito e satisfatório – de uma falta, de uma ausência. SELIGMAN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: editora UNICAMP, 2001

[36] DANNA, Bianca. *Dal taccuino alla lanterna magica. De Amicis "reporter" e scrittore di viaggi*, Firenze: Olschki (Centro studi lett.it. PIemonte Gozzano 15) 2000, p. 157.

Como microcosmo da Itália, o *Galileo* transporta uma galeria de *tipos* que representam os estratos sociais da Itália da época. Tal categorização vem explicitada nas palavras do Comissário:

"Não era apenas um grande vila (...) mas um pequeno Estado. Na terceira classe, estava o povo, a burguesia, na segunda, na primeira, a aristocracia. O comandante e os oficiais superiores representavam o Governo. O Comissário, a justiça. A imprensa podia ser o registro dos anúncios e cumprimentos aberto na sala de jantar. (p.18)

No que diz respeito à caracterização dos personagens, De Amicis amplia e refina o que principiara em *Coração*, no qual também encontramos uma representação de classes, mas de forma esquemática e estanque. Nobis da aristocracia, Botini e Derossi burgueses; Garrone, Coretti, Nelli, Votini, Rabucco, Garoffi, Precossi, Crossi, Stardi provêm de estratos do proletariado e do subproletariado, e Franti o exemplo da marginalidade irrecuperável.

"Bem longe de atingir uma plausível verdade romanesca, uma mobilidade humana creditável, estas figuras deamicianas se assemelham a tipo da commedia dell´arte. (...)Definidos por meio de emblemas, de sinais característicos que os distinguem e os colocam numa região definida do mosaico social(...)"[37].

Tal definição se aplica em parte aos personagens de *Sull´Oceano*, cuja caracterização em tipos fixos, que não "evoluem", nem insinuam qualquer contradição interna, não põe em risco esboço de cada um deles apresentado pelo narrador desde o princípio da narrativa. A maioria deles não surpreende, é previsível. Dois deles são exemplos claros daqueles que representam um ideal de virtude para a nova Itália. São eles o garibaldino e a moça de Mestre.

[37] TRAVERSETTI, Bruno. *Introduzione a De Amicis* Bari:. Laterza (Gli scrittori) 1991. p. 78

"(...)o rosto másculo e bonito do meu vizinho da direita, cuja voz não havia ainda ouvido, desviou-me a atenção. Era um homem com cerca de quarenta anos, com aspecto de um antigo soldado, de corpo poderoso, mas que se supunha ainda ágil. Era grisalho. A testa atrevida e os olhos injetados de sangue me lembraram Nino Bixio, mas a parte inferior do rosto era mais suave, ainda que triste e como se estivesse contraída por uma expressão de desprezo, que violentava a bondade da boca. Não sei bem por qual associação de idéias, pensei numa daquelas nobres figuras de Garibaldinos de 60." (11)

"A partir de algumas palpitações involuntárias de seus lábios brancos e de certos tremores íntimos da sua voz, adivinhava-se sob a sua compostura gentil um grande vigor, e era uma compaixão ardente pelas misérias humanas, cujo espetáculo era para ela intolerável e a faziam infeliz, um amor violento por todos aqueles que sofriam, do qual nascera não sei que idéia de socialismo religioso, confusa na sua cabeça, mas flamejante em seu coração, e que a consumia. Pela primeira vez na vida, ela via tanta miséria e tantas dores acumuladas que, por assim dizer, fremiam sob sua mão. Estava chocada no mais profundo da alma. Eu não entendia bem suas idéias, porque, ou pela dificuldade de se expressar, ou pelo cansaço, nunca terminava as frases e suas últimas palavras se perdiam como se fossem levadas pelo vento. "Não fazemos o bastante por quem sofre," disse; "e no entanto...não há o que fazer neste mundo...é isso." Se lhe fossem suficientes as forças do corpo, teria certamente consagrado a sua vida a algum grande apostolado de caridade e daquela forma teria morrido. Dizia isso a expressão da sua boca terna e do seu semblante resoluto, sobre o qual passava, às vezes, uma leve sombra, como uma idéia do egoísmo e da tristeza humana que ela devia ter mais adivinhado que experimentado na sua breve existência. Apesar das grandes diferenças, me vinha à cabeça, olhando-a, aquele rosto branco e inspirado de uma daquelas meninas niilistas que pintou Steniak, devoradas pelo ardor da fé e prontas a morrer por ela. Falava com os olhos no horizonte, com uma voz de uma doçura inexprimível, acariciando com uma mão

sua cruz preta, e aquele hálito tênue de menina doente que saía de sua boca fazia com que parecesse ainda mais fraca e digna de compaixão diante daquele sopro imenso de vida que o oceano lhe mandava sobre a fronte." (p.90)

Um terceiro exemplo de personagem linear seria o moleiro, impiedosamente caracterizado pela pena do narrador. Um imigrante que, diferentemente dos outros dois, recita a parte daquele que abandona seu país em busca de fortuna e, ao se locupletar, despreza o país, cuja imagem e modelo, no entanto, continua defender na nova terra para obter prestígio.

"(...)era um exemplar ruim de moleiro piemontês, que, tornando-se rico na Argentina, retornava para lá agora para sempre, após uma breve permanência na pátria, onde parecia não ter encontrado aquele acolhimento triunfal que esperava. Desde a noite anterior pretendia contar a um camareiro a sua história, e falar mal da Itália, que não teria os seus ossos". (p. 32)

Talvez pelo fato de os temas e também os objetivos e os públicos das duas obras serem distintos, os tipos presentes em *Sull´Oceano*, apesar da linearidade, possuem uma caracterização mais rica, colorida e irônica e, certamente, é um dos pontos fortes da obra. Aliás a autoirônica do narrador-personagem se constrói numa curiosa relação especular entre ele e dois personagens, o Comissário e o agente de câmbio. Este último, seu principal informante, é quase uma caricatura do narrador de viagem que tudo indaga, investiga, vasculha.

' Era um torinês, agente de um banco de Gênova, que ia para a Argentina quase todo ano. Um daqueles homens que se é possível conhecer a fundo em uma hora. Uma figura com um humor brilhante, bem vestido, com cabelo branco e bigode preto, com um rosto sério que fazia rir, olhos de aprendiz, uma cabeça cheia de patranhas, um bom humor inalterado, um modo de falar muito fácil, ligeiramente toscano, mas sem afetação, atormentado por uma curiosidade de comadre, não se ocupando de outra coisa a não ser das pessoas que estavam ao seu redor.

Atento e perseverante como um velho policial perguntando e descobrindo os fatos de todos, e muito hábil para encontrar material para a diversão, própria e dos outros, sem nunca provocar a desconfiança de ninguém. Ele conhecia vida e obra de muitos passageiros, com os quais já fizera uma ou duas vezes a travessia do oceano." (p.31)

Interessante observar que inclusive o fato de esse personagem ter sotaque toscano corrobora a relação especular com o narrador/protagonista, que escreve a sua crônica de viagem repleta de toscanismos[38].

A (auto)ironia aparece de forma evidente numa fala do Comissário para ao narrador: *Se eu soubesse escrever um livro!* É o Comissário uma de suas principais fontes de informação, por quem o narrador não esconde uma grande simpatia, um tipo caracterizado sempre positivamente: paciente, tolerante, justo, ponderado, sensível às mazelas de todos, respeitoso e cordial.

Em *Coração* os personagens aparecem como tipos quase desencarnados e como meros representantes de estratos e ideologias. Essa característica se mantém em parte em *Em alto-mar*, mas parece que a vivência dos vinte dias num verdadeiro cadinho de todos os tipos e gêneros, pode ter feito com que De Amicis encaminhasse sua narrativa senão para o romance, ao menos para um projeto de novela. As várias histórias e vicissitudes vividas pelos personagens de *Em alto-mar* remetem a esse gênero narrativo, caracterizado basicamente pela multiplicidade de núcleos dramáticos, normalmente protagonizados por famílias de diferentes classes sociais.

Dois exemplos de um possível núcleo dramático de novela seriam o caso do casal vizinho de cabine.

[38] De Amicis foi um defensor do toscano. Sobre esse tema ver: "Edmondo De Amicis e "la questione della língua italiana" In: TOSTO, Eugênio. *Edmondo De Amicis e la lingua italiana* Firenze: Olschki(Accademia La Colombaria. Serie studi 208) 2003

"A mulher, com cerca de quarenta anos, pequenina, com dois olhos frios, e um perpétuo sorriso forçado nos lábios finos. Não era feia, mas daquelas pessoas cuja índole estragou o rosto, que, à primeira vista, inspiram repugnância por causa do mal que devem fazer aos outros, e compaixão pelo que devem sofrer elas mesmas. O marido, uma figura de major de cavalaria de folga. Parecia ter um temperamento forte, mas domado por uma natureza mais forte do que a sua, e consumido por uma aflição surda e imutável. Nunca se falavam, como se não se conhecessem, e nunca ficavam juntos, exceto à mesa. Mas meu vizinho observava que ela lançava para o marido olhares atravessados terríveis, quando lhe parecia que ele encarava alguma mulher. O ciúme do orgulho sobrevivera ao afeto morto. Um casal mal casado, enfim, como dois prisioneiros acorrentados, entre os quais deveria existir uma aversão profunda, e um mistério." (p. 41)

Enfim o narrador faz uma caracterização de alguns personagens cuja vida nos faz pensar que daria um romance, mas acaba flertando com a novela e, em alguns aspectos, parece ensaiar uma espécie de laboratório para a construção de ao menos outras duas narrativas breves.

Uma delas é *Dos Apeninos aos Andes,* um dos contos mensais do livro *Coração*. Conta a história de Marco, um garoto genovês de treze anos, que vai à Argentina procurar a mãe. Após uma viagem difícil e longa ele a encontra em Cordova praticamente moribunda. O protagonista deste conto parece saído das páginas de *Em alto-mar,* uma daquelas centenas de pessoas que viram suas famílias desfeitas, separadas pela imigração.

A outra é do livro *Memória*, *Nella baia di Rio Janeiro*, cujo protagonista é um homem velho que tenta desesperadamente embarcar num navio e voltar à Itália para morrer. Solitário e perdido, ele bem poderia ser um dentre aqueles vários idosos de *Em alto-mar* que, desconhecendo completamente a geografia não sabiam onde aportar.

Do ponto de vista da relação do narrador-protagonista com seus companheiros de viagem, *Em alto-mar* é sucessão de diálogos frustrados[39]. Tentando se aproximar dos tipos da proa, o narrador se defronta com a hostilidade dos passageiros da terceira classe:

*"Subindo, ouvi dizerem ao meu lado: Vêm aqui para assistir ao teatro. Aquele vêm era naturalmente para mim. Aqui fui recebido ainda pior do que em outro lugar, com olhares feios e costas viradas, e não apenas com isso: sub terris tonuisse putes (poderia parecer a você que a terra tivesse rimbombando)". (*p. 49)

A certa altura o narrador revela os sentimentos contraditórios entre as classes:

"De manhã, feias olhadelas, viradas de ombro e até palavras maldosa próximas aos ouvidos. Uma antipatia impiedosa pelos "fidalgos". Na noite do mesmo dia, ao contrário, olhares benignos, pedidos aos rapazes que nos deixassem passar e também palavras amigáveis lançadas assim ao vento, para puxar conversa. Nós também fazíamos como eles. Olhando-os, pensávamos, muitas vezes, com serenidade: "Pobre e boa gente! São dos nossos, enfim. O que não se daria para vê-la contente! Como seria bom sermos amados por eles!". Em outros momentos, sob a atmosfera abafada do céu fechado: "Que raça de cães! Pensar que nos fariam morrer todos perpendicularmente, se pudessem! E nós vamos agradar-lhes, imbecis". (p. 138)

O diálogo malogra também com o garibaldino. Apesar da admiração que o narrador demonstra pelos valores que este representa, ele não consegue demover sua atitude niilista e cética em relação aos homens.

" Perguntei: "Viu aqueles pobres camponeses?"

[39] BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: paragrafi eterodosi*. Modena: Mucchi (IL vaglio) 1992.p.55

“Os camponeses”, respondeu lentamente, olhando o mar , “são embriões de burgueses.”

Não apreendi imediatamente ao seu conceito.

“Têm apenas o mérito”, continuou sem me olhar, “de não se mascarar com a retórica patriótica e humanitária. De resto....o mesmo egoísmo de feras domesticadas. O ventre, a bolsa. Nem mesmo o ideal de redenção da sua classe. Cada um gostaria de ver todos mais miseráveis, desde que ele viva melhor que antes. Podem voltar os austríacos, mas se os enriquecerem, estarão com eles.” E acrescentou, após uma pausa: “Façam boa viagem.”

“No entanto”, observei, “quando estão na América, lembram-se da pátria e a amam.”

Ele apoiou-se no parapeito, voltado para o mar. Depois retrucou: “A terra, não a pátria.”

“Não acredito”, respondi.

Ele deu de ombros. Depois, sem preâmbulos, com tom de quem fala para livrar-se de uma vez por todas de um incômodo, mais que por necessidade de abrir-se com ele, abriu a coração com poucas palavras breves e secas. Nem mesmo ele se lamentava da pátria, enfim. Ela havia atingido um nível muito aquém do ideal pelo qual ele havia combatido. Uma Itália de oradores, mexeriqueiros, infestada ainda de toda a cortesania antiga, embriagada de vaidade, destituída de qualquer grande ideal, nem amada, nem temida por ninguém, acariciada e esbofeteada ora por um, ora por outro, como uma mulher da vida, com a força que tem apenas a paciência de um jumento. De alto a baixo via-se apenas uma podridão universal. Uma política disposta sempre a lamber a mão do mais poderoso, quem quer que ele seja. Um ceticismo atormentado pelo medo secreto do padre. Uma filantropia não inspirada por sentimentos generosos dos indivíduos, mas por temerosos interesses de classe. Nenhuma fé sólida, nem mesmo na monarquia. Dos milhões de monarquistas, incapazes de defender valentemente, diante de uma necessidade, a própria bandeira, prontos para se jogarem no chão diante do chapéu vermelho, assim que o virem no alto. Em todos uma paixão arrebatadora para chegar, não à glória, mas à fortuna. A educação da juventude não é voltada

para outra coisa. Cada família foi transformada numa empresa sem escrúpulos, que cunharia moeda falsa para abrir caminho para os filhos. As irmãs, no mesmo caminho dos irmãos, perdem, dia após dia, em sua educação e em sua vida de mulher, toda poesia e gentileza. Enquanto a instrução popular, uma mera aparência, semeava apenas orgulho e inveja, crescia a miséria e florescia o crime. Metade dos homens que deram a vida pela redenção da Itália, se ressuscitassem, enlouqueceriam.

Dito isso, virou a cabeça para o outro lado.
"Isso não é a verdade", disse-lhe. "Fomos nós mesmos a causa dos equívocos comuns a todos, imaginando que a libertação e a unificação da Itália teria produzido uma imediata e completa regeneração moral, e extirpado a miséria e o crime. Não podemos confrontar o estado atual com o ideal, do qual todos os povos estão igualmente mais ou menos distantes: confrontemos com o passado. Este era tão infame e horrendo, que só o fato de tê-lo deixado, de qualquer maneira, deve nos confortar de tudo." (p. 36)

O garibaldino constrói um verdadeiro *autoritratto italiano*[40] *avant la lettre*, discorrendo sobre aquela mentalidade e aquelas atitudes do italiano que plasmarão o fascismo. O narrador refuta o duro julgamento do garibaldino. O diálogo entre ambos não é bem-sucedido. No entanto, ao final, o ex-revolucionário será "convencido" dos valores, também compartilhados pelo narrador, através da moça de Mestre, que ao final, consegue abrandar seu coração, mostrando-lhes os pilares da virtude na nova Itália: a família e a pátria.

Talvez o único exemplo de diálogo entre as classes tenha ocorrido entre o narrador e o imigrante vêneto:

[40] A propósito de tema, ver Alfonso BERARDINELLI (1998), *Autoritratto italiano*, antologia de ensaios sobre a literatura, história e cultura italiana, principalmente o capítulo dedicado a Elsa Morante, no qual o autor realiza um corajoso raio X do perfil do italiano médio do século XX.

“Depois acrescentou: “Para mim, a partir do momento que se vai para o novo mundo, o que me importa ficar louco porque as coisas vão mal no velho?”

Esta pergunta era como uma sondagem que ele me fazia para ver se eu era um fidalgo intratável ou um daqueles com os quais se pode refletir. Mas sem que eu respondesse a não ser com um aceno com a cabeça, pareceu-me que o meu rosto lhe inspirava confiança, porque, fazendo um salto disse francamente:

Por mim, desculpe, uma coisa errada que fazem os patrões é espalhar tantas sandices sobre a América, que morrem todos de fome, que voltam mais desesperados que antes e que lá tem peste e que os governos de lá são todos exploradores e traidores e assim por diante, o que acontece então? Acontece que quando depois chega uma carta de alguém de lá falando que está bem e que ganhando dinheiro, então não se acredita mais em nada daquilo que os patrões dizem, nem mesmo naquilo que é verdade e suspeitam que seja tudo enganação, e que é todo o contrário é que é verdade, e lá vão aos milhares de cada vez..

Disse-lhe que tinha razão e que se tivesse sido dito só a verdade, talvez teriam partido menos. “E você está indo com esperanças?”

“Eu?” respondeu. “Eu penso assim. Pior do eu estava não posso ficar. A fome que eu passei aqui não vou passar lá de jeito nenhum. Estou certo?” (p.153)

A outra parte da galeria de personagens do *Galileo* constitui uma fauna caracterizada de forma divertida, uma série de máscaras que bem caberiam na *commedia dell´arte*. De fato, a estratégia de descrever por estereótipos que tendem à caricatura, é assim outro ponto alto do texto e que o torna prazeroso e recheado de humor.

Assim, temos o trio da maledicência composto pela "*bolonhesa gorda com a sua inseparável bolsona a tiracolo"* (p.47) *"com uma expressão de leoa ferida"* (p. 73) *"cuja arrogância aumentava com a temperatura" (*p.131) mas que *pelo menos mantinha um certo decoro,* porque *queria levar intacto o seu nome de moça honesta para o novo mundo.* Ela que tinha *família distinta* (...) *A mãe, o pai, uma boa educação*, mas diante de uma calúnia sobre sua bolsa, emite "*uma erupção de impropérios bolonheses, que jogaram por terra a família distinta."*

A mãe da pianista, "*com a sua cara de histérica de sempre, que mostrava os belos dentes, com uma expressão de ferocidade acentuada* (p.205) *(...) aquela cascavel(...), que cochichava suas observações para a sua vizinha, a mulher da escova, ambas mandando faíscas com os olhos.* (p. 84)*"*

Por fim a "*gorda, de cara vermelha, sentada ali perto,* que *bebia como um gambá. Dizia-se que era uma domadora e que tinha um zoológico no Chile"* (p.60)

O marinheiro corcunda, "*responsável pela vigilância dos dormitórios das mulheres. Trabalho delicadíssimo, que requeria do empregado não apenas a garantia absoluta de uma idade arquimadura, como também a completa ausência de qualquer atributo estético, que pudesse tocar o coração feminino. Este pequeno corcunda de cabelo e barba branca, que devia separar os dois sexos de noite, e tomar conta para que de noite nenhuma mulher saísse dos dormitórios, era uma mistura bizarra de filósofo e de bufão que emitia julgamentos contínuos sobre as mulheres, tormento de sua vida, com a solenidade de um pregador e algumas vezes com expressões tão difíceis, que não se entendia de forma alguma o que ele queria dizer"* (p.32)

Ainda dentro do perfil das virtudes lineares, encontramos a genovesa, que arrebata a todos do sexo masculino e suscita a inveja e a maledicência das mulheres, formando com o escrivão uma dupla, que bem poderia desembarcar do *Galileo* para um romance de folhetim.

"*Sentada sobre um banquinho, próximo a um velho que parecia seu pai, sentado sobre o assoalho, lavava o rosto de um garotinho em pé, que tinha jeito de ser seu irmão. Era uma moça grande, loira, com um rosto oval de uma regularidade e pureza de traços angelicais, olhos grandes e claros, muito branca, perfeita de corpo, com exceção das mãos, um pouco compridas demais, vestida com um casaquinho branco esvoaçante e uma sainha azul, que parecia conter duas coxas de mármore. Pela roupa, ainda que muito limpa, via-se que era pobre e tinha uma dignidade fidalga, mas misturada a uma aparência tão ingênua, a uma graça tão singela de gestos e de movimentos, que não destoava da humildade da sua condição. Dava a impressão de uma menina de dez anos que tivesse crescido em poucos dias. Muitos passageiros, ao redor, encaravam-na e outros, passando, viravam-se para dar-lhe uma olhada. Mas durante todo o tempo que ficamos olhando para ela, não olhou uma vez sequer em volta, nunca deu o menor sinal de que a admiravam, e o seu rosto manteve uma tranqüilidade quase imóvel, tão transparente, diria, quase a ponto de tornar impossível mesmo a mais vaga suspeita de que aquela atitude fosse um artifício. Era tão diferente em tudo da multidão em volta, que parecia sozinha em meio a um espaço livre, ainda que as pessoas a apertassem de todos dos lados. De que forma se encontrava lá aquele milagre gentil*[41]*? A sua fama já devia ser grande a bordo, porque num dado momento vimos aparecer na janelinha, e olhá-la com ar de admirador habitual, ninguém menos que o cozinheiro da terceira classe, com um grande chapéu branco, um carão vermelho e sério, de uma extraordinária soberba, sobre o qual era visível a consciência de ser para os emigrantes o personagem mais importante do navio, reverenciado, temido, cortejado como um imperador".* (p. 27)

"Mas ele estava tão apaixonado que não ligava para nada e ficava parado no mesmo lugar por horas com um cotovelo no joelho e o queixo na mão, olhando para ela, em êxtase. Feliz, quando aqueles olhos azuis e límpidos, percorrendo ao

[41] A expressão remete aos poetas do Doce Estilo Novo, em especial à *Vida Nova* de Dante.

redor, encontravam os dele casualmente. Estava lá agora mesmo, enquanto o Comissário falava dele, imóvel, com uma expressão no rosto, com uns olhos de que, por uma palavra, daria a bolsa de couro, a caneta, o passaporte, a América, o universo. Dava pena. Certamente, antes de chegar, acabaria perdendo a cabeça e cometendo uma grande sandice.
Aquele era o "apaixonado", um personagem que nunca falta a bordo". (p.93)

Ainda que a igreja tenha sido omitida da categorização feita pelo Comissário no início da obra acerca das representações institucionais italianas dentro do *Galileo*, ela também aparece caracterizada na figura dos padres. O da primeira classe, os dois da segunda e um frade. O que merece maior atenção do narrador é o da primeira, que circulava sempre com personagens da *elite* do *Galileo*, normalmente falando de *patacones.*

"O padre alto era um napolitano, estabelecido havia cerca de trinta anos na Argentina, para onde voltava após uma breve viagem à Itália, feita, dizia ele (mas era ambíguo) para ver o Papa. Ele o ouvira contar sua história uma noite. Tinha ido para a Argentina sem nada, fora pároco nas colônias agrícolas formadas havia pouco, em vários Estados da República, em terras quase desabitadas, onde ia levar a comunhão a cavalo, galopando por noites inteiras, com o Santíssimo a tiracolo e a pistola na cintura, e dizia que fora atacado muitas vezes e que se defendera com a pistola, e que havia acontecido também o caso de viajantes que, encontrando-o à luz da lua, assustados pela sua gigantesca sombra negra, haviam fugido. Percebia-se que cuidara do próprio bolso tanto quanto da alma dos outros, cobrando a preços exorbitantes para fazer casamentos e sepultamentos, tanto é verdade que se orgulhava abertamente de ter feito um bom pé-de-meia, e não falava de outra coisa a não ser de pesos e de patacones, movendo sem parar a mão como um leque, e com um sotaque de Basso porto, que trinta anos de espanhol não haviam conseguido alterar."

O alvo de maior atenção do agente de câmbio é a suíça loira, *bonita e desmiolada, livre e feliz no pleno exercício das suas funções* (p.90)*,* que se dedicava basicamente a cultivar admiradores e flertes durante suas viagens de navio. Interessante observar que o narrador não se imiscui diretamente nos pormenores da vida amorosa da personagem, deixando ao seu *doublé* a função de investigar e reportar toda a série de intrigas e peripécias na qual ela se enreda. Nosso narrador parece ocupado com personagens mais *nobres*, com questões mais *elevadas*...[42].

"*(...) mulher de um italiano, professor, não sabia de que, em Montevidéu. Fora com ela de Gênova para a América dois anos antes. Uma criatura muito amável, boa como a chuva, um cérebro de passarinho, bonita e burra como uma porta, uma verdadeira molecona de trinta anos, na qual os homens solitários, durante uma*

[42]Interessante neste ponto refletir sobre esse desdobramento realizado pelo narrador nessa sua relação especular com outros narradores-repórteres do texto. "O modo como ele se inventa e (re) inventa dentro do texto. A condição preliminar de qualquer obra literária é esta: a pessoa que escreve deve inventar aquele primeiro personagem: o autor da obra. Que uma pessoa coloque tudo de si mesma em uma obra que escreve é uma frase que se diz freqüentemente ma que não corresponde jamais à verdade. É sempre apenas uma projeção de si mesmo que o autor põe em jogo na escritura, e pode ser a projeção de uma verdadeira parte de si mesmo como a projeção de um eu fictício, de uma mascar. Escrever pressupõe toda vez um posicionamento psicológico, de uma relação com o mundo, de uma impostação de vozes, de um conjunto homogêneo de meios lingüísticos e de dados da experiência e de fantasmas da imaginação, em suma, de um estilo. O autor é um autor porque entra em uma parte como ator, e identifica-se com aquela projeção de si mesmo no momento em que escreve. CALVINO, Ítalo. *"Os níveis da ralidade em literatura"* (1978) in: Saggi 1945-1985, I, a cura di M. Barenghi, "I Meridiani", p398. Mondadori, Milano 1995. (tradução)

longa viagem marítima, inspirava um sentimento de piedade amorosa e corajosa. Em dez anos, dando de vez em quando uma escapada à pátria, com o seu riso infantil e tranqüilo de sua doce piedade, ela já alegrara sete ou oito navios e gozava de uma certa celebridade simpática junto à empresa de navegação." (p.40)

E há ainda o *toscano de casaco verde, que tinha mostrado o punho em Gênova, na noite do embarque* (p.93) sempre a insuflar a massa contra as regras e os problemas do navio, sempre *agitando o indicador para cima* fazendo seus discursos imprecatórios como este referindo-se ao velho morto de pneumonia: "*um a menos! Vamos em frente. A carne dos pobres é jogada para os peixes. Aquele ali por exemplo já estava condenado desde o primeiro dia. Eu aposto que não lhe davam de comer!"*

Falava sempre contra *"os fidalgos da popa e incitava os passageiros a protestar contra a imundície dos dormitórios e a comida nojenta e, às vezes, para dar exemplo, jogava pelo alto a sua porção e investia contra as cozinhas. A platéia aprovava, mas comia e então, fora de si, ele chamava todos de "vendidos" e de "escravos"*. (p.93)

E esteve presente no batizado do pequeno *Galileo* denunciando a dissimulação dos conflitos sociais.

"*Maltratem, maltratem patrões!...Hoje o batizam e quando for adulto vão deixá-lo morrer de fome...Cretinos*!" (128)

A personificação absoluta do tédio é o genovês monóculo, *um gorducho honesto de cinqüenta anos, com um olho só e uma barba de pêlo de escova* (p.33). *Era um negociante bem sucedido, estabelecido em Buenos Aires*, "*um infeliz como não se encontram tantos, que, mesmo gozando a bordo de uma ótima saúde, não podem nem discorrer, nem ler, nem pensar, e ficam incrivelmente aborrecidos, um aborrecimento que os desanima, tortura e mata.*(p. 33)

Já o maior desafeto da bolonhesa gorda mereceu uma caracterização clara de um personagem de teatro, o *"cara de Brigella* (p.94), que *havia errado de profissão: era um palhaço nato. Contraía e alongava o nariz como um animal, dançava umas danças grotescas inventadas por ele, imitava as pessoas de uma forma maravilhosa, e quando passava uma autoridade de bordo, cumprimentava com falso respeito, que fazia morrer de rir".* (pp.94 e 95)

No trecho a seguir, o narrador oferece uma visão panorâmica de toda a fauna da proa e seus talentos. Diferentemente do enfoque do primeiro capítulo, temos aqui uma descrição, ainda que bastante objetiva, no conjunto, muito humorística.

"Mas pouco tempo depois, acabando o primeiro efeito da aparição, como se fosse um acordo, explodiu na proa uma alegria disparatada, um coro de cantos, de assobios e gritos de gente que se aglomera em volta de uma taberna erguendo os copos e os canecos, um fervilhamento de todos os lados, que parecia que em poucos minutos fossem engolir dezenas de litro de vinho bom. Todos os bons humores deram espetáculo. O velho do castelo central começou a modular os seus gemidos de imitação, agachado em meio a uma roda de gente que ria com a boca de uma orelha a outra. O camponês sem nariz imitava a cara das mulheres aterrorizadas pela tempestade, provocando uma tempestade de aplausos. Em seguida, desceu o saltimbanco cabeludo do castelo da proa, com a sua cara tétrica, fazendo a rota no convés entre duas fileiras de mulheres encantadas. Num acesso de alegria o ex-porteiro careca, esfarrapando o álbum famoso das sujeiras, distribuía suas folhas aos companheiros, que desapareciam na multidão, formando outras rodas de curiosos zombadores. De forma que dali a pouco foi apenas um acesso clamoroso de humor obsceno e pornográfico que percorreu todos os bancos e rasgou todas as bocas, da cozinha ao matadouro, acompanhado por um estrondo ensurdecedor do som de instrumentos, de expressões de bêbados e de gritos, entre os quais, de tempo em tempo, se erguia um grito longo e lamentoso do barbeiro, que uivava para a lua". (p.210)

Em relação ao estilo narrativo, *Em alto-mar* distancia-se de Coração, tanto pelo fato de a temática ser mais interessante - uma narrativa de viagem, quanto pela presença justamente do humor, principalmente na caracterização dos personagens. O estereótipo vira caricatura e motivo para riso. Na caracterização dos *virtuosos* o leitor pode provar um certo enfado. Mas na caracterização dos demais, da maioria, de todas as classes inclusive, o texto é ágil e divertido.

Ainda sobre o narrador e a narrativa

Primeiramente talvez convenha recuperar um certo pressuposto sobre o qual fundamentamos nossa leitura no que se refere ao narrador ou foco narrativo. O primeiro diz respeito ao entendimento da relação entre a literatura e a realidade. De fato, acredita-se que *"(...) literatura não conhece a realidade, mas somente níveis. Se existe a realidade da qual os vários níveis não são mais do que aspectos parciais, onde só os níveis existem, é algo que a literatura não pode decidir. A literatura conhece a realidade dos níveis e esta é uma realidade que ela conhece melhor, talvez, do que já chegou a conhecer por meio de outros procedimentos cognitivos*. "[43] Portanto, mesmo em se tratando de um texto do realismo ou do *verismo*, é nessa perspectiva que tratamos o texto. Por extensão podemos também falar em leituras de níveis de realidade representados por um texto. De fato *o lugar do fenômeno literário se encontra numa dialética entre o texto e o leitor*[44].

Como não podia deixar de ser, notam-se em De Amicis alguns dos elementos que prefiguraram as tendências literárias do final do séc. XIX, dentre as quais a linguagem e o estilo simples, a predileção por descrições, a explicitação do elemento dramático, a objetividade (ao menos pretendida) da representação. Tais

[43]CALVINO, Ítalo. *"Os níveis da realidade em literatura"* (1978) in: Saggi 1945-1985, I, a cura di M. Barenghi, "I Meridiani", p 398. Mondadori, Milano 1995.
[44] RIFFATERRE, Michael. "A ilusão referencial" In: *Literatura e realidade* . Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984

elementos nos fazem pensar na relação do narrador com a(s) realidade(s) e na questão do testemunho.

O narrador de *Em alto*-mar parece destinado a falar e a observar os outros oscilando entre (pretensa)objetividade e subjetividade que se apresenta revestida de várias estratégias. Em alguns pontos adota a primeira pessoa e assim sabemos, por ele mesmo, de alguns poucos dados da sua biografia e de seu estado de ânimo.

"Eu, no entanto, não me entediava. Um sentimento novo e muito prazeroso que me enchia a alma, e que não se pode experimentar em nenhum lugar, em nenhuma condição no mundo, a não ser dentro de um navio que atravesse o oceano: o sentimento de uma absoluta liberdade de espírito. p. 14

"*Que idéia louca a sua de ir para a América! Acima do sofá reluzia uma janelinha redonda semelhante a um grande olho de vidro, como num olho humano, que me piscava com uma expressão de escárnio. De fato, a idéia de ter que dormir vinte e quatro noites naquele cubículo sufocante, o pressentimento de aborrecimento e dos calores da região tórrida e das cabeçadas que daria nas paredes nos dias de mau tempo, e dos mil pensamentos inquietos ou tristes que ruminaria lá dentro ao longo de seis mil milhas...Mas não valia a pena arrepender-se. Olhei para as minhas malas, que me diziam tantas coisas naqueles momentos, e as toquei como faria com cães fiéis, últimos restos de vida da minha casa; rezei ao Pai para que não me deixasse arrepender de ter recusado as propostas de um empregado de uma Agência de Seguros, que viera tentar-me um dia antes da partida; e bendizendo no meu coração os bons e fiéis amigos que haviam ficado ao meu lado até o último momento, embalado pelo querido mar da minha pátria, adormeci."*

Em outro ponto, movido por um forte sentimento de tédio, expõe o seu mal-estar também em primeira pessoa:

(...)*11º. dia, crise de apoplexia espiritual. Sobreveio à minha mente um fato psicológico singular, que me acompanhou naquele dia e que, mais cedo ou mais*

tarde, numa longa travessia, acontece com todo mundo, uma vez passadas as primeiras novidades da vida a bordo. Numa bela manhã, subindo pela primeira vez ao convés, desaba sobre a minha alma o tédio, inesperado, como uma maçada na nuca(...) p.76

Mas muitas passagens privilegia o ponto de vista externo. O que se sabe sobre esse narrador não é o que ele diz de si. Podemos conhecê-lo principalmente pelo que ele diz dos outros. Suas simpatias, seus afetos, suas discordâncias vão sendo percebidas na forma como constrói seus personagens.

"A ânsia de descrever e classificar tudo"[45] exige dele um esforço e uma concentração que denota uma tentativa de superar a (in)capacidade de seu foco narrativo de 1ª. pessoa. Adota a terceira pessoa e, muito freqüentemente o índice de indeterminação do sujeito, buscando safar-se. Assim, paradoxalmente, verbos que indicam os sentidos *ver* e *ouvir* aparecem na forma indeterminada. No entanto, é ele que **vê** e **ouve**, e deseja num certo sentido, imputar isso a outrem.

Via-se a onda se inflar quase até a parte superior do casco, e se desfazer de repente, como uma ameaça que se converte em brincadeira. p. 38
Via-se apenas uma pequena parte do mar cinza e alto, que começava a ficar bravo, respingando água por todo o convés. p.88
Via-se apenas um pontinho branco da forma de um trapézio, iluminado por um pálido raio de sol, em meio à imensidão cinza. p.106
Em seguida, todos calados, ouvia-se nítido o assobio dos fogos e o barulho cadenciado da máquina. p. 116
Atrás delas ouvia-se o murmúrio da multidão. p. 124

As tentativas de evasão e de se seguir um percurso narrativo- descritivo não serão contudo suficientes. O escritor De Amicis é também, para todos os efeitos, um protagonista da viagem. (...)os olhos do expectador, não imparcial, mas cada vez

[45] BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: paragrafi eterodosi*. Modena: Mucchi (IL vaglio) 1992. p.50

mais emocionalmente envolvido (...) irão guiar o escritor, apesar dele, a uma mais concreta e crítica adesão à realidade.[46]

Todavia sua subjetividade parece transbordar nas inúmeras caracterizações metafóricas do mar e do navio por exemplo. Salvo engano, contam-se 182 comparações metafóricas com a expressão *como se,* para caracterizar pessoas, fatos e objetos durante a viagem, o que denota um claro envolvimento do narrador nas descrições, aparentemente objetivas.

A narrativa se configura como um *espetáculo sublime;* não por acaso a palavra espetáculo vem empregada 26 vezes no texto. o narrador se posta como alguém que dispõe todos os elementos de uma cena teatral. Apresenta quase didaticamente os elementos que comporão a sua cena: tempo, espaço, tipos de personagens, posicionamento do narrador. Apesar da matéria se apresentar como fato "jornalístico", o narrador se apresenta na disposição dos elementos como um ficcionista em sentido estrito; alguém que organiza a matéria narrativa.

Vinte dias de horizonte sem limite, de meditação sem perturbação, de paz sem medo, de ócio sem remorso. Um longo vôo sem cansaço por um deserto sem fim, diante de um espetáculo sublime, num ar puríssimo, rumo a um mundo desconhecido, em meio a gente que não me conhece. Prisioneiro numa ilha, é verdade; mas uma ilha que me transporta e me serve, que vibra sob os meus pés, e me infunde no sangue a vibração da sua vida, e é um fragmento palpitante da minha pátria.

Por um lado, o autor não se configura como um típico autor de narrativa de viagem, na acepção de Todorov, segundo o qual este não seria um escritor profissional mas alguém que pega na caneta quase contra a sua vontade, e

---

BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: paragrafi eterodosi*. Modena: Mucchi (IL vaglio) 1992. p.53[46]

porque se sente portador de uma mensagem excepcional[47]. Por outro lado, conserva e alimenta uma certa curiosidade em relação à descoberta dos outros e, num certo sentido seguro da própria superioridade de que desfruta o seu ponto de vista privilegiado diante dos fatos, elementos que corroboram na perspectiva de Todorov uma narrativa de viagem:

'Bastou uma troca de poucas palavras para me fazer entender que teria na viagem um campo de observação muito mais novo e vasto do que aquele que imaginava." (p.15)

O narrador se coloca como observador de todos os pormenores. Este tipo de narrador, que por definição tem um ponto de vista claramente parcial e limitado, assume em certos pontos uma pretensa onisciência como se fosse um narrador de terceira pessoa. No interior dessas anotações ele surge destacado: *na primeira manhã se observa tudo.* (p.7)

Entre várias percepções, e flashes da vida no navio, o narrador constrói um mosaico imagens como uma câmera que realiza diversas tomadas. Sintaticamente isso se reflete na opção pelas construções paratáticas e enumerações assemelhando-se em alguns momentos à linguagem de um roteiro.

Vozes ansiosas chamavam de vários lados os camareiros, sinos tocavam, baús viajavam ainda pelos corredores .184

(...)todos aqueles esconderijos de escritórios, armazéns, quartos de dormir, de instalações de todo tipo, em cada uma se vê, passando, alguém que escreve, costura, empasta, cozinha, lava, martela(...) P.19

[47] TODOROV. Op. cit. P. 102

Esse tipo de descrição imprime ritmo à escrita e é sem dúvida um dos pontos altos da narrativa, o que parece ser uma antecipação daquilo que farão as vanguardas do século seguinte.

O crítico italiano Giacomo Debenedetti[48] observa como o aperfeiçoamento técnico do documentário direto, fotocinematográfico e a sua difusão de massa, foram transformando gradativamente a impostação e o estilo das narrativas de viagem. Segundo o crítico, a narrativa de De Amicis – particularmente nas obras *Spagna, Olanda, Marroco* e *Sull'Oceano* -seria precursora de um movimento que se consolidará logo após a Primeira Grande Guerra.

> *Se constataria que no escritor do século XIX, em De Amicis, o próprio fato de viajar, de transferir-se para outros países, ainda que países totalmente inacessíveis, fosse uma espécie de privilégio que, de qualquer forma cabia ao homem dotado de uma faculdade humana excepcional: saber observar, ver com os próprios olhos, escrever as coisas vistas. o escritor viajante era o protagonista de uma aventura rara, que merecia ser contada; ainda que os episódios e os encontros que lhe eram oferecidos pelo país e pelos homens diferentes fossem de tipo mediano(...) a testemunha permanecia de qualquer forma como herói de uma aventura tornada única devido à coragem que lhe permitiu ir defrontar-se com ambientes também únicos(...) que exigiam um esforço de adaptação e uma elasticidade de inteligência necessária para compreender algo de estranho, os segredos daquela estranheza.*[49]

Importante recordar a "*condição preliminar de qualquer obra literária é esta: a pessoa que escreve deve inventar aquele primeiro personagem: o autor da obra. Que uma pessoa coloque tudo de si mesma em uma obra que escreve é uma frase que se diz freqüentemente ma que não corresponde jamais à verdade. É*

[48] DEBENEDETTI, Giacomo. *Il romanzo del novecento.* Garzanti, Milano, 1986.
[49] DEBENEDETTI, Giacomo.op. cit, p.324

sempre apenas uma projeção de si mesmo que o autor põe em jogo na escritura, e pode ser a projeção de uma verdadeira parte de si mesmo como a projeção de um eu fictício, de uma mascar. Escrever pressupõe toda vez um posicionamento psicológico, de uma relação com o mundo, de uma impostação de vozes, de um conjunto homogêneo de meios lingüísticos e de dados da experiência e de fantasmas da imaginação, em suma, de um estilo. O autor é um autor porque entra em uma parte como ator, e identifica-se com aquela projeção de si mesmo no momento em que escreve.

Confrontado ao eu do indivíduo como sujeito empírico, esse personagem-autor é alguma coisa de menos e alguma coisa a mais[50].

Neste ponto, ensaiamos um outro nível de leitura, distinto daquele proposto até aqui e que arrisca um deslize sobre a *significância* do texto. Assim, dois outros *personagens* merecem atenção: o mar e o navio. Mais que espaço físico e geográfico, eles adquirem aspectos humanos, personificando sentimentos, temores e agindo como se tivessem vontade própria. Falamos portanto de personificação, metáfora e a alegoria.

"A realidade eterna é esta formidável massa de água que ocupa quatro quintos da terra e esta terra, esta cabeça assustadora, com um cocuruto de gelo e um cérebro de fogo, que foge gritando e chorando no infinito" . (p.62)

" Ele se assemelha de fato a um corpo vivo, como os homens que o alimentam, sedento, devido ao incêndio que lhe queima o ventre e obrigado a tragar do mar, sem trégua, uma torrente de água, que ele relança em fontes de fumaça. Todo aquele complexo de instrumentos é como um torso titânico do qual todos os

[50]CALVLINO, Ítalo. *"Os níveis da realidade em literatura"* (1978) in: Saggi 1945-1985, I, a cura di M. Barenghi, "I Meridiani", p. 398. Mondadori, Milano 1995. (tradução)

esforços convergem no impulso formidável de um longo braço de ferro, com o qual roda o grande parafuso de bronze que dilacera a onda e move tudo". (p.73)

"Lembro-me que o pensamento de ter uma vez desejado por curiosidade uma tempestade me parecia uma coisa insensata, monstruosa, incrível, fora da natureza humana. " (p.180)

"(...) como se o corpo vivo do colosso sofresse e gritasse e percorressem frêmitos de terror pelos seus ossos longos e finos, próximas de se romper." (p.180)

Mas em que direção apontam tais figuras? Tanto o mar quanto o navio, em várias passagens, aparecem descritos de forma colossal, assustadora, formidável, fantasmagórica. Acreditamos que de algum modo tais descrições apontem para um outro lugar, para além do que é enunciado ao longo de toda a narrativa. Se assim é, a tensão social dentro daquele cadinho de classes perpassa toda a narrativa e explode metaforicamente na forma de uma tempestade, uma possibilidade – talvez a única concebível para De Amicis - de reversão da injusta e intolerável situação social[51]. Assim, lê-se na *letra* uma intenção de superação das contradições, por meio de uma atitude altruísta, compassiva e benévola. Lembramos que a atitude da moça de Mestre, modelo de virtude e dos valores da nova Itália, defendidos pelo narrador, é a única capaz de aplacar o ceticismo do garibaldino, encontrando sob as cinza do seu fervor revolucionário nobres valores humanitários. Assim, em algum ponto a tensão explode na forma de uma tempestade, que põe abaixo aquele equilíbrio instável, ainda que apenas por algumas horas. A reviravolta social pode, num certo sentido, ser entrevista no plano metafórico, fantástico. A matriz da revolução, sendo recalcada ao longo do texto, desloca-se, para emergir num outro ponto do corpo do texto[52]. A revolução

[51] BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: paragrafi eterodosi*. Modena: Mucchi (IL vaglio) 1992. p.59

[52] RIFFATERRE, Michael. "A ilusão referencial" In: *Literatura e realidade* . Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

se dá no plano fantástico, num plano em que um Outro fala no texto, um estranho (*unheimlich*), que fala à revelia da voz narrativa que diz *EU.*

"um rangido sinistro de edifício deslocado de seus fundamentos, uma música de esguichos, de estampidos, de lamentos agudos. P.180
Um caos de pensamentos, uma sucessão rápida de lembranças da vida, recentes e remotas, um turbilhão de caras e lugares em fuga, clareados cada um por um raio de luz clara, misturados e deformados como por uma congestão cerebral, seguidos de um acossamento igualmente rápido e desordenado de saudades, de ternuras, de remorsos, de orações sem palavra. P. 182
"(...)via-se uma indescritível desordem de malas, travesseiros, roupas, cabeças trêmulas sobre bacias, corpos estirados como cadáveres, pernas de mulheres descobertas até o joelho, roupas desabotoadas no peito, rostos brancos, lenços e garrafas espalhada sobre o assoalho p.185
massas intrincadas de corpos humanos, uns em cima e outros atravessados, com as costas sobre peitos, com os pés contra os rostos e saias para cima, emaranhado de pernas, de braços, de cabeças com cabelos soltos, que se arrastavam e rolavam sobre o assoalho imundo, num ar fedorento, onde vinham de todos os lados choros, ganidos, invocações de santos e gritos de desespero. Mulheres ajoelhadas em grupos com as cabeças inclinadas, rezando o terço, batendo no peito, algumas faziam promessa em voz alta de irem descalças a certos santuários, assim que voltassem para a pátria. 188

Embaixo abisma-se[53] *um outro mundo*[54]*, desconhecido para os passageiros. Depósitos de carvão sem fim, torrentes de água doce, provisões de víveres para uma cidade assediada, depósitos enormes de cabos, velas, roldanas, tubos de*

---

[53] No original, *vaneggia*, com o sentido empregado por Dante no *Inferno: Vaneggia un pozzo assai largo e profondo.* (n.d.e.)
[54] Assim como a tempestade pode ser lida como metáfora fantástica para a revolução, o mundo que se abisma e fervilha no ventre do navio, também constitui uma metáfora daquilo que é recalcado, oculto, desconhecido e no entanto comanda o destino de todos.

descargas, um labirinto interminável de vãos penumbrosos lotados de bagagem, corredores pelos quais não pode passar de tão curvos, escadinhas que se perdem nas trevas, recintos profundos e úmidos aos quais não se chega nem mesmo o ruído da multidão que se agita acima(...). p.20

Em Alto-mar: dos riscos da travessia e da tradução

"Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou."
Riobaldo
Grande Sertão Veredas

O título deste trabalho – *Em Alto-mar: narrativa de uma travessia* - remete a um elemento que talvez mereça uma breve reflexão. Trata-se da imagem da *travessia*, que perpassa alguns planos desta dissertação. O primeiro, mais óbvio, diz respeito à própria escolha do objeto e do ponto de vista sob o qual analisá-lo. Assim, esta pesquisa, como provavelmente tenha ocorrido com inúmeras outras, foi tomando, no percurso, rumos bem distintos daqueles esperados no momento da partida. E talvez seja esse mesmo o destino inexorável de quem lida com as palavras: saber mais ou menos de onde se parte, mas não estar seguro quando ao ponto de chegada. A leitura de um texto literário comporta essa espécie de aventura em alto-mar, e quando se adentra um mundo de palavras, é preciso aceitar, ao menos em parte, o risco de uma *travessia*. Assim, a rota prevista no início da pesquisa foi praticamente toda alterada *stradafacendo*.

Essa modificação do ponto de vista em relação ao objeto parece uma decorrência natural e se expressa nas duas palavras-chave deste trabalho: travessia e tradução. A primeira tem como origem a idéia que carrega a raiz indo-européia *wer-* 'tornar, girar; torcer' . A segunda, cujo étimo -duz- aponta para o sentido de

transportar, é ainda mais explícita, pois a tradução diz justamente da ação de transferir de uma ordem a outra, de um (per)curso.

Transpondo para o plano da narrativa de De Amicis *Em alto*-mar ocorreu algo semelhante. Numa primeira visada, a leitura desta narrativa de De Amicis apontava para um percurso exaustivamente trilhado pela crítica em relação ao autor de *Coração*: ideologia socialista, ideal pequeno-burguês pautado pelos valores da pátria e família, pedagogismo, senso do dever, da honra, do pertencimento nacional, trabalho, honestidade etc. A rota e o roteiro de leitura pareciam já estabelecidos. No entanto, após a leitura e a tradução de *Em alto-mar*, outros elementos foram trazidos à tona e dizem respeito principalmente à escrita e ao estilo do autor notadamente na caracterização dos personagens e no ritmo impresso à narrativa.

Sobre a tradução, propriamente dita, alguns termos chamaram nossa atenção. A escolha do título em português, por exemplo. Ela reflete uma tomada de decisão pautada numa interpretação que aponta para uma clara intervenção do tradutor. Se se pensa na etimologia da palavra Oceano - do grego Ó*keanós,* 'um dos 12 titãs, filhos de Urano e de Gaia - a palavra comporta o sentido de perigo, de uma grande agitação, além de remeter ao plano mítico da viagem.

Optamos no entanto pela expressão *alto-mar* justamente por acreditar que, no português corrente, ela tenha uma conotação que quisemos privilegiar: no plano do enunciado, da história, esta expressão reforça o elemento da errância de um povo que embarca com um destino geográfico definido (ainda que não tão bem precisado por ele), mas que, por vários fatores, que vão desde as angústias e incertezas decorrentes de sua condição miserável, até as próprias intempéries da viagem, se sente à deriva, nem lá e nem cá. No plano da enunciação, *em alto-mar* remete a um lugar, também à deriva, no qual se encontram a voz narrativa e o foco narrativo. Ao longo desta crônica de viagem, percebe-se que o narrador tem de início sua câmera bem posicionada, procura ter uma visão panorâmica,

buscando registrar tudo. Porém, em alguns momentos do percurso de seu registro, sentimos que seu foco vacila, ofusca, embaça, escurece, tremula, obnubila. Os pontos marcantes dessa condição são o primeiro e o décimo sétimo capítulo respectivamente:

Uma procissão interminável de gente que saía em grupos do edifício de frente, onde um delegado da Questura examinava os passaportes. A maior parte, tendo passado uma ou duas noites ao relento, agachados como cães pelas ruas de Gênova, estavam cansados e mortos de sono. Operários, trabalhadores rurais, mulheres amamentando, garotinhos, que tinham ainda presa ao peito um pequeno crachá da creche, passavam levando quase todos uma cadeira dobrável embaixo do braço, sacos e malas de todos os modelos mão ou sobre a cabeça, braçadas de colchões e de cobertas, e a passagem com o número do leito presa entre os lábios. Mulheres pobres, que tinham uma criança em cada uma das mãos, seguravam os seus grandes embrulhos com os dentes; velhas camponesas de tamancos, erguendo a saia para não cair nos degraus da ponte, mostravam as pernas nuas e finas; muitos estavam descalços e levavam sapatos pendurados no pescoço. De vez em quando passavam em meio àquela miséria senhores vestidos com guarda-pós elegantes, padres, senhores com grandes chapéus emplumados, que seguravam na mão um cachorrinho, uma chapeleira, ou um pacote de romances franceses ilustrados, da antiga edição Lévy. Em seguida, de repente, a procissão humana era interrompida, e vinha à frente, sob uma chuva de pauladas e de blasfêmias, um rebanho de bois e de carneiros, que, chegando a bordo, desviando-se daqui e dali, e espantados, confundiam os mugidos e balidos com os relinchos dos cavalos da proa, com os gritos dos marinheiros e dos carregadores, com o estrondo ensurdecedor da grua a vapor, que erguia montes de baús e de caixas. Depois disso, o desfile dos emigrantes recomeçava. Rostos e vestidos de toda parte da Itália, trabalhadores robustos de olhos tristes, velhos esmolambados e sujos, mulheres grávidas, rapazinhos bêbados, vilões em mangas de camisa, e rapazes atrás de rapazes que, assim que punham os pés no convés, em meio àquela confusão de passageiros e de camareiros, de oficiais, de empregados da

Sociedade e de guardas da alfândega, ficavam atônitos, ou desapareciam como em uma praça cheia de gente. Duas horas após o início do embarque, o grande navio, imóvel como uma enorme baleia que mordia a praia, ainda sugava sangue italiano. (p.2)

Neste trecho, o ponto de vista é externo, praticamente não se percebe a presença do narrador, que busca sobre seu olhar ao da câmera através da qual registra o momento. Já no trecho a seguir o narrador protagonista se vê lançado para dentro do turbilhão da tempestade, quando então seu ponto de vista aparece mais imbuído, contaminado pelo ambiente que observa

Naquele momento todas as afetações, todos os aspectos falsos caíam por terra e aparecia embaixo nu o animal aterrorizado, completamente dominado pelo seu furioso amor pela vida, eram como que caras novas, vozes desconhecidas, movimentos e olhares que revelavam lados da alma não percebidos antes. Na meia escuridão dos corredores, onde todos procuravam tateando as próprias cabines, trombando uns nos outros, entrevi rostos descompostos de condenados à morte que, à primeira vista, eu não entendia de quem eram. Quando cheguei na minha toca, já se ouviam aqui e ali as primeiras agonias de enjôo, vozes de choro chamavam as camareiras, portas batiam com estrondo, malas e caixas dançavam e batiam contra as divisórias. Era uma desordem e um vozerio estranho e lúgubre que se ouve quando se entra num manicômio, onde todos os hábitos da vida estão fora da normalidade. Uma balançada brusco de me lançou como um saco na cabine. A porta se fechou sozinha. Um raio me ofuscou e um pensamento repentino me gelou o sangue: "E se eu não conseguisse mais sair daqui?" Senti uma solidão imensa como se estivesse fechado na própria sepultura. (p.179)

Retomando aspectos da prática da tradução: no interior de uma mesma língua nos deparamos com a busca da correspondência o que ocorre quando temos que trocar em miúdos (ou em graúdos) uma determinada expressão ou palavra. Muitas vezes percebemos que ao tentar dizer o mesmo com outras palavras, dizemos

outra coisa; porque conteúdo e forma são faces de uma mesma moedas; o conteúdo, o sentido, não é uma realidade fenomenológica, em si, homogênea e ideal que subsiste além ou aquém da realidade extratextual; por isso em vez de se falar em busca do significado, talvez melhor falar em produção de sentido, construído a partir da teia de significações/relações com o contexto e com a cultura. Esse novo sentido precisa, na medida do possível, comportar uma escolha ética. Em relação a esta tradução, tomo um outro exemplo.

Os termos *signora(e)* e *signore(i)* foram traduzidos como *homem* e *mulher, fidalgo e fidalga,* e *cavalheiro* e *dama*, em diferentes passagens A primeira opção foi empregada quando consideramos que o sentido remetia a uma distinção de gêneros; a segunda para uma distinção de classes sociais, em contraposição com aqueles da terceira classe; a terceira acepção, que é um título de um dos capítulos, reforça uma certa ironia quanto a atitudes dos da primeira classe.

O texto da tradução não será jamais uma transposição equivalente do texto de partida, tampouco haverá um termo para o qual não se possa buscar uma correspondência, ainda que aproximada na língua de chegada. Nem lá nem aqui: o texto da tradução será uma espécie de terceira margem, um entre-lugar, daí muitas vezes o mal estar de quem se ocupa deste trabalho. O tradutor se vê, não raro, *em alto-mar*, à deriva.

A intervenção do tradutor é portanto inevitável. A questão que talvez possa ser levantada é portanto – acredito eu - da ordem da ética. O tradutor precisa explicitar os critérios para escolhas pautado naquilo que ele acredita estar mais próximo do estilo de um texto, por respeito ao próprio e por respeito ao leitor.

No caso específico desta tradução, refiro-me à questão da escolha do título, já referida anteriormente, aos (re)arranjos da sintaxe e a alteração da pontuação. Foram várias as intervenções, mas sempre buscando a manutenção da fluidez, do ritmo, da agilidade, da clareza, exatamente por acreditarmos que essas eram

características fundamentais do texto de partida, na língua de chegada preservando um sentido original, ainda que obviamente interpretado pelo olhar de um tradutor/leitor neófito, situado a mais de cem anos da escrita da obra. Neste ponto remeto-me à postura assumida por De Amicis em relação ao respeito pelo leitor. " Cada um escreva como acha que deva escrever, sem pretender ditar leis para os outros (...)o público verá por si mesmo onde está a maior graça, a maior riqueza (..)[55]

Importante pensar o tradutor como leitor e a tradução como leitura e nesse sentido como uma noção de enunciação. Borges, em 1937, já intuía isso quando criou o personagem Pierre Menard. Ainda que as palavras sejam absolutamente as mesmas – o que já é impossível de antemão no caso da tradução – o texto será outro porque apresentado, lido, posto em funcionamento em um outro contexto. É preciso aceitar o jogo, em que se perdem algumas coisas e se ganham outras. Lançam-se luzes sobre algumas de probabilidades, que talvez tenham passado desapercebidas para até mesmo para o autor, enquanto que outros aspectos têm que se resignar à penumbra. Como um iceberg: a uma ponta emersa corresponde uma massa (às vezes enorme) submersa.

A noção de que, no momento da leitura de qualquer texto, o sentido é modificado pelo olhar do leitor, seja ele daquela própria língua seja de outra, libertou a tradução de sua relação de inferioridade em relação ao texto dado, conferindo a ela o estatuto de alteridade. A tradução é um outro texto que contém um Outro, o olhar do Outro e as impressões digitais de um Outro ao qual é impossível passar incólume, pois não há enunciação neutra. Um Outro que vêm da instância autoral no momento em que se cruza com o olhar deste Outro/tradutor. E é desse Outro que as literaturas vão se nutrindo numa relação sempre dialética e dialógica. Isso é um valor, imagino que não deva ser motivo de preocupação. Pelo contrário.

[55] DE AMICIS, Edmondo. Apud: TOSTO, Eugênio. *Edmondo De Amicis e la lingua italiana* Firenze: Olschki(Accademia La Colombaria. Serie studi 208) 2003. p 28

"*Nada há mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiros assimilados."*[56]

Um último aspecto emerso deste trabalho, sempre com relação à tradução como leitura, remete à questão do *prazer do texto*[57]. Barthes fala de dois regimes de leitura: um que vai direto ao conteúdo, à estrutura, e no qual se ignoram os jogos de linguagem, e outro que *não deixa passar nada*. Uma leitura que *lê* com aplicação e arrebatamento. Pois bem, acredito que o exercício da tradução permite essa aproximação com a *significância* do texto. Em que pese o fato na narrativa ser uma narrativa de viagem, livro escrito por encomenda, para atender a um público específico, num estilo fluido etc etc, a oportunidade de ultrapassar as *articulações da anedota*[58] proporcionou, além de muito aprendizado, um grade prazer, aquele de adentrar as minúcias e desafios do texto. Obviamente como tradutora neófita, e considerando as reais condições de produção, haverá inúmeros deslizes, reforçando o fato de que um texto é fruto também de suas circunstâncias.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1)BENEDETTI, Giacomo. *Il romanzo del novecento.* Garzanti, Milano, 1986

2)LOMBARDI, Andrea. "Repensar a Imigração como Trauma - Uma releitura da História Italiana, texto inédito, USP 2002.

3)ROSA, Alberto Asor. *Scrittori e popolo.* Savelli, Roma, 1979.

4)ROSA, Alberto Asor. *Genus italicum.* Turim, Einaudi, 1997.

5)ROSOLI, Gianfausto (org.). *Emigrazioni europee e popolo brasiliano.* Roma, Centro Studi Emigrazione, 1987.

[56] VALÉRY, Paul Apud: SANTIAGO, S., 2000.

[57] BARTHES, Roland, São Paulo, Perspectiva, 1973. p.19

[58] BARTHES, Roland. Idem, op. Cit.

6)TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

7)_____. *A vida em comum. Ensaio de antropologia geral.* Campinas: Papirus, 1996.

8)_____. *Las morales de la historia.* Barcelona-Buenos Aires: Ediciones Paidós Ibérica, 1993.

9)_____. *Nous et les autres. La reflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1)ARBASINO, Alberto. Presentazione di *Messico*. Genova: Costa & Nolan, 1986.

2)BACCHETTI, Flavia. *Viaggi "en touriste" di De Amicis. Raccontare ai borghesi* (I) Tirrenia: Edizioni el Cerro (Biblioteca di Scienze della Formazione 2) 2001.

3)BALDUCCI, Igino. *Cuore a settant´anni dalla sua pubblicazione.* Milano: Gastaldi, 1956.

4)BASTOS, Maria Helena Câmara, "*Cuore*, de Edmundo De Amicis (1886) Um sucesso editorial". Trabalho apresentado no NP04 – Produção Editorial, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM. Porto Alegre, agosto de 2004 Inédito.

5)BEZZI, Valentina. *De Amicis in Marocco. L´esotismo dimidiato. Scrittura e avventura in un reportage di fine Ottocento* Padova: Il Poligrafo (Ricerche 21) 2001.

6)BIGNOTTO, Cilza Carla *Monteiro Lobato e a infância na república velha* In: http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm.

7)BRAMBILLA, Alberto. *De Amicis: paragrafi eterodosi*. Modena: Mucchi (IL vaglio) 1992.

8) BRIOSCHI F. e DI GIROLAMO, C. *Manuale di letteratura italiana* IV vol.. Torino: Bolati Bompieri, 1994.

9)CAMBI, Franco. *Collodi, De Amicis, Rodari. Tre immagini d´infanzia*. Bari: Edizioni Dédalo, 1986.

10) CALVINO, Ítalo. Nota introdutiva a *Amore e Ginnastica*. Torino: Einaudi, 1971.

11)CUSTODI, Franco. Introdução a *Sull´Oceano* Milano: Garzanti, 1996.

12)DE AMICIS, Edmondo. *Sull´oceano.* Milano: Mondadori, 2004.
13)_____. *Non si sgomentino le signore.* Conferenza sull´educazione física letta e commentata da Pino Boero. Genova: Tilgher, 1984.
14)_____. *Coração* (Tradução de João Ribeiro) Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1962
15)_____.*Memorie.* Milano: Treves, 1921.
16)DANNA, Bianca. *Dal taccuino alla lanterna magica. De Amicis "reporter" e scrittore di viaggi*, Firenze: Olschki (Centro studi lett.it. Plemonte Gozzano 15) 2000.
17)D´ORTA, Marcello. Introduzione In: *Cuore*. Roma: Biblioteca Economica Newton, 1994.
18)ECO, UMBERTO , "*Elogio di Franti*" In: *Diario Mínimo*. Milano: Bompiani, 2001.
19)FERRONI, Giulio. *Storia della Letteratura Italiana*. Vol III. Torino: Einaudi, 1992.
20)GAMBARO, Griselda in:
http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2002/07/20/u-00502.htm
21)GALDERINI, Paolo. Introduzione a *Cuore*. Milano: Alberto Peruzzo, 1984.
22)HELLER, Bárbara In: Anais do 5o. Seminário Nacional Mulher e Literatura. Natal, UFRN/Ed. Universitária, 1995
23)LAJOLO, Marisa. *Usos e Abusos da Literatura na Escola*. Olavo Bilac e a Educação na República Velha. Globo. RJ/Porto Alegre, 1982.
24)LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
25)MAGALHÃES, Valentim In: AMICIS,Edmundo. *Coração*. (Trad.V. Magalhães).São Paulo, Teixeira & Irmão,1891.
26)MOMIGLIANO, Attilio. *Storia della Letteratura Italiana*. Milano, 1972.
27)OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio Alves de y SOUZA, Rosa Fátima de. "As faces do livro de leitura" In. *Cad. CEDES*, nov. 2000, vol.20, no.52, p.25-40.
28)PORTINARI, Folco. Prefazione a *Sull´Oceano.* Milano: Garzanti, 1996.
29)_____. Introduzione a *Edmondo De Amicis Opere Scelte*. Milano: Mondadori, 1996.
30)RICCIARDI, Mario.- TAMBURINI, L., a cura di. *Cent´anni di Cuore. Contributi per la rilettura del libro*. Torino: Allemandi, 1987.

31)SQUAROTTI, Giorgio Barberi *(org)*.Literatura Italiana linhas problemas autores. Nova Stella Istituto Cultural Ítalo Brasileiro EDUSP.
32)TIMPANARO, Sebastiano. *Il socialismo di Edmondo De Amicis – lettura del "Primo maggio".* Verona: Bertani, 1983
33)TOSTO, Eugênio. *Edmondo De Amicis e la lingua italiana* Firenze: Olschki(Accademia La Colombaria. Serie studi 208) 2003.
34)TRAVERSETTI, Bruno. *Introduzione a De Amicis* Bari:. Laterza (Gli scrittori) 1991.
35)VERÍSSIMO, José. Introdução. In: *Coração*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1894, p.4.
36)_____. *A Educação Nacional*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
37)ZACCARIA, Giuseppe. *Cuore di Emondo De Amicis*. In: *Letteratura Italiana – le opere dall'Ottocento al Novecento*. Torino: Einaudi, 1995.

EM ALTO-MAR[59]

Edmondo De Amicis

Dedico este livro ao bravo
comandante Carlo De Amezaga[60] *em*
sinal de afeto e de gratidão

[59] DE Amicis, Edmondo. *Sull´Oceano*, Milano: 2004. Foram mantidas muitas notas desta edição.
[60] Comandante Carlo De Amezaga: oficial genovês da Marinha militar que, com a corveta *Caracciolo*, realizou a circunavegação da terra de 1881 a 1884, ou seja, na época da viagem de De Amicis para a América do Sul. Na prosa *La mia officina*, incluída depois no volume *Nel regno del Cervino* (1905), De Amicis o definiu com "...o destemido De Amezaga, que escreveu na sua fotografia: *o marinheiro de vocês*, em vez de escrever o maestro de vocês, uma vez que teve a bondade de me ensinar a terminologia marinha de que precisava para escrever o livro *Sull´Oceano*". (n.d.a.)

1. O embarque dos emigrantes

Quando cheguei, quase noite, o embarque dos emigrantes já começara havia uma hora, e o *Galileo*[61], ligado ao cais por uma pequena ponte móvel, continuava a ensacar miséria. Uma procissão interminável de gente que saía em grupos do edifício de frente, onde um delegado da Questura examinava os passaportes. A maior parte, tendo passado uma ou duas noites ao relento, agachados como cães pelas ruas de Gênova, estavam cansados e mortos de sono. Operários, trabalhadores rurais, mulheres amamentando, garotinhos, que tinham ainda presa ao peito um pequeno crachá da creche, passavam levando quase todos uma cadeira dobrável embaixo do braço, sacos e malas de todos os modelos mão ou sobre a cabeça, braçadas de colchões e de cobertas, e a passagem com o número do leito presa entre os lábios. Mulheres pobres, que tinham uma criança em cada uma das mãos, seguravam os seus grandes embrulhos com os dentes; velhas camponesas de tamancos, erguendo a saia para não cair nos degraus da ponte, mostravam as pernas nuas e finas; muitos estavam descalços e levavam sapatos pendurados no pescoço. De vez em quando passavam em meio àquela miséria homens[62] vestidos com guarda-pós elegantes, padres, mulheres com grandes chapéus emplumados, que seguravam na mão um cachorrinho, uma chapeleira, ou um pacote de romances franceses ilustrados, da antiga edição Lévy[63]. Em seguida, de repente, a procissão humana era interrompida, e vinha à frente, sob uma chuva de pauladas e de blasfêmias, um rebanho de bois e de carneiros, que, chegando a bordo, desviando-se daqui e dali, e espantados,

[R1] Comentário: Não é o *Galileo* da Società di Navegazione geral. (n.d.a)

---

[61] Página: 56

Não é o *Galileo* da Società di Navegazione geral. (n.d.e)

[62] Os termos *signora(e)* e *signore(i)* foram traduzidos ao longo da obra como *homem* e *mulher, fidalgo e fidalga,* e *cavalheiro* e *dama*. (n.d.t.)

[63] A editora Lévy, fundada em 1836 por Michel Lévy, publicara a maior parte da narrativa francesa do século XIX, quase sempre em edições fartamente ilustradas. (n.d.a).

confundiam os mugidos e balidos com os relinchos dos cavalos da proa, com os gritos dos marinheiros e dos carregadores, com o estrondo ensurdecedor da grua a vapor, que erguia montes de baús e de caixas. Depois disso, o desfile dos emigrantes recomeçava. Rostos e vestidos de toda parte da Itália, trabalhadores robustos de olhos tristes, velhos esmolambados e sujos, mulheres grávidas, rapazinhos bêbados, vilões em mangas de camisa, e rapazes atrás de rapazes que, assim que punham os pés no convés, em meio àquela confusão de passageiros e de camareiros, de oficiais, de empregados da Sociedade e de guardas da alfândega, ficavam atônitos, ou desapareciam como em uma praça cheia de gente. Duas horas após o início do embarque, o grande navio, imóvel como uma enorme baleia que mordia a praia, ainda sugava sangue italiano.

À medida que subiam, os emigrantes passavam diante de uma mesinha, junto à qual se sentava um Comissário encarregado, que os reunia em grupos de meia dúzia, denominados *ranchos* escrevendo os nomes numa folha timbrada que entregava ao passageiro mais velho, para que com ele fosse apanhar a comida na cozinha, na horário das refeições. As famílias com menos de seis pessoas se inscreviam com um conhecido ou com o primeiro que chegasse. Durante aquele trabalho de inscrição, transparecia em todos um medo vivo de serem enganados na conta dos lugares para os jovens e as crianças, a desconfiança invencível que todo homem com uma caneta na mão e um registro de frente inspira no camponês. Surgiam contestações, ouviam-se reclamações e protestos. Em seguida, as famílias se separavam: homens de um lado, mulheres de outro, e os filhos eram conduzidos aos dormitórios. Dava pena ver aquelas mulheres descendo com dificuldade as escadinhas íngremes, e avançarem tateando por aqueles dormitórios amplos e baixos, entre aqueles inúmeros leitos dispostos um sobre o outro como casulos do bicho-da-seda, e algumas perguntando, agitadas, a um marinheiro que não a compreendia, por um embrulho desaparecido. Outras sentando-se de qualquer jeito em qualquer lugar, atônitas, e muitas indo e vindo sem rumo, olhando com inquietação todas aquelas companheiras de viagem desconhecidas, inquietas como elas, confusas também devido àquela multidão e

àquela desordem. Algumas, tendo descido ao primeiro andar, vendo outras escadinhas que davam no escuro, recusavam-se a descer mais. Da escotilha escancarada, vi uma mulher que soluçava forte com o rosto no leito. Soube que poucas horas antes do embarque, de repente, uma filha sua havia morrido e que seu marido teve que deixar o corpo no escritório da segurança Pública do porto, para que o transportassem ao hospital. A maioria das mulheres ficava embaixo, os homens, depois que depositavam as coisas, subiam e se apoiavam nos parapeitos Curioso! Quase todos se encontravam pela primeira vez num grande navio que deveria ser para eles como uma espécie de mundo novo, cheio de maravilhas e de mistérios. Mas nenhum deles olhava ao redor, ou para cima, para observar ao menos uma dentre as centenas de coisas admiráveis que nunca vira. Alguns olhavam com muita atenção um objeto qualquer, como a mala ou a cadeira de um vizinho ou um número sobre a caixa. Outros roíam uma maçã ou mordiscavam uma panhota, examinando-a a cada mordida, muito placidamente, como teriam feito diante da porta do seu estábulo. Algumas mulheres tinham os olhos vermelhos. Alguns rapazinhos brincavam; mas, em alguns, se percebia que a alegria era forçada. A maior parte não demonstrava a não ser apatia e cansaço. O céu estava nebuloso e começava a escurecer.

De repente ouviram-se gritos furiosos do escritório dos passaportes e pessoas vieram correndo. Soube-se depois que era um camponês, com a mulher e quatro filhos, no qual o médico tinha diagnosticado sintomas de pelagra. Nas primeiras perguntas, o pai tinha se mostrado louco, e tendo sido negado seu embarque, entrara em crise.

No cais havia uma centena de pessoas: parentes dos emigrantes, pouquíssimos; mais curiosos e muitos amigos e parentes da tripulação, habituados àquelas separações.

Uma vez instalados todos os passageiros, seguiu-se uma certa calmaria sobre o navio, que deixava ouvir o ronco surdo da máquina a vapor. Quase todos estavam

no convés, aglomerados e silenciosos. Aqueles últimos momentos de espera pareciam eternos.

Finalmente os marinheiros gritaram na popa e na proa ao mesmo tempo: Quem não for passageiro para terra!

Estas palavras fizeram percorrer um estremecimento de uma ponta a outra do *Galileo.* Em poucos minutos todos os estrangeiros desceram, a ponte foi erguida, as amarras, retiradas, a escada levantada. Ouviu-se um apito e o navio começou a se mover. Então algumas mulheres desataram a chorar, alguns jovens que riam ficaram sérios, viram-se alguns homens barbudos, até então impassíveis, passarem a mão nos olhos. Esta comoção contrastava estranhamente com a pacatez das despedidas entre os marinheiros e oficiais dos amigos e os parentes reunidos no cais, como se se partisse para *la Spezia.* – "Tudo de bom". "Olha lá, cuidado com aquele pacote." – "Diga a Gigia que vou fazer a encomenda." – "Coloque-a no correio em Montevidéu." – "Tudo certo para o vinho." – "Bom passeio." "Fique bem." – Alguns, recém-chegados, conseguiram ainda jogar maços de cigarros e laranjas, que foram apanhadas no ar a bordo; mas as últimas caíram no mar. Na cidade, as luzes já brilhavam. O navio, quase furtivamente, deslizava lento na meia escuridão do porto, como se levasse embora uma carga de carne humana roubada. Dirigi-me à proa, onde havia maior concentração de pessoas, todas voltadas para a terra, olhando o anfiteatro de Gênova, que se iluminava rapidamente. Poucos falavam, em voz baixa. Viam-se aqui e ali, no escuro, mulheres sentadas com as crianças apertados junto ao peito, com a cabeça abandonada entre as mãos. Próximo ao castelo da proa uma voz rouca e solitária gritou em tom de sarcasmo: - "Viva a Itália!" – e erguendo os olhos, vi um velho alto que mostrava o punho para a pátria. Quando deixamos o porto, era noite.

Entristecido por causa daquele espetáculo, voltei à popa e desci para o dormitório da primeira classe, procurando a minha cabine. É preciso dizer que a primeira

descida a esta espécie de hotel submarino se parece deploravelmente com a primeira entrada na cela de uma prisão. Naqueles corredores estreitos e rebaixados, impregnados de exalações de água salgada que se desprendiam do madeirame, do cheiro das lamparinas, do cheiro de couro búlgaro e de perfumes de mulheres, encontrei-me em meio a um vaivém de gente ocupada, que disputava camareiros e camareiras com aquele egoísmo desprezível que é próprio dos viajantes na afobação da primeira instalação. Naquela confusão, que se manifestava de forma diferente num ponto e noutro, vi o rosto sorridente de uma bela senhora loira, três ou quatro homens de barba preta, um padre altíssimo, e uma grande rosto moreno de uma camareira irritada, e ouvi palavras genovesas, francesas, italianas, espanholas. Virando um corredor dei de frente com uma negra. De uma cabine vinha o solfejo de uma voz de tenor. E de frente àquela cabine, encontrei a minha, uma gaiolinha de meia dúzia de metros cúbicos, com uma cama de Procuste de um lado, um sofá de outro, e, na terceira, um espelho de barbeiro, colocado sobre uma cuba incrustada na parede próxima a uma lâmpada móvel, que balançava como se me dissesse: Que idéia louca a sua de ir para a América! Acima do sofá reluzia uma janelinha redonda semelhante a um grande olho de vidro, como num olho humano, que me piscava com uma expressão de escárnio. De fato, a idéia de ter que dormir vinte e quatro noites naquele cubículo sufocante, o pressentimento de aborrecimento e dos calores da região tórrida e das cabeçadas que daria nas paredes nos dias de mau tempo, e dos mil pensamentos inquietos ou tristes que ruminaria lá dentro ao longo de seis mil milhas...Mas não valia a pena arrepender-se. Olhei para as minhas malas, que me diziam tantas coisas naqueles momentos, e as toquei como faria com cães fiéis, últimos restos de vida da minha casa; rezei ao Pai para que não me deixasse arrepender de ter recusado as propostas de um empregado de uma Agência de Seguros, que viera tentar-me um dia antes da partida; e bendizendo no meu coração os bons e fiéis amigos que haviam ficado ao meu lado até o último momento, embalado pelo querido mar da minha pátria, adormeci.

2.No golfo de Leão[64]

Quando acordei era dia e o navio já deslizava no golfo de Leão. Logo ouvi os gargarejos do tenor na cabine em frente, e naquela ao lado da minha, uma voz seca de mulher que dizia: - “A sua escova? O que eu sei da sua escova! Procure você”! – uma voz que revelava não apenas uma irritação momentânea, mas um temperamento áspero e que me despertou um sentimento de forte comiseração pelo proprietário do objeto perdido. Mais adiante, uma voz feminina cantava uma canção de ninar para uma criança, com uma cantilena estranha e uma modulação que não me pareceu que pudesse ser de uma criatura da nossa raça. Veio à minha cabeça a negra encontrada de noite, e o canto era cortado pelas vozes baixas e sibilantes de duas camareiras que brigavam no corredor, a propósito de uma *picaggietta* (uma toalha). Espichei o ouvido: bastaram poucas palavras para me convencer de que se uma mulher no mundo pode enfrentar uma camareira genovesa, ela só pode ser uma camareira veneziana. Um camareiro entrou na cabine com o café. Na primeira manhã, se observa tudo. Era um rapazinho bonitinho e desagradável, com o cabelo emplastado, cheio de si, e contente com a própria beleza como um ator vaidoso. Perguntado como se chamava, respondeu: “Antonio”, com modéstia afetada, como se aquele *Antonio* fosse o falso nome de um duque, disfarçado de camareiro para uma aventura amorosa. Depois que ele saiu, eu também saí, apoiando-me nas paredes e virando no corredor principal, vi as costas do gigantesco padre da noite anterior, que entrava em sua cabine, e, a um passo mais à frente, pelo respirador de uma porta, exatamente no ponto em que caía uma cortina verde, duas mãos brancas que puxavam uma meia de seda preta sobre uma perna lindíssima. Os passageiros estavam ainda quase todos nas suas cabines, onde se ouvia bater a água nas pias e uma grande farfalhada de escovas e de mãos que reviram malas. Na popa, não encontrei mais que três pessoas. O mar estava agitado, mas com uma bela cor azul e o tempo claro. Não se via terra.

[64] Ao sul da França, entre a Costa Azul e a fronteira espanhola.

Mas o espetáculo era a terceira classe, onde a maior parte dos emigrantes, tomados pelo enjôo jaziam espalhados, entendidos em diagonal nos bancos, numa atitude de doentes ou de mortos, com as caras sujas e os cabelos desalinhados, em meio a um grande emaranhado de cobertas e trapos. Viam-se famílias apertadas em grupos dignos de compaixão, com uma expressão de abandono e de desvario, que é próprio da família sem teto: o marido sentado e adormecido, a mulher com a cabeça apoiada sobre o ombro dele, as crianças sobre o assoalho, dormindo com a cabeça sobre os joelhos de ambos: montes de trapos, onde não se via nenhum rosto, mas apenas um braço de criança ou uma trança de mulher. Mulheres pálidas e desgrenhadas dirigiam-se em direção aos dormitórios, balançando e agarrando-se aqui e ali. Aquilo que Padre Bártoli[65] chama de maneira nobre de a angústia e o desdém do estômago devia já ter feito a grande limpeza, desejada por todo bom comandante, das frutas ruins de sempre das quais os emigrantes pobres se abarrotam em Gênova e as comilanças que fazem nas hospedarias aqueles que têm alguma coisa. Mesmo aqueles que não sofriam tinham um ar abatido, e mais o aspecto de deportados que de emigrantes. Parecia que a primeira experiência da vida inerte e desconfortável do navio tivesse esmorecido em quase todos a coragem e as esperanças com as quais haviam partido, e que, naquela prostração de ânimo que se seguiu à agitação da partida, tivessem sido despertadas neles todas as dúvidas, todos os aborrecimentos e amarguras dos últimos dias de suas vidas de casa, ocupados com a venda das vacas e daquele palmo de terra, com discussões ásperas com o patrão ou o pároco, e em adeuses dolorosos. O pior estava embaixo, no grande dormitório, do qual se abria a escotilha próxima ao convés da popa. Olhando para lá, viam-se na meia escuridão corpos sobre corpos, como nos navios que levavam os restos mortais dos emigrantes chineses para a pátria. Vinha de lá, como de um hospital subterrâneo, um concerto de lamentos, de estertores e de tosses, que dava a tentação de desembarcar em Marselha. A única nota amena daquele espetáculo

[65] Daniello Bártoli (Ferrara 1608 – Roma 1685), foi o historiador da Companhia de Jesus, à qual pertencia e autor de obras morais, científicas e da *História da Companhia de Jesus* (1648-85), subdividia em vários volumes: *A Ásia* (1653), *A China* (1663), *A Inglaterra* (1667).

eram os poucos intrépidos que, no convés, saíam das cozinhas com as gamelas cheias de sopa entre as mãos, para ir tomá-la em paz em seus lugares. Alguns, fazendo prodígios de equilíbrio, conseguiam. Outros, colocando o pé em falso, caíam com o nariz na gamela espalhando caldo e massa para todo lado, em meio a uma explosão de maldições.

Ouvi com prazer a campainha que nos chamava à mesa onde esperava ver um quadro mais alegre.

Éramos cerca de cinqüenta pessoas, sentadas a uma mesa muito comprida, em meio a um vasto salão, todo em dourado e com espelhos iluminado por muitas janelinhas, nas quais se via dançar o horizonte do mar. Enquanto se sentavam e, por alguns instantes, os comensais não fizeram outra coisa a não ser observarem-se reciprocamente, ocultando, sob uma indiferença simulada, a curiosidade perscrutadora que inspiram sempre as pessoas desconhecidas com as quais se sabe ter que viver por algum tempo numa familiaridade inevitável. Porque o mar agitado, faltavam várias mulheres. Notei, logo no fundo da mesa, o padre gigante, que superava com sua cabeça todos os vizinhos. Uma cabeça de ave de rapina, pequena e calva, com olhos rodeados de presunto, plantada sobre um pescoço interminável. Pousei os olhos sobre suas mãos, enquanto desdobravam o guardanapo, imensas e magras, com certos dedos que pareciam tentáculos de polvo. A figura de um Dom Quixote, sem poesia. Do mesmo lado, mas mais para cá, reconheci a loira que encontrara embaixo na noite anterior. Era uma bela mulher de mais ou menos trinta anos, com dois olhos muito azuis e uma carinha despreocupada, fresca e muito volúvel, vestida com uma elegância um pouco vistosa demais. Ela circulava entre todos os comensais como se conhecesse a todos, um olhar vago e sorridente de bailarina na ribalta. Não sei por que, eu juraria que a meia de seda vista na de manhã não poderia ser senão sua. O proprietário legítimo daquela seda era sem dúvida um senhor por volta dos cinqüenta anos, que estava ao seu lado. Uma cara resignada e benévola, adornada por uma cabeleira professoral com dois olhos semicerrados nos quais

brilhava o sorriso de uma astúcia mais ostentada que verdadeira, que deveria ser habitual para ele. À sua direita havia duas moças, que pareciam parentes, ou amigas íntimas. Uma delas trajava um vestido verde-mar. Chamou minha atenção seu rosto descarnado e muito pálido, saliente mesmo sob uma massa de cabelo preto e brilhante, que davam a impressão da cabeleira de uma morta. Tinha pendurado no pescoço uma grande cruz preta. Depois havia um casalzinho curioso, dois recém-casados certamente muito jovens, ambos pequenos, dois rostinhos bonitos de Lucca, que comiam com o rosto abaixado e se falavam sem se olhar, constrangidos, como se se envergonhassem dos comensais. Não teria dado mais que vinte anos para ele e mais de dezessete para ela, e apostaria que não havia passado mais que quinze dias desde que se casaram no civil. Uma freirinha e um seminarista, conscientes a tempo de uma absoluta falta de vocação. Do lado do marido se aboletava uma matrona com seu cabelo mal tingido, com os peitos no queixo, com um carão, como fazem os cartunistas quando estão de mau humor, marcado sobre a boca com traços inegáveis de um depilador muito cáustico. Estava toda ocupada em comer com consciência fazendo tirar fora daquelas prateleiras que balançavam sobre a cabeça como lâmpadas, ora a mostarda, ora a pimenta, como se quisesse reacomodar o estômago estragado e clarear a voz rouca, que ia experimentando aos poucos com uma leve tosse. À cabeceira da mesa estava o comandante, uma espécie de Hércules encolhido e amuado, ruivo e com o rosto vivo. Falava com voz rude, ora em puro genovês ao passageiro que estava à sua direita, ora em espanhol impuro a um senhor que estava à esquerda. Um velho alto e seco, de cabelo comprido e branquíssimo, e olhos vivos e profundos, com a expressão dos últimos retratos do poeta Hamerling[66].

Como a maioria dos passageiros não se conhecia ainda, ouviam-se apenas umas poucas conversas em voz baixa, acompanhadas do tilintar dos galheteiros suspensos, e interrompidas de vez em quando pelo golpe seco com que um

[66] Robert Hamerling (1830-1889). Escritor austríaco, que também traduziu Leopardi para o alemão. De Amicis tinha um retrato seu no estúdio.

comensal apanhava sobre a mesa uma maçã ou uma laranja que escapava. Quando uma frase espanhola dita em alta voz, seguida por um coro de risadas, fez virar todas as cabeças em direção ao fundo do salão. – "É um grupo de argentinos", - disse o meu vizinho da esquerda.

Enquanto me virava para olhá-los, o rosto másculo e bonito do meu vizinho da direita, cuja voz não havia ainda ouvido, desviou-me a atenção. Era um homem com cerca de quarenta anos, com aspecto de um antigo soldado, de corpo poderoso, mas que se supunha ainda ágil. Era grisalho. A testa atrevida e os olhos injetados de sangue me lembraram Nino Bixio[67], mas a parte inferior do rosto era mais suave, ainda que triste e como se estivesse contraída por uma expressão de desprezo, que violentava a bondade da boca. Não sei bem por qual associação de idéias, pensei numa daquelas nobres figuras de Garibaldinos de 60, que conhecera nas páginas inesquecíveis de Cesare Abba[68], e enfiei na cabeça que ele tinha feito aquela campanha, e que deveria ser Lombardo.

Enquanto olhava para ele, o meu vizinho da esquerda bateu o garfo sobre a mesa, dizendo: "É inútil....se como, morro".

Este era um homenzinho magricela, com uma expressão de dor no corpo estampada no rosto, e uma grande barba preta, comprida demais para ele, que lhe parecia grudada, como aqueles dos pequenos mágicos que pulam fora das caixas de mola.

Perguntei se se sentia mal. Respondeu-me com a pronta familiaridade dos doentes, aos quais se fala da sua doença.

---

[67] Nino Bixio (1821-1873) combateu nas guerras de independência de 1848-49 e de 1859 esteve ao lado de Garibaldi na expedição do Mil (1860).

[68] Cesare Abba (1838 -1910) publicara sob solicitação de Carducci, as *Noterelle di uno dei Mille*, editadas vinte anos depois, primeira versão de suas memórias, que saíram em 1891 com o título de*Da Quarto al Volturno.* ***Noterelle di uno dei Mille.*** No artigo *La mia officina*, De Amicis lembrará "inigualáveis Notas de um do Mil".

Não se sentia mal, ou, para dizer melhor, não sofria propriamente com o enjôo. Sofria de uma doença peculiar, mais moral que física que era uma aversão invencível pelo mar, uma inquietação tempestuosa e triste que tomava conta dele quando subia no navio, e que não o abandonava mais até a achegada, mesmo que pensasse no mar como um lago e o céu como um espelho. Fizera várias travessias do oceano porque a sua família tinha se estabelecido na Argentina, em Mendonza, mas sofria na última as mesmas torturas da primeira. De dia um esgotamento e uma agitação mórbida e de noite uma insônia incurável, atormentada pelas mais terríveis fantasias que podem passar pela mente humana. Odiava a tal ponto o mar que era capaz de ficar sete dias sem olha-lo e toda vez que encontrava num livro uma descrição marinha, saltava-a. Jurava-me, enfim, que se pudesse ir para a América por terra, ele teria preferido viajar um ano em carroça a fazer aquela travessia de três semanas. Estava reduzido a esta condição. Um amigo seu médico lhe dissera por brincadeira, mas ele acreditava firmemente, que aquela violenta aversão pelo mar não podia derivar senão de um pressentimento misterioso de ter que morrer num naufrágio.

- *"Tire essas idéias da cabeça, advogado*!" – disse-lhe o seu vizinho do outro lado.

O advogado sacudiu a cabeça, apontando com o indicador o fundo do mar.

Vendo que tinha já conhecidos a bordo, pedi-lhe informações. Como adivinhara certo! O meu vizinho da direita, de fato devia ser Lombardo. Ele o tinha ouvido falar em lombardo com um amigo no cais de Gênova. É um antigo garibaldino, sem dúvida. O Comissário havia dito isso a ele. – "Mas como o senhor sabe?" – perguntou-me. – Senti-me envaidecido pela minha capacidade de adivinhação. Ele continuou a dar-me notícias. A família que estava ao fundo na mesa, composta de pai e mãe, e de quatro filhos, era uma família brasileira, que ia para o Paraguai. O jovem com bigodinhos loiros, que se sentava junto ao brasileiro menor, ele achava que era um tenor italiano, era o meu vizinho de cabine que ia cantar em Montevidéu. Aquele que falava forte naquele momento, do nosso lado da mesa, era um exemplar ruim de moleiro piemontês, que, tornando-se rico na Argentina,

retornava para lá agora para sempre, após uma breve permanência na pátria, onde parecia não ter encontrado aquele acolhimento triunfal que esperava. Desde a noite anterior pretendia contar a um camareiro a sua história, e falar mal da Itália, que não teria os seus ossos. Aqui se interrompeu e me disse em baixa voz – "Olhe aquele braço".

Apontava para a moça pálida, com a cruz no pescoço, que eu já notara. Olhei, e experimentei quase uma sensação de calafrio. Não era um braço seu, mas um pobre osso branco saído do sepulcro. Ao mesmo tempo observei os seus olhos velados, e quase esvaídos, de uma expressão de tristeza e de doçura infinita, que parecia olhar tudo e não ver nada. Observei que o garibaldino também a fitava com olhos semicerrados, talvez para esconder o sentimento de compaixão que inspirava ele também.

A companhia, enfim, apresentava uma variedade suficientemente satisfatória para um observador. Notei entre os outros um rosto estranho cor de bronze, de um homem de cerca de trinta e cinco anos, de fisionomia grave, e vagamente melancólica, do qual não pude despregar os olhos por um tempo, quando o advogado me disse que era um peruano. Porque me parecia que a forma alongada da cabeça e a grande boca e a barba rala respondiam às descrições que se lêem nas histórias daqueles incas misteriosos, que sempre me haviam atormentado a fantasia. Imaginava-o vestido de lã vermelha com uma faixa na cabeça e brincos dourados, que queria marcar os seus pensamentos com fios de várias cores de uma cordinha de nós, e via irromper atrás dele as gigantescas estátuas de ouro do palácio imperial de Cuzco, rodeado de jardins cintilantes de frutas e de fios de ouro. Era, no entanto, o proprietário de uma fábrica de fósforos de Lima, que discorria prosaicamente da sua indústria com o comensal que lhe estava de frente.

Durante a fruta as conversas se animaram um pouco. Ouvi que o comandante contava uma aventura de quando era capitão de um navio a vela Uma aventura

cujo desfecho, a julgar pelo gesto, devia ter sido uma solene distribuição de sopapos feita por ele em não sei que porto estrangeiro a um não sei qual *mascarson,* que lhe havia faltado com o respeito. No fundo da mesa os argentinos provocaram mais vezes risadas sonoras divertindo-se, a quanto me parece, com um vendedor francês viajante, de cabelo grisalho, aquele vendedor de sempre que se encontra em todos os navios, que respondia com a desenvoltura imperturbável de um velho moleque, recitando os trocadilhos do repertório de sempre, que todos os seus colegas sabem de cor. Enquanto serviam o café, o navio fez dois ou três movimentos mais fortes, e então se levantou da mesa, olhada por todos, uma bela senhora que ainda não tinha visto; mas tendo ido embora titubeando, apoiada pelo marido, não pude me certificar da "graça maravilhosa do seu caminhar" que os escritores de viagem atribuem às mulheres da própria cidade. Pude, no entanto, notar, pela curiosidade admiradora de todos os olhares, que a ela já se devia ter sido reconhecido o primado estético entre as mulheres do *Galileo,* e que dificilmente seria destronada ao longo da viagem. Pouco depois, todos os outros se levantaram, tornaram a se olhar de cima a baixo de soslaio, como na entrada, e depois se espalharam pela popa, no fumódromo e pelas cabines, mostrando já no rosto o tédio das seis horas eternas que os separavam do almoço.

Eu, no entanto, não me entediava. Um sentimento novo e muito prazeroso que me enchia a alma, e que não se pode experimentar em nenhum lugar, em nenhuma condição no mundo, a não ser dentro de um navio que atravesse o oceano. O sentimento de uma absoluta liberdade de espírito. Podia dizer enfim: por vinte dias, estou separado do universo habitado, estou certo de não ver outros semelhantes meus a não ser aqueles estão ao meu redor, os quais são, para mim, todo o gênero humano. Por vinte dias estou livre de qualquer obrigação e qualquer servidão social, e certamente nenhuma dor me sobrevirá do mundo externo, porque não pode me chegar nenhuma notícia de nenhuma parte. Mil desventuras podem me ameaçar, nenhuma pode me atingir. A Europa pode se abalar, eu não vou saber. Vinte dias de horizonte sem limite, de meditação sem perturbação, de paz sem medo, de ócio sem remorso. Um longo vôo sem cansaço por um deserto

sem fim, diante de um espetáculo sublime, num ar puríssimo, rumo a um mundo desconhecido, em meio a gente que não me conhece. Prisioneiro numa ilha, é verdade; mas uma ilha que me transporta e me serve, que vibra sob os meus pés, e me infunde no sangue a vibração da sua vida, e é um fragmento palpitante da minha pátria.

3. A Itália a bordo

Em seguida, como receita contra o tédio, tinha uma carta de apresentação para o Comissário, escrita por amigo de Gênova, o qual pedia-lhe que me facilitasse as observações que gostaria de fazer no *Galileo.* Antes que se chegasse a Gibraltar, fui lhe fazer uma visita. Seu alojamento ficava no convés próximo ao escritório do Comandante, numa das duas longas passagens que vão da popa à proa, que, devido ao vaivém de gente, os oficiais haviam colocado o nome de *Corso Roma.*Encontrei-o numa cabine branca, toda enfeitada de fotografias e cheia de pequenos objetos para seu conforto, e de bugigangas, que lhe davam o ar de ninho doméstico, totalmente diferente daquelas nossas celas nuas de hospedaria. Era um belo jovem genovês, loiro, que vestia com graça o uniforme modesto de oficial de bordo, e deixava transparecer, pela seriedade do rosto regular e imóvel, uma aguçada capacidade de observação e um fino senso de humor. Conduziu-me logo ao seu escritório, colocado do outro lado do *Corso.* Além de administrador e responsável pela correspondência, no navio ele era semelhante a um pretor, que zelava pela boa ordem e julgava as brigas que podiam surgir entre os passageiros da terceira classe.

Bastou uma troca de poucas palavras para me fazer perceber que na viagem eu teria um campo de observação muito mais vasto e novo do que imaginara. Por causa da aglomeração, na qual eram obrigados a viver, das grandes diferenças de índole e de costumes que havia entre eles, e do estado de ânimo extraordinário no qual se encontravam, aquela multidão de emigrantes, ao longo de poucos dias, reunia uma multiplicidade e uma variedade de casos psicológicos e de fatos, que

só poderia ser encontrada em terra no espaço de um ano, em meio a uma população quatro vezes maior. Não poderia ter noção nos primeiros dias. Era necessário esperar que se assentassem um pouco e se descobrissem, que as relações, as simpatias, os ciúmes e os contrastes nascessem, e que se elevasse a temperatura. Era necessário dar tempo aos chefes naturais para que adquirissem a sua pequena celebridade, aos líderes do povo, para que formassem o seu auditório, às "belezas", para que fossem conhecidas, aos fofoqueiros de ambos os sexos, para que encontrassem material para trabalhar e para revender. Depois disso, a vida tomaria o aspecto e o andamento da vida de uma grande vila, onde todos os habitantes, ociosos por necessidade ou por hábito, passariam o dia pelas ruas e comeriam todos juntos na praça. Eu podia então adivinhar que tipo de crônica diária haveria. Dizendo isso, o Comissário, inclinava o rosto com um leve sorriso, que me fazia imaginar o cúmulo de paciência que ele devia dispor e as cenas estranhas que ele devia assistir.

Ele tinha sobre a mesinha um monte de passaportes, cuja classificação me mostrou. O *Galileo* levava mil e seiscentos passageiros de terceira classe, dos quais mais de quatrocentos eram mulheres e crianças, não incluindo os homens da tripulação, que somavam quase duzentos. Todos os lugares estavam ocupados. A maior parte dos emigrantes, como sempre, provinha no norte da Itália, e oito entre dez do campo. Muitos *valsusini,* friulanos, agricultores do sul da Lombardia e do norte da Valtellina. Camponeses de Alba e de Alessandria que iam para a Argentina apenas para a colheita, ou seja, para amealhar trezentas liras em três meses, navegando quarenta dias. Muitos do Val de Sesia, muitos também daquelas cidades bonitas que rodeam nossos lagos, tão bonitos que parece impossível alguém pensar em abandoná-las. Tecelões de Como, criados de Intra, serralheiros do Veronese. Da Ligúria, o contingente de sempre, a maior parte de Albenga, de Savona e de Chiavari, dividido em pequenos grupos, com despesas de viagem pagas por um agente que os acompanha, ao qual estão obrigados a pagar uma certa soma na América, dentro de um determinado prazo. Entre estes, havia muitas daquelas musculosas carregadoras de ardósia de

Congorno[69], que podem competir em força com os homens mais vigorosos. Um pequeno número de toscanos. Alguns que trabalhavam com alabastro, de Volterra, fabricantes de estatuetas de Lucca, agricultores dos arredores de Firenzuola[70], um deles, como muitas vezes ocorre, teria um dia parado a enxada para ser músico itinerante. Havia alguns tocadores de harpa e de violino da Basilicata e do Abruzzo, e daqueles famosos caldeireiros, que vão tocar as suas bigornas em todas as partes do mundo. Das províncias meridionais, a maioria era de criadores de ovelhas e cabras do litoral do Adriático, especialmente da terra de Barletta, e muitos *cafoni*[71] de Catanzaro e de Cosenza. Alguns mascates andarilhos napolitanos, especuladores que, para evitar o imposto de importação, levavam para a América palha crua para ser trabalhada lá. Sapateiros e costureiros da Garfagnana[72], enxadeiros do Biellese, trabalhadores rurais da ilha de Ustica. Enfim, fome e coragem de todas as províncias e de todas as profissões e também muitos famintos sem profissão, aspirantes a empregos indeterminados, que vão à caça de fortuna com os olhos vendados e de mãos abanando, e são a parte mais maléfica e de menor sorte da emigração.A maior parte das mulheres estava com a família, mas muitas estavam sozinhas, ou acompanhadas somente por uma amiga. Entre estas, muitas ligúrias, que iam procurar serviço como cozinheiras ou camareiras. Outras iam procurar marido, animadas pela menor concorrência com qual teriam que lutar no novo mundo. E algumas que emigravam com um escopo mais amplo e mais fácil. A todos estes italianos misturavam-se suíços, alguns austríacos e uns poucos franceses da Provença. Quase todos tinham como meta a Argentina, um pequeno número, o Uruguai, pouquíssimos, as repúblicas da costa do Pacífico, um ou outro não sabia bem para onde iria. Para o continente americano, sem dúvida. Chegando lá veria. Havia um frade que ia para a Terra do fogo.

---

[69] Cidade da província de Gênova.
[70] Município da província de Florença no Apenino entre a Toscana e a Emília Romagna.
[71] Forma de definir os camponeses do sul.
[72] Região Do Apenino toscano na província de Lucca, na qual no século XIX houve um fenômeno de emigração em massa após uma grave crise econômica no campo. De Garfagnana emigraram os pais de Giuseppe Ungaretti, como se lê na sua conhecida poesia *fiumi,* e numa cidadezinha da Garfagnana Giovanni Pascoli ambientou o poema *Italy,* que trata justamente da questão da emigração.

A companhia era, portanto, muito variada, e prometia bastante. Não era apenas um grande vila, como me observava o Comissário, mas um pequeno Estado. Na terceira classe, estava o povo, a burguesia, na segunda, na primeira, a aristocracia. O comandante e os oficiais superiores representavam o Governo. O Comissário, a justiça. A imprensa podia ser o registro dos anúncios e cumprimentos aberto na sala de jantar. Além dos próprios passageiros, que vez por outra, não sabendo o que fazer para matar o tempo, fundavam um informativo diário. "O senhor verá e ouvirá de tudo", disse-me, "e a atração da comédia crescerá até o último dia." Enquanto isso me preparou para a apresentação, mostrando-me alguns documentos curiosíssimos de ingenuidade camponesa, cartas de recomendação que certos emigrantes haviam entregado a ele e ao Comandante, escritas em favor de seus parentes, ou por pessoas completamente desconhecidas, tanto para um quanto para outro. "Senhor Comandante do navio, recomendo-lhe tanto fulano de tal, nascido na minha cidade, bom agricultor, ótimo pai de família, meu bom amigo..." Alguns tinham cartas como aquelas, assinadas por Fulanos desconhecidos, até para altas autoridades de Montevidéu e de Buenos Aires. Eram-lhe apresentadas até por passageiras bonitinhas e sorridentes recomendações evidentemente apócrifas de um pai ou de um tio, como um modo indireto de pedir proteção, dando a entender que não ficariam surdas à voz da gratidão. "Recomendo-lhe de todo meu coração, minha irmã, que sendo jovem e sozinha em meio a tanta gente, poderia se achar exposta..." Desde o primeiro dia tinha encontrado no seu escritório um bilhetinho rabiscado a lápis, sem nome. Uma declaração cega de simpatia , com a expressão de uma vaga esperança de que *ele* reconheceria o rosto *dela* em meio a todos os outros, *pelo sentimento*, mas que por caridade não dissesse nada e perdoasse a imprudência. *Amor, alma do mundo*[73]*.* Esta era a grande ocupação naquelas longas viagens transatlânticas. Ou por causa do ócio, que deixava livres demais as fantasias já excitadas pelas muitas emoções dos dias anteriores, ou por um influxo fisiológico especial da atmosfera marinha, associado a uma tendência insólita à ternura,

[73]Alusão ao soneto 444 do livro I das *Rimas,* de Torquato Tasso.

nascida do sentimento de solidão, o fato era que, disse-me o Comissário, a "população" do navio lhe dava o que pensar e o que fazer principalmente com relação àquele tema ali, e que aquela frase, conseqüentemente, seria a dominante na grande sinfonia que ouviria tocar durante três semanas. E encerrou sorrindo: "*Se eu soubesse escrever um livro!*"

No entanto, nos primeiros dias, chamou-me muito mais a atenção o espetáculo da arca do que o dos animais. Acredito que ocorre o mesmo com qualquer pessoa que viaja pela primeira vez num daqueles colossos que fazem a troca do ouro e do sangue entre os mundos. A princípio, confunde nossa cabeça aquele labirinto de passagens, de cantos, de vãos, e naquele vaivém do pessoal da tripulação, com incumbências e roupas diferentes, que se desentocam e se entocam continuamente numa quantidade de portinhas, superpostas, semelhantes àquelas de uma cadeia ou de um ministério. Não parece possível que seja necessária tanta complicação da arquitetura e de serviços para administrar e levar para frente aquela barcaça. Mas depois, quando se começa a compreender, então é admirável a perfeição à qual se chegou pouco a pouco o engenho humano na arte de apertar, de sobrepor, de encaixar, um e outro, todos aqueles esconderijos de escritórios, armazéns, quartos de dormir, de instalações de todo tipo, em cada uma se vê, passando, alguém que escreve, costura, empasta, cozinha, lava, martela, como se tivesse sido implantado ali, com um espaço suficiente apenas para virar-se, como um grilo no buraco, e que no entanto, parece confortável, como se tivesse nascido e vivido sempre lá dentro, suspenso entre o o céu e o mar. A máquina imensa que move tudo é o núcleo, e a popa e a proa são como os subúrbios daquela espécie de cidade forte, chamada *castelo central,* formada pelos dormitórios da segunda classe, pelas cabines dos oficiais, dos maquinistas, do médico e dos cozinheiros, pelos fornos, pela cozinha, pelos banheiros, pela confeitaria, pela caldeira, pelos depósitos de víveres, pela lavanderia, pelos faróis, pelo correio. Esta cidade, percorrida por duas ruas laterais compridas, era um atropelo e um barulho só. Impregnada do cheiro de carvão, de óleo, de alcatrão e de fritura, coberta por um terraço muito amplo, como se fosse uma praça

suspensa, à qual a haste enorme do mastro e duas gigantescas chaminés erguidas entre grandes bombas de ar e as altas gruas dos botes salva-vidas, e no fundo, o painel de comando, com o seu pequeno mirante alto e comprido, dão um aspecto monumental estranhíssimo, que desperta a fantasia como se fosse a imagem de uma cidade misteriosa. Neste terraço, ocupado em grande parte por passageiros da terceira classe, um pedaço de Arca de Noé abrange toda a proa, uma outra praça ampla, repleta de passageiros, onde se encontram, ao longo das duas laterais, estábulos de bois e cavalos, gaiolas de pombos e galinhas, engradados com carneiros e coelhos. No fundo, a pia a vapor e o matadouro, de cá torneiras com água doce e pias com água do mar. No meio a casinha do refeitório e a escotilha dos dormitórios femininos, fechada por uma bizarra superposição de tetos de vidro, que servem de bancos para as mulheres, e acima tudo o traquete, que desenha no céu com seus cordames e escadas pretas. Por último se ergue o castelo da proa, que recobre os dormitórios dos marinheiros, a fábrica de gelo e o hospital, formando uma outra pracinha que acaba na ponta, onde uma outra multidão se comprime entre guinchos, abitas, o molinete e as grandes correntes das âncoras e outras escotilhas e outras bombas de ar, com se estivesse sobre o bastião de uma fortaleza estendida, de onde a extremidade oposta do navio, com o seu amplo convés, repleto de sombras de tendas e com mulheres espalhadas, fica pequena, confusa, longínqua, parecendo quase inacreditável que faça parte do mesmo corpo. Estas são as partes exteriores do colosso. Embaixo abisma-se[74] um outro mundo, desconhecido para os passageiros. Depósitos de carvão sem fim, torrentes de água doce, provisões de víveres para uma cidade assediada, depósitos enormes de cabos, velas, roldanas, tubos de descargas, um labirinto interminável de vãos penumbrosos lotados de bagagem, corredores pelos quais não pode passar de tão curvos, escadinhas que se perdem nas trevas, recintos profundos e úmidos aos quais não se chega nem mesmo o ruído da multidão que se agita acima, e onde alguém acreditaria que estivesse sepultado nos subterrâneos rochosos de uma fortaleza, se o tremor das

[74] No original, *vaneggia*, com o sentido empregado por Dante no *Inferno: Vaneggia un pozzo assai largo e profondo.* (n.d.e.)

paredes não nos avisasse que tudo ao redor uma vida imensa vibra, e que a construção é frágil e prossegue.

Assim, observando parte por parte o *Galileo*, e folheando os passaportes com o Comissário, passei os primeiros três dias. Do Golfo de Leão em diante o tempo ficou muito bom, mas chegando ao estreito de Gibraltar no quarto dia, encontramos uma névoa espessa que não deixou ver nem a roca, nem a costa da Espanha, nem a da África, o que tornou difícil a nossa passagem. Não pelo motivo que deixava muitas mulheres da terceira classe inquietas. Disse-me o Comissário que elas imaginavam que o navio tivesse que se enfiar numa espécie de canal estrangulado entre as rochas, onde não poderia passar a não ser raspando-se, correndo o risco de se espatifar, como os barcos quando passam pela abertura da gruta azul de Capri. Não por isso, mas por causa da névoa, e do grande número de navios que se encontram lá, naquele vestíbulo do oceano, onde os dois continentes quase se beijam, era muito fácil atracar-se, o que podia nos mandar todos para o fundo, sem nos dar tempo de rezar o ato de contrição. Portanto, foi necessário proceder com uma cautela muito grande. Então se viu uma cena admirável, da qual se poderia extrair um grande quadro, intitulado em genovês: *A tremedeira*[75], solene e cômico ao mesmo tempo. O *Galileo* antes ia muito lentamente dentro da névoa densa, que impedia a visão de todos os lados, a uma pequena distância do bordo. Todos os oficiais estavam em alerta. O Comandante, ereto sobre o painel de comando, dava ordens e mais ordens, de virar para um lado e para outro. A máquina a vapor emitia a todo momento a sua voz de alarme, uma espécie de grito rouco e lamentoso, como o anúncio de uma desgraça. à direita, à esquerda, na frente e atrás, respondiam outros sons roucos e sinistros de navios invisíveis, alguns tão distantes que pareciam rugidos de leões da África, outros muito próximos como se fosse de navios que estivessem a ponto de investir contra nós. Outros raros e fracos, outros densos e agitados como se fosse gritos humanos simultâneos de ameaça e súplica. A cada som, todos os mil e seiscentos passageiros, apinhados e hirtos no convés, viravam-se vigorosamente para o lado

[75] *A furffetta*

de onde o som vinha, com os olhos arregalados, prendendo a respiração. Muitos corriam para aquela direção, dando um ar de curiosidade ao medo, mas com a cara feia, como se esperasse ver aparecer a proa de um colosso vindo sobre nós. Não se ouvia nenhuma voz naquela multidão, não se via nenhum rosto sorrindo. Instintivamente as famílias se apertavam, muitos iam se aglomerando próximo aos botes salva-vidas suspensos, outros olhando de soslaio para as bóias penduradas aqui e ali, todos voltavam alternadamente os olhos para o comandante, como se fosse a imagem de um santo protetor, e para adiante, para aquela névoa agourenta, que podia esconder a morte. Apenas um parecia indiferente sobre o convés da popa, e era o meu vizinho de mesa, o advogado, sentado de costas para o mar, lendo. Já estava para admirar o seu heroísmo; mas imediatamente me desenganei, observando que o livro dançava nas suas mãos a dança mais alegre que possa dançar um copo de aguardente barata[76] na mão de um beberrão inveterado. Aquela música fúnebre de sinais durou mais de uma hora e, com ela também o silêncio medroso a bordo. Aquele andar lento do navio, como se fosse um explorador que avançava para embocar uma frota inimiga. Uma hora eterna. Enfim, ouviram-se apenas alguns sons distantes, o navio começou a andar mais rápido, e o comandante, descendo da cabine com o lenço na fronte, deu o sinal da libertação. Passávamos então próximo do Cabo Spartel, e o *Galileo* fazia a sua entrada no Atlântico, em meio a um bando de golfinhos saltitante, cumprimentados pelos emigrantes com um concerto de gritos e assobios.

Quase de repente, a névoa se esvaiu, e à esquerda surgiu a costa da África. Uma cadeia de montes distantes, de uma clareza cristalina. O Atlântico nos embalava com as suas ondas longas e plácidas, semelhantes a imensos tapetes azuis, com franjas prateadas, balançados por milhares de mãos invisíveis, uns atrás dos outros, sem parar. Através deles, o *Galileo*, ao passar, distendia uma cauda de renda branca. O novo mar não era diferente daquele de onde saímos. No entanto, dava-nos vontade de erguer a fronte como se o espírito estivesse mais livre e os olhos pudessem ver mais longe; de beber o ar em longas aspirações, com um

[76] No original: *zozza.* Bebida pobre do sul da Itália a base de vinagre e açúcar.

sentimento novo de prazer, como se ele já nos trouxesse os perfumes poderosos das grandes florestas da América Latina, para a qual voltava-se diretamente o nosso pensamento num vôo de seis mil milhas. O céu estava muito limpo, e descia no horizonte uma fatia branca de lua, quase sumida na suavidade do azul. Parecia que o mar, que a maior parte de nós pensara até então com inquietação, nos dissesse: “Venham, sou imenso, mas bom.”

4. Na proa e na popa

Dois dias depois se podia dizer que tudo estava em ordem na proa e eu comecei as minhas observações. Quando subi à cabine de comando, pouco depois das oito, hora do café da manhã, a proa tinha aspecto de um mercado rural e de um acampamento de ciganos, que tinham desmontado as barracas. Cada um dos grupos de emigrantes tinha ocupado o seu lugar, onde passava a maior parte do dia, e os lugares ocupados, por tradição, eram respeitados por todos. Onde quer que se pudesse sentar sem atrapalhar a passagem, em todos os cantinhos formados pelos montes de cordames e de feno, ou de mercadorias amontoadas na parte superior do casco, plantava-se como uma ninhada de gatos, um pequeno grupo de conhecidos ou uma pequena família, com suas cadeiras, cobertas ou travesseiros. Alguns estavam tão bem alojados que seria possível passar diante dez vezes sem descobri-los, uma vez que a pobre gente se adapta a todos os vãos como água. Uma parte dos passageiros molhava ainda as bolachas no café preto com as gamelas de lata sobre os joelhos. Alguns lavavam as suas vasilhas nas pias, ou distribuíam a água doce para o *rancho* com os chamados bidões, que tinham a forma de cones cortados, pintados de vermelho e verde. Os outros estavam acocorados junto aos parapeitos, em posições típicas dos camponeses, acostumados a descansar no chão, ou passeavam com as mãos nos bolsos, como no domingo na praça do vilarejo. Enquanto as mulheres, com o cabelo solto sobre os ombros, penteavam-se diante de espelhinhos de vinte centímetros, ajeitavam os meninos trocando escovas, sabões, toalhas, amamentavam as crianças, remendavam roupas e lavavam lenços em quatro gotas de água, todas

atarefadas, visivelmente angustiadas por causa do espaço estreito e da falta de mil coisas. Entre a multidão apinhada e preta viam-se circular grandes chapéus azuis de *cafoni,* coletes verdes de mulheres calabresas, largos chapéus de feltro de camponeses do norte da Itália, toucas de montanheses, barretes vermelhos, *italianinhos,* arquinhos de pontas de camponesinhas de Brianza, cabeças brancas de velhos, cabeleiras pretas e selvagens, e uma variedade admirável de rostos cansados, tristes, sorridentes, atônitos, sinistros. Muitos deles faziam realmente acreditar que a emigração leva embora do país os germes de muitos delitos.

Mas estando o mar tranqüilo e o ar límpido e fresco, muitos estavam alegres. Podia-se notar que, passada a agitação da partida, na qual estavam absortos todos os pensamentos, o eterno feminino já retomara o seu eterno império ali também, e mais que tudo por causa da escassez, já havia aumentado seu valor, como na América. Poucos homens estavam virados para o mar. Muitos comentavam sobre as passageiras. Os jovens, sentados sobre os parapeitos, com uma perna pendurada para fora e o cabelo amarrado na nuca, tomavam certas atitudes galhardas de marinheiro, falando grosso e modulando o riso para chamar a atenção. Quase todos olhavam na direção da escotilha do dormitório feminino, onde estavam recolhidas, como sobre um palco, muitas jovens bem penteadas, com fitinhas no cabelo, vestidos claros, lenços vistosos, amarados com elegância. Parecia ser a ala das pretendentes do belo sexo da terceira classe. Entre estas sobressaía uma bonita mulherzinha, uma camponesa de Capracotta, com um rostinho regular e doce de Nossa Senhora (mal lavada), que usava um lenço maravilhoso no peito, todo púrpura de rosas e de cravos, que aos olhos pareciam verdadeiros e flamejantes. Notei duas moças, uma morena e outra ruiva, dois graciosos rostos atrevidos, com uma certa astúcia camponesa, que discorriam com grande animação, dando de tempos em tempos risadas estridentes, após terem encarado ora um, ora outro, como se passassem revista dos tipos ridículos da “emigração”. O Comissário, aparecendo enquanto eu as observava, disse-me que eram lombardas, pretensas coristas, duas diabinhas que prometiam dar-lhe muitos aborrecimentos durante a viagem. Como eu não entendia a que tipo de

aborrecimentos ele quisesse se referir, ele me revelou uma das maiores pragas da vida a bordo, naquelas multidões de emigrantes: o ciúme das mulheres casadas. Uma coisa tremenda! As esposas honestas com as crianças no colo odiavam aquelas aventureiras impudicas que chamavam a atenção e enfeitiçavam os seus maridos desocupados, aproveitando daquela confusão de gente. Disso nasciam brigas furiosas nas quais cabia a ele ser o conciliador. Ah! Eu ouviria falar destas mais tarde. Desgraçadamente havia uma dúzia delas naquela travessia, que pareciam ter se juntado para suas proezas. Apontou-me uma outra moça gordíssima, uma espécie de atração de circo, sentada atrás daquelas duas, com a cabeça erguida, vestida de preto, uma cara de leoa, morena, não era feia, mas Deus nos livre. Tinha uma esperteza especial, a soberba, o capricho de se sobressair e de se fazer desejar ostentando um desprezo de princesa por quem quer que fosse, de um pudor muitíssimo delicado, temerosa de ser profanada pelos hálitos. Ameaçava todos dizendo que tinha um parente jornalista em Montevidéu, que fazia o Governo tremer. Já na primeira noite fora falar com ele pedindo justiça contra um camponês que, passando próximo a ela, esbarrar na sua bolsa de couro grande que levava tiracolo. Indagada no meio da conversa por que ia para a América, respondera com altivez: "Para espairecer!"

Bem, aquela era uma falsa emigrante, mas havia também os emigrantes verdadeiros. O Comissário, após ter procurado um pouco com os olhos, apontou-me algumas famílias, pessoas sozinhas, encantoadas, na medida do possível, fora da multidão, que pelo comportamento, pelos roupas surradas, mas de tecido e de corte senhoril, mostravam ter sido obrigadas a partir para a América devido a uma reviravolta inesperada da sorte, que lhes tinha atirado da riqueza à miséria, sem dinheiro suficiente nem para comprar uma passagem de segunda classe. Havia entre os outros, um casal, com uma menina de cerca de dez anos. Estavam de pé, separados, próximos ao estábulo dos bois, com uma expressão de constrangimento de quem não ousa se sentar. Todos os dois com cerca de quarenta anos, aspecto macilento e muito tristes. Eram negociantes. A mulher, alta e magra, com os olhos vermelhos, que parecia saída havia pouco de uma

doença, passara o primeiro dia inteiro no dormitório, em meio às camponesas, chorando sobre a cabeça da filha, sem comer. “Misérias!” disse o Comissário. “Existe em toda a parte, mas no mar parecem mais tristes.”

Enquanto isso, olhando para baixo, exatamente abaixo da cabine de comando, eu fizera uma descoberta maravilhosa, uma das mais belas figuras que já tinha visto, no mar ou na terra, vivas, pintadas, ou esculpidas, desde o primeiro dia em que rodava pelo mundo. O Comissário disse-me que era uma genovesa. Sentada sobre um banquinho, próximo a um velho que parecia seu pai, sentado sobre o assoalho, lavava o rosto de um garotinho em pé, que tinha jeito de ser seu irmão. Era uma moça grande, loira, com um rosto oval de uma regularidade e pureza de traços angelicais, olhos grandes e claros, muito branca, perfeita de corpo, com exceção das mãos, um pouco compridas demais, vestida com um casaquinho branco esvoaçante e uma sainha azul, que parecia conter duas coxas de mármore. Pela roupa, ainda que muito limpa, via-se que era pobre e tinha uma dignidade fidalga, mas misturada a uma aparência tão ingênua, a uma graça tão singela de gestos e de movimentos, que não destoava da humildade da sua condição. Dava a impressão de uma menina de dez anos que tivesse crescido em poucos dias. Muitos passageiros, ao redor, encaravam-na e outros, passando, viravam-se para dar-lhe uma olhada. Mas durante todo o tempo que ficamos olhando para ela, não olhou uma vez sequer em volta, nunca deu o menor sinal de que a admiravam, e o seu rosto manteve uma tranqüilidade quase imóvel, tão transparente, diria, quase a ponto de tornar impossível mesmo a mais vaga suspeita de que aquela atitude fosse um artifício. Era tão diferente em tudo da multidão em volta, que parecia sozinha em meio a um espaço livre, ainda que as pessoas a apertassem de todos dos lados. De que forma se encontrava lá aquele *milagre gentil*[77]*?* A sua fama já devia ser grande a bordo, porque num dado momento vimos aparecer na janelinha, e olhá-la com ar de admirador habitual, ninguém menos que o cozinheiro da terceira classe, com um grande chapéu

[77] A expressão remete aos poetas do Doce Estilo Novo, em especial à *Vida Nova* de Dante.

branco, um carão vermelho e sério, de uma extraordinária soberba, sobre o qual era visível a consciência de ser para os emigrantes o personagem mais importante do navio, reverenciado, temido, cortejado como um imperador. “Este aí também”, disse indicando com a cabeça o Comissário, “sem querer, me dará preocupação”, prevendo uma viagem celerada.

Mas se algumas coisas podiam fazer rir, no conjunto, o espetáculo era de apertar a alma. Claro, naquele grande número, haveria muitos que poderiam viver honestamente na pátria, e que emigravam apenas para sair da mediocridade, à qual tinham razão em não se conforma. Mas muitos outros, deixando em casa dívidas dolosas e a reputação perdida, não iam para a América para trabalhar, mas para ver se lá o clima era melhor para o ócio e para a canalhice. A maior parte, era preciso reconhecer, eram pessoas obrigadas a emigrar pela fome, após terem se debatido inutilmente, durante anos, sob as garras da miséria. Havia muitos daqueles trabalhadores volantes do Vercellese que, com mulher e filhos, matando-se de trabalhar, não conseguem ganhar quinhentas liras por ano, quando encontram trabalho. Aqueles camponeses do Mantovano que, nos meses frios, vão para a outra margem do Pó para colher angélicas pretas, com as quais, fervidas na água não se sustentam, mas conseguem não morrer durante o inverno. Aqueles debulhadores de arroz do sul da Lombardia que por uma lira por dia suam horas e horas, castigados pelo sol, com febre nos ossos, na água lamacenta que os envenena, para viver de polenta, de pão mofado e de gordura rançosa. Havia também aqueles camponeses do Pavese que, para vestir-se e prover-se de instrumentos para o trabalho, hipotecam os próprios braços, e não podendo trabalhar tanto para pagar a dívida, renovam o arrendamento ao final de cada ano em condições ainda piores, reduzindo-se a uma escravidão faminta e sem esperança, da qual não têm outra saída a não ser a fuga ou a morte. Havia muitos daqueles calabreses que vivem de um pão de lentilhas silvestre, semelhantes a um emplasto de serragem e de lodo, e que nos anos ruins comem os matos dos campos, cozidos sem sal, ou devoram as pontas cruas de leguminosas para ração, como o gado, e daqueles lavradores da Basilicata, que

fazem cinco ou seis milhas todo dia para irem ao local de trabalho, levando as ferramentas nas costas, e dormem com o porco e com o burro no chão nu, em horríveis casebres sem aquecimento, iluminados com lenha resinosa, não provando um pedaço de carne durante todo o ano, a não ser quando morre por acidente um dos seus animais. Havia também muitos daqueles pobres comedores de *panrozzo* e de *acqua-sale*[78], da Puglia, que com a metade de um pão e quinhentas liras por ano têm que manter a família na cidade, longe deles, e no campo onde se destroncam, dormem sobre sacos de palha, dentro de ninhos escavados, entre as de um quarto horrível, onde chove e venta. Havia também um bom número daqueles vários milhões de pequenos proprietários de terra submetidos a um peso de impostos único no mundo numa condição mais infeliz do que aquela dos proletários, moradores de casebres dos quais muitos destes fugiriam, e tão miseráveis, que "não poderiam nem mesmo viver de maneira higiênica, quando eram obrigados por lei." Todos aqueles não emigravam por espírito de aventura. Para se certificar bastava ver quantos corpos de sólida ossatura havia naquela multidão, aos quais as privações tinham arrancado a carne, e quantos rostos orgulhosos diziam ter combatido e sangrado longamente antes deixar o campo de batalha. Para diminuir a piedade, não adiantava nem mesmo referir-se à antiga acusação de moleza e indolência lançada pelos estrangeiros aos cultivadores da terra italiana. Acusação caída por terra havia tempo diante da solene verdade, proclamada pelos próprios estrangeiros, tanto sob o sol do meio-dia quanto nos pólos eles *suam tanto sobre a gleba que mais seria impossível mais*, e mais que proclamada, provada pelos cem países que os chamam e os preferem. Devia-se a eles uma piedade absoluta e profunda. Dava mais pena pensar em quantos deles já tinham no bolso contratos que os levaria à ruína, feitos com os intermediadores que farejam o desespero nas cabanas, e o compram. Quantos seriam apanhados na chegada por enganadores de forma tirânica durante anos. Quantos talvez levassem já no corpo, há muito tempo mal nutrido e enfraquecido pelos esforços, o germe de uma doença que os mataria no novo mundo. Eu ruminava as razões remotas e complexas daquela miséria, diante

[78] Pratos pobres típicos da cozinha da Puglia.

da qual, como disse um ministro, “nos encontramos igualmente angustiados e impotentes”, diante do empobrecimento progressivo do solo, da agricultura deixada de lado por causa da revolução, dos impostos aumentados pela necessidade política, das heranças do passado, da concorrência estrangeira, da malária. Contra a minha vontade, ecoavam na minha cabeça, como um refrão, aquelas palavras de Giordani[79]: o nosso país será bendito quando se recordar que os camponeses também são homens. Não podia tirar do coração que a maldade e o egoísmo humano também tinham uma grande parte de culpa, naquela miséria. Tantos proprietários de terra indolentes para os quais o campo não é senão uma diversão despreocupada de poucos dias e a vida infeliz dos trabalhadores, uma querela convencional de humanitários utópicos. Tantos arrendatários sem escrúpulo nem consciência, tantos agiotas sem coração nem lei, catervas de empresários e traficantes, que querem levar vantagem em todos os contratos, não sacrificando nada, passando por cima de tudo, e cuja fortuna não se deve a outra coisa a não ser a uma incansável sucessão de mesquinharias, durezas, pequenos latrocínios e pequenos enganos, migalhas de pão e centavos disputados por todos os lados, ao longo de trinta anos, com quem não tem o suficiente para comer. Depois me vinham à cabeça mil outros que, tapando os ouvidos com algodão, esfregam as mãos e cantarolam. Pensava que havia algo pior do que explorar a miséria e desprezá-la. É negar que ela existe, enquanto ela grita e soluça à porta.

Gostaria de descer em meio àquela gente e de falar com alguém, mas me pareceu melhor esperar um dia em que houvesse menos gente. Para me livrar dos pensamentos incômodos, fui passar uma hora na *pracinha*, um espaço que ficava do lado esquerdo do navio, entre o castelo central e o convés da popa, que chamavam de pracinha porque, abrindo-se ali as portas do salão, da sala de fumar e da dispensa, formavam-se, a todo momento, grupos de passageiros, e sendo o lugar protegido dos ventos alísios que sopravam na popa, algumas mulheres iam para lá para bordar ou ler. De fato, as cabines de um lado, parecidas com

[79] Pietro Giordani (1774-1848) escritor eclético e fecundo que tentou conciliar idéias clássica e progressistas e foi modelo para o primeiro Leopardi. Deixou 14 volumes de suas *Opere* publicados postumamente entre 1854 e 1863.

casinhas móveis de um cenário, com as suas janelas de persianas, e a passagem coberta que desembocava, como uma rua pública, davam-lhe um certo ar de pracinha de palco de teatro. Iam para lá para ver o percurso já feito e os graus de longitude e latitude, escritos numa pequena lousa pendurada na porta da sala. Normalmente iam para lá os oficiais para medir a altura do sol e lá chegavam as primeiras notícias da pequena crônica diária. Era um cantinho onde se fumava charuto com prazer, como diante de um café, com uma certa ilusão de estar em terra firme e de se fazer vida de cidade. Algumas vezes caía uma esguichada de água de repente, que molhava os bordados e os livros das mulheres e elas fugiam, mas pouco depois retornavam. Lá, nos primeiros dias, a maior parte dos passageiros tinha feito amizade entre si.

Quando cheguei ali, naquela manhã, um passageiro no qual não eu quase não prestara atenção até então, apresentou-se a mim sozinho com uma desenvoltura simpática. Ele seria depois a minha companhia mais agradável até o fim daquela viagem. Era um torinês, agente de um banco de Gênova, que ia para a Argentina quase todo ano. Um daqueles homens que se é possível conhecer a fundo em uma hora. Uma figura com um humor brilhante, bem vestido, com cabelo branco e bigode preto, com um rosto sério que fazia rir, olhos de aprendiz, uma cabeça cheia de patranhas, um bom humor inalterado, um modo de falar muito fácil, ligeiramente toscano, mas sem afetação, atormentado por uma curiosidade de comadre, não se ocupando de outra coisa a não ser das pessoas que estavam ao seu redor. Atento e perseverante como um velho policial perguntando e descobrindo os fatos de todos, e muito hábil para encontrar material para a diversão, própria e dos outros, sem nunca provocar a desconfiança de ninguém. Ele conhecia vida e obra de muitos passageiros, com os quais já fizera uma ou duas vezes a travessia do oceano. Após dez minutos de conversa começou a perguntar-me familiarmente, indicando um e outro: “Sabe quem é aquele lá?” Sabe quem é aquela mulher?” Mas não pude dar-lhe atenção imediatamente porque um outro personagem despertou meu interesse. Um tipo de uma raça curiosa, que ainda não conhecia.

Era o moleiro, que maldizia a Itália, movendo-se em meio a um círculo de passageiros, orgulhoso de sua barriga recém-adquirida, como se fosse um sinal de fidalguia. Vestia-se como um administrador abastado, e tinha um grande anel de ouro na mão direita. Olhar falso, nariz petulante, boca vaidosa. Pelo seu rosto e pelo seu discurso, adivinhava-se um antigo emigrante desarraigado que, tendo enriquecido mas permanecendo ignorante, acredita, quando retorna à sua terra, não ter o que mostrar a não ser a bolsa. Ao falar de lugares e coisas distantes, faz-se passar por doutor diante de uma farmácia, despejando bravatas e mentiras, para se eleger vereador e nomear prefeito, montando no pescoço dos seus conterrâneos, que ele considera tolos porque não deixaram suas casas. Ele certamente sofrera uma desilusão e seu amor próprio tinha sido escaldado, o que ainda lhe devia queimar orgulhosamente, sob a jovialidade grosseira que ostentava. Ele dizia que bastaram-lhe três meses para convencê-lo que o ar da sua terra não servia para ele. Após vinte anos acreditava que encontraria uma *transformação,* um progresso. No entanto havia encontrado as mesma idéias, os mesmos velhos preconceitos, a vida mesquinha e malditos esfarrapados! Cem cães em volta de um osso, e quando havia um osso nenhuma iniciativa nos negócios. Todas as coisas se arrastando com pés de chumbo, em meio a mil empecilhos, uma desconfiança de corruptos avaros, uma falta absoluta de *caballerosidad*. Dizendo isso, lançava olhares atravessados para os italianos que estavam próximos a ele, como se tivesse prazer em feri-los no orgulho nacional. Mas era preciso ouvir que vocabulário usava. Era o primeiro modelo que eu ouvia da estranha língua falada pela nossa gente do povo após muitos anos de permanência na Argentina, onde, misturados aos *filhos da terra*, e os concidadãos de várias partes da Itália, quase todos perdem um pouco do italiano, para misturar depois italiano e dialeto com a língua local, colocando desinências vernáculas em raízes espanholas, e vice-versa, traduzindo literalmente frases próprias das duas línguas, que, na tradução, mudam de significado ou não conservam nenhum, pulando quatro vezes, ao longo de um período, de uma língua para outra, como se estivessem delirando. Espantado, eu os ouvi dizer *si precisa di molta plata* no

lugar de “é preciso muito dinheiro”, *guastar capitali* no lugar de “gastar capitais”, *son salito con un carigo di trigo* no lugar de “parti com uma carga de farinha”. Neste gíria horrível continuava a falar mal da Câmara dos Deputados, do governo *atrasado*, do povo de *mendigos,* e até dos monumentos de arte, dizendo que, ao passar por Milão, havia achado a catedral muito menor de quanto imaginara. Dizia maravilhas, no entanto, das planícies americanas, fazendo um gesto largo e ridículo de um interiorano bêbado. Mas depois recaía sempre sobre a Itália com uma intercalação que devia ter tirado das cronicazinhas dos jornais de província: “Idade média, idade média.”

O agente de câmbio que estava ouvindo comigo, rindo na cara dele, e que tinha experiência daquela raça de patriotas, disse-me que, quando estavam na América, jogavam o jogo oposto, ou seja, reclamavam de tudo, incitando o próprio orgulho da pátria distante, em relação à qual julgavam incivil, ignorante, desonesto o país do qual eram hóspedes, no qual haviam feito fortuna. Mas do nada, mudou o rumo da conversa para dizer-me que tinha descoberto um tipo originalíssimo na tripulação, um velho marinheiro corcunda, responsável pela vigilância dos dormitórios das mulheres. Trabalho delicadíssimo, que requeria do empregado não apenas a garantia absoluta de uma idade arquimadura, como também a completa ausência de qualquer atributo estético, que pudesse tocar o coração feminino. Este pequeno corcunda de cabelo e barba branca, que devia separar os dois sexos de noite, e tomar conta para que de noite nenhuma mulher saísse dos dormitórios, era uma mistura bizarra de filósofo e de bufão que emitia julgamentos contínuos sobre as mulheres, tormento de sua vida, com a solenidade de um pregador e algumas vezes com expressões tão difíceis, que não se entendia de forma alguma o que ele queria dizer. Eu deveria interrogá-lo, porque me divertiria infinitamente. “ E aquele outro”, perguntou-me, “já reparou?” E apontou o belo camareiro cheio de brilhantina da primeira classe que passava com uma bandeja na mão, pousando o olhar lânguido sobre as mulheres. Aquele era uma espécie

de Ruy Blas[80] do mar, que olhava para cima, estudando todos os modos para dar a entender que fortunas miraculosas e misteriosas o recompensavam a bordo da humildade de sua condição social. Enquanto isso, comportava-se como sultão entre as suas camareiras, uma genovesa de carnes moles e uma veneta fresca, que devoravam se o fígado de ciúmes e se ofendiam todas as manhãs nos corredores, com a touca atravessada e as mãos nas cinturas, deixando as mulheres tocando as campainhas.

Naquele momento passou na nossa frente um passageiro, o genovês que à mesa sentava-se à direita do comandante, um gorducho honesto de cinqüenta anos, com um olho só e uma barba de pêlo de escova. Passando, fez um gesto com a mão para o agente que não compreendi. Depois subi ao castelo da popa. Perguntei o que aquele gesto queria dizer. “Quer dizer”, me respondeu o agente, que para comer haverá macarrão como molho de tomate. E me fez um esboço do retrato daquele senhor. Era um negociante bem sucedido, estabelecido em Buenos Aires, “um infeliz como não se encontram tantos, que, mesmo gozando a bordo de uma ótima saúde, não podem nem discorrer, nem ler, nem pensar, e ficam incrivelmente aborrecidos, um aborrecimento que os desanima, tortura e mata.” Aquele lá para se animar um pouco, dedicou-se à gastronomia, para a qual tinha uma inclinação natural. Fizera amizade com o cozinheiro, era o primeiro a saber de manhã o que se comeria à noite, e espalhava a notícia. Entrava vinte vezes por dia na cozinha, via despenar os frangos, conversava com os ajudantes de cozinha, visitava os fornos, conversava com o confeiteiro e com o gerente de proa, descia aos depósitos dos víveres, bebia dez copos de *vermouth* até chegar a hora de comer, e falava pouco, mas não de outra coisa a não ser de comilança, e quando não se ocupava disso, ficava horas em seu leito, com as mãos cruzadas atrás da nuca, com os olhos vidrados como um hipnotizado, bocejando como um leão, bocejos enormes e tristes, um após o outro, sem interrupção, fazendo pensar

[80] Protagonista do drama homônimo de Vitor Hugo, em cinco atos, encenado pela primeira vez em 1838.

(admitida a crença de não sei qual povo, de que a cada bocejo do homem sai da boca a alma de um antepassado)que ele já tinha exalado até a alma do pai Adão.

“Conhece outros?” perguntei. “Como não?!” (*Y como noo*?!Retrucou em típico argentino cantado que de que todos os italianos se apropriam.Mas desta vez tratando-se de pessoas muito próximas a nós, abaixou a voz, e me disse ao ouvido para olhar para a esquina da pracinha, à esquerda. Entre as mulheres, havia uma de quarenta anos, de olhos grandes e perscrutadores, pálida, vestida elegantemente. Um rosto singular, que visto um pouco de longe, quando sorria mostrando os belos dentes brancos, parecia bonito e bom, e agradava, mas ao se aproximar, viam-se traços duros, como se saltassem para fora. Pequenas rugas más, e uma daquelas bocas amargas de ambiciosos desiludidos e invejosos, que revelam o hábito de uma maledicência sem piedade. Próximo a ela estava sentada uma moça sequinha, que aparentava uns quinze anos, uma loura desbotada, com vestido curto. Um rosto que não dizia nada, inclinado sobre o bordado. A mulher lia um livro, mas erguendo o olhar curioso e agudo a cada passo, a cada palavra que ouvia à sua volta, próximo ou longe. Eram mãe e filha, disse-me o agente. Tinham feito a viagem com ele no ano anterior no *Fulmin.* A mãe tinha levado a filha para aperfeiçoar-se em piano na Alemanha. Nascidas na Itália, de origem espanhola, estabelecidas na Argentina. A mãe tinha uma língua de tenaz, capaz de fazer nascer um motim num navio, corroída de tal modo pelo ciúme de molambos, que cada novo vestido de mulher que aparecia a bordo, era como um golpe de navalha na carne. “E o que acha da filha?” Eu não achava nada. Um jeito de aluna educada mal, sem sangue no corpo, brincando ainda com bonecas. “Ah! Como está enganado!” exclamou o agente, “desculpe-me”, e me puxou do pracinha para falar com mais liberdade. Aquela pedante, pela qual ninguém dava nada, era um verdadeiro caso psiquiátrico, a ser estudado pelos alienistas. Na viagem do ano anterior, no *Fulmine*, havia um dos oficiais de bordo, seu amigo, um belo jovem, que conversara algumas vezes com a mãe, e que durante toda a viagem não havia trocado mais que vinte palavras com aquela brasa coberta de cinza feiosa, que o olhava com a mais tranqüila indiferença. Pois

bem, ali dentro havia se acendido um daqueles amores violentos que ardem apenas a bordo, no silêncio da cabine, em meio à solidão do mar, onde, às vezes, algumas almas se agarram a outras almas com a veemência com que se enleiam os náufragos nas tábuas que bóiam. Assim que desembarcaram em Gênova, a senhora e a moça partiram para a Alemanha. O oficial recebeu no dia seguinte uma carta de oito páginas cheias de paixão tão arrebatadora, de frases tão ardentes, e que frases! Súplicas de amor de dar frêmitos, um audacioso *tu* a linha, cascatas de adjetivos insensatos, palavras que eram mordidas, beijos e soluços, uma linguagem incrível e irrepetível, - e aos treze anos!- misturados a esta exuberância, muitos despropósitos gramaticais e ortográficos, e, no meio de duas folhas... fios de cabelo. Olhando-me fixamente, acrescentou: “Fio de cabelo. Mas Deus sabe on-de es-ta-va com a ca-be-ça quando os cortou! Entendeu?” E observação: uma carta sem endereço para resposta, uma carta sem segundas intenções, portanto, apenas um desabafo irrefreável da alma e do corpo torturados por vinte dias de silêncio e fingimento. Eu tornei a olhar a moça, e me escapou: “É impossível!” Mas o agente fez um gesto, como se eu tivesse negado a luz do sol. Era verdade. E com isso?... Um *testemunho humano*. Isso é tudo.

Enquanto ele dizia isso, aproximou-se o garibaldino, que vinha da proa. Quando passou próximo de mim, escapou-me esta pergunta: “Esteve entre os emigrantes?” assim, por simpatia. Ele pareceu estupefato que eu lhe dirigisse a palavra e acenou que sim, parando, mas de lado, como quem quer ter uma conversa rápida. O agente, que devia adivinhar naquele senhor uma antipatia instintiva pelos homens da sua índole, retirou-se para o lado.

Perguntei: “Viu aqueles pobres camponeses?”

“Os camponeses”, respondeu lentamente, olhando o mar , “são embriões de burgueses.”

Não apreendi imediatamente ao seu conceito.

“Têm apenas o mérito”, continuou sem me olhar, “de não se mascarar com a retórica patriótica e humanitária. De resto....o mesmo egoísmo de feras domesticadas. O ventre, a bolsa. Nem mesmo o ideal de redenção da sua classe.

Cada um gostaria de ver todos mais miseráveis, desde que ele viva melhor que antes. Podem voltar os austríacos, mas se os enriquecerem, estarão com eles." E acrescentou, após uma pausa: "Façam boa viagem."

"No entanto", observei, "quando estão na América, lembram-se da pátria e a amam."

Ele apoiou-se no parapeito, voltado para o mar. Depois retrucou: "A terra, não a pátria."

"Não acredito", respondi.

Ele deu de ombros. Depois, sem preâmbulos, com tom de quem fala para livrar-se de uma vez por todas de um incômodo, mais que por necessidade de abrir-se com ele, abriu a coração com poucas palavras breves e secas. Nem mesmo ele se lamentava da pátria, enfim. Ela havia atingido um nível muito aquém do ideal pelo qual ele havia combatido. Uma Itália de oradores, mexeriqueiros, infestada ainda de toda a cortesania antiga, embriagada de vaidade, destituída de qualquer grande ideal, nem amada, nem temida por ninguém, acariciada e esbofeteada ora por um, ora por outro, como uma mulher da vida, com a força que tem apenas a paciência de um jumento. De alto a baixo via-se apenas uma podridão universal. Uma política disposta sempre a lamber a mão do mais poderoso, quem quer que ele seja. Um ceticismo atormentado pelo medo secreto do padre. Uma filantropia não inspirada por sentimentos generosos dos indivíduos, mas por temerosos interesses de classe. Nenhuma fé sólida, nem mesmo na monarquia. Dos milhões de monarquistas, incapazes de defender valentemente, diante de uma necessidade, a própria bandeira, prontos para se jogarem no chão diante do chapéu vermelho[81], assim que o virem no alto. Em todos uma paixão arrebatadora para chegar, não à glória, mas à fortuna. A educação da juventude não é voltada para outra coisa. Cada família foi transformada numa empresa sem escrúpulos, que cunharia moeda falsa para abrir caminho para os filhos. As irmãs, no mesmo caminho dos irmãos, perdem, dia após dia, em sua educação e em sua vida de mulher, toda poesia e gentileza. Enquanto a instrução popular, uma mera

[81] Berretto frigio: chapéu vermelho pontudo usado pelos franceses, com ponta dobrada para frente, símbolo da liberdade na França durante a revolução.

aparência, semeava apenas orgulho e inveja, crescia a miséria e florescia o crime. Metade dos homens que deram a vida pela redenção da Itália, se ressuscitassem, enlouqueceriam.

Dito isso, virou a cabeça para o outro lado.
“Isso não é a verdade”, disse-lhe. “Fomos nós mesmos a causa dos equívocos comuns a todos, imaginando que a libertação e a unificação da Itália teria produzido uma imediata e completa regeneração moral, e extirpado a miséria e o crime. Não podemos confrontar o estado atual com o ideal, do qual todos os povos estão igualmente mais ou menos distantes: confrontemos com o passado. Este era tão infame e horrendo, que só o fato de tê-lo deixado, de qualquer maneira, deve nos confortar de tudo.”
Não me respondeu.
Perguntei-lhe se ia para a Argentina, se tinha parentes lá. Ia para a Argentina, e não tinha ninguém lá.
Então observei pela primeira vez que tinha uma cicatriz atrás da orelha, profunda, como se fora uma ferida de bala de pistola.
Perguntei-lhe se participara da campanha de sessenta e seis, não me parecendo, pela idade, que pudesse ter participado daquela de setenta.
Participara desta também, aos dezesseis anos.
Perguntei-lhe, olhando com atenção, se tinha sido ferido.
“Nunca”, respondeu com naturalidade.
Mas, no mesmo instante, virou-se de repente, e surpreendendo-me a olhá-lo atrás da orelha, lançou-me um rápido olhar inquiridor, enquanto suas bochechas se enrubesciam levemente e pelos seus olhos passava um lampejo de ultraje. Em seguida, carrancudo, virou a cabeça olhando para o horizonte, com um gesto brusco que queria dizer claramente: “Deixe-me em paz.” Mas aquele olhar me tinha revelado um segredo da sua vida, um momento terrível, ao qual lhe conduziram longas amarguras, após uma grande mudança ocorrida pouco a pouco na sua alma, que antes devia ter sido sã e cheia de uma força fecunda como o seu belo corpo de soldado e de atleta. Nele havia morrido todo o

entusiasmo e talvez também todo sentimento, mas o ceticismo no qual havia caído, não era ignóbil, porque sofria, e amava ainda o bem no qual não tinha mais esperança. Eram ruínas, mas de um edifício de ouro. Compreendi, portanto, que não se relacionaria jamais, nem comigo nem com outra pessoa, e o deixei sozinho, olhando o mar.

Eu também fui olhá-lo do outro lado, uma vez que desde o dia da partida não se mostrar assim, todo em belas ondas alegres, que vinham macias e brilhantes, com cem tonalidades cristalinas de verde e azul, aveludadas, lisas, montadas por tufos e penachos de prata e de crinas brancas encaracoladas, e mil pequenos arco-íris brilhantes atravessando uma poeira finíssima de gotículas, sobre as quais surgiam altíssimos jatos reluzentes, que eram como gritos de alegria daquela multidão que dançava ao sol, sob as carícias do alísio. Via-se a onda se inflar quase até a parte superior do casco, e se desfazer de repente, como uma ameaça que se converte em brincadeira. Em seguida, de novo ela se erguia, como se quisesse dizer uma palavra e se assentava, como se tivesse ficado aborrecida por não poder dizê-la, e para dar lugar a outras ondas que corriam, nos olhavam e desapareciam, essas também, com o seu segredo. Poderia ficar horas contemplando aquelas cadeias montanhosas cheias de neves, aqueles vales sombrios, aquelas províncias solitárias e fantásticas, sendo formadas e dispersadas, refeitas e desempilhadas, continuamente como a superfície de um mundo pelo capricho de um Deus. Mas aquela fervura estava apenas ao nosso redor. Longe, em todo o resto ao redor, o mar estava imóvel, de um azul sorridente, e todo pontilhado de manchinhas brancas, que pareciam velas de uma frota infinita que nos acompanhava.

5. Cavalheiros e damas

Com aquele jornalzinho ambulante que era aquele agente bancário, não demorei a conhecer, mesmo sem querer, quase todos os passageiros da primeira classe. Na manhã seguinte, ele veio se sentar ao meu lado à mesa, no lugar do advogado, que não havia saído da cama. Todo dia ele conhecia uma meia dúzia de pessoas novas. Na noite anterior, havia pegado na conversa com o casalzinho, que ocupava a cabine ao lado da sua, e notando que eram muito tímidos e constrangidos diante das pessoas, decidira-se ir provocá-los um pouco. Assim que se sentou, perguntou ao marido, que se sentara de frente para ele, se havia descansado bem. Eles responderam *bem, obrigado,* com olhar inquieto. “No entanto”, disse o outro com um jeito mais natural do mundo, fixando ambos, “esta noite o mar me pareceu mais agitado.” Os vizinhos sorriram, e ambos, corados, começaram a observar os talheres com profunda atenção. Mas o agente não demonstrou ter notado, e agarrou-se logo ao fio da conversa, falando devagar e sem censura, sem, no entanto, desdenhar a cozinha do *Galileo*. O padre alto era um napolitano, estabelecido havia cerca de trinta anos na Argentina, para onde voltava após uma breve viagem à Itália, feita, dizia ele (mas era ambíguo) para ver o Papa. Ele o ouvira contar sua história uma noite. Tinha ido para a Argentina sem nada, fora pároco nas colônias agrícolas formadas havia pouco, em vários Estados da República, em terras quase desabitadas, onde ia levar a comunhão a cavalo, galopando por noites inteiras, com o Santíssimo a tiracolo e a pistola na cintura, e dizia que fora atacado muitas vezes e que se defendera com a pistola, e que havia acontecido também o caso de viajantes que, encontrando-o à luz da lua, assustados pela sua gigantesca sombra negra, haviam fugido. Percebia-se que cuidara do próprio bolso tanto quanto da alma dos outros, cobrando a preços exorbitantes para fazer casamentos e sepultamentos, tanto é verdade que se orgulhava abertamente de ter feito um bom pé-de-meia, e não falava de outra coisa a não ser de *pesos* e de *patacones*, movendo sem parar a mão como um leque, e com um sotaque de Basso porto, que trinta anos de espanhol não haviam conseguido alterar. Do tenor sabia pouco. Devia ter uma bela voz, mas algo de

gato escaldado. De resto, o pavão de sempre. Desde o primeiro dia vinha mostrando aos passageiros um jornal gasto com um artiguinho de crônica teatral, no qual estavam sublinhadas as palavras: *este artista possui a chave do coração humano*. Dizia o agente que aquela chave do coração o fazia pensar naquela da casa dos seus ouvintes, mas podia também estar enganado. Acreditava que ele estava preparando um concerto vocal e instrumental para a noite da passagem do equador. Conhecia mais a loira das meias pretas, suíça italiana, mulher de um italiano, professor, não sabia de que, em Montevidéu. Fora com ela de Gênova para a América dois anos antes. Uma criatura muito amável, boa como a chuva, um cérebro de passarinho, bonita e burra como uma porta, uma verdadeira molecona de trinta anos, na qual os homens solitários, durante uma longa viagem marítima, inspirava um sentimento de piedade amorosa e corajosa. Em dez anos, dando de vez em quando uma escapada à pátria, com o seu riso infantil e tranqüilo de sua doce piedade, ela já alegrara sete ou oito navios e gozava de uma certa celebridade simpática junto à empresa de navegação. Na viagem de dois anos antes, entre outras, havia ocorrido uma aventura cômica com um deputado argentino, que se encontrava justamente conosco, por acaso, no *Galileo*. Era um homem engraçado e amável, mas organizado e muitíssimo intolerante com a desordem em suas coisas, ocupava uma cabine sobre o convés. Agora enquanto brincava no salão ou passeava na proa, a loira e uma amiga sua tinham adquirido o hábito de colocar tudo embaixo para obrigá-lo depois a ficar louco reorganizando tudo. A brincadeira tinha dado certo muitas vezes. Mas um dia, tendo se arriscado sozinha a suiçazinha a fazer a bagunça de sempre, o argentino havia aparecido de repente e, furioso, tinha fechado a porta da cabine para obrigá-la a recolocar todas a coisas no lugar. A não ser pelo fato de que as coisas eram muitas, o trabalho de reorganização durou um bom tempo, e formando-se naquele ínterim uma tempestade por causa de uma ventania repentina, a mulher teve que ficar fechada lá dentro por várias horas, enquanto embaixo, nos corredores, o marido assustado chamava por ela aos gritos, querendo que jogassem um bote salva-vidas no mar para resgatá-la, sem perceber a compaixão risonha que o rodeava. Apesar disso, tudo havia acabado

sem problemas. Mas nesta viagem parecia que o homem e a mulher não davam mostra de se conhecerem. Eu me virei para olhá-lo, no fundo da mesa. Era um moreno que tinha entre trinta e oito e quarenta anos, de perfil enérgico, com monóculo. De fato tinha cara de um homem que não permitia que se violassem impunemente o seu domicílio. Quanto ao marido professor, disse o agente, tinha uma boa cabeça. Apaixonado pelos estudos de mecânica náutica, apesar de ter uma cara mais literária que científica. Passava os dias em sérias meditações diante da máquina, do lemes, dos cabrestantes, de cada pequeno instrumento do navio fazendo com que os oficiais lhe dessem explicações pormenorizadas, que depois ia repetir na proa, pelo gosto de dividir o pão da ciência para o povo, enquanto os outros comiam do seu na popa. Mas, naquele momento eu estava observando, junto ao argentino, um homem loiro desbotado, com duas costeletas que pareciam dois salseiros de cabelos, como aqueles que se vêem nas vitrinas dos cabeleireiros, que movia os olhos desconfiados de peixe, e não falava com ninguém. Perguntei ao agente se sabia quem era. Oh, um bom caso. Suspeitava que fosse um ladrão fugitivo. Corria um boato sobre ele no *Galileo.* Era um francês. Não se sabia qual dos passageiros, lendo o *Figaro* que chegou a Gênova no mesmo dia da partida, acreditava reconhecer uma impressionante semelhança entre aquele rosto estranho e desconfiado, e certas descrições de que falava o jornal parisiense de um caixa de não sei qual banco de Lion, que fugira três dias antes, deixando um vazio de bomba de vácuo. Ele faria algumas investigações. No pior dos casos, esperava descobrir o segredo na chegada, quando a polícia subisse a bordo. Do casalzinho que se sentava de frente para ele, não tinha ainda pedido informações. Eram meus dois vizinhos de cabine, aqueles da *escova*. A mulher, com cerca de quarenta anos, pequenina, com dois olhos frios, e um perpétuo sorriso forçado nos lábios finos. Não era feia, mas daquelas pessoas cuja índole estragou o rosto, que, à primeira vista, inspiram repugnância por causa do mal que devem fazer aos outros, e compaixão pelo que devem sofrer elas mesmas. O marido, uma figura de major de cavalaria de folga. Parecia ter um temperamento forte, mas domado por uma natureza mais forte do que a sua, e consumido por uma aflição surda e imutável. Nunca se falavam, como se não se

conhecessem, e nunca ficavam juntos, exceto à mesa. Mas meu vizinho observava que ela lançava para o marido olhares atravessados terríveis, quando lhe parecia que ele encarava alguma mulher. O ciúme do orgulho sobrevivera ao afeto morto. Um casal mal casado, enfim, como dois prisioneiros acorrentados, entre os quais deveria existir uma aversão profunda, e um mistério. O que conhecia melhor de todos era o comandante. Bom marinheiro, rude e irascível, possuidor de um vocabulário impressionantemente rico em imprecações e injúrias genovesas, que empregava ao baixo escalão da tripulação. verdadeiras ladainhas de impropérios, conduzidas com um de efeito crescente irresistível. Orgulhoso de seus punhos, dos quais se valera muito durante os vinte anos de seu honrado comando. Tinha uma fixação, aquela de uma severidade absoluta com relação à moral. *Não quero saber de indecências a bordo*[82]. Era o seu princípio. Queria o navio casto como um monastério, e achava que obtinha êxito. Em certa ocasiões dava aulas memoráveis. Numa das últimas viagens, tendo descoberto uma noite que dois passageiros de sexo diferente, não ligados nem pelo código civil nem pela igreja, haviam dormido numa cabine do convés, ele mandara fechar a porta com uma grande tranca, deixando-os lá até que, no dia seguinte, famintos, após terem batido desesperadamente, tinham sido obrigados a sair diante de todos, meio mortos de vergonha. Mas quase morreu de raiva na última travessia, levando de Buenos Aires a Gênova uma companhia lírica inteira e um corpo de baile de cento e vinte pernas que, se fossem levados em consideração, não haveria no navio nem travas, nem pregos suficientes. Toda a sua eloqüência ameaçadora na língua do *scì* não impedira que o *Galileo* se convertesse num paraíso maometano, percorrendo doze milhas por hora. Em condições ordinárias, aliás, quando não dominado pelo número e pela audácia do inimigo, era rigoroso ao ponto de não tolerar nem mesmo uma cortejo discreto. Ma se orgulhava de chefiar a todos sem faltar minimamente com a cortesia, de saber dizer tudo sem ofender. Quando um passageiro ficava muito próximo de uma mulher, ele o chamava de lado, e lhe dizia respeitosamente: “Desculpe-me, o senhor está se tornando inconveniente.” *Não quero saber de indecências a bordo*. De resto, era um homem

[82] Porcaie a bordo no ne véuggio.

galante. O velho majestoso que estava ao seu lado – Hamerling – era um chileno, um cavalheiro, chamado a bordo *aquele que capaz de furar uma montanha,* porque tinha feito aquele pouco de viagem da sua cidade (trinta e cinco dias de mar) para ir comprar furadeiras na Inglaterra, não ficando na Europa, entre o desembarque e o embarque, mais que duas semanas exatas. Sério, como são os chilenos em geral, e de hábitos aristocráticos, havia freqüentado o grupo dos argentinos, mas estes o colocaram no meio de um debate sobre a eterna questão das fronteiras meridionais das duas repúblicas. Ele havia se distanciado, e não falava mais a não ser com o comandante e com o padre. Meu vizinho não conhecia outras pessoas, até o momento. Mas ficava espiando um jovem toscano imberbe e formoso, sentado à mesa diante da mulher do professor, sobre a qual pousava os olhos, absorto a tal ponto que, às vezes, deixava o garfo no ar, no meio do caminho entre o prato e a boca, como se esta também tivesse sido atingida pela admiração. Ele possuía o aspecto de um Don Juanzinho esfomeado fazendo o primeiro vôo longo fora de casa, mas dotado, sob aquela aparência de primeira paixão, de uma audácia única. Enquanto rodeava a suíça, que devia ter conhecido em terra, toda hora passeava pela proa, farejando o ar como um potro de estrebaria, principalmente de noite, com muito risco de ter suas roupas elegantes, que ele trocava duas vezes por dia, roubadas pelos emigrantes. Dizendo isso, o agente fez rodar uma laranja até quase o prato do marido, e endureceu, de repente a mão dizendo: “Sirva-se...” Pobre marido!” Exatamente naquele momento, aproveitando a confusão de sempre de todo final de refeição, ele deixava cair o braço direito sob a mesa, enquanto a mulher mantinha escondido, do mesmo jeito, o braço esquerdo. Diante do repentino convite, as duas mãos subiram prontamente à mesa, separadas, é verdade, mas tarde demais. “a casta corada” já havia traído o segredo. “São felizes demais”, sussurrou-me o agente, “quero atormentar a vida deles”. Em seguida se levantou e, meia hora depois, subindo ao convés, eu o vi no castelo central conversando com um padre da segunda classe. Mas esta, quase sem vazia, não devia oferecer-lhe um grande campo para a sua curiosidade. Havia dois padres velhos que liam quase sempre o breviário, uma velha senhora sozinha, com óculos

verdes, que folheava o dia todo, uma série de jornais ilustrados, e uma família numerosa, toda em luto, que formava, em meio ao navio, um grupo negro e triste, imóvel por horas a fio. Somente dois garotos menores, escapavam, às vezes, pela ponte suspensa até o convés da popa, onde a moça da cruz preta os acariciava tristemente, com suas mãozinhas finas de doente.

6. Rancores e amores

Um jato d´água recebido bem no rosto de madrugada, no momento em que abria a janelinha para respirar, me fez ficar todo o dia seguinte na cabine, com um turbante molhado em volta da cabeça, meditando sobre a brutalidade *do grande pai oceano.* O tapa tinha sido tão violento e bem dado, que fizera bater o crânio na parede oposta da cabine e cair aturdido, numa poça d´água, com a boca cheia de sal.

Devido a esse incidente pude fazer a minha primeira visita aos emigrantes apenas na manhã do nono dia. Ruy Blas, servindo-me dignamente o café, anunciou-me que o tempo estava bom, mas mais do que a sua infusão, despertou-me o concerto matinal de sempre dos gorjeios do tenor e dos resmungos do menino brasileiro, seguidos das notas do piano, que devia ser tocado por aquele tipinho extravagante da senhorita da carta. Entre estes barulhos, feriu meu ouvido uma discussão exaltada que vinha da cabine ao lado, ocupada pela mulher da escova e por seu marido. Que inferno! Ouvia apenas algumas palavras, mas a estridência e o tom daquela duas vozes, constantemente exaltadas, e animadas por um sentimento menos quente e mais funesto que a raiva, revelavam o hábito de se discutir a partir do nada, quase involuntariamente, como um transbordamento inesperado de pensamentos e sentidos malignos, que deixavam extravasar para não morrerem sufocados. O diálogo era quebrado por risos sardônicos e por palavras truncadas, repetidas muitas vezes, por um ou por outro, no mesmo tom, como um refrão injurioso, e por certos: “Cala a boca! Cala a boca!”, que mais do que pronunciados, eram assobiados, nos quais não se distinguia mais se era voz

de homem ou de mulher, e parecia que se estraçalhavam com os dentes. Era como uma luta silenciosa de sopros venenosos, cem vezes mais penosa de se ouvir do que pancadas e gritos. Que coisa terrível é o ódio conjugal dentro daquela masmorra, no meio do oceano, aquelas duas criaturas amarradas uma a outra para se morderem, e que levavam de um mundo a outro o inferno que as atormentava! De repente, calaram-se, e poucos minutos depois, enquanto eu saía, eles também saíam, bem vestidos, e aparentemente impassíveis, mas chegando às duas escadinhas que levavam ao convés, viraram-se um para a direita, outro para a esquerda, sem se olharem. No corredor, dei de cara com o jovem toscano, elegante, de sentinela. Passando na frente da porta da suíça, pareceu-me ver cintilar na fresta um olho azul. Em seguida, topei com o agente, que me disse abruptamente: “Sabe, aquele casalzinho está me aborrecendo!” Ouvira que a esposa, à noite, rezava. Depois...uma porção de chatices. Entre outras coisas, como passatempo, estudavam a gramática do espanhol. Conjugavam verbos à meia voz, interrompendo-se às vezes para se beijar. Justamente na noite anterior escutara um insuportável passado remoto. Queria mudar de cabine. Tinha novidades para me contar a respeito de novos personagens, mas eu lhe pedi que guardasse para mais tarde e marchei em direção à proa, com a intenção de misturar-me com os emigrantes, e de puxar conversa com eles.

Era a hora da limpeza, a proa estava lotada, o céu, claro. Tudo parecia propício. Mas não demorei a perceber que a empreitada era menos fácil do que eu pensava. Enquanto andava entre as pessoas sentadas, tomando cuidado para não pisar o pé de ninguém, ouvi dizer atrás de mim: “Deixem os fidalgos passarem!” e virando-me me deparei com o olhar de um camponês, que me encarou zombando, com uma expressão que confirmava atrevidamente o tom sarcástico da exclamação. Um pouco mais adiante, ao estender a mão para acariciar uma criança, a mãe puxou-a para si num gesto brusco, sem me olhar. Não posso dizer a dor que senti. Eu não havia pensado a respeito do estado de ânimo no qual naturalmente se encontravam muitas daquelas pessoas, no quanto para elas eram ainda tumultuosas as lembranças de uma vida insuportável, e que

para decepá-la, haviam decidido deixar a pátria, mas haviam acendido um ressentimento contra aquela múltipla falange de proprietários, cobradores, capatazes, advogados, agentes, autoridades, designados por eles com o nome genérico de fidalgos, todos estes considerados conspiradores para prejudicá-los, e primeiros responsáveis da sua miséria. Para eles, eu era um representante daquela classe. Naquele estado de ânimo, eu nem imaginara ser para eles alguém particularmente odioso, um membro daquele mundo privilegiado da popa, imagem do outro do qual haviam sido eliminados, e que os acompanhava até no mar, como um vampiro, que quisesse sugar-lhes o sangue até a América. Isso posto, era impossível que compreendessem o sentimento respeitoso e benévolo que me animava, e era imprudente puxar conversa assim, do nada, com um deles. Se tivesse feito isso, teriam pensado que eu era movido por uma curiosidade cruel de ouvir histórias de desgraças, ou teria sido tomado por um encrenqueiro, por algum empresário agitador, que tivesse embarcado no *Galileo* para aliciar trabalhadores às escondidas, sem o incômodo da concorrência. Estas reflexões fizeram com que eu, de repente, perdesse minhas esperanças.

Então joguei fora o charuto e comecei a caminhar olhando os mastros e os cordames, como se me ocupasse apenas do navio, mas prestando a atenção. Já haviam se formado muitos grupos fixos, como ocorre sempre com emigrantes da mesma província ou da mesma profissão. A maior parte era de camponeses. Não foi difícil para mim captar o assunto principal das conversas: o triste estado dos trabalhadores rurais da Itália. A excessiva concorrência de trabalhadores, todas as vantagens para os proprietários e para os arrendatários, salários baixos – mantimentos caros, impostos excessivos – estações sem trabalho – anos ruins – patrões ávidos, nenhuma esperança de melhorar a própria situação. As conversas tinham, na sua maioria, a forma de narrativas. Histórias de misérias, velhacarias e injustiças. Num grupo, no qual parecia predominar um tom de alegria amarga, riam da raiva que teria corroído os patrões quando se vissem sem mão-de-obra, obrigados a dobrar os salários, ou a dar as suas terras por um pedaço de pão. “Quando todos tivermos ido embora,” diziam um deles, “eles também vão morrer

de fome". E um outro: "Em menos de dez anos, vai estourar uma revolução". Mas aqueles que diziam coisas mais atrevidas, falavam mais baixo, e após terem olhado ao redor, porque muitos temiam, como eu soube depois, que a bordo houvesse um serviço secreto do Governo. Havia grupos de camponeses calabreses, com suas mantilhas usadas como capuz, e suas sandálias amarradas com laços, mas poucos deles falavam. Em outros grupos se falava do mar e da América. Reconheciam-se facilmente aqueles que já haviam estado lá, devido à atenção com que eram ouvidos, e à voz alta e o tom de segurança com que falavam; porque é incrível o que a vaidade pode fazer em muitos, mesmo naquelas angústias, o quanto é forte a ânsia de ser reconhecido, de montar para si um pedestal, mesmo entre aquela pobre multidão, para se mostrar superior à miséria à qual estão confinados e pela qual estão rodeados.

Aqueles que eu ouvia falar com maior freqüência eram os da Ligúria, e quase eram reconhecidos, mesmo sem serem ouvidos, devido ao seu aspecto seguro, e quase destemido, que deriva da consciência de seu espírito de comerciante e de marinheiro, e dos cinqüenta anos de emigração feliz de sua raça. Tinham uma expressão, ou demonstravam tê-la, de quem se encontrava à vontade no navio, como se estivessem na própria casa. Os montanheses, ao contrário, quase todos imóveis e taciturnos, pareciam atordoados pelo espetáculo daquele imenso plano uniforme, tão diferente daquele introspectivo, partido, intimista das suas montanhas. Viam-se depois, entre muitos daqueles que estavam de pé, imóveis como autômatos, ou aninhados como animais, espíritos alegres e ágeis, que as novidades e o contato com a multidão excitam como o vinho. Estes circulavam de rodinha em rodinha e dirigiam a palavra a todos, rindo para as pessoas e para o mar, como se soubessem que encontrariam montes de ouro ao desembarcarem. A partir das muitas duplas de homens e mulheres que batiam papo tranqüilamente, sentados um de frente para o outro, como se estivessem na porta de casa, fumando ou trabalhando, percebia-se que muitas daquelas amizades de viagem haviam se estreitado, algumas delas perduram, ou renascem, após muitos anos, na América, e permanecem prediletas, marcadas por toda a vida devido

àquela primeira necessidade, que as fez nascer, de se expandir e de se encorajar diante de um misterioso futuro. Algumas mulheres faziam roda, com os filhos no braço, como nas encruzilhadas das estradas. Próximo à *cambusa* – o refeitório da terceira classe - vi as coristas lombardas, sorrindo com desenvoltura teatral, em meio a um grupo de rapazinhos suíços, os quais, talvez com intenção política, usavam todos bonés de tecido vermelho, e compensavam com uma mímica muito eloqüente o pouco conhecimento da gramática milanesa. Encontrei a bolonhesa gorda com a sua inseparável bolsona a tiracolo flechada por muitos olhares curiosos, passeando sozinha, com andar de prima dona, olhando a todo momento para os pés, com uma careta de náusea, para afastar a sujeira. O assoalho, de fato, repleto de pedaços de papel, de cascas de maçã, de farelos de bolachas, de um pouco de tudo, tinha a aparência de um campo onde tivesse acampado um regimento. Em geral, as caras e as roupas dos soldados não destoavam do aspecto do terreno. Muitos rostos, aliás pareciam ainda guardar intactos os vestígios do dia da partida. Mas permaneci dentro, observando cada palavra de reprovação e pensando nos emigrantes alemães que encontravam em Brema, antes de embarcarem, hospedagem, abrigo e banho, para se recuperarem da viagem por terra, enquanto que os nossos dormem nas calçadas.

Fui em direção aos reservatórios de água doce. A bela genovesa ainda estava lá, com o seu casaquinho branco e com a sainha azul, entre o irmão pequeno e o pai, ocupada costurando, limpa e fresca como uma flor. Mas os admiradores haviam aumentado. Agora havia em torno dela, a distâncias variadas, uma dúzia de passageiros, que chocavam com os olhos, e brincavam entre si, cochichando aos ouvidos, com certos escarninhos e olhares flamejantes, que não deixavam incerteza sobre a natureza da sua admiração. Outros se aproximavam, erguiam-se na ponta dos pés para vê-la, e, em seguida, iam embora. Já era, portanto, famosa, e seria ela, sem dúvida, o “grande sucesso” da viagem na sociedade de proa. Mas a celebridade não a havia alterado em nada. Às vezes, ela erguia os olhos azuis, tranqüilíssimos, como se em vez de homens houvesse árvores ao redor, e sempre com a mesma placidez graciosa abaixava novamente a cabeça sobre o trabalho,

como se exibisse, inconscientemente, a todos aqueles olhares, o seu lindo pescoço branco e o emaranhado das suas tranças douradas. Ah! Pobre cozinha da terceira classe! Girando-me na direção da janelinha, vi a cara vermelha do cozinheiro, com a testa franzida e os olhos fixos. Sem sombra de dúvida, ardia uma paixão entre as panelas. A saúde pública estava em perigo. Enquanto o observava, vi que seu olhar, desviando da moça, assumia uma expressão mais ameaçadora, e eu, seguindo-o com os olhos detive-me sobre um rosto do círculo dos admiradores, que me distraiu dele. Era um jovem de talvez menos de vinte anos, macilento e imberbe, com dois ombrinhos fracos, que pareciam cabides. Daquilo que se via, era algo entre um professor de vilarejo e um escrivão, daqueles que vão para a América procurar um empreguinho. Sentado sobre um barril, ereto, ele mantinha o olhar cravado na moça com uma expressão de amor tão ardente, de adoração tão humilde, que teria arrancado um olhar de compaixão até mesmo de uma mulher de mármore. Parecia estar sozinho a bordo, usava um cinto de couro amarelo, que devia conter todos os seus bens. Observei um pouco, e sempre o vi com aqueles olhos fixos, úmidos, animados por um leve sorriso triste, como se tivesse compaixão por si mesmo, e com todo o corpo imóvel, numa atitude de quem se contenta em admirar e não espera nem tem esperança de nada, ficaria ali por toda a vida. Durante todo aquele tempo, a moça não demonstrou tê-lo notado. Ele definhava lá, solitário, como um asceta junto à coluna, e o calor da sua pobre chama ignorada se dispersava pelo ar como a fumaça do *Galileo.*

Dali fui para o castelo da proa, que estava cheio de gente. Subindo, ouvi dizerem ao meu lado: V*êm aqui para assistir ao teatro*. Aquele *vêm* era naturalmente para mim. Aqui fui recebido ainda pior do que em outro lugar, com olhares feios e costas viradas, e não apenas com isso: *sub terris tonuisse putes* (poderia parecer a você que a terra tivesse rimbombando). Achei, e não me enganava, que aquela era uma espécie de *montanha*, onde se recolhiam os emigrantes de idéias mais revolucionárias, aqueles que precisavam de se distanciar para conversar sobre temas mais arriscados, e que dali, como de uma fogueira de descontentamento,

protestavam contra a comida e as conspirações, contra o regulamento. Viam-se caras atrevidas e sombrias, com jeito de capangas. Deveriam ser todos solteiros, ou daqueles emigrantes que deixam a casa, a esposa, após dois ou três anos de casamento. Categoria muito numerosa, ou porque foram obrigados a emigrar pelas necessidades da família, ou porque, uma vez feita a primeira experiência da vida conjugal, e já saturados, querem sair dela por aquele caminho. Num grupo, reconheci o velho alto que havia mostrado o punho para a pátria na noite da partida. Um tipo de aventureiro esquálido, de olhos vivos, com alguns nervos do pescoço que queriam destruir sua pele, vestido com um surrado gabão verde, que parecia uma roupa velha de comediante. A cabeça descoberta, com uns cachos grisalhos ao vento. Falava forte com um sotaque toscano, gesticulando com o indicador para cima. Ouvi, virando-me de longe, a palavra *pagnottisti* (aqueles que trabalham por obrigação e não por prazer ou por gosto) e recebi entre a cabeça e o pescoço uma olhada feia e cortante, que me fez tomar distância. Próximo à abertura do molinete alguém tocava um pífaro, mas o vento levava as notas para longe. Algumas pessoas sentadas em círculo sobre o assoalho, jogavam baralho. No ponta do navio, sobre o talha-mar, estava de pé uma figura estranha de saltimbanco, com uma cara comprida, ossuda e olivácea, iluminada por dois grandes olhos verdes, com cabelos negros que caíam sobre os ombros, e braços seminus, cruzados sobre o peito, num deles tatuadas as iniciais AS e uma cruz. Assim, ereto e sombrio naquela solidão, ora erguido, ora abaixado pelo movimento forte da proa, como se dançasse pelo ar, parecia a imagem personificada de todas as tristezas e de todas as misérias acumuladas sobre aquelas tábuas, o símbolo vivo da existência errante e do destino incerto de todos. Havia apenas uma mulher lá em cima, sentada sobre a abita, ao lado do marido também velho. Ambos com os braços cruzados sobre os joelhos, e a testa apoiada sobre os braços, de forma que não se viam os rostos, mas apenas os cabelos grisalhos e ralos, e os pescoços enrugados, mostrando que passavam dos setenta anos, estendidos numa atitude de abandono e de cansaço mortal. O que iam fazer na América? Juntar-se aos filhos, talvez. Eu não havia visto a bordo até então nada tão digno de compaixão quanto aquelas duas velhices desfeitas, e quase já tomadas pela

morte, que emigravam para a terra da luta e do devir. Inclinei-me para olhá-los: dormiam. A poucos passos, ereto contra o parapeito, encapuzado e solitário, estava o frade que ia para a Terra do Fogo. Uma cara de cera, com olhos vazios, impassível.

Descendo do castelo da proa, deparei-me frente a frente com o médico, um napolitano. Giovanni Nicotera[83], esculpido em carrara, mas com olhos e modos de um outro, distraídos e fleumáticos. Um caso não raro de semelhança física entre pessoas de natureza oposta . Desci com ele até a enfermaria, uma espécie de salão comprido, iluminado no alto, com duas fileiras de leitos ao redor. Havia uma criança doente que ardia de febre, uma amor de criança, com cabelos loiros e encaracolados, vermelho por causa da febre, e ao lado dele, uma camponesa dos arredores de Nápoles, robusta, que assim que viu o médico, começou o a chorar, sufocando os soluços nas mãos. O médico examinou a criança, depois disse-lhe em tom de repreensão. "A doença segue o seu curso, não tem porque se inquietar, tirem aquela idéia ruim da cabeça." Explicou-me que certas mulheres mexeriqueiras haviam atormentado a sua alma dizendo-lhe que, se acontecesse uma desgraça, jogariam seu filho no mar. Essa idéia a fizera entrar em desespero. Em seguida, perguntou alto, virando-se para o outro lado: "E o senhor, como vai?" Então vi despontar de dentro de um leito baixo a cabeça de um velho macilento, que apesar de o médico se opor, quis colocar as pernas para fora e sentar-se na beirada do seu leito. Estava vestido. Respondeu com um fio de voz. "Não tão mal." O médico o examinou, e tombou a cabeça. Tinha uma pneumonia grave, teve que ir para a cama um dia após a partida. Era um camponês *pinerolese,* sozinho que ia para Argentina encontrar o filho. Eu lhe perguntei em que parte da Argentina se encontrava. Não sabia. Seu filho menor havia ido para a Argentina havia três anos, deixando-o em casa com o outro, que havia morrido. Então aquele lhe escrevera para que viesse ficar com ele, mandando uma ajuda para a viagem, mas sem dar-lhe o endereço exato porque trabalhava nas estradas e mudava

[83] Patriota e político (1828 -1894). Foi com Garibaldi a Aspromonte e Mentana. Eleito deputado, em 1876, foi Ministro do Interior durante o primeiro governo da esquerda.

sempre de casa. Havia lhe indicado, no entanto, o modo de encontrá-lo. Dizendo isso, o pobre velho enfiou a mão magra num bolso do peito e arrancou um maço de papéis puídos e engordurados, que começou esfolhar entre as mãos trêmulas. Naquele momento, um movimento brusco do navio fez com que batesse a cabeça calva contra o alto do leito. Ele passou a mão para ver se havia sangue e continuou a folhear os papéis. Envelopes rasgados, papéis com cifras provavelmente com as últimas contas do patrão – um recibo, um pequeno calendário. Encontrou finalmente um pedaço de folha desfeito, onde estava escrito com letras grandes, sujas de tinta e quase ilegíveis, o nome de um vilarejo da província de Buenos Aires no qual, em tal número de tal rua, ele encontraria hospedagem junto a uma família piemontesa, onde dentro de um mês um *patriotta*, seu colega de trabalho, viria buscá-lo e o levaria onde estava o filho: *O meu Carlo*. Com aquelas indicações, velho, doente, ignorante de tudo, havia partido para a América! “Tenho muito medo” disse o médico saindo, “que tenha partido tarde demais.”

Quis que fosse com ele ver o “presépio”. Num cantinho da proa, formado por uma gaiola de perus e por um grande tonel, encostado na parte superior do casco, largo o suficiente apenas caber um saco de carvão – ali uma família de cinco pessoas havia feito um ninho, ali passavam o dia apertados e grudados entre si, e junto às paredes, fazendo pensar que haviam se enfiado ali por brincadeira. Era uma família de camponeses, dos arredores de Mestre. Marido e mulher ainda jovens, ela já em estado de gravidez avançada, dois gêmeos homens, de seis anos, e uma menininha de cerca de nove anos, que tinha a cabeça enfaixada. Esta costurava a meia, à frente, e os molequinhos loiros estavam presos entre as pernas do pai, que fumava cachimbo, com os ombros sobre o parapeito, apoiando um braço sobre a mulher, que remendava sua manga. Pobres mas limpos, seis rostos que transpiravam um ar de bondade e de resignação serena. Com a aproximação do médico, o homem se levantou sorrindo e lhe disse que a *anjinha* estava melhor. Havia se ferido dois dias antes caindo na escada do dormitório. “E como vai a cozinha?” perguntou-lhe o médico. O camponês ia todo dia à cozinha,

com outros emigrantes, descascar batatas e debulhar feijões sob a supervisão dos assistentes da cozinha, que, em troca, davam a eles alguns copos de vinho. “Vai bem,” respondeu, “pelo menos, dá para beber alguma coisa”. Mas aquele chefe da cozinha tinha um senso de humor! Em seguida, interrogado, contou a sua história. Um tio havia lhe deixado umas terras, o suficiente para sobreviver, ou quase, trabalhando para dois. *Mas para quem não tem sorte,* tudo acaba dando com os burros n´água. A propriedade era hipotecada e depois...cento e dez liras de impostos, dois anos ruins no início. Enfim, ele havia se matado por cinco anos sem conseguir melhorar sua condição. A mulher trabalhava como um homem, mas eram cinco bocas e três não ajudavam. Arrebentar-se de trabalhar, sempre endividado, e polenta sempre polenta, e ver os filhos cada vez mais desnutridos, não era algo que podia durar muito. Depois uma longa doença da filha. O golpe de misericórdia foi terem matado uma vaca sua. E daí tchau e benção. Havia vendido tudo, queria ver se na América podia melhorar de vida. Boa vontade e coragem não lhe faltavam... *“Mas para quem não tem sorte”* depois disse calmamente: “ Viva, meninos, lá vem a patroinha.” E fiquei surpreso em ver adiante, em meio a multidão da proa, a moça da cruz negra, com seu vestido verde-mar, apoiada sobre o braço da sua companheira, mais pálida, mais fraca, como nunca havia visto. Aproximou-se da família, pediu notícias à menina em veneziano e passou a mão sobre as cabeças dos gêmeos. Em seguida, tirou do bolso um pequeno pacote, que devia ser de frutas ou doces e o ofereceu a eles com uma certa graça cansada de doente, e com seu sorriso melancólico, de uma grande doçura. Enquanto isso, o médico, puxando-me para trás, dizia-me que essa também era de Mestre e que havia reconhecido aquela família de camponeses no dia da partida, enquanto embarcavam. Era filha de um engenheiro, viúvo, que dirigia as obras numa estrada de ferro no interior do Uruguai havia dois anos; ia com a tia, que era mais velha que ela apenas um ano, para vê-lo “mais uma vez”. Eu pedia explicações sobre essa últimas palavras, quando a moça tossiu e não precisei terminar a frase. O médico me apontou ainda uma mulher sentada lá próximo, sozinha, que olhava a família com os olhos petrificados, e como que aterrados, nos quais transparecia o vislumbre de um sentimento de inveja e o pensamento

imóvel de um amor perdido. Era uma veneta, ela também, que ia encontrar um irmão em Rosário, uma vez que, dois meses antes, numa briga, haviam matado seu marido.

“ E toda essa miséria é italiana!’ eu pensava retornando à popa. Todo navio que parte de Gênova está cheio disso, e partem de Nápoles, de Messina, de Veneza, de Marselha, toda semana, durante todo o ano, há dezenas de anos! Ainda podiam se considerar de sorte, pelo menos pela viagem, aqueles emigrantes do *Galileo*, em comparação a tantos outros que, nos anos passados, por falta de lugar na estiva, tinham sido acompanhados como gado, no convés, onde tinham ficado por semanas ensopados de água e sofrido um frio de matar; e outros muitíssimos que tinham arriscado morrer de fome ou de sede em embarcações desprovidas de tudo, ou morrer envenenados por bacalhau de água contaminada. Tinham morrido. Eu pensava em muitos outros que embarcados clandestinamente num porto europeu, onde tiveram que estender a mão pelas ruas, ou tendo pagado para viajar num navio, tinham sido mandados num barco de madeira a vela e mantidos no mar durante seis meses, ou acreditando terem sido conduzidos ao Plata, onde os esperavam os parentes e o clima da sua cidade, tinham sido atirados na costa do Brasil, onde os dizimaria o clima tórrido e a febre amarela. E pensando em todas essas infâmias e nos milhares de meus concidadãos que, em grandes cidades estrangeiras, sobrevivem com os mais degradantes trabalhos e nos bandos de histriões esfomeados que espalhamos pelos quatro cantos, e no tratamento miserável das crianças e em outras coisas, eu experimentava um sentimento amargo de inveja por todos aqueles que podem girar o mundo sem encontrar em toda parte miséria e dor do próprio sangue.

Mas, para adoçar toda amargura, o bom Deus tinha colocado a bordo dois vendedores viajantes franceses. Um era parisiense, um bom rapaz, ainda que um pouco afetado, mas uma cara, pobrezinho, que me parecia já ter visto pela

primeira vez numa obra ilustrada de Darwin, no capítulo sobre as *catarrine*[84] . O outro ao qual já me referi era um marselhês de cinqüenta anos com um busto patagônico, e as pernas curtas, das quais uma arqueada, que arrastava. Tinha uma cara de Napoleão I inchado, de uma seriedade que fazia parecer duplamente engraçadas as contínuas e grandes asneiras que saíam de sua boca. Dizia-se correspondente comercial do "Journal des Débats", mas ninguém acreditava, e se arrogava um especialista em literatura citando sempre o mesmo livro, que era o seu evangelho e do qual não havia certamente lido mais nada a não ser o título: o dicionário do Littré, *un ouvrage qui restera dans les siècles*. Além disso, gabava-se de conhecer a fundo a Itália, e falava um italiano que doía nos ouvidos. Mas o mais ridículo era este que, mesmo não tendo jamais estado na Itália, pelo que se podia depreender pelas suas conversas, além de cantos de rua, falava de cadeira das mulheres italianas, fazendo mil e uma distinções sutis físicas e psicológicas, à Stendhal, entre as mulheres das nossas cidades grandes como se tivesse feito os seus estudos junto à fina flor de todas as fidalguias, na qualidade de Embaixador da França. De resto, um modo de raciocinar em todas as coisas, muito comum entre os franceses da pequena burguesia, deixando escapar frases feitas, como a seguinte, contraposta por ele a um argentino que dizia que a cerveja faz mal: " *J´ai assité à enterrement de bien des gens qui n´en buvaient pas*". Mas o seu forte eram as aventuras amorosas, que ele contava entre a burla e a basófia com gestos de ator, de pé, e que terminava sempre fazendo um adejo, com os dedos e uma pirueta sobre o calcanhar para se pôr de frente ao ouvinte com um: "*Et voilà*!" como um mágico que quer aplauso.

Naquela manhã, justamente, ele e o seu colega, que se sentava à sua frente, alegraram-se todos com uma discussão, não sei como foi que começou, em torno do quanto se gastava em Paris, para se comer como rico num dos chamados *Marchands de vin.* Após não muitas palavras, tendo a sua atenção despertado o amor próprio dos comensais, o parisiense enraivecido, deixou escapar com tom de compaixão que o seu opositor não conhecia Paris.

[84] Uma ordem de macacos africanos e asiáticos estudados por Darwin na *Descendência do Homem*, obra à qual alude De Amicis.

O marselhês pulou como uma mola. "*J´ai fait vingt cinq voyages à Paris, monsieur!"*
"Et moi, respondeu o outro, levantando-se, em meio ao silêncio geral: "*je l´habite*!"

Mas o rosto, o sotaque, o gesto foram tão solenes, que provocaram uma risada fragorosa, que sufocou quase a resposta do marselhês exasperado: "...*Vous prenez la chose sur un ton...Nous nous moquons pás mal de Paris... thiers qui a sauve deux foi la France...*"

Mas o outro estava tão feliz por causa do seu *moi je l´habite*, que não respondeu mais, contentando-se em se dirigir aos seus vizinhos poucas palavras; entre as quais entendi estas: "...*Thiers, une vilaine figure de polichinelle...*"

Depois disso todos se levantaram da mesa, ainda rindo.

Naquele dia, o tempo muito bom. Assim, duas horas depois da refeição todo o "mundo bom" estava no convés, exceto os argentinos que, naquela hora fazem um *lunch* nacional com as suas deliciosas carnes conservadas, das quais haviam trazido a bordo um armazém. O convés parecia um grande terraço de casa de banhos. Alguns passageiros balançavam em grandes cadeiras de palha, folheando grandes volumes amarelos de Charpentier; muitos passeavam, dois a dois. O velho chileno ia para cima e para baixo com o padre napolitano, que agitava suas mãos enormes como se quisesse agarrar cartões de banco. Toda vez que passava próximo a mim, ouvia algumas de suas frases. "*yo creo que con un capital de docientos mil patacones...Vea Usted, la vendida de lãs cédulas hipotecarias provinciales..."* No fundo, do lado do leme esbranquiçava a loira com uma tira azul no cabelo, de pé contra o parapeito, voltada do mar junto ao frangote toscano. Percebia-se que falavam de coisas diferentes, do mar, da América, mas, mesmo sem se olhar, podia-se perceber, pelo sorrido leve e constante que tremia no rosto de ambos, que a conversa indiferente não devia ser outra coisa senão o

acompanhamento exterior de um dueto íntimo muito afinado. Procurei com os olhos o marido e o vi embaixo, na pracinha, muito atento à conversa de um oficial de bordo que lhe explicava o mecanismo do sextante. Numa das cadeiras compridas do meio, estava a moça de Mestre e a tia. Observei-a bem pela primeira vez. Era um exemplo, não raro de se ver, de erro da natureza, que aprisionar nela uma alma feminina num corpo masculino, de rosto comprido e ossudo, mãos grandes e voz rude. Toda a feminilidade daquela pobre moça resumia-se aos seus pequenos olhos cinzas, que estavam cheios de bondade e gentileza, e nos quais transparecia claramente que ela tinha consciência daquela desagradável discordância entre a o seu físico e o seu espírito, e que já havia algum tempo se resignara de que agradava ficando de lado, quase fora dos dois sexos, tentando a todo custo, passar desapercebida. Mas aquela tímida resignação, justamente, e aquela sombra que parecia ser de vergonha que encobria os seus olhos, inspiravam um sentimento entre a piedade e a simpatia que, de qualquer forma, faziam com que parecesse diferente daquilo que era. De repente, maravilhado, vi o garibaldino aproximar-se e sentar-se ao lado da sobrinha, cumprimentando respeitosamente, mas com um gesto de que já se conheciam há vários dias. Era a primeira vez que o via conversar com uma alguém. De que maneira podiam ter feito amizade? A moça de vez em quando dizia algumas palavras, voltando os olhos claros para o horizonte, e ele ouvia, numa atitude de condescendência e de respeito, fixando o assoalho. Imaginei desde aquele primeiro momento que o sopro leve que saía daquela boca pálida fizesse ressuscitar pouco a pouco na alma daquele homem sentimentos mortos e sepultados. Mas por enquanto, não aparecia nenhum indício em seu rosto, acre, apesar da expressão respeitosa e imóvel. A minha vizinha de cabine lia do outro lado da cadeira, vestida com muita pompa para o navio, mas o movimento inquieto de seus pés miúdos, dava a entender que não lia com atenção. A batalha daquela manhã, no entanto, não havia mandado embora o sorriso nervoso da sua boca e traía uma força indomável na luta doméstica, a capacidade de perfurar com golpes de alfinete o coração e o cérebro do marido por trinta anos a fio. O que poderia existir ainda entre eles. Um “desencontro da carne” como entre aquele casal do

“Germinal”. Nenhuma culpa, nem de um nem de outro, que eu pudesse imaginar, seria uma causa suficiente para explicar a aversão que os separava, pois o marido, que não parecia ser mau, teria perdoado, e essa não parecia ser uma alma tão delicada, para manter aberta durante toda a sua existência a ferida de uma traição. No entanto, poderia jurar que aquelas duas criaturas jamais iriam se reconciliar, e que o caminho que percorriam juntos os conduziria a um crime. Mas quem mais chamava atenção entre todas aquelas pessoas era a família brasileira, marido e mulher, com os três filhos grandinhos e um bebê em fase de amamentação, segurado no colo por uma pequena negra de seios grandes como uma hotentote. Todos apertados num banco junto ao mastro, silenciosos, como estátuas. Eles giravam os olhos negros na direção das pessoas que passavam, como se um mesmo mecanismo os movesse. O pai e a mãe ficavam grudados, como se tivessem ciúmes um do outro e pareciam ser ricos, mas asselvajados provavelmente na solidão de uma daquelas fazendas formiguejantes de escravos negros e rodeadas de campos intermináveis de cana-de-açúcar e de caf,é às quais se chega apenas após longos dias de caminhada em meio a florestas fechadas. Estava no banco em frente a eles, bordando, de costas para o mar, a pianista. Observei a elegância com que manuseava a pequena tesoura e a arte sutil com que olhava demoradamente a todos, sem que ninguém pudesse encontrar o seu olhar e sem que nos seus olhos frios brilhasse a menor expressão de curiosidade. Enquanto isso, sua mãe conversava com o agente de câmbio que estava de frente em pé, e pelo sorriso, notava-se que espicaçava com delicada ferocidade um ou muitos da companhia. Um lampejo de inveja que lhe passou pelos olhos me anunciou a aparição da argentina, que não via havia dois dias, que vinha vestida elegante e simples, apoiada no braço do marido, com o andar e o sorriso de uma convalescente, que não escondia a satisfação de ser olhada por todos. Era realmente um belíssimo exemplar da beleza opulenta do sangue crioulo. O cabelo e os olhos negros, cobertos pelas longas pálpebras. A pele morena e quente, de um frescor maravilhoso, e uma ondulação graciosa no andar, que suavizava e tornava leve para os olhos a plenitude formosa da pessoa. Naquele andar, no olhar e nos modos, era evidente a altivez jubilosa da portenha,

à qual se consente o primado sobre o belo sexo da América latina, a segurança atrevida da mulher nascida numa sociedade de luta e aventura que a respeita sozinha e a educa desde criança para suportar corajosamente os revezes da sorte. Com passo lento, com um desenvoltura sorridente de dona da casa, deu uma volta pelo convés, como se estivesse num salão de baile, e foi sentar-se próximo à bússola, aquela verdadeira, que ela não poderia deixar perder para a sorte de todos. Enquanto isso, faziam-se e desfaziam-se vários grupos de passageiros, e assim eu me vi um momento na companhia do genovês monóculo, que tinha a mesma expressão de tédio infinito no rosto, no qual refletia apenas a preocupação com comida, como um facho de luz sobre uma água parada. Eu lhe perguntei o que achava da cozinha do *Galileo*. Ele inclinou a cabeça e ficou um pouco pensativo. Em seguida, com o mesmo tom com que teria dito: "Acho que a Rússia abusa da tolerância européia", respondeu: "Francamente, acho que abusam dos pratos gordurosos, pelo menos na minha opinião." No entanto, gostava do cozinheiro, que havia trabalhado no Hotel Feder. Muito bom para os pratos doces, duzentos e cinqüenta liras por mês, um bom homem. Ofereceu-se para apresentá-lo a mim. Eu adiei a apresentação para outro dia. "Está certo!" disse então, olhando o relógio; "vou dar uma olhada. Hoje deve ter *pasticcio di fegato*". Deixou o lugar para o advogado que tinha fobia do mar, que passava naquele momento transtornado como sempre. Este parou para ouvir o vendedor marselhês que decantava o mar com as expressões de fabrica de sempre: "*Mais, regardez-don! Est-ce beau! Est-ce imposant! Est-ce grand! J´adore la mer, moi*". O advogado deu de ombros enfadado. O lindo mar! Aquela era uma idéia estranha! "O homem, na sua casa, acha tudo bonito, como um cretino. Montanhas bonitas, planície bonita, céu sereno, bonito, céu tempestuoso, bonito. Onde há vegetação é bonito, onde não há é bonito. É idiota! Para mim o mar não é outra coisa a não ser um imenso pântano...e agora o que está acontecendo?" Ouvira-se um golpe de hélice mais forte que os outros. Ele olhou ao redor com desconfiança. Mas o engraçado era que, falando do mar, ele nunca fixava os olhos. Dava uma olhada rapidíssima rente às bordas do navio, como um soldado aterrorizado lança um olhar sobre o inimigo que avança contra a fortaleza. "Console-se", disse-lhe, "o

mar está bom". "Ah! O mar está bom! Faça-me o favor!" retrucou indo embora. "Omar está bom! Em menos de meia hora podemos estar todos de joelhos encomendando a alma!" Naquele momento chegou o agente de câmbio para dar-me a notícia de uma descoberta. A gorda, de cara vermelha, sentada ali perto, que de manhã estava sempre de mau humor e de noite toda expansiva? Havia sido desvendado o mistério. Bebia como um gambá. Dizia-se que era uma domadora e que tinha um zoológico no Chile. Realmente tinha uma verdadeira bodega de licores em sua cabine de todos os países e cores, que bebericava a partir da meia-noite, sem parar, numa coleção de copinhos, fabricados especialmente, verdadeiros enfeites de cristaleira, com os quais tentava dissimular para si mesma o vício. Soubera pela mãe da pianista. Ela e sua camareira tomavam uma parte juntas toda noite regularmente, e quando estavam no ponto, puxavam conversa com o primeiro que aparecia dizendo esquisitices do outro mundo. Naquele momento ela estava conversando com um passageiro de estatura alta, no qual eu nunca prestara atenção. Uma figura de um velho vagabundo, que exibia na nuca uma longa listra vermelha. Também sobre ele comentava-se. Dizia-se que era um velho capitão, um cão, e que aquele sinal vermelho, era a marca de uma tentativa de enforcamento feito pelos seus marinheiros, muitos anos atrás, em alto-mar. As pessoas que ouviam ao redor deram uma risada, por isso, o "enforcado" virou-se. Desde então aquele apelido teria permanecido. Já havia outros em andamento. Um passageiro que não falava com ninguém porque tinha o nariz de bico e as orelhas em forma de asa, com uma certa cabeça do homem delinqüente de Lombroso, tinha sido chamado de "incendiário". O francês desconfiado do "Figaro" se chamava até mesmo de *o ladrão*. Um outro, não sei por que, era designado comumente com o título de *Diretor da sociedade de expurgo inodoro*. Na primeira ocasião, no entanto, conhecendo melhor, uns apertavam as mãos dos outros como bons amigos. "Olha" disse de repente, a suíça e o toscano desapareceram! Dou um pulo lá embaixo para dar uma olhada." Disse-lhe que o que ele suspeitava era impossível, pois embaixo estavam as camareiras. "Ao contrário!" retrucou. "Sentinelas avançadas para anunciar a chegada do inimigo: com uma gorjeta!" E saiu depressa. Procurei novamente o professor e o vi a poucos passos de mim,

meditando profundamente sobre a agulha de cádmio. Distanciou-se justamente no momento em que o agente voltava, com o jeito de um caçador que abateu uma presa. “Temos um pouco de movimento” disse-lhe aquele, placidamente. “É,” respondeu o agente, “de balanço”. Com essas brincadeiras afáveis se passava o tempo.

Só se podia apreciar o mar do convés quando era noite, depois que os passageiros já o tinham esvaziado, e ficavam dois ou três solitários. Naquela hora, quando no céu ainda claro no ocidente, o mar recortava uma linha negra nítida e, estando tudo escuro, como um mar de resina, não atraía os olhos para algum ponto determinado. Era prazeroso abandonar-se àquele vaivém de pensamentos desconectados e fragmentados, que se assemelha ao movimento das imagens de um sonho, nos quais batiam os golpes cadenciados da hélice. Mas os pensamentos, naquela hora, adquiriam a cor do mar. Diante daquele rosto sem fim das águas, que não mostra nenhum traço, nem do homem nem do tempo, o objetivo da nossa viagem, os nossos interesses, a nossa cidade, tudo nos parecia tão distante, confuso, pequeno, miserável. E pensar que três dias antes de partir ficamos magoados com a frieza da despedida de um conhecido na via Bararoux...Que piedade! Agora aquelas parecem ser recordações de uma outra existência, que ressurgem brevemente num momento e se precipitam, afogam-se naquele abismo imenso que se abre abaixo e ao redor. E nos abandonamos ao mar num nau imaginária que vai e vai sem parar, além das últimas terras, por aquele imenso oceano austral, do qual todos os continentes pareceriam reagrupados para um Micromega, encolhidos num hemisférios pelo medo da solidão. Mas naquela solidão a fantasia se perde e se assusta, e voa livre com desejo ardente entre a raça humana, em meio às criatura mais amadas, naquela sala onde estão recolhidos aqueles rostos ao clarão de um lume que brilha agora na nossa cabeça como um sol. Mas aqueles rostos não sorriem e neles todos pintou-se uma inquietação preocupante, e a idéia que cada giro da hélice aumenta distância enorme que nos separa deles, nos entristece. Distância enorme? Para diminuí-la no nosso conceito, tentamos apequenar o planeta em comparação com

o universo. Uma gota d´água sobre um molécula de lama. Que distância podem interpor os injetores entre eles? Mas o pensamento é forçadamente reconduzido à comparação do mundo com nós mesmos, e o sentimento habitual de maravilha renasce. Sim, uma enorme distância nos divide. Expulsamos então a imagem daqueles rostos. Pensamos novamente no mar, adormecemos a mente sobre essas águas infinitas. Que lindo mar! Que paz! No entanto, quantos horrores esta solidão solene terá visto! Viu passar aventureiros famintos de ouro, que afinavam as armas para carnificinas infames do novo mundo, revoltas de escravos arrasadas no sangue dentro das estivas dos negreiros, longos martírios de bagagens miseráveis, naufrágios horrendos nas trevas, agonias insensatas de famílias amarradas aos mastros, clamando com os rostos voltados para o céu o nome de Deus, sufocado pelas ondas. Isso poderia acontecer conosco, com o estouro de uma caldeira, nesta noite, dentro de uma hora, dentro de um minuto. Estremecendo, vimos então a descida lenta do nosso cadáver, gradativamente, por mundos igualmente diferentes de plantas, peixes e crustáceos, de moluscos, numa vertical de oito mil metros, até a escuridão fria daquela imensidão de lama viva e de esqueletos microscópicos que o fundo do mar forma...

O enigma da vida
Lá embaixo ondula e murmura...

De quem são esses versos? Ah! O meu bom Panzacchi[85]! Que estará fazendo agora? Aqui nos è apresentada a visão de uma noite festiva do Círculo dos artistas de Turim como um grande círculo luminoso que corre sobre o mar com o navio, e no qual circulam, brilham cem rostos conhecidos e parece que se ouve seu riso e suas vozes. Em seguida, de repente, tudo se apaga. Raios, sonhos, todas as amizades, todas as alegrias, todas as obras humanas. A realidade eterna é esta formidável massa de água que ocupa quatro quintos da terra e esta terra, esta cabeça assustadora, com um cocuruto de gelo e um cérebro de fogo, que foge gritando e chorando no infinito. Ah, que mistério! Prodígio! Se se pudesse

[85] Enrico Panzacchi (1840-1904) Colaborou junto a De Amicis no jornal “Cronica Bizantina”.Autor da editora Treves, fez uma resenha elogiando muito *Sull´Oceano*, em 1889.

permanecer aqui, numa ilha, por séculos e séculos, com o rosto entre as mãos, pensando, pensando ainda que apenas para poder compreender uma vez, nem que fosse pelo tempo de um raio!

"*Dois! Cinque! Oito! Tudo*!" Chegaram até mim esses gritos de um grupo de emigrantes lombardos que jogavam toda noite a *mora*[86] no convés. Àquela hora na sala de baixo, jogavam xadrez e dominó. Os passageiros que dormiam no convés recebiam os amigos nas cabines iluminadas, onde bebiam Bordeaux ou cerveja. Na proa, ao redor do refeitório, havia confusão de passageiros, que se apresentavam com um bônus, devidamente assinado pelo Comissário, para uma xícara de café, ou um copo de rum, para meio litro de vinho, apenas para festejar o fim de mais um dia. Fui à proa perambular um pouco, como um vagabundo, sob a proteção da escuridão, na qual apareciam como sombras grupos de mulheres com crianças adormecidas no colo, homens que bebericavam sozinhos, jovens que circulavam, entre a multidão, com focinhos de cão de caça, enfiando os olhos em todos os cantos. Naquela noite, pela primeira vez, assisti à separação dos dois sexos, que se fazia sob a vigilância do pequeno marinheiro corcunda, encarregado de mandar as mulheres dormirem. Desde a partida, passaram-se nove dias de vida de claustro a céu aberto. Os afetos matrimoniais haviam se tornado um pouco mais raros, e além dos legítimos, haviam se formado alguns casais novos, nos quais aquele modo de vida produzia o mesmo efeito que nos outros. Mas o corcundinha grisalho tinha que separá-los da mesma forma, sem levar em conta qualquer direito legal e toda noite, às dez, pontual e inexorável como o velho Silva, aparecia com a lanterna na mão e começava a passar por todos os cantos, desfazendo abraços e interrompendo conversas de amor, dizendo a cada cinco passos: "Para a cama! Para a cama, senhoras! Para a cama, moças!" era uma das cenas mais cômicas. Os casais resistiam. Separados aqui, abraçavam-se logo adiante, entre o matadouro e o lavatório, à sombra da despensa, atrás das gaiolas, nas passagens cobertas, em todos os lugares onde não batesse a luz do

[86] Jogo de azar com dois participantes que abrem os dedos da mão direita e têm que adivinhar a soma total dos dedos, dizendo em voz alta um número de dois a dez.

farol. O pobre corcunda voltava pelo mesmo caminho repetindo pacientemente: "*Vamos, senhoras! Vamos, filhas, está na hora!*" Ás vezes, para cair nas graças das renitentes, dizia: "*Vamos senhoras*!". Ao fim de quinze minutos, as mulheres desfilavam em procissão, em meio a duas filas de homens, como num passeio de gala, e desapareciam uma após a outra, pelas portinholas dos dormitórios, lá embaixo, na barriga do navio. Algumas ainda voltavam oferecendo as crianças para serem beijadas pelo marido, ou para apertar ou reapertar a mão dos novos amigos. Outras paravam para achar os garotos que tinham ficado para trás: Gioanniin!" "Baccicciin!" "Putela!" 'Picciriddu!" Piccinitt!" Gennariello!" e a lanterna segurada no alto pelo corcundinha surpreendia olhares lânguidos de moças bonitas, olhos brilhantes de rapazotes, rostos de maridos descontentes para os quais o regulamento custava. "*Vamos!" Vamos!*" continuava a gritar o corcundinha. "*Um pouco mais depressa, senhoras*". Finalmente, até a ponta da procissão desceu. Mas o corcunda, que conhecia o seu gado, voltou a dar uma volta pela proa, certo de que encontraria ainda algum casalzinho entocado, algum pecado mortal encaracolado no escuro. De fato encontrou, como todas as noites encontrava. Aproximando a poucos passos, ouvi suas exclamações de pai guardião escandalizado e uas ameaças, às quais respondiam vozes masculinas que o mandavam ao diabo, e outras mais doces, que pareciam negar ou pedir clemência. Mas ele não teve clemência, e vi passarem correndo mulheres cabisbaixas e descabeladas, que tentavam se esconder dos olhares curiosos, e desapareciam acompanhadas de uma série de crises de tosse. Tendo varrido as últimas sobras de amor, o velho corcunda parou com a lanterna na minha frente, e enxugando a testa com a mão: " Mais um dia duro que acaba!" exclamou. "*Puxa, que trabalho esse!"* Mas no seu rosto grosseiro de pobre diabo, lia-se um sentimento de piedade por toda aquela miséria, e talvez também por todos aqueles desejos que havia expulsado seguindo as "ordens superiores". "É um trabalho duro, né?" disse-lhe para puxar conversa e ouvir uma das suas frases filosóficas. Ele me olhou, erguendo um pouco a lanterna e, após um momento de reflexão, sentenciou: " Quando um homem se encontra na posição na qual eu me encontro, de julgar o mundo como é a bordo, pobres e ricos, e as coisas que

acontecem no mar, que fazem rir e chorar, tanto homens quanto mulheres, mas mais ainda as mulheres que os homens, acredite, senhor, ele forma uma opinião, e não se escandaliza com mais nada e se compadece de tudo". Dito isso se afastou. Pouco a pouco os homens também desapareceram, o navio ficou quieto e em silêncio, como um enorme animal que deslizava sobre a água sonolento, do qual se ouviam apenas as pulsações regulares do seu monstruoso coração.

7. No trópico de Câncer

No dia seguinte, deveríamos atravessar o trópico de Câncer. O camareiro avisou-me de manhã cedo, abaixando os olhos, pois tinha, entre outras, essa forma de galanteio, de abaixar os olhos, enquanto falava, como para não deixar ler na sua alma a alegria do seu último triunfo amoroso. O trópico de Câncer! Era o aviso desagradável de quase três mil milhas de um percurso tórrido, que deveria ser cumprido antes de sentir novamente a carícia fresca dos alísios do outro hemisfério, e só de pensar nisso já me dava a impressão de que duas gotas mornas escorriam sobre minhas têmporas. Coloquei a cara na janelinha. Uma maravilha! O oceano calmíssimo, todo prateado e rosa, coberto por um véu diáfano de vapores aos quais o sol nascente dava o aspecto de uma leve poeira luminosa e, a poucas milhas de distância, em meio àquela beleza imensa e virgem da água e do ar, um navio grande nos olhava, aparentemente imóvel, com todas as velas abertas e brancas, como um gigantesco cisne de asas enrijecidas. Abro e me chega à fronte e ao peito um sopro delicioso de brisa marinha, que me percorre as veias e me faz estremecer inteiro, como um hálito de um mundo rejuvenescido. O barco era um veleiro sueco que vinha provavelmente do Cabo da Boa Esperança, o primeiro que encontrávamos depois de Gibraltar. Durante poucos minutos, ele ofuscou meus olhos na claridade daquela aurora encantadora, simpático como a saudação de um amigo. Em seguida, escondeu-se e então o oceano me pareceu mais solitário e silencioso que antes, mas ainda suave, como nunca o havia visto, e de uma beleza delicada, que fazia imaginar litorais de um jardim infinito. Era uma daquelas manhãs nas quais os passageiros

vão para o convés sorridentes e com as mãos firmes, como se o primeiro sopro de ar tivesse trazido a cada um deles uma boa notícia.

Mas aquele tempo bom, em poucas horas tornou-se escuro, o céu se cobriu de nuvens e o ar tornou-se pesado e quente como se tivéssemos pulado da primavera para o verão. Tínhamos entrado naquela grande massa de vapor, antigo terror dos navegadores, que o calor do Equador faz subir do oceano e que se acumula sobre toda a região inter-tropical. As criaturas de sorte de Júlio Verne, viajando pelo céu, vêem-na como uma faixa escura imóvel ao redor do nosso planeta, semelhante às listras de Júpter. O belo mar da manhã tinha sido o último sorriso da região temperada, suavizado pelo último sopro dos alísios. Agora navegávamos na região da névoa, dos aguaceiros e da amofinação. Logo se mostraram os efeitos disso na terceira classe. O agente veio me procurar no salão. “Venha ver,” disse-me, “*le baruffe chiozzote*. O espetáculo vai começar.

Um grupo de mulheres havia começado o barulho por causa da distribuição da água doce. Além dos litros estipulados para cada *rancho*, um marinheiro devia fornecer uma certa quantidade a cada uma que quisesse para seu uso pessoal. Ora, algumas se lamentavam que a elas havia sido negada, enquanto para outras três havia sido dada. Mas a questão era intrincada, era uma explosão de ressentimentos que alimentavam havia algum tempo, uma injustiça que acreditavam ser interessada e habitual. As velhas diziam que se dava preferência às jovens, que faziam charme. Estas afirmavam o contrário. As preferidas eram as velhas, que tinham dinheiro e davam gorjeta para o distribuidor. Outras ainda se lamentavam que as mais bem tratadas eram as fidalgas, por servilismo. As *fidalgas*! Umas pobres diabas que de fidalgas tinham apenas o vestido que usavam e as lembranças. Aquelas que protestavam de forma mais inflamada haviam se juntado perto da cozinha, onde estava pendurado um grande vitelo esquartejado. Quando cheguei, o Comissário já estava, rodeado por quinze ou vinte encrenqueiras como galinhas chocas, todas falando ao mesmo tempo, em três ou quatro dialetos, apontando com o dedo em riste acusadoramente para o

marinheiro, um barbudo que parecia um frade capuchinho, impassível em meio àquele falatório, como uma estátua em meio a um círculo de vento. “Mas não estou entendendo nada!”, respondia com a sua placidez usual de Comissário. “Façam-me o santo favor de falar uma de cada vez.” Por um instante, uma daquelas mais jovens pousou olhar docemente sobre as bochechas rosadas e sobre as mãos brancas daquele belo rapaz, enquanto os olhos das outras faiscavam daquela ira lívida, que chameja nas mulheres do povo toda vez que brigam, mesmo por uma coisa de nada, com pessoas das classes superiores, e que vem de rancores antigos e confusos, acumulados, alheios ao momento. “É molecagem!” ouvia-se dizer. “nós também pagamos, senhor.” “É hora de acabar com isso!” e as querelas femininas eram apoiadas por resmungos surdos de uma fila de homens, que se divertiam intimamente como se aquilo fosse um espetáculo, instigando, no entanto, a desavença pela cumplicidade de *classe* e também um pouco por uma certa consciência atrevida de futuros cidadãos republicanos. Finalmente, o Comissário conseguiu que fizessem um pouco de silêncio e apenas uma mulher falou. Eu via apenas uma cabeleira desgrenhada e um indicador ameaçador que cortava o ar, contando o tempo numa ladainha de matraca, quando uma explosão de exclamações cobriu aquela voz: “Não é verdade!” “*Tazé vu*” “*Busiarda*!” “*Ch´el me senta mi!*” “*A l´è n´onta!*” E já naquele empurra-empurra algumas crianças choravam, já estavam para se pegar a tapas...

De repente se ouviu do outro lado um grito estridente de mulher. Viram-se pessoas correndo para perto do traquete, e em poucos instantes, formou-se uma multidão. Do meio dela se ergueu um coro de risadas parecendo vir dali uma notícia que, espalhando-se rapidamente, propagou o riso até os últimos que chegaram correndo, fazendo vir gente de todo lado, de tal forma que logo foi um alvoroço e uma farra só, que se seguiu das cozinhas até o castelo da proa. Mas um riso vulgar e descontrolado, acompanhado de piscadelas e de troca de cutucões, entre cotovelos e ombros, que falava abertamente da natureza cômica da qual provinha. Foi tamanha a curiosidade despertada por aquele riso que até as mulheres que brigavam, esquecendo de repente a própria contenda,

dispersaram-se aqui e ali para perguntar o que tinha acontecido. Ocorreu que dois peixes voadores, fazendo um arco sobre o navio, bateram ambos quase num ponto nos cordames e caíram sobre o convés. Um havia batido entre as rodas do cabrestante, o outro tinha ido parar com a cabeça enfiada na dobra do cachecol de uma moça, exatamente entre duas estampas floridas, como se tivesse tido a intenção de prosseguir o caminho. Quando a multidão se abriu, a moça fugiu, indo esconder-se atrás do matadouro e um emigrante brincalhão deu uma volta com o peixe impudico, murmurando não sei o que, como fazem os pregadores em praças públicas, até que o Comissário o fez calar com um gesto. Mas as brincadeiras e as risadas continuaram por um tempo e as duas belas rolinhas marinhas, cintilantes como prata, passando de mão em mão, admiradas e comentadas em conversas intermináveis, serviram para acalmar um pouco a irritação que nascia das "classes trabalhadoras".

Enquanto isso, notei entre a multidão muitos passageiros da primeira classe, o marselhês, o toscano, o tenor, que deviam ter o hábito de fazer expedições nas terceiras classes. Aquela que mais aparecia era a cara de Napoleão hidrópico do marselhês, que rondava a porta do dormitório feminino, balançando sobre as pernas curvadas seu busto comprido de patagônio. Disse-me depois o agente de câmbio que, desde o primeiro dia de viagem, ele tinha iniciado uma série de visitas regulares ao belo sexo que emigrava, com intenções de sedutor, às quais aludia piscando um olho: "*Il y a quelque chose à faire par là, savez vous?"*. Procurara facilitar o caminho exibindo com os homens uma certa simpatia nacional, requentada de socialismo. Mas parece que, além de encontrar pouca correspondência nos demais, tinha sido cumprimentado por alguns com algumas apóstrofes de arrepiar o cabelo. As pessoas de alma gentil e de cultura, nas quais é inato e forte o sentimento de desigualdade, não imaginam como ainda seja comum na nossa burguesia democrática o desprezo quase inconsciente pelo povo e como são poucos aqueles que sabem conversar com ele sem humilhá-lo, mesmo quando se quer agradecer-lhe, fingindo tratá-lo como igual. Portanto, percebendo o insucesso das primeiras tentativas, o marselhês havia rareado as

visitas e reduziu seu objetivo a uma simples "pesquisa artística" sobre a beleza. De fato, às vezes, descobria uma beleza cuja descrição fazia à mesa, orgulhando-se de distinguir os vários tipos da Itália, sentenciando sobre o nariz toscano, sobre a boca vêneta, sobre os "ligamentos" lombardos, com uma bazófia inimaginável, ainda que mais de uma pessoa tivesse já provado a ele que confundia a Calábria com o Vale de Aosta, e outros equívocos colossais que ele arrancava, determinado a dar aulas a todo mundo. "*La bouche de la femme toscane...Le type genois, messieurs...Jái remarqué que l´angle facial napolitain...Il y a lá une nuance, je vous assure..."* era uma diversão. Mas, naquele café manhã, nem ele conseguiu alegrar os comensais que sentiam os primeiros influxos do trópico, e cujo mau humor destoava de forma lépida das roupas claras e dos coletes brancos que aquele verão repentino tinha feito aparecer. Ele entabulou, apenas por alguns minutos, uma conversa sobre as teorias malthusianas, durante a qual os argentinos zombaram dele principalmente em relação àquele velho ponto, se a emigração é um remédio eficaz para o rápido crescimento da população de um país. Ignorando Malthus supinamente, mas determinado a mostrar que entendia de tudo, ele sustentava levianamente que a emigração despovoava os países, que a Europa, dentro de cem anos, estaria quase deserta, com ursos e lobos nas entradas das capitais. Os argentinos afirmavam que não. *Loucuras!* Em todos os países os nascimentos superam o número de mortos, e não só isso, nos países abandonados, a espécie se multiplica mais rapidamente devido às facilidades para se casar, decorrentes de uma proporção mais favorável entre os meios de subsistência e o número de habitantes, resultando que os vazios sejam sempre preenchidos abundantemente. A prova era que nos países onde mais se emigra não se experimenta a longo prazo, uma diminuição sensível da miséria. *"Pas possible!"* retrucava o marselhês ardorosamente. "*Prouvez-moi cela!"* Mas os argentinos, com a prontidão e a admirável memória que os distingue, citavam: mesmo naqueles anos de maior emigração, diz Malthus, o povo da Inglaterra não deixou de ficar refém da pobreza. "*Malthus n´a pás dit cel!"* "Como? Como?" Mas os argentinos, sem insistir nem se desmentir, ganhavam a batalha. "Suart Mill", continuavam eles, "disse que a emigração não dispensa a necessidade de se

combater o aumento da população. Concorda que ele disse isso?" E o outro francamente: "*Pas precisément, monsieurs".* Desconhecendo tanto Stuart Mill quanto Malthus teimava, entre as risadas dos seus adversários, que entendiam o jogo. Aquele foi o único fato divertido daquele café da manhã. O horizonte nublado, o mar cinza e o calor que começava a fazer brilhar as frontes mantiveram fechadas todas as outras bocas do princípio ao fim. Apenas a loira conservava a face fresca como uma maçã rosada, lançando continuamente um duplo jato de palavras no ouvido do marido, que estava à esquerda, e do tenor, que estava à direita, exortando de vez em quando, com um olhar piedoso, o toscaninho que estava sentado diante dela, para que seu novo amigo não sentisse ciúmes. Foi por causa dela que um outro sopro de hilaridade passou pelas rodinhas bocejantes no convés, durante a hora séria da digestão. Desde a manhã, corria de boca em boca, um ingênuo despropósito que revelava o quanto eram incompletas e confusas as idéias geográficas sob aquela caprichosa cabeleira dourada. O agente, ao encontrá-la teria dito: "Senhora, hoje passaremos o trópico de Câncer". Ela respondeu alegremente: "Oh, finalmente! Ao menos veremos alguma coisa".

Eu, no entanto, não entendia como era possível ficar entediado a bordo. Aliás me alegrava a visão dos entediados pela mesma razão que se experimenta mais agradável a sensação de bem-estar em meio às pessoas que sentem enjôo no mar. Naquele dia não podia me faltar o espetáculo. Entre a uma e as quatro da tarde principalmente, que é sempre a hora mais terrível, comecei a ver algumas caras que fariam dizer: "Daqui a pouco aquele ali se decompõe e será preciso varrê-lo do convés". Não era o tédio, que Leopardi chama o maior dos sentimentos humanos, mas uma imbecilização digan de compaixão, que se manifestava numa indolência geral de pálpebras, bochechas e lábios, como se os rostos fossem todos feitos de carne cozida. Entre os mais atormentados, encontrei o genovês, que estava debruçado na clarabóia do motor, com um rosto sobre o qual não aparecia mais sequer um reflexo moribundo de inteligência. "O que você faz aqui?" perguntei-lhe, "por que não está na cozinha?" Havia saído então, nenhuma novidade. *Tagliatelli* amanhã...talvez, mas não estava certo. Explicou-me por que

estava lá olhando longamente o movimento monótono de uma haste de êmbolo, era uma teoria pessoal sobre o tédio. “Observei que o tédio” dizia “decorre de não se poder pensar em outras coisas a não ser naquelas desagradáveis. Portanto, para se livrar do tédio, não há outro remédio a não ser não pensar, como os animais. E então eu me ponho aqui, imóvel, olhando o sobe-desce daquele êmbolo. Aos poucos, em menos de vinte minutos, reduzo-me a um estado de completa imbecilidade, um verdadeiro burro. Então não penso mais em nada e não fico mais entediado. *No gh´è atro”* . Dei uma risada, mas ele permaneceu sério e voltou a olhar o êmbolo com olhos dilatados e fixos de um morto. Estava para dizer-lhe que, para se livrar do tédio, seria melhor descer para ver o motor, mas parecendo-me que ele já se encontrava quase no estado desejado, abstive-me e desci eu.

Observei algo em todos os dias em que passava por ali. Nem dez dos mil e setecentos passageiros do *Galileo* seriam capazes de dizer o que era e nem tinham a curiosidade de conhecer aquele motor maravilhoso. Assim, somos um pouco menos ignorantes do que os selvagens que desprezamos por desconhecerem os cem outros milagres mecânicos do engenho humano, dos quais nos servimos e somos orgulhosos. E não apenas para o ignorante que não tem a menor idéia a respeito a não ser a de um panela gigantesca e um intrincado mistério de rodas. Mesmo para quem adquiriu algumas noções nos livros, é um prazer novo e grande a primeira vez que se decide vestir uma camiseta azul de maquinista e descer àquele inferno tenebroso e sonoro, do qual vira apenas a fumaça pelo ar. Quando se chega ao fundo e se olha para o alto, onde o dia é só um vislumbre, parece que se cai do teto entre os fundamentos de uma outra edificação. Ao ver todas aquelas escadinhas de ferro muito íngremes erguidas uma sobre a outra, aquelas grades horizontais que giram sobre a nossa cabeça, aquela variedade de cilindros, de tubos colossais e de engenhos de todo tipo, agitados por uma vida impetuosa, formando todos juntos não sei que temível monstro de metal, que ocupa com seus cem membros visíveis e impermeáveis quase um terço daquele navio enorme, se fica imóvel diante daquela maravilha,

humilhado por não compreender, por se sentir tão pequeno e fraco diante daquele prodígio de força. Cresce ainda mais a admiração quando se penetra no vulcão que dá vida a cada coisa, entre aquelas seis incomensuráveis caldeiras, seis casas de aço, divididas por quatro ruas que se cruzam, semelhantes a um bairro fechado e escaldante, onde muitos homens negros e seminus, de rostos e olhos acesos, engolindo de vez em quando golfadas de água, fazem trabalhar, sem pausa para descanso, seis bocas incandescentes, que devoram em vinte e quatro horas cem toneladas de carvão, sob o sopro de seis colossais bombas a ar, que rugem como gargantas de leões. Tive a sensação de voltar à vida quando, saindo de lá banhado de suor, vi-me novamente diante do motor, onde também nos parecera, pouco antes, que estivéssemos sepultados. Foi uma dificuldade ter de novo a mente livre. O maquinista explica bem. Aquele movimento vertiginoso de êmbolos, de balancins e de turbinas, que os engraxadores roçam com um aparente descuido de dar arrepios; aquele estrondo ensurdecedor que produzem juntos o ruído metálico das manivelas, os apitos das válvulas atmosféricas, o barulho surdo das bombas a ar e os golpes secos dos excêntricos; aquele vaivém de espectros com lumes nas mãos, que sobem e descem pelas escadinhas, aparecem nas trevas, reaparecem embaixo e em cima, fazendo cintilar em tudo aço, ferro, cobre, bronze, criando, sob o clarão, formas estranhas breves, movimentos incompreensíveis, passagens e profundezas desconhecidas. Tudo isso confunde na cabeça até mesmo as poucas idéias nítidas que tínhamos antes de descer. E nos sentimos seguros diante da grandeza poderosa dos mecanismos. Mas esse sentimento se esmorece aos poucos ao ver o cuidado minucioso com que os maquinistas os vigiam e a atenção inquieta com que ficam ouvindo se daquele concerto uniforme de sons escapa a mais leve nota dissonante, e se entre aqueles odores habituais se percebe o menor cheiro de queimado. Como correm de um lado para outro para sentir se a temperatura dos metais supera aquele determinado grau, vendo se surge em algum lugar um indício de fumaça suspeito, mantendo constante a chuva de óleo que desce de cinqüenta lubrificantes continuamente sobre todas as articulações daquele corpo imenso. Porque aquele corpo imenso, que enfrenta e vence as tempestades do

oceano, é delicado como um organismo humano e o menor incômodo de um dos menores de seus membros o perturba por completo e requer um remédio imediato. Ele se assemelha de fato a um corpo vivo, como os homens que o alimentam, sedento, devido ao incêndio que lhe queima o ventre e obrigado a tragar do mar, sem trégua, uma torrente de água, que ele relança em fontes de fumaça. Todo aquele complexo de instrumentos é como um torso titânico do qual todos os esforços convergem no impulso formidável de um longo braço de ferro, com o qual roda o grande parafuso de bronze que dilacera a onda e move tudo. Ao olhar para ele, vêm à mente as antigas embarcações usadas pelos dalmácios, com três pares de rodas e asas movidas por bois. Imagina-se com um sentimento de orgulho o estupor com que um antigo se deteria ali e o grito de admiração que sairia do seu peito! Ele nunca poderia imaginar o quanto aquela maravilha tenha custado aos seus semelhantes. Um século de tentativas frustradas, um outro século de transformações contínuas, uma legião de grandes engenhos que consumiram vidas inteiras em função de um aperfeiçoamento que um outro em seguida fez cair no esquecimento. O martírio de Papin, o suicídio de John Fitch, o marquês de Jouffroy que acabou na miséria, Fulton zombado, Sauvage louco, uma série interminável de injustiças e de lutas miseráveis, que põem em dúvida, ao se ler a história das grandes invenções, se é suficiente o exemplo do gênio e da constância heróica de quem as realizou, para consolar a consciência humana da ignorância obstinada, da cupidez feroz, da inveja infame que as combateu e que, podendo, as teria matado. Tudo isso diz aquele colosso admirável com suas cem vozes ásperas e afobadas, ele também, destinado, talvez, a parecer, aos nossos netos distantes, um aparelho de principiantes, grosseiro e frágil.

Subindo, encontrei no alto da escada o grande padre que, apontando-me o motor com uma mão, ergueu o indicador da outra diante do rosto como um vela. Não entendi. Queria dizer-me que o motor do Galileo custara um milhão. Agradeci, desviando o dedo e cheguei ao convés a tempo para ver pela primeira vez o meu Comissário no exercício de sua função de juiz numa *causa* curiosíssima. Entrava naquele momento na sua sala a bolonhesa gorda da proa com uma expressão de

leoa ferida, com a sua inseparável bolsa a tiracolo. Como a porta era coberta apenas por uma cortina verde fina, ouviam-se algumas palavras. Pobre Comissário! Não demorei a ter uma idéia da santíssima paciência que ele tinha que ter naquelas conversas. A voz da reclamante começou movida pela cólera, cheia de soberba e de ameaças. Entendi apenas que se queixava de uma injúria e que esta devia ser uma suposição feita por um passageiro sobre o conteúdo da sua bolsona misteriosa. Narrava o fato, pedia punição do injuriante, intimava o Comissário a cumprir o seu dever. Este lhe perguntou a respeito do assunto e lhe recomendou que se acalmasse, prometendo pedir informações. Diante daquelas palavras, sua voz se tornou um pouco mais branda e me pareceu que começava uma história, com um tom sentimental, que passava gradualmente para o dramático. Sim, era a sua autobiografia. Uma família distinta, um parente que escrevia nos jornais e que exporia a todos. A mãe, o pai, uma boa educação e, em seguida, algumas desgraças, a injustiça da sorte, uma vida ilibada...de repente, a crise inevitável. Desatou a chorar. Então ouvi a voz do Comissário que a confortava. Enquanto isso, formara-se diante da porta um grupo de homens e mulheres da terceira classe, entre os quais uma cara engraçada de camponês, ao qual faltava a ponta do nariz e que devia ser o réu, que ia se desculpando: “Enfim...eu nunca disse que tinha certeza, eu....fiz só uma suposição...” Era o réu. De fato, quando o Comissário apareceu na porta, ele disse: “Sou eu”, e entrou. De repente se ouviu uma erupção de impropérios bolonheses, que jogaram por terra a *família distinta*: “Seu covarde desgraçado! Tem coragem de aparecer na minha frente? Vou pegar você pelo pescoço, seu porco feio. Cara feia de caipira mal educado. Depois ouviram-se as três vozes juntas, depois só a do culpado. Nossa! O motivo da briga era mesmo o conteúdo hipotético daquela famosa bolsa em torno da qual havia nove dias as cabeças desocupadas da proa queimavam as pestanas, fazendo as mais bizarras conjecturas do mundo. Mas a palavra incriminada não se ouviu. Ouviu-se, no entanto, o Comissário dar uma lavada no camponês ameaçando-o seriamente e este pedir desculpas. A bolonhesa deu mais uma bronca Depois disso, ele saiu cabisbaixo e a outra de cabeça erguida. Erguendo a cortininha verde, vi o juiz jogado sobre o sofá, com as mãos sobre os

quadris sufocado por uma crise de riso e prostrado pelo esforço que fizera para contê-lo. Qual era portanto a suposição? O que deveria haver dentro daquela bendita bolsa?...Ah! impossível adivinhar! Uma das mais burlescas esquisitices que podem passar pela cabeça de um burlão impertinente. Uma idéia da qual teria rido sob os bigodes até mesmo o mais ardoroso moralista e da qual o autor das *Baruffe chiozzotte,* com todo o respeito, poderia ter se apropriado. Também fui obrigado a pedir ajuda ao sofá. Mas tive que me levantar logo porque entrava uma outra mulher para reclamar de um boato a seu respeito. “Pobre Comissário!” disse-lhe saindo “o dia começou mal e ameaça a terminar pior”. “Ah! Isso não é nada!” Respondeu com sua afável resignação e dando uma olhada no termômetro: “Verá”, acrescentou, “quando atingirmos os 36 graus”. E recuperando o expressão de juiz, dirigiu-se à recém-chegada.

Mas o calor já havia deteriorado as coisas na poupa também, como pude ver muito bem à noite. Era algo de dar realmente compaixão. Entre aqueles gatos pingados, que dez dias antes não se conheciam, que dentro de dez dias iriam se separar para sempre, que deveriam pensar apenas nos afetos e nos interesses que tinham deixado na Europa ou que os esperavam na América, lá, sobre aquelas quatro tábuas suspensas no abismo, já havia se urdido uma trama intrincada de antipatias e inimizades. Hostilidades entre chilenos e argentinos, entre o peruano e o chileno, entre os italianos e os franceses, rixas entre italianos de províncias diferentes, ciúmes miseráveis entre as mulheres, um bolor de querelas vergonhosas, que se demonstravam em olhares malignos e em manifestações recíprocas de pouco caso ou de aversão. Metade dos passageiros furaria os olhos da outra metade. Não contando outras sujeiras, tanto na terceira quanto na primeira classe. Na verdade, se o *Galileo,* tivesse naufragado de repente, não teria se afogado uma grande carga de nobres sentimentos. As únicas duas pessoas que, a julgar pelo que se via, mereceriam se salvar era a moça de Mestre e o garibaldino, que naquela noite também estavam sentados próximos conversando. A relação, disse-me o agente de câmbio, tinha nascido disso: ele tinha sido companheiro de armas de um irmão da moça, ferido em Bezzecca, e

morto num hospital em Brescia. É claro, ele devia viver com o pensamento acima das míseras paixões das outras pessoas, uma vez que o seu rosto exprimia tanto descuido por si mesmo, pela vida e pelas pessoas, um grande e frio desprezo por todo tipo de baixeza que ninguém se aproximava dele, como se todos tivessem instintivamente farejado nele um inimigo. Ela falava, ele ouvia, respeitoso, mas impassível. Sensibilizou-me e ficou na minha cabeça, como a impressão mais viva daquele dia, o modo como se separaram, tarde da noite. Vejo ainda aquele monumento soberbo, perseguido pela imagem do suicídio, erguer-se e inclinar a cabeça, diante daquela larva branca, daquele rosto de morta, sobre o qual se vislumbrava apenas um raio de esperança em uma outra vida.

8. Mar amarelo

Chegando a este ponto, encontro na capa do guia Berghaus, sobre o qual marcava todos os dias algumas lembranças, as palavras: 11º. dia, crise de apoplexia espiritual. Sobreveio à minha mente um fato psicológico singular, que me acompanhou naquele dia e que, mais cedo ou mais tarde, numa longa travessia, acontece com todo mundo, uma vez passadas as primeiras novidades da vida a bordo. Numa bela manhã, subindo pela primeira vez ao convés, desaba sobre a minha alma o tédio, inesperado, como uma maçada na nuca. Um desbotamento de todas as coisas, um desgosto inexprimível por aquela vida e por aquele espetáculo, a sensação de sufocação de quem, tendo adormecido ao ar livre, desperta-se com cordas nos pulsos, sob o teto de uma prisão. Naquele momento parece que estamos no mar há um tempo imemorável, como os passageiros do navio fantástico de Edgar Allan Poe e a idéia de passar ainda duas semanas sobre aqueles quatro eixos, em meio àquele grupo de moribundos de tédio, aterroriza. Não, não é possível que vocês resistam, vocês terão algum tipo estranho de doença mental ainda desconhecida antes de chegar. Deus pai! Como livrar-se daquele suplício! Escrever! Mas o navio, como outros já disseram, fere o escritor numa das suas faculdades mais delicadas, que é o senso da harmonia. O barulho da hélice faz com que ele repita vinte vezes numa página a mesma

palavra. Ler? Mas para obrigar-se a escrever vocês enfiaram todos os livros em baús destinados à estiva. Falando seriamente, vocês pensam em tomar um narcótico ou ficam tentados a se embriagar com conhaque, ou fazer a experiência do genovês com o êmbolo da máquina. Ah! Poder encontrar algo de novo! Cem liras pelo “Corriere Mercantile”, desta manhã, uma libra de sangue por uma ilha! Uma revolta a bordo, uma tempestade, o mundo em caos, apenas para poder sair um dia deste terrível estado!

O mar se mostrava naquela manhã um de seus aspectos mais feios e odiosos. Imóvel sob uma camada baixa de nuvens infladas e inertes, amarelo cor de sujeira, de uma aparência viscosa, como se fosse um lodo de terra engordurada, no qual um arpão de pesca tivesse que ficar cravado como uma vara e parecia que não tivesse que fisgar peixes mas animais disformes de imundos, da sua mesma cor. Um aspecto semelhante apresentam talvez as planícies da região ocidental do Mar Cáspio, quando são cobertas pelas erupções da larva dos vulcões. Se fosse verdade que este imenso mar, salgado como sangue, e dotado de uma circulação, de um pulso e de um coração, não é um elemento inorgânico, mas um incomensurável animal vivo e pensante, diria que naquela manhã ele revirava na sua mente os mais torpes pensamentos delirando num estado de sonolência como um sujeito bronco embriagado. Mas nem a idéia de estar vivo despertava, uma vez que não havia um sopro de vento e sobre a sua face não aparecia nem contração, nem ruga. Dava a impressão daquele ângulo de mar deserto, que permaneceu muito tempo inexplorado, que se estende entre a corrente de Humboldt e aquela que vai de encontro a essa do centro do Pacífico, fora das grandes rotas de navegação, onde não se vê nem vela, nem baleia, nem gaivota, nem alcião, de cujos confins tudo escapa, todo indício de vida desaparece e se o vento e a tempestade lhe lançam, às vezes, um navio perdido, os navegantes têm a impressão de terem caído nas águas de um mundo morto.

Mas por sorte essas crises de tédio são como uma dor no cotovelo, terríveis, mas breves. Ajudou a livrar-me dela o comandante, que naquela manhã, durante o

café, estava na veia de bater papo e com muito bom humor, ainda que transparecesse um pouco daquele seu semblante de pequeno Hércules de pêlos ruivos. Normalmente aquele era o seu melhor momento. Examinados os cálculos astronômicos dos oficiais, indicado o seu mapa, computado o caminho feito e aquele ainda por fazer, se nas últimas vinte e quatro horas o *Galileo* seguira bem e se não havia novidades desagradáveis a bordo, ele se sentava à mesa esfregando as mãos e mantinha viva a conversa. Mas mesmo naqueles dias começava com alguma investida marinhesca contra os camareiros, assim, por hábito e para fazer uma advertência edificante. A alguém que lhe vinha com desculpas dizia: “Sai daqui impostor!” a um outro ameaçava dois tabefes. A um terceiro: “Tome cuidado, porque se começar a blasfemar!...” Ameaçava dar tabefes e chutes especialmente em Ruy-Blas, que respondia com um finíssimo sorriso como se dissesse: “Enfureça, tirano! Você tem poder mas não amor.” Na verdade, para uma mesa onde havia homens de classe, aquela linguagem era um pouco colorida demais. Mas nós desculpávamos, pensando nos muitos comandantes de outras nações, que são perfeitos cavalheiros à mesa, e beberrões na cabine, e nos parecia que, em se tratando de confiar a vida a alguém, era preferível um grosseirão prudente a um cavalheiro bêbado.

Naquela manhã, como sempre, chamou de patife um, de porco outro, e depois começou a comer e a falar lentamente. Lembro-me daquela conversa unicamente sobre de mar, pela tortura cruel na qual se viu o pobre advogado, meu vizinho. Primeiro foi a mulher gorda, a suposta domadora de feras, que levando a conversa para mau caminho, perguntando ao comandante, com uma falta de adequação que traía a Chartreuse matinal, qual era a causa mais freqüente de naufrágios.

O comandante, com a boca cheia de pão, respondeu que havia cerca de cinqüenta maneiras de se naufragar: estouro de caldeira, incêndios, furacões, ciclones, tufões, rochas, bancos de areia, e assim por diante. Metade dos naufrágios, no entanto, podia ser atribuída à ignorância profissional, à imprevidência, à negligência, aos defeitos na constituição da madeira; enfim, a

causas inevitáveis. De um ano a outro, ocorriam sei mil naufrágios entre navios e barcos, e atenção, sem colocar na estatística a China, o Japão e a Malásia.

O advogado, desde as primeiras palavras, tinha um semblante anuviado e fingia não ouvir, mas se via que uma curiosidade doentia obrigava-o a dar ouvidos. E foi pior quando a senhora, com daqueles pulos que dão as mulheres nas conversas, perguntou ao comandante qual era a sensação e o que se via quando se ia para baixo d´água.

"O que sente", respondeu o comandante, "não sei. O que se vê...então, por um pouco ainda se vê luz, uma luz velada, pálida; depois...é como a claridade do crepúsculo, dizem, vermelho...sinistro; e depois...tchau e benção; uma escuridão total, uma grande queda de temperatura até zero. Congela-se. No entanto", acrescentou, dirigindo-se ao advogado, como se dissesse para consolá-lo, "pode ser também que não haja escuridão absoluta, podem haver algumas fosforescências...pouco alegres em todo caso."

O advogado começava a dar sinais de impaciência, resmungando: "E é o tipo de conversa para se ter a bordo...vou sair da mesa, eu...que educação de cornudos vis..."

Então, o velho chileno, o genovês monóculo e o comandante começaram a citar e a descrever célebres naufrágios, um mais horrendo que o outro, com aquela indiferença pela morte que faz a alma descer pelo canal alimentar, quando se senta a uma boa mesa. Emergiram desde a famosa balsa da medusa até Atlas, desaparecido entre Marselha e a Argélia sem que se tenha tido mais notícia. O comandante lembrou os barcos ingleses Nautilus, New- Colville e um outro, que partiram de Danzica para Inglaterra em 1866 e, se dissiparam como três sombras, sem que se tenha sabido nem onde, nem quando, nem como.

O advogado parou de comer.

Mas o comandante continuou. Com a eloqüência com que explicam todas as pessoas que falam sobre um fato no qual arriscaram a vida, pôs-se a descrever uma tempestade assustadora que o havia surpreendido nas costas da Inglaterra, quando comandava ainda um barco a vela, e chegando o momento supremo, imitou, fazendo um gesto com a cabeça, mas com grande verossimilhança, o grito longo e desesperado que havia emitido o timoneiro: "V*amos afundaaaaaaaar!"*

Diante daquelas palavras, o advogado se levantou e bateu o guardanapo sobre a mesa. Foi embora com passos decididos, mastigando insultos, e ai se um daqueles chegasse ao seu destino! Mas como muitas vezes ele se levantava antes dos outros, o comandante não percebeu, por sorte. Pobre advogado! Assim que ele saiu, mudaram de assunto de repente, como se até então estivessem falando apenas para insultá-lo. O comandante tomou a palavra, e começou a dar à conversa aquele tom divertido e estranhíssimo, naquele ritmo doido, que pode ser dado apenas pelo comandante de um daqueles transatlânticos, para o qual os lugares longínquos aos quais deve ir e nos quais passa toda a sua vida se unem e se confundem num só, de uma maneira onipresente na sua cabeça. Da última apresentação do *Fra Diavolo* passando por Paganini de Gênova, pulou para uma história ocorrida no mês anterior em São Vicente de Cabo Verde com uma negra de tetas de cabra, que fabricava flores de penas de passarinho. Juntou não sei que aventura doméstica de um entregador de carvão de Gilbraltar com uma fofoca do porto do Rio de Janeiro. De um almoço para o qual havia sido convidado em Las Palmas, nas Canárias, pulou para um empregado charlatão da alfândega de Montevidéu. Parecia-me ouvir falar um homem milagroso que vivia num ponto entre os três continentes, para o qual espaço e tempo não existiam. Notei que as pessoas com as quais se relacionava nos portos dos seus três mundos eram as mesmas e que permaneciam fixas e distintas na sua cabeça. As outras inúmeras, que ele embarcava e desembarcava continuamente, passavam pela sua mente como pelo seu navio, deixando apenas o traço de uma reminiscência desbotada. Possuía também um conhecimento *suis generis* dos vários países, como se pode

adquirir olhando-os a partir da entrada. Tinha na ponta da língua, por exemplo, os preços dos mercados de legumes, mas não fazia nenhuma idéia sobre a história e a forma de governo. Assim, das várias línguas, possuía apenas os substantivos e os verbos de uma certa categoria, moedas de cobre, por assim dizer, para conversar, e apenas uma gramática para todas elas. Julgando as coisas do mundo, demonstrava uma certa ingenuidade de colegial adulto, que freqüenta a sociedade uma vez por mês, informações e opiniões fora de uso, colocadas a uma grande distância uma das outras e com uma cara apenas, como as cidades nas quais atracava e das quais via apenas o panorama marítimo. Sua última história foi uma briga na qual se meteu em 1868 com um atravessador de farinha de Odessa e resolvida, como sempre, com uma generosa partida de bisca – das suas. *E ghe l´ho doete!"* e eu o bati, disse. Em seguida, acabou falando apenas para aqueles que estavam próximos dele, com um elogio sério e sensato a sua esposa, uma mulher econômica, dona de casa, muito sensata, que ele deveria ter encontrado e com quem deveria ter se casado dez anos antes.

Levantando-se da mesa, parou na porta do salão, como costumava fazer quando estava feliz consigo mesmo, para ver desfilar os passageiros, aos quais fazia um ligeiro aceno de em sinal de cumprimento, com um aspecto grave e benigno. Estando próximo dele, captei no ar um olhar severo lançado à loira, cujo comportamento parecia chocar-se com seus princípios rigorosos de moral marítima e talvez ainda mais naquele momento em que estava ainda inflamado pela apologia feita à esposa. Mas a senhora passou rindo, sem perceber nada. Quase no mesmo instante fiquei surpreso ao vê-lo erguer o chapéu e fazer um leve meneio, com ar de grande respeito para a moça de Mestre, que passava de braços dados com a tia. Depois que ela passou, ele se girou dizendo aos vizinhos gravemente: "A*quela moça ali...é um anjo*".

Sendo o calor muito intenso àquela hora, quase todos permaneceram por bastante tempo no convés, à sombra da cobertura. Tive como observar melhor que na noite anterior as mudanças ocorridas nos últimos dias nos relacionamentos entre os

passageiros. Uma amenidade. Pessoas que na semana anterior tinham dado mostra de não se simpatizarem, estavam agora próximas conversando de forma aparentemente amigável. Outras que no início pareciam grudadas umas as outras pareciam se repelir com repugnância. Uma longa viagem marítima é como uma breve existência à parte, na qual as amizades nascem, amadurecem e caem com a mesma rapidez com que passam as estações no navio, onde em três semanas se passa da primavera ao outono. A certeza de se separar na chegada e não se rever mais, encoraja às confidências e estimula as novas amizades sem suscetibilidades diante da primeira desavença. A facilidade de se fazer passar por diferentes, ou por mais daquilo que somos, é também um estímulo para se procurar amizades, e um motivo também de rupturas, porque todos estão fazendo conosco o mesmo jogo. Assim que descobrimos o engano, é o fim. Por essas razões as amizades a bordo, dançam conforme a música. Até porque não há coisa que mais faça cometer pequenas vilezas do que o tédio. No décimo dia, em vez de entediar-se, algumas pessoas vão humildemente puxar conversa com aqueles a quem ofenderam até à noite anterior com uma manifestação evidente de antipatia. Vi, entre os outros pares novos, o padre napolitano que passeava com um jovem argentino, que tinha sido até então um dos seus mais impertinentes e patentes críticos, e que agora ouvia com visível deferência as suas argumentações sobre *las emisiones fiduciárias y de numerario* de não sei qual instituição financeira de Buenos Aires. Do outro lado do convés, aquele piolho besuntado do moleiro, que havia grudado não sei como no velho chileno, com o qual se lamentava em voz alta da falta de limpeza dos navios italianos, sem ver no seu rosto severo uma expressão de náusea, que anunciava uma iminente virada de costas. Mas a grande novidade estava atrás do timão. O marido da suíça conversando pela primeira vez com o deputado argentino, ao qual parecia explicar o mecanismo do velocímetro. Era cômica a profunda atenção que este fingia prestar nele, movendo, no entanto, de vez em quando, o olhar, e girando lentamente a cabeça, na direção da antiga violadora do seu domicílio, que passeava entre o toscano amuado e o tenor radiante, toda meneios e sorrisos, mas com o olhar atento para os outros dois. Estava surpresa, percebia-se, e feliz

por aquela reaproximação inesperada. Indo para cima e para baixo, ela passava diante da pequena pianista, sentada de um lado. Esta a envolvia com um olhar de cima a baixo, longo e profundo no qual cintilava uma curiosidade e uma inveja sensual e toda a sorte de apetites compreendidos de pequena fera acorrentada. Depois disso, seu rosto retomava a mesma expressão de impassibilidade monástica. Enquanto isso, sua mãe, sentada entre ela e a mulher da escova, criticava com os olhos e com a língua um novo vestido lilás da esposa, um pouco empacotada, é verdade, que lhe dava as costas, apertando o braço do marido, parada de pé com ele diante da "domadora", que parecia provocá-los com brincadeiras embaraçosas, balançando sobre a poltrona em equilíbrio o seu mal disfarçado coquetel de ervas. O agente de câmbio dominava tudo com o seu olhar arguto de policial, apoiado no mastro da mezena, com os braços cruzados no peito, numa atitude de quem aguarda um acontecimento. Todos os outros, de pé ou sentados dois a dois, conversavam enfastiados, bocejando sonoramente, e o mar, amarelo e lânguido, fazia um fundo digno daquelas caras faladeiras e sonolentas. Entre os muitos quadros, separados uns dos outros, que o convés apresentou durante a viagem, não sei por que aquele daquele dia e daquele momento ficou vivo na minha memória, pintado de cor de lodo.

A uma certa altura, o quadro adquiriu vida, e a pintura mudou-se para uma cena de comédia. O toscano abandonou a companhia, quase bruscamente, e seguiu marchando em direção à proa, com uma expressão no rosto que parecia de uma represália amorosa. No minuto seguinte, a suíça e o tenor se separaram. Este sentou-se de lado fingindo ler um livro. Ela foi em direção ao marido, do qual o argentino se afatou imediatamente, cumprimentando-a de maneira diplomática. O agente de câmbio apareceu ao meu lado como uma larva. "Veja", disse-me, "uma bela operação de estratégia de bordo. O senhor que escreve deve observar essas coisas. O toscano se retirou do combate. O tenor está na reserva. A mulher executa uma falsa manobra na cara do inimigo. Por Deus! Fizeram isso ontem. Não vão me fazer isso hoje de novo!". De fato, a mulher fazia mil dengos no marido, enfiava o braço embaixo do braço dele, falava-lhe ao ouvido, parecia

pedir-lhe explicações sobre o velocímetro. A expressão do rosto do professor cabeludo era maravilhosa. Revelava todo um sistema de filosofia, que devia ser antigo nele. Ele semi-cerrava os olhos, como um gato que cochila, e torcia todo o rosto para um lado mostrando a ponta da língua, com uma careta indizivelmente lépida que, no entanto, deixava transparecer uma certa intenção astuta de escárnio, como se no seu coração ele risse dela, de si, do outro, dos outros, do mundo inteiro. Enquanto isso, o tenor havia desaparecido. A senhora passava uma mão sobre os olhos e cobria com o leque pequenos bocejos pouco espontâneos, como para mostrar que tinha vontade de ir dormir. “Cuidado”, disse o agente. “Agora vem o movimento decisivo”. Não tinha ainda acabado de dizer isso e a mulher já se separara do marido e lentamente, fazendo uma carinha de sono, atravessava o convés, para descer. “É!”, exclamou o agente, “o momento foi bem escolhido. Com certeza não há um mosquito dentro daqueles fornos lá embaixo...Mas há a justiça divina!” e correu para baixo ele também. Nenhum desses movimentos escapara àquela cascavel da mãe da pianista, que cochichava suas observações para a sua vizinha, a mulher da escova, ambas mandando faíscas com os olhos, levantaram-se no mesmo instante e se moveram...mas foi inútil. A suiçazinha subia, dissimulando a cólera com seu belo sorriso, segurando entre as mãos um livro, como se tivesse descido para apanhá-lo. Dois minutos depois, pela outra escada, reaparecia o tenor, solfejando e olhando o mar, com uma falsa indiferença que traía uma raiva canina. Poucos passos atrás dele, vinha feliz o agente, que me acenou de longe com a mão aberta e o polegar no nariz. O tenor se aproximou de mim e disse-me: “Belo mar, não?”.

O mar estava horrível, mas ele, um tipo original divertidíssimo. Eu o conhecera na latitude das ilhas Canárias e falara com ele duas ou três vezes à noite. Tinha cerca de trinta e cinco anos, mas de aspecto mais jovem. Um rosto de aprendiz de alfaiate, com dois bigodinhos espetados para cima e dois olhos que diziam continuamente: “Sou eu!”. Pronúncia de estilo, andar de conde de Almaviva, roupa dos irmãos Bocconi. Ele olhava o horizonte com ar triunfante como se o oceano

Atlântico fosse uma imensa platéia que o chamasse à ribalta. Discorria sobre geografia, literatura, arte, política, com uma desenvoltura vulpina, chegando quase a dizer disparates, mas, percebendo sempre a tempo, após uma olhada desconfiada para o interlocutor. Em literatura e em política usava um artifício curioso. De repente, sem nenhum gancho com a conversa, exclamava solenemente, com os olhos fixos no horizonte: "William Shakespeare!" e passava uma mão sobre a testa como se continuasse o curso de uma meditação muda. Mas que nada!. Não era outra coisa a não ser um nome que lhe ocorria, como uma bolha de ar. Ou então se conversa fosse a respeito de um personagem histórico, sobre Napoleão I, por exemplo: "Ah!" exclamava, torcendo o rosto, "não me fale de Napoleão I, pelo amor de Deus!" como se tivesse acerca daquele assunto um grande tesouro de idéias próprias, imutáveis, sobre as quais não podia sequer admitir discutir. E não se arrancava mais nenhuma palavra dele. Enfim, para resumir todo o vasto sistema de suas idéias e de suas simpatias intelectuais, costumava dizer: "Eu tenho sempre três livros sobre a mesinha de cabeceira: Dante, o Fausto e...". A primeira vez disse a Bíblia, mas depois se esqueceu e num outro dia disse: *Os mistérios do povo,* de Eugenio Sue. No navio, no entanto, vi em suas mãos apenas *Os amores da imperatriz Eugenia.* Uma última coisa. Dizia que tinha sido voluntário com Garibaldi, mas quando a conversa se encaminhava para fatos, jamais apontou uma campanha especial, falava daquelas guerras com uma indeterminação vaporosa como se fossem acontecimentos da antiguidade mais remota, pertencentes quase à idade das fábulas. No fundo, um humor jovial. Não se irritava a não ser quando falava de um certo empresário de Bolonha, que parecia ser o ódio da sua vida e repetia sempre a mesma frase: "Vou arrancar o coração dele". No entanto, naquele dia, o que ele havia arrancada era o desejo.

Depois das duas horas, o convés se esvaziava. O tenor descia para o salão para cantarolar no piano, o professor ia para o *castelo central* dar aulas de várias ciências para o povo. Os argentinos jogando cartas, outros tomando banho, dormindo, escrevendo ou se penteando. Naquele dia, segui a moça de Mestre que

ia com a tia visitar, como sempre fazia, a sua família emigrante com um pacote de frutas e doces. Desde os primeiros passos que deu até a proa, pude notar o quanto havia conquistado a simpatia de toda aquela gente. Quando aparecia, até os camponeses mais grosseiros se afastavam e todos olhavam atentamente as veias azuis daquele pescoço delgado, aquelas mãos graciosas, aquela cruz preta grande que despontava sobre o vestido verde-mar, que não delineava nenhuma curva, mas tinha a sua graça. Nem mesmo sobre o rosto das mulheres mais maledicentes e mais atrevidas, que falavam dela pelas costas, não se via sombra de um pensamento maldoso. Não por respeito pela moça, mas pela triste sentença que viam escrita no seu rosto e pela doce resignação com que ela demonstrava carregá-la, sem ter perdido nada da bondade e da gentileza jovial que nascem de um amor feliz pela vida. Uma palavra que ouvi murmurarem à sua passagem me fez estremecer por ela, se a tivesse ouvido: “Olha a tuberculosa”. Mas ela não ouviu. Alguns meninos iam ao seu encontro e ela lhes dava amêndoas e uvas secas, acariciando suas bochechas. A uma certa altura, um emigrante pisando a barra do seu vestido, despregou-o do quadril e descobriu um palmo de anágua branca. Enquanto o consertavam, aproximou-se dela o médico e todos três desceram à enfermaria.

Desci atrás deles. Iam visitar o velho camponês piemontês com pneumonia.
O pobre homem havia piorado muito. Deitado lá em seu leito escuro, com a barba grisalha e longa, que o fazia parecer ainda mais esquálido, tinha o aspecto de um morto deitado dentro de uma caixa, cujo lado haviam retirado. Quando apareceu a moça, que ele já devia ter visto outras vezes, contraiu a boca, num gesto que anuncia choro nas crianças e nos doentes terminais. Disse com um nó na garganta:
“*A´m rincress per me´fieul!*”

Percebi que aquelas palavras apertaram a alma da moça, que respondeu imediatamente, com voz alterada, mas fingindo franqueza: “Não! O que o senhor está dizendo? Vai rever o seu filho. Hoje o senhor está com uma aparência

melhor. Tome cuidado para não perder o endereço. Onde o senhor o colocou? (Estava na jaqueta, aos pés da cama) Está bem. O doutor vai tomar conta. Quer que eu o guarde comigo? Que o devolva depois quando tiver sarado, ao chegarmos? Posso pegá-lo?"

O velho fez um gesto que sim. Ela se inclinou, procurou na jaqueta, tirou o pacotinho, encontrou a folha que conhecia, dobrou-a e colocou cuidadosamente numa bela carteira búlgara, que fechou novamente e recolocou no bolso. O doente observou com muita atenção e satisfação todos os seus movimentos, e murmurou com um fio de voz:
"*A l´è trop grassiosa, trop grassiosa...*[87]"
"Tenha coragem", disse-lhe ela, estendendo-lhe a mão, "vou voltar logo. Até breve. Coragem!"

O velho pegou a mão dela, beijou-a duas ou três vezes, derramando duas lágrimas grossas e a acompanhou com o olhar até a saída. Depois deixou cair a cabeça sobre o travesseiro num gesto de profundo abandono como se não tivesse que levantá-la mais.

A moça subiu com a tia para a convés e se aproximou da sua família de camponeses, encantoada no lugar de sempre, entre a gaiola de perus e o tonel, como uma ninhada de passarinhos. Mas já tinham dado àquela casca de noz um certo ar de casa, pendurando no alto do tonel um espelhinho redondo e uma toalha que os protegia do sol. A cabeça de um dos gêmeos, sentado sobre o assoalho, servia de apoio para mãos do camponês, e a cabeça do outro estava curvada sob um pedaço de pente grosso, que a mãe manejava, mais roliça que nunca.Enquanto isso, a mocinha lavava um guardanapo dentro de uma vasilhinha, colocada sobre uma mala puída, que usava como mesa de trabalho. Ao aproximar-se da moça, o pai se levantou, tirando o cachimbo da boca e todas as seis caras sorriram. Ouvi algumas palavras ao passar.

[87] Ela é graciosa demais.

"*Sempre ben*?"
"*Come Dio vol*"[88], respondeu o camponês. "*Ma la ga paura che ghe suceda prima de arivar*[89]."

E então a mulher com o rosto inquieto: "*Crede ela, paronçina, che i ghe fará pagar anca lù el cuarto de posto*[90]*?"*

A pergunta devia ser muito engraçada porque pela primeira vez vi a moça sorrir. Mas foi como um raio. Fez um sinal com a cabeça, - que não acreditava, - e tirou do bolso um cachecol de lã vermelho, que colocou na mão da menina, dizendo: "*Ciapa, vissare, ti te lo metterà desto inverno...quando mi*..."[91].

Mas que diabos estava acontecendo com o clima? Em poucos minutos o céu ficara escuro, as nuvens desciam até quase tocar os mastros, parecia que a noite caíra de repente. Dos dois lados do navio, envolto numa neblina úmida, via-se apenas uma pequena parte do mar cinza e alto, que começava a ficar bravo, respingando água por todo o convés. Era uma borrasca. O oficial de guarda gritou da cabine de comando: "Uma tempestade! Todo mundo para dentro!" Assim que acabou de pronunciar a última palavra, um jato d´água violento desabou sobre nós, como uma bacia que se entornara, inundando o convés num instante. E então todos correram loucamente em direção às passagens cobertas e para baixo do castelo da proa. Mulheres gritando, pulos desesperados entre poças, esguichos e ondas. Precipitaram-se desabaladamente pelas escadinhas dos dormitórios, dando a impressão de que o navio estivesse sendo destruído. Mas como as portas dos dormitórios eram estreitas, formou-se um tumulto diante delas dando início a brigas violentas para ver quem tinha a precedência, com cotoveladas e empurrões, numa seqüência de blasfêmias e gritos, sob a fúria crescente do aguaceiro que ensopava cabelos, tranças e casacos, e estrondava

[88] como Deus quer
[89] mas tem medo que aconteça antes de chegar
[90] ela acha que vai ter que pagar pelo lugar
[91] use esse cachecol neste inverno...quando eu...

sobre as vidraças e sobre as pontes, estapeando e lavando tudo. Aquela confusão infernal me fez pensar assustado no que aconteceria num momento de perigo. Aquele era apenas o primeiro sinal que nos mandava a região escaldante, a grande irrigadora do mundo, em cujo reino navegávamos havia dois dias. Não durou mais que poucos minutos. Aquela abóbada de nuvens se ergueu e, despedaçando-se em várias partes como se fossem grandes janelas, lançou sobre as águas ainda escuras e percorridas por faixas de chuva, uma variedade nunca vista de pontos de luz e de reflexos roxos, brancos, verdes, dourados, que deram ao oceano a aparência de muitos mares juntos, cada um estivesse submetido à sorte de um astro diferente. Uma imagem estranha e triste de um mundo no qual se principiava a desordem do fim.

9. Os tipos originais da proa

Outras tempestades caíram sobre nós no dia seguinte, e graças à última eu pude falar pela primeira vez com a moça de Mestre, que encontrei ao meu lado, embaixo da cobertura à direita, onde havia se abrigado, já encharcada, tremendo de frio. Suas primeiras palavras, seus primeiros movimentos do rosto, visto de perto, no meio da multidão que se apertava, revelaram-me sua alma mais do que seus atos até então haviam feito. A partir de algumas palpitações involuntárias de seus lábios brancos e de certos tremores íntimos da sua voz, adivinhava-se sob a sua compostura gentil um grande vigor, e era uma compaixão ardente pelas misérias humanas, cujo espetáculo era para ela intolerável e a faziam infeliz, um amor violento por todos aqueles que sofriam, do qual nascera não sei que idéia de socialismo religioso, confusa na sua cabeça, mas flamejante em seu coração, e que a consumia. Pela primeira vez na vida, ela via tanta miséria e tantas dores acumuladas que, por assim dizer, fremiam sob sua mão. Estava chocada no mais profundo da alma. Eu não entendia bem suas idéias, porque, ou pela dificuldade de se expressar, ou pelo cansaço, nunca terminava as frases e suas últimas

palavras se perdiam como se fossem levadas pelo vento. “Não fazemos o bastante por quem sofre,” disse; “e no entanto...não há o que fazer neste mundo...é isso.” Se lhe fossem suficientes as forças do corpo, teria certamente consagrado a sua vida a algum grande apostolado de caridade e daquela forma teria morrido. Dizia isso a expressão da sua boca terna e do seu semblante resoluto, sobre o qual passava, às vezes, uma leve sombra, como uma idéia do egoísmo e da tristeza humana que ela devia ter mais adivinhado que experimentado na sua breve existência. Apesar das grandes diferenças, me vinha à cabeça, olhando-a, aquele rosto branco e inspirado de uma daquelas meninas niilistas que pintou Steniak, devoradas pelo ardor da fé e prontas a morrer por ela. Falava com os olhos no horizonte, com uma voz de uma doçura inexprimível, acariciando com uma mão sua cruz preta, e aquele hálito tênue de menina doente que saía de sua boca fazia com que parecesse ainda mais fraca e digna de compaixão diante daquele sopro imenso de vida que o oceano lhe mandava sobre a fronte. Teria consciência do seu estado? Imaginei que sim pela indiferença que demonstrava, como se vivesse num outro mundo, pelas suas companhias de viagem e pelos outros passageiros da primeira classe, que confundia, perguntando: “Quem? Qual?”, fazendo um esforço para se lembrar deles. Estaria de fato resignada? Tentei descobri-lo pouco a pouco, enquanto ela conversava com a bela moça genovesa, para a qual tinha trazido de presente um estojo de couro com aviamentos para costura. Procurei em seus olhos, no momento em que a encarava, se a visão daquela bela juventude, tenra e florescente, resplandecente de vida, despertasse algum sentimento, ainda que fugaz, de inveja, um lamento, um pensamento triste de se comparar. Nada. A grande renúncia já tinha sido feita, não restava dúvida. O desejo e o amor pela vida já haviam partido antes dela, estavam já no sepulcro.

Naquele instante ouvi um farfalho agitado de saias atrás de mim e uma risadinha estridente. Era a loira, vestida de azul celeste, empoada de um lado só e perfumada como um maço de flores, que vinha pela primeira vez visitar a proa em companhia do segundo oficial, um bonitão rosado de dois metros de altura do qual

parecia já ser íntima. Passou, palrando e olhando aqui e ali. Mas se notava que não via nada de nada, que para ela, popa, proa, máquinas, emigrantes, miséria, Atlântico e Mediterrâneo, nada lhe dizia respeito, não a distraíam nem por um momento do seu regozijo de mulherzinha bonita e desmiolada, livre e feliz no pleno exercício das suas funções. Observei então a perspicácia dos homens do povo para julgar as mulheres "fidalgas". Nunca a tinham visto, mas reconheceram-na pelo faro. Não se afastavam de propósito, aqueles dissimulados, para deixar os joelhos se esfregarem no vestido azul. Faziam isso imitando alguém que sorve uma ostra, ou beijavam a palma da mão, rindo. Afastaram-se, porém, mas de maneira não graciosa, diante da mulher da escova, que vinha atrás dela, sozinha, carregando um pacote na mão, vestida de forma espalhafatosa. Havia dois dias ela começara a macaquear a moça veneta, distribuindo doces e frutas para as crianças. Mas santo Deus! Parecia uma inspetora, com um sorriso forçado. Enquanto com a mão oferecia um doce, com os olhos se preservava dos contatos. Toda ela revelava a burguesinha cheia de inveja de quem lhe está acima, e de desprezo por quem está abaixo, capaz de cometer uma covardia para se aproximar de uma marquesa e de dividir o pão ao meio para os filhos para poder arrastar um vestido de veludo pelas calçadas. As crianças aceitavam, mas os olhares que lhe dirigiam os adultos expressavam a mais cordial aversão. Enquanto a seguia com o olhar em meio à multidão, vi vindo com a filha aquela tal senhora "decaída" da terceira classe, que o Comissário me havia mostrado nos primeiros dias. Estava ainda pior de saúde e o vestido de seda preta, estragado e puído, dava-lhe um aspecto ainda mais miserável. Existem pequenas humilhações na desventura que dão mais pena do que a própria desventura. Todas duas, mãe e filha, timidamente, sabe-se lá após quanta hesitação, aproximaram-se de um dos bebedouros de água doce. Envergonhando-se um pouco e após terem olhado ao redor, curvaram-se sorvendo os bocais de ferro, como os animais no coxo, igual a todas as outras. Em seguida, vendo que voltava a suíça, saíram depressa com a cabeça baixa e desapareceram na multidão. Alguns emigrantes que haviam notado aquela cena, riram em voz alta, com ironia. A loira, enquanto isso, ao sinal do segundo oficial, parara para olhar a genovesa, cuja fama de "beleza virtuosa" já

devia ter chegado a seus ouvidos. Pareceu-me que a achasse bonita. Mas no seu semblante alegre vislumbrei uma expressão de piedade. A piedade com a qual um industrial de sorte e arrojado olharia um rico inepto que mantém no cofre um capital precioso. Em seguida foi embora, acenando para o marido que estava no alto – no terracinho da cabine de comando – examinando a estrutura do farol vermelho.

Pobre genovesa! O Comissário, passando por ali para verificar alguns bocais quebrados, colocou-me a par de uma história deplorável. Em torno daquela moça bela e boa havia se formado um círculo de antipatias e de rancores que não lhe davam mais paz. Todos os apaixonados, não notados e rechaçados com um gesto de desgosto, tinham se tornado inimigos dela e aquela contenção digna e imutável os havia irritado aos poucos até o ódio. Diziam que era “burra como uma porta”, um pedaço de carne sem sangue, toda ela, mãos e pés, feita de algodão, e com aqueles dentes! Ao despeito dos homens havia se somado a inveja das mulheres, furiosas por verem atrás dela cem “imbecis” em adoração. A bolonhesa e as coristas, principalmente, lançavam-lhe olhares fulminantes. Haviam começado a chamá-la no início de princesa. Depois diziam que toda aquela modéstia de freira era fingimento. Enfim, espalharam todo tipo de calúnia a respeito dela. Não se pode dizer a sujeira das conversas que havia ao redor dela, observações torpes que se faziam sobre ela, em voz alta, provocando gargalhadas insolentes de cujo significado não se podia fugir. Era uma flor em meio ao estrume. Teriam insultado abertamente, batido nela, só para aviltá-la se não fosse pelo medo das autoridades de bordo. O próprio cozinheiro tinha ficado furioso e mostrava da janelinha apenas uma cara terrível de sultão ofendido. Por dois ou três dias, o toscaninho da primeira classe a rodeou, já fizera até amizade com o padre. Todos aqueles canalhas já tinham dado por encerrado o mercado e o negócio fechado. Em seguida, de repente, parara tudo, sem que se soubesse o porquê. O único que permaneceu devotado, apaixonado mais que nunca, até a medula, pobrezinho, foi aquele jovem magrinho, com uma bolsa de couro na cintura, que parecia preso numa armadilha – de Módena, escrivão por profissão, - sozinho – por quem se

enrabichara um vesguinha feia da terceira classe, ruiva e com o rosto ressecado, para quem ele não ligava. A sua paixão, que já chegara à imbecilidade, tinha se tornado motivo de chacota para todo mundo. Lançavam-lhe longos suspiros aos berros pelas costas. Cantavam “você é muito pequeno para fazer amor”.

Mas ele estava tão apaixonado que não ligava para nada e ficava parado no mesmo lugar por horas com um cotovelo no joelho e o queixo na mão, olhando para ela, em êxtase. Feliz, quando aqueles olhos azuis e límpidos, percorrendo ao redor, encontravam os dele casualmente. Estava lá agora mesmo, enquanto o Comissário falava dele, imóvel, com uma expressão no rosto, com uns olhos de que, por uma palavra, daria a bolsa de couro, a caneta, o passaporte, a América, o universo. Dava pena. Certamente, antes de chegar, acabaria perdendo a cabeça e cometendo uma grande sandice.

Aquele era o “apaixonado”, um personagem que nunca falta a bordo, como dizia o Comissário e sempre há muitos deles. Apaixonados de coração, porque aqueles outros não se contam. Mas no *Galileo* havia uma coleção de outros tipos originais muito curiosos, cada um deles, naqueles doze dias, tinha tido já espaço para se fazer notar, e gozava já de certa celebridade na república da proa. Havia os chefes simpáticos e os personagens sérios. Estes ficavam, de preferência, no castelo da proa, que era uma espécie de Monte Aventino, onde se recolhiam os espíritos recalcitrantes e os filósofos de humor tétrico. O mais popular deles era o toscano de casaco verde, que tinha mostrado o punho em Gênova, na noite do embarque. Ele tinha o diabo no corpo. Desde cedo até à noite, declamava com voz rouca, girando pelo ar o dedo indicar ameaçador e a sua platéia aumentava dia a dia. Teria iniciado uma revolução social no *Galileo,* falava contra os fidalgos da popa e incitava os passageiros a protestar contra a imundície dos dormitórios e a comida nojenta e, às vezes, para dar exemplo, jogava pelo alto a sua porção e investia contra as cozinhas. A platéia aprovava, mas comia e então, fora de si, ele chamava todos de “vendidos” e de “escravos”. Apenas um deles não se curvava diante dele, um garoto de dezesseis anos, contrabandista, pequeno e seco, com

um grande topete preto sobre a testa e dois olhos de girofalco. Crescido sozinho, gozava de uma reputação tenebrosa de grande delinqüente, cheio de homicídios misteriosos e disposto a tudo. Um Capitão Fracassa do crime, talvez, mas muito hábil a representar o seu papel, tanto que era temido por todos, ainda que não tivesse ainda tocado um fio de cabelo de ninguém. As mulheres apontavam para ele dizendo que trazia um grande punhal sob a jaqueta e que, antes do fim da viagem, faria certamente uma carnificina. Ele passeava em meio à multidão de braços cruzados e de cabeça erguida e não queria ser encarado por ninguém. Se alguém o encarava, ele parava, imediatamente, cravando os olhos na cara do temerário, como para perguntar-lhe se estava cansando de viver. No entanto, por medo ou por prudência, todo mundo virava a cabeça para outro lado. Mas fora essa pretensão, devido à sua glória sanguinária, não perturbava uma vivalma, e demonstrava pelo velho toscano um desprezo que tem o homem da guerra pelo homem de toga. Com estes dois formava a tríade do castelo da proa aquela estranha figura do saltimbanco, de cabelo comprido e de braços tatuados, cuja voz ninguém jamais ouvira, tanto que diziam que era mudo e era capaz de estar cinco horas imóvel na ponta do navio, com aqueles olhos verdes parados, como se fixasse uma estrela visível apenas para ele, absorto em fantasias sobrenaturais.

Já os bem-humorados reuniam-se quase todos no castelo central, que oferecia maior espaço para pilhérias e era como a praça de um vilarejo, um lugar de diversão, confortável para os grupinhos e para as fofocas. Aqui, no canto esquerdo, próximo à cabine de comando, havia conversa e barulho do pôr-do-sol à madrugada. O bufão da tropa era um camponês de Monferrato, o mesmo que levantara a escandalosa suspeita sobre a bolsona da bolonhesa: uma cara de *brighella*[92]*,* ao qual faltava um pedaço do nariz. Toda a terceira classe sabia como ele o havia perdido. Um policial bêbado, que ele, também de porre, havia provocado uma noite num beco da sua cidade, o tinha decepado com um facão. Mas o cômico estava nisso, que na manhã seguinte, esperando tirar proveito do

[92] Máscara da *Commedia dell´Arte* e do teatro veneziano que representa um servo esperto e mexeriqueiro.

nariz mutilado, ele recorrera, para pedir indenização, justamente à Autoridade para qual o policial havia feito a ocorrência; e o fruto da denúncia tinha sido muitos dias de cadeia, após algumas idas ao tribunal do referido distrito e cem liras de multa. Ele havia errado de profissão: era um palhaço nato. Contraía e alongava o nariz como um animal, dançava umas danças grotescas inventadas por ele, imitava as pessoas de uma forma maravilhosa, e quando passava uma autoridade de bordo, cumprimentava com falso respeito, que fazia morrer de rir. Depois dele, o mais famigerado era o homenzinho careca com um terçol, um ex-porteiro que ficava sempre ao lado de uma gaiola com dois melros, dos quais cuidava muito, esperando vendê-los em Buenos Aires a oitenta liras cada um, um negócio já tentado por muitos. A sua popularidade devia-se a um tesouro pornográfico herdado de um parente. Um caderno grande cheio de caricaturas obscenas, de charadas sujas e histórias que, se lidas com a página dobrada, eram contos da vida dos santos, e de página aberta, putarias do outro mundo. Ele tinha sempre ao redor um grupo de aficionados por histórias de obscenidades, que reliam cem vezes por dia as mesmas indecências e se atiravam sobre os bancos de tanto rir, chorando de tanta graça. Então ele erguia a cabeça como um ator aplaudido, feliz. Um terceiro, um cozinheiro de taberna, era um tipo muito em evidência a bordo. O sabichão, que, por ter estado uma vez na América, imputava-se uma superioridade profissional sobre os companheiros de viagem. Explicava a seu modo todos os fenômenos marítimos e celestes, passava-se por doutor em mecânica naval, falando do novo mundo como se fosse a sua casa, distribuindo conselhos para todos, e chamando de caipira ignorante quem não acreditasse nele. O Comissário uma vez o surpreendeu explicando o movimento rotatório da terra, com uma maçã na mão, soltando despropósitos que fariam tremer o navio. Para matar o tempo, tocava ocarina. Enfim, um barbeiro vêneto, que brilhava por sua habilidade em imitar o som de um cachorro de paiol que late para a lua. Um uivo triste que torturava os nervos, mas que enganaria todos os cães da Itália. Todos os “talentos” já tinham se revelado e já tinham sido obrigados a se mostrar: Um velho jardineiro, entre outros, agachava-se atrás de uma gaiola e imitava uma pessoa furiosa e ofegante, para o qual *querer* não era *poder,* com uma perfeição

insuperável. Um verdadeiro artista diziam, e era tido em alta conta. Ali também jogavam tarô, *pila e croce* e bingo, e cantavam por horas e horas. Brincavam até de cabra cega, homenzarrões grisalhos, de *guancialin d´oro,* como idiotas. O grande espetáculo era quando o saltimbanco tatuado vinha da proa, tomado por uma fantasia maluca, caminhando com as pernas para cima, imitando uma cobra ou uma roda em meio a uma chuva de aplausos, sempre carrancudo como se fizesse isso por castigo. Depois ia embora sem dar uma palavra do mesmo jeito que tinha vindo. Mas aquela alegria parecia mais forçada do que espontânea, quase uma embriaguez em jejum que eles buscavam para espantar as lembranças tristes e os maus pressentimentos, porque era realmente frenética a forma como tomavam qualquer pretexto minúsculo para se distrair fazendo algazarra. Às vezes, lançavam-se, às centenas, em direção aos parapeitos ou se aglomeravam em círculo rapidamente, fazendo um barulho de gritos, assobios, miados e cacarejos, que se espalhava por todo o navio, fazendo com que os oficiais se virassem inquietos. E era porque um chapéu tinha caído no mar, ou um deles havia manchado o nariz de preto, caindo sobre a tampa de uma carvoaria. Quando passava no meio deles uma moça ou mulher que não pertencia a ninguém, era um coro de estalos de língua, de gorjeios de pássaros, de vozes onomatopaicas de todas as entonações e significados, que obrigava a pobre coitada a dar no pé. A criada negra dos brasileiros, principalmente. Quando por ali passava para ir comer ou ir dormir na terceira classe, mostrando o branco dos olhos e dos dentes como se quisesse morder, despertava uma melodia de frases de amor animalescas, como se fossem urros de animais enjaulados no cio. Havia o nosso lado também. Sob o verniz de quem tinha uma boa educação e cultura, haveria grande diferença entre o castelo central e o convés? Como seria fácil encontrar entre nós tipos idênticos em conversas análogas! Era incrível como nos conheciam e com que talento faziam intriga a nosso respeito pelas costas, descobrindo o lado ridículo de todos nós. Indiretamente nós todos ficávamos sabendo. Conheciam sempre alguma coisa sobre a índole e os hábitos de cada um através dos camareiros e empregados dos passageiros e estavam a par da nossa pequena rotina cotidiana, como acontece nas vendas e nas águas-furtadas

em relação aos moradores das casas fidalgas. O que não sabiam, adivinhavam e comentavam tudo. Alguns haviam colocado apelidos, outros imitavam o andar e a voz. Virando para trás de repente, quando se passava por lá, surpreendíamos sempre três ou quatro que piscavam ou recompunham depressa o rosto de uma careta de zombaria. Aquelas eram as nossas Forcas *caudine*[93].

Naquela noite, todo o navio divertiu-se por causa de uma brincadeira exagerada feita com uma pessoa daquela brigada. Um passageiro da terceira classe que havia pagado uma taxa extra, estava fazendo sua refeição na segunda, mas passava o dia entre os grupos do castelo central. Era um homenzinho de uma certa idade, com o rosto enrugado como um maracujá murcho, um pobre diabo, vestido como um sacristão, que tinha ares de burguês abastado, mas simples e ingênuo como uma criança e paparicado por todos porque tinha uma caixa de garrafas de vinho, que estava levando para um irmão na América, a qual defendia de qualquer assédio como se fosse uma carga sagrada. Pela manhã, subindo ao convés, ele vira o aparelho de telégrafo na cabine de comando, que transmite os sinais à máquina e, como lá estava o quarto oficial, que fazia as refeições junto com ele, perguntou-lhe o que era aquele objeto.

O oficial respondeu que era um telégrafo.

O bom homem ficou perplexo. “Um telégrafo!” exclamou. “ Para telegrafar?”.

O oficial pegou no ar. Era um genovês baixinho, fino como triaga, grande mestre de zombaria e sempre sério.

“Para telegrafar,” respondeu, “é claro. Ou para que deveria servir? Através de um fio móvel nós nos comunicamos continuamente com um cabo submarino e mandamos notícias ao armador de quatro em quatro horas.”

[93] Alusão a um episódio da história romana que viu em 321 a . C. duas legiões serem derrotadas pelos Sanniti que as obrigaram a passar sob um jugo de lanças.

O homenzinho expressou sua admiração. Em seguida, disse timidamente, tendo já uma idéia. “Ah é...serve apenas para o uso do navio.”

“Em caso de necessidade”, respondeu o oficial, “serve também para os passageiros.”

“Mas então,” exclamou aquele com entusiasmo, “vou mandar um telegrama para minha mulher!”

Por um momento, foi contido pela preocupação com o gasto, mas entendendo que, em se tratando de uma exceção, eles se ateriam à tarifa normal, foi todo contente e escreveu a mensagem. “Estou bem. Mar bom. Meio caminho. Abraços, etc.” Perguntou se a esposa poderia responder. Sim, claro que podia responder. “Porque eu a conheço,” disse, “é uma mulher capaz de tirar da boca para poder me mandar uma boa notícia.” Queria pagar, mas o oficial não quis. Tinha que calcular os centavos a mais, pagaria à tarde, por volta das quatro, quando voltasse para ver se havia reposta.

Feliz, o pobre diabo foi embora deixando a folha. Voltou às três e nada. Às três e meia, nada. Às quatro, encontra dez benditas palavras: “Obrigado, Bom. Deus o acompanhe. Rezo por você. Volte logo”.

Fora de si, ele lê duas vezes, beija a folha, quer pagar. “Que nada!” diz o oficial. “é uma miséria que não dá nem para falar. E de mais a mais, vou fazer passar a mensagem como se fosse de serviço. Até porque o senhor tem umas boas garrafas de vinho. Vai abrir uma delas à mesa e estaremos quites.” “Claro! Vou abrir uma, duas! É motivo para se alegrar. Ah! A ciência dos homens aonde chegou!” Para encurtar a história, às quatro horas, à mesa, as duas garrafas foram abertas e tomadas e o pobre homem se soltou tanto que abriu uma terceira, uma quarta, toda a caixa que assim, até então defendida obstinadamente, foi toda

enxugada. A notícia, enquanto isso, já se espalhara e quando ele saiu da mesa, excitado, vermelho, triunfante, e subiu ao castelo central para fazer a digestão, foi recebido com uma folia de carnaval. Não entendeu logo por que zombassem dele, mas quando entendeu, enquanto todos esperavam vê-lo cair duro, pôs-se a rir compadecido e voltou para a segunda classe exclamando: "Ignorantes!...Bestalhões!...Burros", calmo, impassível em meio ao concerto de latidos, miados e cantos de galo que o acompanhava.

Todo aquele escarcéu aconteceu diante de um dos espetáculos mais maravilhosos que podem oferecer o oceano e o céu na região dos trópicos. Pouco antes do pôr-do-sol, tendo sido desfeito o véu espesso de vapores que nos envolvia havia três dias, o sol caía no mar como um rubi enorme, lançando sobre as águas tranqüilas uma longa faixa púrpura, deslumbrante como uma torrente de lava acesa que escorria incendiando o *Galileo.* Quando o sol tocou o horizonte, as nuvens, iluminadas pelas mais belas cores, começaram a se mover lentamente, apresentando mil formas maravilhosas, que nos faziam ficar de boca aberta, exclamando à medida que se modificavam: "Que pena!", como um sonho encantador que esvaece. Eram montes dourados, dos quais jorravam rios de sangue, fontes imensas de metais em fusão, construções sublimes, fulgurantes sob uma luz tão gloriosa que, ao se fixar o olhar sobre ela, a mente vacilava um instante e esperava com uma sensação quase de estremecimento diante da última visão de Dante, os três círculos de três cores e um conteúdo, pinturas da imagem humana, diante das quais faltou poder à fantasia[94].

10. O dormitório das mulheres

Mar, mar e mar. Em certos momentos, era de se imaginar que as terras tivessem desaparecido da superfície do globo e que nós navegássemos no oceano do universo, sem nunca mais poder atracar. Não havia mais as águas amarelas do dia anterior, mas um céu branco, um sol branco e um mar que parecia uma

[94] Citação imprecisa do Paraíso de Dante: *"mancò possa all´alta fantasia.*" Canto XXXIII.

imensa placa de chumbo e tudo aquilo que se tocava no navio queimava. O calor escaldante não era o pior, era o cheiro fétido de água podre, que da entrada dos dormitórios masculinos subia em baforadas até o convés. Um fedor de dar pena considerando que vinha de criaturas humanas, e assustador, caso se alastrasse uma doença contagiosa a bordo. No entanto, diziam-nos, não havia mais passageiros do que o permitido pela lei de acordo com o espaço. Ah! Que importância tem a lei se não se pode respirar! A lei está errada. Ela permite que italianos ocupem mais espaço nos navios do que o permitido nos navios ingleses e americanos. Não está vendo se o que segundo a polícia está *muito bem* no embarque se mantém, depois, ao longo da viagem. Não está lá impedindo, por exemplo, que se embarquem em outros portos mais passageiros do que os lugares disponíveis, e que mandem passageiros sadios para o lugar destinado aos doentes, e que improvisem dormitórios a céu aberto. Quanto ainda é preciso fazer dentro desses belos navios que no embarque parecem reluzentes como palácios de príncipes! Na maioria, marinheiros e maquinistas estão ali como cães, a enfermaria é uma espelunca, os lugares que deviam ser os mais limpos fazem horror, e para mil e quinhentos passageiros de terceira classe, não há um banheiro! Os fiscais da saúde, que estabeleceram o número necessário de metros cúbicos de ar, podem dizer o que quiserem. Aqueles corpos humanos ficam apinhados e se antes era pior, não se justifica. Ainda hoje é algo de dar pena e provoca indignação.

Enquanto isso, à medida que se subia o termômetro, aumentavam para o Comissário as ocupações e os aborrecimentos, o principal deles era o dormitório das mulheres, ao qual devia descer com muita freqüência, de dia e de noite, para zelar pela ordem e pela limpeza. Mesmo não levando em conta o que precisava ser feito, apenas aquele espetáculo obrigatório bastaria para fazer desgostar da profissão qualquer cavalheiro. Imaginem dois andares sob o convés, como dois grandes mezaninos, iluminados por uma luz de porão e, em cada um deles, três andares de leitos, ao redor de toda a parede e no meio, e ali aproximadamente quatrocentas mulheres e crianças, lactentes e desmamadas, e trinta e dois graus

de temperatura. Num leito de baixo, dormia uma mulher grávida, com uma criança de dois anos, em cima dela, uma velha de setenta anos, e sobre esta, uma jovenzinha na flor da idade. Ali deitava uma camponesa da Calábria ao lado de uma senhora indigente. Mais a frente uma aventureira que se maquiava no escuro, ao lado de uma mocinha caipira temente a Deus, que dormia com um terço nas mãos. Descendo lá à noite, viam-se despencar dos leitos cabeleiras grisalhas, tranças loiras, faixas de lactantes, horríveis canelas senis e belas pernas de moças, e uma trapeira de xales, vestidos e anáguas de todas as cores naturais, e bugigangas inimagináveis e possíveis, como bandeiras do infinito exército da miséria. Sobre o assoalho, pilhas de botas, tamancos, chinelos, de cintas-ligas, sapatinhos, meias, misturados. Parecia impensável serem montes de desavenças e bate-bocas preparados para o dia seguinte, na hora de se levantar. Muitas não dormiam. O Comissário avançava em meio a uma tagarelice, interrompida por risos contidos, por vagidos, por suspiros de moças, por gemidos de mulheres incomodadas pelo calor, por murmúrios de velhas, que não podendo fechar os olhos, mastigavam ave-marias e padre-nossos. De vez em quando era chamado por uma mão ou por uma voz baixa, e tinha que se abaixar ou sair na ponta dos pés para escutar uma queixa ou uma reclamação. “Senhor Comissário”, dizia-lhe uma delas ao ouvido “dê uma solução: aquela moça do número 25 é um escândalo. Tem duas mocinhas aqui embaixo, diga-lhes para se comportarem, afinal, onde estamos?” Uma outra queria que ele chamasse a atenção de duas vizinhas de cima para não colocassem os pés para fora e para que falassem mais limpo. As velhas, principalmente, aborreciam em nome da boa moral, e denunciavam as culpadas, secretamente, com raiva. “Pense bem, senhor Comissário. Vocês não vêem nada, desculpe. A do número 77, aquela loira, que toda noite vai ao convés e não volta antes das quatro. É uma coisa obscena que precisa acabar.” Outras queriam mudar de lugar, por causa de uma vizinha asmática ou porque a moça que estava ao lado usava um perfume de almíscar que dava dor de cabeça. O Comissário tinha que acalmá-las: “Vamos ver, vamos dar um jeito, durmam enquanto isso, descansem, fiquem em paz”. Indo atrás do clarão da lanterna, via mães adormecidas que apertavam os filhos ao peito,

respirando ofegantes, com o rosto contraído por causa de um sonho doloroso e assustador. Alguns seios descobertos não por acaso. Bocas escancaradas e desdentadas no sono como se gritassem. Olhos que brilhavam na sombra, encarando-o como se se oferecessem. Às vezes, nos corredores, defrontava-se com um rosto suspeito, que devia submeter a um interrogatório. “Onde a senhora vai a essa hora?” “Lá em cima (naturalmente) para uma necessidade”. “Com essa expressão de gozo? Dou cinco minutos e depois vou sondá-la.” Mais à frente, parava para fazer uma advertência: “Vou dizer pela última vez, se encontrá-la amanhã com a mesma blusa, vou cortá-la. Não tem vergonha?” E a repreendida respondia, às vezes, a verdade, infelizmente: “ Não tenho outra, senhor!” E assim de corredor em corredor, de um lado recolocava a cabeça de uma menina descoberta sobre o travesseiro. De outro fazia calar duas comadres sem compostura que se injuriavam em voz baixa por causa de uma desavença ocorrida de manhã na hora da distribuição das bolachas. Quatro passos adiante encorajava uma pobre mulher sozinha, que tomada pela melancolia, chorava à cabeceira da cama, dizendo que tinha um pressentimento de que não fosse mais encontrar o marido na América. E de tanto passar e repassar conhecia o jeito de dormir de todo mundo. A bolonhesa, que estava deitada de lado, quase encostava o quadril enorme no leito de cima. A bela caipira de Capracotta se remexia como um esquilo. As duas coristas de cabelo armado dormiam com as pernas e os braços abertos em X. A senhora “decadente” segurava sobre si o vestido de seda preta, como a bandeira fúnebre da sua antiga fortuna. A mais bela e tranqüila no sono era a moça genovesa, que descansava de costas, comprida, toda coberta, como uma estátua de rainha distendida sobre o túmulo de mármore. Mas a visão de todas aquelas velhas miseráveis, de mães sem casa e sem comida, sonolentas no oceano, a milhares de milhas da pátria abandonada e da terra prometida o mantinham longe de qualquer pensamento sensual, mesmo diante de tanta nudez, ostentada ou inconsciente, que precisava ver. Ele passava lá embaixo como um médico num hospital, não menos inacessível a toda tentação do que aquele velho marinheiro atrapalhado, que o acompanhava com uma lanterna na mão. Pobre corcundinha! Para ele, que não era protegido pela dignidade do cargo, o trabalho

era bem mais duro. Ainda mais quando o Comissário saía e ele ficava sozinho no dormitório, com o baldinho d´água e a concha à disposição de todas as sedentas. "*Vien qua, vecio." "A mi, omm di persi." "Dessédet, pivel!*[95]*" "Acqua!" "Acqua!" "Eva!" "De Bev!" "Da baver!"* Na sua presença brigavam feio, infringindo o regulamento e rindo dele. Quando ele as contestava, elas protestavam contra todas as regras. Algumas, por desprezo, faziam uma cara na qual se dão bofetadas com os pés. Amotinadas, principalmente quando se tratava de apanhar roupa naquela mixórdia, faziam-no perder a cabeça e então fugia como se fosse um vespeiro, e se escondia no convés, todo suado e ofegante. Naquela manhã. justamente na hora crítica, encontrei-o diante da porta do dormitório, colocando a alma pela boca. "Nossa!" disse-lhe "Elas fazem o sangue subir à cabeça, não é mesmo?" "Ah!" respondeu jogando fora com desprezo um toco de cigarro. "Não agüento mais!" "E toda viagem é assim?" perguntei. "Não, graças a Deus" respondeu. "Depende. Às vezes, por sorte, vem uma *carga* de mulheres boas. Outras vezes...desta vez, por exemplo, um bando de mulheres mal-educadas, uma verdadeira carga de desgraças!" Em seguida, recuperando a compostura filosófica e erguendo o dedo indicador, disse-me em segredo ao ouvido: "Ouça, não se case." E girando-me a corcova, afastou-se.

Nessa mesma manhã havia acontecido um escândalo, que fiquei sabendo só mais tarde, estando com o Comissário na cabine de comando assistindo a grande dança dos dentes ao meio dia, que se parece com o espetáculo que se vê em certas festas de santuários campestres, onde cem famílias merendam ao céu aberto, num prado. Um reboliço de acampamento das centenas de grupos de homens, de mulheres, de rapazes, sentados, ajoelhados, agachados de mil jeitos, em cima, embaixo, sobre todas as protuberâncias em todos os buracos, com pratos na mão, entre as pernas, entre os pés, com as cabeças cobertas com lenços, com aventais, chapéus de papel, saias arregaçadas, até com cestinhos, para se protegerem do sol que queimava, e em aos grupos, entre o refeitório e as cozinhas, um ir e vir apressado de inúmeros chefes de família, com pães embaixo

[95] Para mim, homem dos pêssegos. Senta aqui rapazinho! (Piemontês)

do braço, com azeites e gamelas na mão, seguidos por mil olhos, chamados por mil mãos e mil bocas. Ao lado do Comissário, estava o garibaldino, que percorria a multidão com o olhar lento e sem benevolência, à direita, a moça de Mestre e a tia, apoiadas no balaústre, querendo ver a genovesa, que estava embaixo. Esta cortava a carne para o irmão, dava de beber ao pai e oferecia a outras duas mulheres e um rapaz que pertenciam ao seu grupo, ora um objeto, ora outro, com a graça de sempre, mas não com a mesma serenidade. Não comia e as mãos tremiam. A moça de Mestre observou que ela estava com os olhos vermelhos e, achou que tivesse chorado, perguntou ao Comissário se sabia por quê.

Sabia e contou. Daquele covil de ódios que havia vários dias assobiava ao redor dela, finalmente se ergueu a cabeça que mordera seu coração. Descendo novamente naquela manhã ao dormitório, após ter acompanhado o irmão ao convés, encontrara uma aglomeração de mulheres diante do seu leito, onde estava colado com miolo de pão um pedaço de papel, rasgado de um jornal sujo, no qual haviam rabiscado a lápis, com letras grandes, uma dezena de palavras. Assim que leu, levou as mãos ao rosto e teve uma crise de choro. Era uma dezena de adjetivos nus e crus, que podiam imaginar, mas não escrever. Então as mulheres, que não tinham pensado em rasgar o pedaço de papel, começaram a consolá-la, à maneira delas, e uma, a mando de uma terceira, cochichou ao seu ouvido o nome da culpada, uma mexeriqueira, mau-caráter, que havia grudado aquela porcaria num piscar de olhos, num momento em que no dormitório não havia quase ninguém, mas não fora tão rápida a ponto de não ser vista por um rapaz, que parecia dormir, mas estava acordado, e contou para a mãe. “Leve a folha para o Comissário.” “Vão colocá-la na cadeia”. “Vão mandá-la para a berlinda na beira do navio”. Vão condená-la num tribunal da América.” Então a moça arrancou a folha soluçando e esperando que a caluniadora aparecesse. Esta desceu pouco depois e era a vesguinha esfarelenta do cabelo vermelho, enrabichada pelo escrivão e ciumenta como uma galinha choca. Ao primeiro: “Olha lá ela”, a genovesa foi ao encontro dela, acompanhada pelas comadres, sequiosas de uma cena. A outra ficou branca, erguendo a cabeça, desafiadora,

não deixando por menos. Mas a boa moça não fizera outra coisa a não ser mostrar-lhe a folha dizendo com voz trêmula. *O que eu te fiz?* A rapidez com que a outra tinha agarrado e feito em tiras a prova do crime, era uma confissão involuntária que tornava duplamente inúteis as suas negações. Mas a genovesa, sem acrescentar nenhuma palavra, subira para o convés, transtornada e chorosa. Não se lamentara com ninguém. O Comissário, sabendo do fato e chamando a ré, que jurava de pé junto ser inocente, teve que se contentar em apenas ameaçá-la com a prisão, e que numa vez a colocariam no fundo da estiva, para que fosse ruída pelos ratos.

A moça de Mestre, que ouvira a história sem tirar os olhos da menina, repetiu lentamente como se falasse consigo mesma, com o seu sotaque vêneto: "*O que foi que eu te fiz?"*. E os olhos brilhavam de lágrimas.

O Comissário recolhera algumas informações sobre aquela moça e a sua família. Era de Levanto. Seu pai, que tinha uma oficinazinha não sei do que, tendo feito maus negócios, decidira ir para a América, para onde lhe chamara um primo bem encaminhado.Mas sem dinheiro, ele tinha sido obrigado a adiar a viagem por um ano. Ele juntara junto com a filha o dinheiro para viagem, centavo por centavo, vendendo todas as suas quinquilharias, tomando conta de uma alemã doente à noite e passando roupa para fora de dia. Uma grande marca sobre a mão, e que se via de cima do navio, devia ser a cicatriz de uma queimadura.

Por suspeita ou por acaso, naquele momento ela ergueu o rosto e, notando que se falava dela, enrubesceu. Mas tranqüilizada pelo olhar doce da moça de Mestre, olhou-a com seus grandes olhos azuis e ainda úmidos, e sorriu. Em seguida, girou a cabeça para olhar o irmão e então vimos apenas o monte de ouro de suas tranças e o lindo pescoço, do qual desaparecera o rubor.

A moça de Mestre tocou o braço do garibaldino com o leque e apontando para a outra, disse-lhe como voz doce e triste: "Veja a virtude, senhor."

Aquilo caiu como um raio para mim sobre a natureza e a finalidade das conversas que esta devia ter normalmente com ele. Curioso para ver a que ponto estava da sua empreitada, voltei-me para olhar o rosto do companheiro, mas elee já se virara na direção do mar, para onde todos os passageiros de terceira classe, levantando-se na ponta dos pés, como se estivessem sob uma ordem, olhavam murmurando.

Havia uma vela no horizonte, à direita. O pequeno oficial de despacho, que estava de sentinela, já havia informado havia algum tempo. Via-se apenas um pontinho branco da forma de um trapézio, iluminado por um pálido raio de sol, em meio à imensidão cinza. Uma tempestade distante, que lhe fazia um fundo negro no céu e na água, dava-lhe um branco vivo, e a fazia parecer por um momento ainda mais mísera, com aquela imagem de ressentimento do oceano que parecia ameaçar apenas ela. Mesmo assim, não se pode dizer que vida, que alegria repentina, aquela humilde insígnia de humanidade espalhava sobre aquela interminável solidão: parecia que o mundo habitado tivesse se aproximado de nós por um instante. O oficial mandou trazer bandeirinhas do alfabeto náutico e apontou os binóculos. Quando estávamos mais próximos, o barco a vela acenou primeiro com a bandeira.

O *Galileo* retribuiu o cumprimento.

Começou então um diálogo apressado entre o barco e o veleiro, que o oficial traduzia em palavra para nós e que os emigrantes acompanhavam com os olhos, em silêncio, como se entendessem.

Era um barco italiano, mantido lá imóvel pelas águas calmas do Equador.

Primeiramente, disse o nome do armador: Antonio Paganetti.
Em seguida: “Proveniente de Valparaiso, rumo a Gênova.”

“Há quantos dias em viagem?”
“Dois meses.”
“Há quantos dias parado?”
“Há dezoito.”
“Tanto assim!” exclamou o oficial.
E o outro: “Peço que avise sobre nossa posição ao representante do nosso armador em Montevidéu. Nenhuma avaria. Todos bem.”
“Não precisam de nada?”
“Não, obrigado.”
“Boa viagem”.
“Boa viagem”.
Como o *Galileo* nos pareceu grande, veloz, alegre em comparação àquele pequeno barco imóvel, com talvez dez ou doze homens de tripulação, condenado a boiar como algo morto, quem sabe por quanto tempo ainda, sob o sol terrível do Equador! Com um sentimento de piedade, nós o vimos pouco a pouco se encolher, tornar-se um ponto branco e esconder-se atrás do horizonte, mas era uma piedade de egoístas, semelhante àquela dos viajantes que, dos vagões grandes e confortáveis de um trem a toda velocidade, vêem de relance uma carroça vacilante debaixo de chuva, puxada por um cavalo exausto numa estrada de roça lamacenta. Daquele confronto nasceu uma corrente de bom humor que se espalhou de proa a popa e durou até a noite.

Mas aquele era um dia de novidades. Durante a refeição, antes de se sentar, o comandante disse em voz alta: *“Senhores,* temos a bordo mais um passageiro”.
Muitos não entenderam.
“Um lindo molequinho”, acrescentou, “que tem apenas uma hora e quarenta e cinco minutos de vida”.
Todos ficaram alegres rindo e comentando. Um leve rubor passou sobre o rosto da moça de Mestre e então entendi que tinha feito o parto da camponesa da sua terra.

“Nasceu no hemisfério boreal,” conclui o comandante, “mas vamos balizá-lo no outro. Amanhã atravessamos o Equador.”

11. A passagem do Equador

No dia seguinte, desde cedo, não se falava em outra coisa na proa a não ser sobre o nascimento da criança e a travessia do Equador: do *aquador*, do *iquador*, do *quador*, *du quador*, já que estropiavam a palavra de todo jeito.

As mulheres falavam principalmente do nascimento, ansiosas para saberem se e como a criança seria batizada e quem seriam o padrinho e madrinha, quem seriam os fidalgos, conforme o costume. E quem a batizaria? O padre da primeira classe, um dos dois da segunda, ou o frade? Onde, se não havia nem capela nem altar? E os presentes? Naquela vida restrita a bordo, tudo adquiria importância de uma questão de estado. O Comissário contou que a camponesa de Mestre era *alvo de muita inveja* por parte das grávidas da terceira classe, e mais ainda daquelas que estavam em estado avançado porque é uma tradição de cordialidade entre os marinheiros tratar com grande cuidado as mulheres que dão à luz a bordo. E as outras, vendo passarem tigelas com caldos, coxas de frango e copinhos de Marsala, pensavam com pesar que não teriam a mesma sorte. “Isso é que é ser de sorte!” diziam. E se esforçavam para antecipar alguns dias o parto, se fosse possível. Algumas ficaram realmente muito irritadas.

Todos falavam sobre o Equador. Mas aqui primeiro é preciso explicar bem a idéia que todas aquelas pessoas faziam do mar. Antes de mais nada, ele era antipático para elas. A ignorância não admira o mar, porque há pouco ou nada para se escrever com o pensamento sobre aquela imensa página em branco, a imensidão simples é bela apenas para quem pensa. Não me lembro de ter ouvido entre aqueles emigrantes uma exclamação de admiração pelo mar. Diante da água eles permanecem sempre na primeira sensação que ela desperta nos seres humanas, que é de asfixia. Depois fui entendendo desde a partida do estreito que, para a

maior parte, aquele grande oceano tinha sido uma desilusão, porque não tinham visto uma porção de água maior do que o Mediterrâneo, enquanto todos imaginavam, entrando nele, que veriam o horizonte se alargar de forma desmesurada, como ocorre com o olhar quando se sobe ao topo de uma montanha. Mas não só por esse motivo. Na cabeça das pessoas, a idéia dos grandes mares se une a um resquício de fantasias da antiguidade e da idade média. Senão monstros voadores, polvos com mil tentáculos, e sereias, muitos esperam ver pelo menos baleia, lulas enormes, ou brigas de baleias e peixes-espada, e ondas altas como montanhas. Vendo depois aquele mar sempre tranqüilo e nem a sombra de um tubarão em duas semanas de viagem, dão de ombros dizendo: "É um mar como outro qualquer". Quanto a ter curiosidade ou apreciar outras coisas, não podem, ou porque as desconhecem, ou porque não acreditam ou porque as entendem mal. Observei que quase todas as conversas que tinham na popa em relação ao mar, à navegação, às terras, que mudavam conforme íamos mudando nossa posição geográfica, e nos eram impostas, por assim dizer, pela latitude, quase todas, transmitidas de boca em boca e de classe em classe, tinham um eco, um ou dois dias depois, como acontece com as notícias nas cidadezinhas ou vilarejos, nos grupos da proa, de onde caíam novamente no nosso ouvido através dos oficiais que recolhiam os fragmentos ao passarem. Pois bem. É incrível como as notícias e as observações científicas sofriam transformações estranhas durante aquela travessia. Da antiga Atlântida, da qual se falara na latitude do mar de Sargasso, na terceira classe se falava como de um mundo que tivesse desaparecido havia pouco tempo e que alguns de nós se orgulhava de ter visto. Na latitude de Senegambia, falando de negros, os emigrantes diziam que o *Galileo* ia a todo vapor para fugir da costa, onde havia um povo selvagem terrível, que caçavam os navios para comer os passageiros e muitas vezes conseguiam. Com relação ao próprio Equador, algumas pessoas previam um calor de estufa que derreteria as velas e a cola das cartas, e um sol tão escaldante que alguns iriam enlouquecer, e que se ouviriam muitos ataques nervosos. Mas o mais singular era que aquela viagem de um hemisfério a outro, que deveria convencer a todos de que a terra era redonda, oferecia a muitos,

contrariamente, um argumento que reforçava neles uma descrença antiga, porque agora viam finalmente com os próprios olhos que era tudo plano. Não havia razão para se alegrar para aqueles que pareciam convencidos da verdade, uma vez que muitos deles imaginavam que, passando o Equador, o navio começaria a descer dando volta em torno do globo como uma formiga ao redor de uma bola. E ainda havia muitos que simplesmente não acreditavam em nada do que ouviam. De manhã, enquanto o marido da suíça (dotado da mais incurável das burrices que é aquela, como disse um grande homem, contraída nos livros) explicava o Equador a um grupo de emigrantes com aquelas frases estupidamente científicas que não podiam entender: "...a lareira elétrica do globo...o controlador das evaporações dos dois mundos...o lugar onde o mar troca seus dois sangues..." Eles olhavam com curiosidade ao redor e para cima, e não vendo nada de insólito, olhavam novamente para ele com cara feia, com se quisessem dizer para parar de debochar deles. Mas o que os preocupava já havia alguns dias era sobretudo o fato de terem ouvido dizer que do outro lado do Equador eles veriam estrelas novas e que uma delas, a Alfa Centauro, era dentre todas elas, a mais próxima da terra. Pensavam que talvez fosse grande como a lua. Desde a manhã daquele dia tão esperado, em plena luz do sol, homens e mulheres moviam os olhos pelo céu, com a expressão de verem milagres. Uma mulher perguntou ao Comissário se naquele outro lado do mundo, onde estavam para entrar, a lua e o sol seriam os mesmos que se viam no nosso país. O que era esta linha, esta faixa que dividia o mundo em duas partes? Dava para acreditar no que diziam, que não havia mais hora certa? Era verdade que no ano em que se vai para a América, se perdia uma estação? E o que acontecia com esta estação? O Comissário quebrava a cabeça para explicar, mas alguns não prestavam nenhuma atenção às explicações que tinham pedido, como se fossem uma perda de tempo. Outros, para entender, esforçavam ao máximo a inteligência, mas depois desistiam, fazendo um gesto de resignação. O último sentimento da maioria era uma vaga suspeita que todas aquelas maravilhas fossem um monte de patranhas espalhadas pelos fidalgos para poderem se passar por sabichões, ou que todas as explicações que davam eram um esforço da fantasia, e que tudo era um grande mistério para todos. Uma

grande parte deles acreditaria até mesmo nos três monges lendários da Ásia que havia quinze séculos que caminhavam em linha reta procurando onde nasce o sol. Era desconfortável pensar que talvez mil daqueles mil e seiscentos cidadãos de um dos países mais civilizados da Europa não tivessem a respeito da terra e do céu conhecimentos mais amplos nem mais exatos do que os que cinco séculos encontrariam agora estão em outras mil pessoas da mesma classe, e que talvez exista no mundo uma quantidade irredutível de ignorância, que se pode comprimir, como uma massa d´água e dobrar de mil formas diversas, mas não diminuir de volume.

Não importa: a passagem do Equador era uma festa para todos, especialmente pela distribuição extra de três litros de vinho para cada grupo, que tinha sido anunciada. Tendo o comandante dado ordem para abrir a estiva e deixar pegar as bagagens, era para muitos uma verdadeira alegria poder se reabastecer de roupa e remexer um pouco os próprios trapos, guardados de forma deplorável por causa da umidade da região tropical. Além disso, o anúncio de fogos de artifício para a noite punha a rapaziada em reboliço. A grande operação de lavagem matinal foi feita com um vigor insólito, e na hora do almoço, viram-se muitas moças com lenços e fitinhas novas no peito e na cabeça, mãe penteadas com mais cuidado que em outros dias, homens com gravatas extraordinárias, barbas feitas, camisas limpas, pescoços descamados. A multidão parecia vestida para o domingo. As mulheres, em homenagem ao novo santo, não trabalhavam e a maior parte dos homens, reunidos em grupos grandes e animados, mostravam claramente no rosto a premeditação de uma carraspana. Muitos enquanto isso se aglomeravam próximo à despensa para garantir a tempo alguma sobra do jantar de gala da primeira classe. Nas cozinhas da terceira havia também uma agitação, um vaivém incomum, do qual se podia dizer que naquele dia, o cozinheiro e seu ajudantes tinham feito um contrabando de pratos. Duas chuvas, fortes, mas breves, com intervalo de uma hora uma da outra, apenas despertaram o bom humor da multidão. Em seguida, o céu clareou e o mar, às vezes azul, às vezes arroxeado, agitado em longas e lentas ondulações, parecia que prometia não perturbar o dia.

Foi uma festa para nós também. Para mim começou depois do almoço na cabine do segundo oficial, com o qual passei uma hora muito agradável, junto com outros dois oficiais e com o marselhês, bebendo um bom Champagne, devido a uma discussão a respeito de William Watt. Falando do azar dos inventores, o marselhês tinha deixado escapar que Watt tinha morrido na miséria. O segundo negava: tinha morrido da opulência, cheio de honras e rodeado por amigos ilustres. "*Dans la misere, monsieur! Dans l´indigence la plus affreuse!" "Na riqueza, estou dizendo". "Sans le sou, sans le sou!"* Daí a aposta e dera a sentença inapelável uma *Histoire de la machine à vapeur*, que havia a bordo, escrita por um marselhês, que desmentia sem consideração alguma o seu conterrâneo. Tipos amáveis aqueles três oficiais do *Galileo,* inclusive aquele moreninho astuto do telegrafista! Todos mais jovens de espírito do que a idade deles fazia supor, e de uma certa simplicidade de solitários, raríssima de se encontrar no mundo, mesmo entre os solitários. Cada um estudava algo ou tinha uma aptidão artística, e assim enganavam o tempo naquelas contínuas viagens. O segundo oficial estudava alemão, o terceiro pintava marinas, o quarto tinha começado havia pouco a tocar flauta. Cada um tinha uma coleção interminável de casos de viagem que contavam de modo peculiar, lentamente, dizendo da forma mais natural do mundo as coisas mais estranhas, algo de gente acostumada a conviver com o lado mais aventureiro e bizarro do gênero humano e mesmo enquanto este se encontra numa condição de vida e de espírito excepcional. Tinham feito travessias cheias de peripécias, durante as quais o registro de nascimentos e mortes tinha estado em movimento contínuo. Quarentenas de morrer de tédio, horas de sentinela em noites de tempestade das quais se saía de cabelo branco! E tinham visto passar a bordo misérias, amores, medos, caras heteróclitas, famílias de ciganos! Também era curiosa a confusão, ou melhor, a desconexão de idéias que tinham na cabeça em relação à política dos dois países entre os quais viajavam, eles que, voltando a Gênova, achavam-se com dois meses de atraso na leitura dos jornais da Itália e tornavam a partir antes de poder se situar, para chegar de novo a Argentina, totalmente desinformados sobre os fatos de lá cinqüenta dias depois. O mais

curioso era a condição deles em relação às próprias famílias. O segundo oficial nos divertiu muito, explicando-nos com um copo na mão que se casara havia um ano e meio, mas parecia que era há um mês. Partindo de Gênova oito dias após o casamento, vira a esposa apenas de dois em dois meses e por breves intervalos de tempo, e que entre eles não nascera ainda intimidade, de forma que a cada retorno era recebido ainda com um pouco da emoção da primeira vez e tratado com uma certa gentileza respeitosa e embaraçosa, quase como um estranho, isso mantinha imóvel no horizonte a lua de mel. Ele mesmo mostrou um retrato da mulher com jeito de quem mostra secretamente a fotografia de uma moça que pediu em namoro. "*Type genois!",* disse-lhe o marselhês, olhando para ela. *"É de Palermo",* ele respondeu. *"Pas possible*!" Ah! Que risada, uma risada que desta vez ele teve que fingir contestar de brincadeira.

Todos estavam alegres, ainda que o comandante tivesse dito que não queria a brincadeira de costume, de batizar com garrafas quem passava a linha pela primeira vez; uma aborrecimento que sempre acabava mal. Por outro lado, não haveria personagens adequados. Até o genovês monóculo acariciava a barba de cerdas de escova com uma expressão menos entediada do que o usual. Parava um aqui outro ali, e encarando-os, dizia sério: "Peito de frango ao molho madeira". Arrancara do cozinheiro um monte de segredos e dizia que haveria um almoço esplêndido e discursos. O agente de câmbio, com quem dei uma volta, anunciou-me um brinde do marselhês. Ouvira-o ensaiar na cabine. Contou-me que na noite anterior havia ocorrido uma cena por causa daquela língua de cobra da mãe da pianista que insinuara ao presumível "ladrão" que ele deveria desmentir as calúnias que circulavam atribuídas a ela. Ele fora então perguntar ao comandante quem as estava espalhando, ameaçando dar facadas e tiros. Mas exortado, tinha prometido ficar quieto até o outro hemisfério. Subindo ao convés, encontramos aquela perversa faladeira que parecia regozijar-se intimamente por ter finalmente conseguido criar um escândalo, e ambos notamos uma animação nunca vista no rosto desenxabido da filha, como se refletisse um prazer secreto, cuja causa o agente procurou em vão, olhando atentamente ao redor, suspeitando que

houvesse uma outra briga de foices no escuro a caminho. Passando na frente da despensa, vimos um casal de pé diante do banco, bebendo um licor aguado. O agente os cumprimentou. O marido disse timidamente: “Estamos festejando o Equador”. “É!” respondeu o outro em tom de despeito, olhando os dois fixamente, “parece que festejam todos os paralelos!”e o casalzinho escondeu depressa o rosto com os copos. Em seguida, foi beber um copinho de Chartreuse à entrada da cabine da domadora, que recebia os amigos com olhos embargados de doçura e dizia que gostaria que a viagem durasse um ano, de tanto que ela achava a companhia apropriada, educada, cortês e agradável. Um outro rosário de adjetivos açucarados, que pareciam ter saído das muitas tacinhas sarapintadas que já devia ter bebericado durante o dia. De lá, subindo para o convés, encontramos novidades. A argentina, verdadeira imperatriz do navio, com uma corte de admiradores ao redor, num vestido cor de baunilha que ressaltava maravilhosamente a sua pele quente e viçosa de creoula, com um rosto radiante, como se estivesse feliz por entrar na parte do mundo que era sua. A suíça, que passeava pela primeira vez com o seu antigo deputado, sem que ninguém tivesse notado em que dia e de forma tivesse ocorrido a reconciliação. Meia hora da sua conversa desconexa, buliçosa, vazia, cheia de bobagens cor de rosa e risadinhas inoportunas de costureirinha bêbada, convenceu-nos de ela estava feliz de ter colocado novamente seu pezinho branco no Parlamento de Buenos Aires. O marido também parecia feliz nas suas excursões professorais entre os emigrantes, pois estava coletando novas noções geográficas do segundo oficial, com um mapa marítimo aberto sob os olhos. Em todos os olhos parecia transparecer uma esperança confusa, que se vê nos rostos das pessoas na passagem do ano, como se todos confiassem que uma sorte melhor do que aquela que tinham tido no seu hemisfério as esperasse no outro.

A alegria continuou na hora do almoço, onde, exceto o garibaldino e a mulher da escova, que permaneceu muda e em jejum com o objetivo claríssimo de pirraçar o marido, todos conversaram animadamente como numa grande mesa de bons amigos. Foi uma grande surpresa, naquela noite, ouvir a voz do casal brasileiro

que, sendo introduzidos na conversa pelos argentinos e estimulados pouco a pouco pelo sentimento patriótico, descreveram com uma eloqüência admirável que nos encantou a todos, as belezas do país deles, desde a grande baía do Rio de Janeiro, coroada por montes de pão de açúcar, e montes de ilhotas cobertas de palmas e de samambaias gigantescas, às vastas florestas escuras, semelhantes a espessas colunas de catedrais sem fim, povoadas de macacos e de onças, cortadas por bandos de papagaios verdes e rosados, sobrevoadas por nuvens de brotos e de flores com asas e de vaga-lumes. A conversa se estendeu sobre aquele assunto, todos os passageiros que tinham visitado o Brasil se puseram a contar e a descrever juntos e então toda a flora e a fauna brasileira foram reviradas e passaram sobre as mesas antas e crocodilos de rios imensos, sapos enormes que coaxam, morcegos monstruosos que sugam o sangue dos cavalos, cobras horríveis que sugam o peito das mulheres e rãs que cantam no alto das árvores e tartarugas com dois metros de largura e formigas enormes de São Paulo que os índios comem fritas, e unindo à descrição uma imitação harmônica, foi um estrondo de mugidos, gralhos e de silvos, que parecia estarmos mesmo no meio de uma floresta dos trópicos, e em alguns momentos se experimentava a sensação de calafrio. Os únicos que não ouviam nada eram o casalzinho, que aproveitando da distração dos falantes, passavam com cuidado o braço em volta da cintura, fulminados pelo olhar da pianista. A loira que distribuía olhares brilhantes para o argentino, o peruano, o toscano, o tenor, com uma prodigalidade realmente um pouco visível demais, tanto que o comandante, no final deixou escapar da boca uma advertência: "*Aquela senhora começa a dar-me angústia".* Mas foi tranqüilizado pelo brinde do marselhês, que se levantou, e inclinando para frente o busto patagônio, ergueu sobre a cabeça a taça de Champagne disse com entonação grave: " *Je bois à la santé de notre brave Comandant...à la Société de navigation...à l´Italie, messieurs!"* Todos aplaudiram, exceto o moleiro. Eu perdoei naquele momento os maus-tratos que impingia a minha língua e o que se imaginava que tinha feito às minhas compatriotas.

Após sairmos da mesa, subimos ao terracinho da cabine de comando, acompanhando o quarto oficial que levava uma braçada de foguetes, girândolas e de velas romanas. Com dificuldade, couberam todos e eu fui empurrado para a esquerda, diante do Comissário, e no meio do "enforcado" e do "diretor da sociedade de limpeza inodora".

A proa já estava cheia, mas o céu, coberto de nuvens densas, mandando apenas uma luz velada os três faróis, branco, vermelho e verde que ardiam, como três olhos, nas duas extremidades do terracinho e na ponta do mastro. Toda aquela multidão estava quase no escuro e daquela escuridão vinham mil sons confusos de cantos de bêbados de risos de mulheres e de gritos de crianças, que parecia uma multidão dez vezes maior. Parecia que eu estava no terraço de uma prefeitura, na noite de um desfile de carnaval contra o prefeito. Quando se acendeu o primeiro fogo de bengala, ouviu-se o estouro de viva. Viram-se mil e seiscentas rostos iluminados, uma multidão compacta de pé sobre as entradas e sobre os parapeitos, agachada no teto do refeitório e em cima das gaiolas, agarradas nos cabos dos mastros, trepadas nos cordames, em pé nas cadeiras, nas abitas, nos tonéis, nos lavatórios, e já que não restava nada descoberto, nem um palmo de assoalho e até os contornos do navio estavam escondidos pelas pessoas, toda a multidão parecia suspensa no ar e voando lentamente sobre o mar, como uma bando de espectros. No grande silêncio de admiração erguiam-se vozes solitárias de burlões: "*Oooooh baciccia!". "Dagh on Taj." "Cadìa monsù Tasca!"* Em seguida, todos calados, ouvia-se nítido o assobio dos fogos e o barulho cadenciado da máquina. Chuvas de fogo caíam no mar quieto e oleoso, encrespado nem sequer por um sopro de vento e os foguetes estouravam e desapareciam na imensidão do céu silencioso, quase sem fazer barulho, como no vazio. A cada lampejo de luz me aparecia na multidão um rosto conhecido. Ora o rosto soberbo da bolonhesa, que se erguia sobre a cintura acima das vizinhas, ora o rosto estático do escrivão, ora a negra dos brasileiros, apertada num círculo de rostos acesos; lá sob o rostinho redondo da camponesa de Capracotta, próximo ao matadouro, o rosto impassível do frade, no fundo do castelo da proa, a

máscara misteriosa do saltimbanco. Viam-se aqui e ali casais apertadíssimos, que a irradiação repentina de uma girândola obrigava a corrigir depressa o gesto, e os risos sufocados, as vozes de reprovação e os gritos que desatavam às vezes, traíam uma grande agitação de beliscões e apalpadelas audazes e obstinadas. “Esta noite,” disse o Comissário, “o pobre corcunda vai suar sangue.” Enquanto isso, a luz de bengala tingia repetidamente todas as faces de púrpura, de branco, de verde e, a cada novo estouro de foguete, soavam mais altos os gritos: “Via a América”. “Viva o *Galileo!”* e mais raros: “*Viva a Itália*!”. Acima das cabeças se viam mover chapéus, lenços, copos, crianças seguradas pela mães, que agitavam os braços nus, verdadeiras imagens vivas da despreocupação infantil daquela alegria de povo, que sufocava por um momento tantas dores. Finalmente os fogos acabaram e o navio, voltando a ficar negro, mas sem que a festa cessasse, adentrou gritando e cantando as trevas do outro hemisfério.

Mas a alegria sem motivo daquela multidão, naquele confim de um novo mundo, naquela solidão, de madrugada, me fez sentir mais piedade do que até então me provocara a sua tristeza. Pareceu-me uma luz sinistra que se lançava sobre as misérias e me oprimiu a alma. A miséria errante do meu país, pobre sangue retirado das artérias da minha pátria, meus irmãos dilacerados, minhas irmãs sem pão, pais e filhos de soldados que combateram e que combaterão pela terra na qual não puderam e não poderão viver, eu nunca os amei e nunca senti como naquela noite que somos nós os culpados dos sofrimentos de vocês, da desconfiança enviesada com que vocês nos olham às vezes, temos consciência de que nós também somos manchados dos defeitos e das culpas que vocês atribuem ao mundo, porque não os amamos o suficiente, porque não trabalhamos o quanto devemos para o bem de vocês. Nunca experimentei tanta amargura como naquele momento de não poder dar a vocês mais do que palavras. No último sonho de Fausto pensei: abrir uma terra nova ampla e vê-la florir de messes e de vilarejos sobre os passos de um povo trabalhador, livre e feliz. Apenas para isso importaria viver, porque a pátria e o mundo são vocês, e enquanto vocês

chorarem sobre a terra, toda a felicidade dos outros será egoísmo e cada orgulho nosso, falsidade.

12. O pequeno Galileo

Após aquele dia de pândega, como sempre acontece, o tédio recaiu sobre o navio, mais cinzento que antes, acompanhado de um calor fortíssimo e acrescido de um mar de cor repugnante, que dava a imagem daquilo que se diz que o mar seria se a multiplicação prodigiosa de certos peixes não fosse impedida: uma carniça assustadora e mefítica de bacalhau e arenques. Oprimida por aquele tédio e ainda tonta por causa da desordem do dia anterior, a maior parte dos passageiros da terceira classe não se mexia nem mesmo quando os marinheiros, fazendo a lavagem de sempre, com bombas, distribuíam por todos os lados baldes e jatos d´água violentos. Deixavam-se molhar com os olhos fechados como cães decrépitos. Todo o navio pareceu por muitas horas imerso numa letargia profunda. A lembrança daquele dia ainda me incomoda como a face de um morto. Naquele mormaço do meio-dia, vejo o genovês, desfigurado pelo tédio, aparecer na minha cabine e perguntar: “Vamos ver matar?”. “Como? Quem vão matar?” “Um boi” Ele ficava sabendo sempre um dia antes e ia assistir para se livrar do tédio. Ah, horas intermináveis passadas com o nariz na janelinha, olhando com olhos imbecis aquele mar de indolência e sono! Dizem que tempo é dinheiro e eu teria dado um século daquelas horas em troca de cinco centavos. E mar, mar e mar. O Mediterrâneo figurava na minha fantasia como minúsculo, como um laguinho azul sufocado entre montanhas e distante, muito além de qualquer idéia. O fato de não ver outra coisa que não fosse água me fazia vislumbrar a horrível suspeita de que tivessem errado a rota e que estivessem se dirigindo diretamente ao pólo sul para se chocar com as geleiras eternas. Por sorte, Ruy Blas veio me sacudir. Fitando-me com olhar abatido que me fazia adivinhar uma noite de libertinagem aristocrática, deu-me uma boa notícia. O batizado estava marcado para as quatro.

Tudo já tinha sido estabelecido. O batizado e o registro civil seriam feitos na sala náutica, ao lado do timão sob a cabine de comando. O padre napolitano ministraria o chamado batizado de urgência, do qual devia ter alguma experiência já que viajara nos primeiros anos por aqueles campos solitários dos estados longínquos da Argentina, onde, não havendo igrejas, e tendo os habitantes espalhados por ali apenas uma tradição católica rude, quando passava um padre, até mesmo rapazinhos a cavalo vinham correndo pedir para serem batizados. Ele havia se oferecido gentilmente, sem pedir *patacones,* e um camareiro tinha visto ele tirar uma estola e uma túnica que não deixavam dúvida que seria uma longa e venturosa prédica. Segundo o costume, o menino receberia o nome do navio, *Galileo.* Que já tinha uma dúzia de filhos homônimos, espalhados pelo mundo. A madrinha seria a moça de Mestre. O Comandante havia se oferecido para ser o padrinho, mas o deputado argentino o havia convencido a ceder-lhe o posto, porque o menino não seria destinado à cidadania do seu país, portanto, cabia a ele dar-lhe as boas-vindas ao novo mundo como representante da República.

Esse gesto gentil, como soube depois, reconciliou os ânimos dos passageiros que até então acusavam a ele e os outros argentinos de se manterem distantes dos europeus, como se tivessem formado um grupo à parte. Eu, no entanto, os conhecia havia uns dias e os observara desde o início com extrema curiosidade, uma vez que eram para mim os primeiros exemplares do seu povo, que sem dúvida, é aquele de toda a América que, para um italiano, mais importa ou deveria importar conhecer. O deputado era o mais velho e também acho que o cabeça do grupo. Alto, um rosto forte e fino de homem consumido pelas lutas da vida política e da vida mundana, que lançava através do monóculo um olhar atrevido de conquistador de votos e de sins femininos. O marido da moça era um advogadozinho loiro, secretário de não sei qual ministro plenipotenciário do seu país, de olhos cinzas, que se moviam continuamente, penetrantes como agulhas, e quando observavam, parecia ver sob o crânio, dentro do peito e até dentro do caderno de notas. Havia dois rapazinhos morenos, muito elegantes e pouco significativos, que não pareciam preocupados com outra coisa que não fosse a

roupa branca e finíssima que ostentavam e a cabeleira espessa artisticamente arquitetada, negra, mas daquele negro andaluso-argentino, que é um verdadeiro ultraje às cabeças grisalhas. O mais original de todos era o quinto, um homem alto e forte de cerca de trinta anos, de rosto audaz e de voz áspera, uma espécie de domador de cavalos selvagens, proprietário de uma grande *estância* da província de Buenos Aires, na qual passava dois anos seguidos em meio a trinta mil vacas e vinte mil ovelhas, levando vida de gaúcho. Depois, durante um ano, ia se refazer em Paris, onde a cada vez devorava um rebanho de mil cabeças. Um traço comum a todos os cinco era a boca fina e a cabeça pequena, que todos mantinham erguida, sempre, mas o hábito hereditário que outros observam nos argentinos de apoiarem-se mais nas articulações dos dedos do pé que sobre o calcanhar quando caminham, para dizer a verdade, não notei. Todos os cinco eram visivelmente estudiosos da elegância e especialmente da beleza das pessoas. Corteses, mas de uma cortesia mais risonha, por assim dizer, do que aquela dos espanhóis, menos cerimoniosa do que aquela dos franceses, aliada a uma franqueza de modos e de conversas, típica de homens que entram na vida independente assim que saem da infância, que crescem sem tédio e sem freios, cheios de confiança em si e na sorte, em meio a uma sociedade agitada, desordenada, jovem. Essa condição de ânimo deles se revelava numa expressão do rosto para a qual não saberia encontrar melhor comparação do que aquele modo galhardo de um homem a cavalo, que vê diante de si um vasto horizonte livre. Aliada a isso uma maravilhosa facilidade em proferir juízos sobre povos, instituições e costumes da Europa, que tinham visto de passagem, juízos que revelavam uma percepção mais aguda que profunda e uma variedade mais de leituras que de estudos, lembradas com prontidão e citadas com arte. E não tanto nos juízos, quanto na preferência manifestada pelo tema da conversa, mostravam uma simpatia viva pela natureza e pela vida francesa, decorrente de uma analogia incontestável da qualidade da inteligência e do ânimo. Todos tinham Paris na ponta da língua e as malas cheias de jornais dos *boulevards,* e de fotografias de artistas da *Opéra* e da *Comédie.* De outras cidades conheciam muito bem as casas de jogo e os banhos, e principalmente os teatros de música, dos quais

falavam com paixão de adolescente, mas dando a entender que não tinham nenhum motivo para inveja em relação a isso, pois traziam a Europa para cantar e dançar em casa. Quanto à Itália, não consegui descobrir, sob a necessária cortesia da conversa, o verdadeiro sentimento deles. Compadeciam-se da nossa emigração, como de um concurso de ótimos trabalhadores e apontando para os emigrantes, diziam: “Tudo isso é tanto ouro para nós!”. “Tragam-nos até toda a Itália, desde que deixam lá a Monarquia”. Percebia-se que para eles, como para os revolucionários franceses do século passado, uma pobre criatura humana sujeita à monarquia parecia merecedora da mais sincera comiseração, e que deviam nos considerar, nós europeus, uma espécie de homens nascidos velhos, arrastando-se em meio aos restos de um mundo morto e um pouco esfomeados por profissão. Sob esses sentimentos, reluzia um orgulho nacional fortíssimo. O orgulho de um pequeno povo, que tinha vencido a Espanha, humilhado a Inglaterra, e alargado os confins do mundo civilizado, varrendo a barbárie de um país imenso, para acolher e dar vida a gente de todas as línguas e raças. De fato, duas vezes por semana pelo menos, eles festejavam entre si alguma data gloriosa da revolução Argentina, com uma profusão de vinhos da Champagne, que era uma bela prova dos bons frutos de suas vitórias. Mas entre o orgulho nacional deles e o dos europeus, pareceu-me que havia uma diferença notável, porque enquanto nós nos fundamos sobre o passado, e sempre nos repicamos sobre este orgulhando-nos, eles quase nunca falam do passado e apontavam, em cada frase, para o devir, como um refrão da infância: “Quando formos grandes”. Em todos eles se manifestava profunda, sólida e lúcida, não uma esperança, mas uma certeza de se tornar, com o tempo, um povo enorme, os Estados Unidos da América latina, fervilhando desde o vale das Amazonas até os confins da Patagônia. A consciência de serem chamados para este primado podia ser reconhecida também no cuidado que punham em todas as ocasiões para demonstrar a originalidade de seu povo, não apenas em relação aos velhos pais espanhóis, dos quais falavam com um leve tom de zombaria, como de gente da qual, por sorte, tivessem degenerado, não sofrendo deles nenhum influxo de nenhuma espécie. Mas mesmo em relação aos outros povos latino-americanos,

chileno, peruano, boliviano, brasileiro. De cada um deles revelavam as deficiências intelectuais e morais, e os aspectos ridículos, com uma ironia graciosa, que traía um sentimento de rivalidade de alto a baixo, não suavizado pelo da fraternidade. Mantinham todas essas conversas com uma linguagem fluente e quente, interrompida por risos cordiais e por impulsos quase involuntários de sinceridade, que revelavam uma natureza capaz de paixões generosas e violentas e também uma grande mobilidade de sentimentos, nascida de um desejo ardente de devorar a vida de todas as formas, seguindo com todas as forças o ímpeto de todos os desejos. Apenas uma coisa eu teria desejado em alguns deles e era uma manifestação explícita de piedade na voz e nos olhos ao contarem certos episódios desumanos de sua história, um não sei o que de mais suave e triste que não fizesse suspeitar de um rasto negativo deixado na sua natureza pela longa tradição das guerras do deserto e pelas guerras civis, todas horríveis. Mas, no conjunto, a primeira impressão era tão agradável que se tornava ainda maior a curiosidade de perscrutá-los mais a fundo. Pela primeira vez eu me via diante de gente realmente nova para mim, o que nunca tinha acontecido na Europa. Em meio à grande afinidade de conhecimentos e idéias que havia entre nós, eu reconhecia vagamente neles os traços de uma educação realmente diferente de mente e de ânimo, sentimentos peculiares de uma gente situada sobre os últimos termos da civilização, na extremidade de um continente quase despovoado, numa espécie de solidão de exército invasor, e as impressões de uma natureza e de uma beleza diferente da nossa, mais ampla, mais primitiva e mais colossal. E deixava perplexo também aquela língua espanhola deles, mais leve e desatada da casca literária, acentuada de forma nova para mim e florida de palavras desconhecidas e bizarras, cantada com aquela distante lembrança de melopéia indígena, que me fazia passar pela fantasia rostos cor de cobre enfeitados de penas. Mas mais que a língua, a facilidade incrível de falar e a capacidade imitativa da entonação e do gesto, especialmente quando se enchiam de fervor descrevendo suas grandes montanhas e planícies sem fim. Aquele advogadozinho loiro, mais que os outros, descrevia a caça ao cavalo selvagem como um ator que recitava um fragmento de um clássico, sem sombra de afetação ou artifício

aparente, com um vigor de movimentos e com uma musicalidade de palavras maravilhosa. Em todos notei o dom de um belo timbre de voz e uma arte ou uma faculdade natural, rara de se modular; especialmente na mulher, que tinha uma voz branca e notas muito graciosas, e que ao ouvi-la de olhos fechados pareceria de uma menina. Vendo o estranho efeito acústico que me fizera o nome do Estado de Jujuí, pronunciado daquela maneira, ela começou a procurar de brincadeira outros nomes indígenas de montes e rios do seu país, que me repetia pouco a pouco rindo da minha admiração. Ringuiririca, Paranapicabá, Ibirapitá-miní. Pareciam gorjeios de um colibri.

Para ele a viagem da América à Europa era como para nos uma excursão de Gênova a Livorno. Já a haviam feito mais vezes. Porque qualquer que seja for o sentimento que têm por si próprios e o conceito que têm de nós, a Europa é sempre para eles a antiga mãe, a grande pátria do intelecto e os atrai. O deputado contava já oito viagens transatlânticas, de forma que a rede dos seu amores devia estender-se já por sobre uma floresta de navios. Ainda jovem, tinha o passado de uma longa vida, também como homem público, uma vez que antes dos trinta anos (devia ter por volta de quarenta) tinha sido já redator chefe de um grande jornal, alto funcionário de um Ministério, diretor de um Banco e enviado pelo governo a Paris com um cargo financeiro. E não era uma exceção entre os jovens do seu país. Ele dizia com razão que seu país estava nas mãos dos jovens, já que a república queria que corresse nas veias de todos os seus servidores a seiva primaveril que fervia nas suas. “Vocês”, dizia, “aglomerados num campo estreito, sobrecarregados de história, de leis e de tradições, devem caminham lentos e conduzidos pelos velhos, mas nós jovens de trezentos anos, que temos por pátria uma terça parte da América do Sul e que temos que recuperar depressa o tempo perdido na luta contra os selvagens e na guerra de transformação social da qual acabamos de sair, precisamos fazer carreira logo e ser guiados pela idade da impaciência e da audácia.” Brincava sobre o “abuso” da velhice que se faz na Europa. “Parece que as cãs entre vocês são o título necessário para certos cargos. Vocês tem certas doenças que dão direito a certas honras. Sei lá. Uma

gota faz tudo. A juventude de vocês se cansa com uma espera interminável e vocês se encontram em escritórios que requerem mais vigor de mente e de nervos justamente na idade em que o vigor é menor. Gastam todas as forças subindo e quando estão no topo soa a hora da morte."

Naquele momento apareceu a camareira avisando que era hora do batizado. O deputado foi rápido à cabine trocar o chapéu de seda por um outro mais sacramental. Fui em direção ao salão náutico. Mas proa já havia movimento, especialmente entre as mulheres, que queriam subir todas ao castelo central para ver; tanto que os marinheiros tiveram que ficar de sentinela nas escadinhas para impedir que se amontoasse gente demais em cima. Era um vozeio, uma curiosidade de todos os lados como se fosse para o batizado de um principezinho herdeiro e ninguém se preocupava com a ameaça de uma tempestade solene que começava a tornar escuro o ar. Entrei com dois ou três outros no salão náutico, que está já lotado e com certa dificuldade encontrei um lugar. Diante da mesa estavam de pé o comandante que tinha que representar o oficial do Estado Civil, o segundo oficial e o Comissário, que eram as testemunhas, todos ao redor, com as costas voltadas para a parede. A loira, a argentina, a esposa, a mãe e a filha pianista, a brasileira com a criada negra e uma dezena de homens, entre os quais o garibaldino, com sua cara fechada e triste de sempre. A janela no fundo, que dava para o castelo, estava cheia de rostos de mulheres até da terceira classe, que formavam uma escada e vibravam pela alegria de terem conquistado os primeiros lugares. Atrás delas ouvia-se o murmúrio da multidão. Sobre a mesa havia a lista da tripulação e o jornal de bordo, abertos, uma bandeja com um copo d´água, um saleiro e fichas impressas de certidão de nascimento. Todos estavam com uma certa atitude preocupada. Aquele ambiente singular, coberto de mapas marítimos, reluzente aqui e ali de instrumentos náuticos com aquelas vinte e quatro letras maiúsculas inscritas como um epitáfio enigmático sobre as bandeirinhas dos sinais, - aquele grupo de pessoas tão diferentes e estranhas, que cambaleavam de vez em quando por causa de um leve balanço – aqueles oficiais imóveis e sérios - aquela agitação de uma multidão que não se via –

aquele horizonte escuro do oceano, que cortava o vão da saída – despertavam juntos um sentimento de perplexidade e respeito que se manifestava num murmúrio contido.

Daí alguns momentos chegou o padre alto, com uma estola e uma túnica que pareciam ter servido para batizar os primeiros navegadores do Atlântico e a atenção de todos se fixou sobre ele. Entrou, curvando-se, sem olhar para ninguém. Aproximando-se da mesa e fazendo o sinal da cruz, começou a murmurar, com olhos fechados, em meio a um silêncio profundo, as bênçãos de costume para a água e o sal. Em seguida, colocou uma colherada de sal no copo, agitou-o e molhando o dedo benzeu os presentes. As mulheres fizeram o sinal da cruz. O murmúrio recomeçou.

Demorando chegar a criança, o comandante mandou o comissário ir ver. Como o estado de saúde do velho com pneumonia havia se agravado, a mãe da criança havia sido transferida da enfermaria para uma cabine vazia da segunda classe. O trajeto era de poucos passos. O Comissário retornou imediatamente dizendo: "*Vegnan".*

Vinham subindo de fato pela escada o padre, triunfante, com a barba feita, com uma camisa fresca e com o bebê no colo, a moça de Mestre, com o seu vestido verde-mar de sempre, apoiada pela mão pelo argentino e, atrás deles, para minha surpresa e de todos, a mãe pálida, mas sorridente, segurada pela cintura pelo marinheiro corcunda. Não teve outro jeito, resmungava o marinheiro, queria vir, apesar das ameaças do médico, teimando em fazer como se estivesse em casa, onde *dopo do zorni la se gaveva sempre messo a far le so façende.* Por último vinha um dos gêmeos com meia vela na mão.

Um murmúrio meigo de piedade e de simpatia acolheu o pequeno *Galileo,* que dormia placidamente, com o rostinho vermelho, envolvido numa coberta azul com uma touquinha branca de preguinhas e uma medalha no pescoço.

Assim que entrou, a moça de Mestre pegou a criança dos braços do pai e a mostrou ao comandante, com aquele seu sorriso triste e doce e acredito que não escapasse a ninguém o contraste piedoso entre aquele pequeno ser que começava a vida com aquela pobre criatura para qual tudo estava por acabar. Todos olharam-na por um momento sozinha contemplando a criança com a cabeça inclinada, mostrando nos olhos todos os tesouros da maternidade que levaria para o túmulo.

O comandante, com seu nítido sotaque do bairro de Pré, e com um cenho como se lesse uma ato de desculpa, leu o registro de nascimento escrito no relatório da tripulação.

“Ano mil oitocentos, etc, dia e hora etc, a bordo do navio denominado *Galileo*, inscrito no departamento marítimo de Gênova, etc, o senhor médico fulano de tal apresentou a nos, Capitão em comando do referido navio, na presença dos senhores fulano e sicrano, uma criança do sexo masculino nascido da senhora....”

Abriu-se um sorriso nos lábios de todos quando se ouviu ler que o lugar de nascimento daquela pobre criança era: latitude norte 4, longitude oeste, meridiano de Paris, 28,48.

“...Damos fé,” continuou o comandante, “redigimos o presente registro no relatório da tripulação; assinado por...”

O comandante e os dois oficiais assinaram o registro no relatório e as três cópias impressas a serem enviadas ao Consulado Italiano de Montevidéu, à Capitania do porto de Gênova e ao pai. Em seguida ofereceu a caneta a este, que com dificuldade e a fronte banhada de suor, rabiscou três vezes o nome.

Naquele ponto, o navio fez um movimento brusco de um lado e a madrinha vacilou. O argentino a conteve com o braço e eu li nos olhos dele o assombro penoso que ele provou ao sentir aquele braço sem carne. O céu ficara mais escuro e o mar arroxeado, algumas gotas caíam sobre a cobertura.

O padre deu um passo a frente.

Ouvidos os nomes colocados, assinou e, colocando a sua enorme mão peluda embaixo da cabeça do menino, enquanto o argentino o apoiava a direita sobre peito, derramou a água do copinho três vezes dizendo:

"*Galileo, Petre, Johannes, ego te baptizo in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti".*

Em seguida "*Galilee, Petre, Johannes, vade in pacem e Dominus sit tecum."*

Todas as mulheres da janela responderam: "*Amen".*
Então disse l´*Agimus.*

Enquanto isso, eu observava a mãe que percorria com os olhos largos o menino, os oficiais, os instrumentos náuticos, aquela estranha capela, e esticava os ouvidos para o rangido do leme e o assobio distante dos cordames investidos pelo vento, dando às vezes uma olhada furtiva para o mar escuro. Parecia agitada por uma visível inquietude, como se houvesse algo de profano e quase agourento naquela cerimônia feita daquele jeito, assim expedito e naquele lugar e com aquele tempo.

"*Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum",* terminou o padre.
"*Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis...",* responderam as mulheres.

Neste exato momento um raio forte iluminou o salão e se ouviu o longo mugido de um boi, o navio se moveu de forma abrupta A mãe começou a chorar.
"*Amém,"* disse o padre.
"*Amém,"* responderam de fora. Todos se digiram à mulher, perguntando-lhe o que ela tinha, animando-a. Ela enxugou os olhos com o dorso da mão e perguntou: "*Porque não colocou o sal na boca dele?"*
Tiveram que argumentar, explicar-lhe: era um batizado de urgência, não podia fazê-lo de forma completa porque não estavam numa igreja, poderiam completá-lo na América, que ficasse tranqüila, o sacramento valia da mesma forma.

Então beijou a criança com entusiasmo, tranqüilizou-se, agradeceu e todos saíram. Já chovia forte. No entanto, o pequeno cortejo, acompanhado pelo garibaldino, apertou o passo com certa dificuldade, entre a multidão aglomerada, para chegar até a cabine da segunda classe. O corcundinha teve que abrir caminho várias vezes com os cotovelos, e tiraram toco de vela da mão do gêmeo. Todos queriam ver, não a criança, mas quem eram o padrinho e a madrinha, para ter uma idéia da importância dos presentes que a mãe sortuda ganharia. Ao ver a moça de Mestre, alguém batia as mãos. De repente ouviu-se uma voz alta e rouca.

"Maltratem, maltratem patrões!...Hoje o batizam e quando for adulto vão deixá-lo morrer de fome...Cretinos!"

Era o velho falador do casaco verde, de pé à porta do dormitório das mulheres. Muitos se desprenderam imediatamente da multidão curiosos. Outros o censuraram, outros fizeram eco. Mas a gritaria da rapaziada cobriu as voz deles.

Assim que colocou o pé na cabine, a mãe caiu sobre um baú, esgotada. O pai colocou a criança numa cama e o padrinho e a madrinha entregaram os presentes. Então começaram as exclamações de admiração e gratidão em duas vozes: "*ma cossa fali? Lori desturba tropo! I ne fa deventar rossi! Oh ma che brave*

creature! Xelo par mi sto qua? E anca st´altro? Oh santo Dio benedeto![96]*"*. O pai num ímpeto de reconhecimento pelo recém-nascido, curvando-se sobre seu leito, exclamou "*Vou me matar de trabalhar, vou suar sangue por você,pedaço de mim!*" mas com o coração, que prometia sinceramente uma vida de trabalho e de sacrifício por aquela pequena criatura nascida entre o mar e o céu, no meio do caminho entre a pátria perdida e uma terra desconhecida, sem mais nada no mundo a não ser os braços e a coragem do pai. E em seguida: "*Tazi, vecia mata!"* gritou rudemente para a mulher que chorava e lançou os braços ao redor de seu pescoço.

A moça de Mestre então virou-se para o garibaldino que estava à entrada, e mostrando aquele abraço, fez-lhe um gesto de censura, e depois disse afetuosamente, sorrindo: "Olhe a família".

Ele não respondeu.

13. Mar de fogo

Mas o batizado, como a festa do Equador, foi apenas uma breve trégua da irritação que serpenteava a proa por causa do calor crescente, especialmente entre as mulheres, que estavam cada vez mais entediadas e saturadas daquela vida tão distante do costume delas. Havia vários dias que iniciara a doença contagiosa do pequeno furto, e com ela, a febre geral da suspeita. Toalhas, sapatinhos, panos desapareciam como por encanto. As roubadas acreditavam que reconheciam as coisas delas nas mãos de uma ou de outra e toda hora eram vistas duas diabas desgrenhadas e trêmulas vindo falar com o Comissário,

[96]Admiração: O que é isso? Os senhores se incomodam demais. Faz a gente ficar vermelho. Que criaturas boas . Olha esse e esse outro. Bendito seja Deus!

segurando as crianças pela mão, com a prova do crime embaixo do braço, acompanhadas pelos maridos e testemunhas, pedindo justiça. Então ocorriam processos e debates com todas as regras. Tratava-se de um lenço do qual a ladra havia tirado a marca, de uma bota cuja etiqueta com o nome do sapateiro tinha sido arrancada. A acusada negava, invocando Jesus e Nossa Senhora. A roubada teimava, invocando outros santos (do calendário). Era preciso chamar duas peritas para examinar a marca desfeita ou um sapateiro para as botas. Mas a piemontesa refutava as peritas napolitanas, a napolitana não queria que as peritas fossem no norte da Itália, os maridos tomavam o partido das mulheres, as testemunhas e os curiosos defendiam os da própria província. Eram contestações intermináveis entre montanhesas teimosas que repetiam cem vezes o mesmo argumento com a mesma frase, e aquelas linguarudas da planície que vomitavam torrentes de palavras. Muitas vezes, não se entendiam entre si e era preciso nomear um intérprete. Outras vezes, era preciso pedir uma investigação dos fatos. As acusadas começavam a chorar, as crianças a resmungar, os maridos a ameaçar. "*A gente vai se ver em terra, canalha!*" "*Vou te jogar nas caldeiras da máquina, seu varapau!" "Vou dar suas tripas para os peixes, filho de uma égua!"* Uma mulher acusava a outra de ter intimidades com os marinheiros de noite, a outra acusava esta de ir dormir com os homens da primeira classe. "*O navio inteiro conhece você!" "E você, nem toda a água do mar pode te limpar!"* O pobre Comissário espremia os miolos para compreender e dar as sentenças justas, mas qualquer que fosse o seu julgamento, gritavam sempre injustiça. Se condenava uma napolitana ou uma siciliana, estas diziam: "*Claro, a outra é da sua terra."* Se condenava uma da "sua terra", todas as do norte gritavam. "*Todo mundo sabe, elas dão sempre um jeito - e que jeito! - de ter razão*" . Era inútil tentar convencê-las: "*Ouçam, ontem eu dei razão, porque tinha, a uma lá dos seus lados!"*. Que nada, tinha dado porque era uma moça bonita, ou uma mulher sozinha, ou porque isso ou porque aquilo. Algum outro motivo devia haver. De todo o canto se erguia um coro de murmúrios: "*Claro, nós não somos italianos". "Não falamos genovês". "Todo mundo sabe, agora são aqueles lá de cima que mandam."* Era algo que dava uma pena dobrada, tão distante da pátria, assistir, de fora, as antipatias de

família em toda briga, ouvir com que palavras, diabolicamente engenhosas se ofendiam um ao outro no amor próprio da terra, desenterrando recriminações e rancores mortos havia tempo entre nós e insuflando-os, infelizmente, para levá-los vivificados para a América. Após toda briga, as partes se separavam inimigas e cheias de desprezo, que se transmitia, em seguida, na proa aos conterrâneos de ambos os sexos, que pouco a pouco iam se dividindo em duas fileiras e se olhavam com raiva insultando-se reciprocamente, como se tivessem medo de pegar piolhos, ou apressando-se para abotoar a jaqueta e tocando o bolso quando passavam ao lado, como se quisessem proteger o porta- moedas ou o lenço. Que miséria. O Comissário, por mais solícito que fosse, não tinha tempo de ouvir as querelas de todos, e por mais paciente que fosse, às vezes, tinha que morder a falange do indicar. A bolonhesa gorda, cuja arrogância aumentava com a temperatura, queria investigar todo o navio porque tinham levado um pente de tartaruga seu e ameaçava desmoralizar a *Companhia de navegação* através do irmão jornalista, assim que desembarcasse na América. A pobre senhora do vestido de seda estava desesperada porque lhe tinham roubado um pequeno alfinete de prata, uma lembrança da irmã, dizia, mas não ousava recorrer ao Comissário por medo de alguma vingança. Havia algumas mulheres que, não tanto por, medo mas para mostrar uma desconfiança injuriosa às vizinhas, dormiam com todas as coisas amontoadas entre os braços e entre as pernas, mesmo correndo o risco de provocar calúnia com falsas insinuações de adultério. Enfim, uma verdadeira loucura. As questões que nasciam de furtos verdadeiros ou mentirosos eram as menos difíceis. O pior era que a irritação despertara em todos uma extraordinária suscetibilidade do amor próprio, que se disfarçava de uma meia palavra ou de um meio sorriso, tanto que a todo momento alguém ia ao Comissário reclamar de uma falta de respeito e o Comissário tinha que se transformar numa espécie de tribunal para a casuística da dignidade e da boa educação. O marinheiro corcunda dizia que não agüentava mais. "*Dizem que existem ladras!"* Exclamara, já que não falava de outra coisa que não fosse das mulheres, "*Mas se as ladras não se embarcassem, não se pagaria nem o carvão, que Deus as mande para o abismo!"* Do modo como iam as coisas, era de se

esperar que a qualquer momento ocorresse uma desavença grave. Já na noite anterior, depois do batizado, duas passageiras haviam pegado os trocadores de mulheres bem educadas, num canto escuro do dormitório. Na noite do dia seguinte, ocorreu algo ainda pior com o escrivão. Tendo deixado escapar uma palavra de indignação contra dois emigrantes que faziam gestos obscenos nas costas da genovesa, provocando gargalhadas de todos, aqueles o pegaram e estavam para sová-lo, quando por acaso passou por lá o garibaldino e o soltou, quando já tinha a gravata aos farrapos. Tudo efeito do "fogo elétrico do globo". E o Comissário continuava a dizer-me: "O senhor vai ver coisa pior".

Liberado o escrivão, o garibaldino subiu ao castelo central, de onde o tinha visto, e passou ao meu lado. Gostaria de ter lhe perguntado alguns detalhes, mas o seu rosto frio e duro me deteve como sempre. Enquanto nos primeiros dias trocava algumas palavras comigo, agora fazia apenas um gesto de cumprimento e, às vezes, nem mesmo um gesto. Parecia que o tédio crescente, que aquela pequena sociedade forçada do navio lhe dava, exacerbou ainda mais a aversão que ele já tinha no coração pelos próprios semelhantes. Quanto mais estreitava amizade, sempre taciturna e respeitosa, com a moça da cruz preta, mais se tornava solitário e fechado, como se aquela companhia gentil obscurecesse a sua filosofia, em vez de amenizá-la. Agora não falava com mais com ninguém. Passava horas na popa, apoiado no parapeito, olhando a esteira do *Galileo,* como uma interminável folha escrita, que se desenrolava sob os seus olhos contando a história do mundo. A sua rudeza desdenhosa produzira nos outros o efeito de sempre No início antipatia e manifestação do mesmo desprezo. Depois, quando a constância da sua conduta mostrou que essa era fruto da própria natureza e não era de propósito, um sentimento de respeito e de timidez que se revelava na prontidão instantânea com a qual o olhar dos passageiros se erguia para o mastro ou escapava para mar, quando ele, conversando com a moça, virava os olhos na direção deles para ver se o olhavam e com que cara. Parecia aliás que tivesse nascido em todos uma certa simpatia por aquele urso orgulhoso, que não só não fazia nada para recebê-la, mas tinha uma expressão de fazer tudo para suscitar o

sentimento contrário. Porque a tristeza quando se une à beleza e à força, seduz, como indício de um nobre desprezo pelas satisfações que podem dar uma e outra. Além disso, de toda o seu corpo e do lume profundo dos seus olhos, que vinha direto da alma, transparecia a virtude mais admirada e mais temida no mundo, a coragem. Para mim, quanto mais se afastava mais eu desejava conhecê-lo. Provava por ele aquele sentimento de benevolência, nascido da estima e do pejo que torna intolerável o descuido de quem é objeto dele, e que faria descer a um gesto de humildade para vencê-la. Este sentimento se torna muito forte a bordo, onde é estimulado a todo momento pela presença contínua da pessoa e onde a indiferença que esta demonstra pode ser facilmente notada pelos outros e nos rebaixar no conceito deles. Na sua ausência, eu tentava me convencer de que o seu ânimo e a sua vida não deviam corresponder ao seu aspecto e à minha imaginação, e que, se o tivesse conhecido por dentro, ele teria apenas acrescentado uma desilusão àquelas outras mil das quais é tecida a história das nossas amizades. Mas quando o via, era inútil, juraria que aquele homem não tinha jamais cometido uma ação ignóbil, que desprezava sinceramente toda vaidade humana e que então teria dado a vida, imediatamente e sem um pensamento de ambição, por uma idéia generosa. Submetia-me à sua superioridade como uma força magnética e enquanto sentia um certo descontentamento e quase uma humilhação, parecia-me que seria um alívio deixar que ele percebesse e confessar-lhe isso claramente. Mas o seu rosto era um muro para todos.

Parecia indiferente até aos grandes espetáculos da natureza. Eu não vi passar nem mesmo um lampejo sobre o seu rosto, naquela noite, diante do pôr-do-sol mais esplêndido e mais estranho que tínhamos visto após termos entrado na região tórrida. O céu estava tranqüilo no oriente e no ocidente e o sol estava para mergulhar no mar de brasa, enorme. Como se tivesse se aproximado da terra de milhões de léguas, era atravessado ao meio por uma faixa de nuvem finíssima e preta, que terminava de cá e de lá no contorno do disco, de forma que o globo parecia partido em dois hemisférios paralelos, mas de forma tão nítida e

duradoura que dava a ilusão de um prodígio. Ao mesmo tempo se estendiam pelo ar, numa altura desmedida, oito maravilhosos raios de uma luz velada, mas de cores muito vagas, que passaram lentamente por várias nuances, do branco ao rosa e ao esverdeado, e perduraram depois que o disco tinha desaparecido, cobrindo quase um terço da abóbada celeste, como uma imensa mão luminosa que queria segurar a terra. Mas nos admiramos muito mais quando, a um gesto do comandante, ao nos virarmos, vimos outros oito raios imensos da parte oposta, reflexo dos primeiros, menos luminosos, mas nuançados com as mesmas tintas, que pareciam o clarão de um sol desconhecido que surgisse das águas, assim que o outro tinha se escondido. O mar reluzia de todas as cores do céu, que pareciam boiar nele milhões de pérolas.

Aquela besta do advogado – só ele – não olhava nada, aliás virava as costas para o pôr-do-sol, como para desprezar a natureza. Para ele o sol que descia no mar era um sol odioso, porque refletia a má companhia com que andava. Em meio ao silêncio de admiração de todos, ele se lamentava colérico com o segundo oficial da negligência cri-mi-no-sa da companhia de navegação, que não estava a par dos últimos progressos da arte dos salva-vidas. Oitenta entre cem náufragos, dizia, afundam e morrem por culpa de quem os embarca. Porque a companhia não colocava nos navios o número prescrito de salva-vidas. Por que só tinham dez botes que davam para salvar apenas um quarto dos passageiros? Por que não treinavam o marinheiros para construir em poucos minutos balsas de salvamento? Por que não tinham bombas de Gwyn? Por que não adotavam a ponte dupla do capitão Hurst? Por que não providenciavam o botes salva-vidas de Peake e os bancos náuticos de Thompson? Eram elas, as companhias de navegação, que afogavam milhares de cavalheiros e que faziam morrer de fome os inventores, tratando com desprezo e zombando, por avareza, de todas as propostas de novos meios para salvar a pre-ci-o-sa vida do homem!

Aquele pequeno barbudo amedrontado tinha uma erudição assombrosa na matéria, era um verdadeiro cientista do medo. O agente de câmbio, que sabia

tudo, levantou uma suspeita: que o pobre homem tinha na cabine um aparelho de salva-vida extraordinário e volumoso, muitos talvez, mantidos escondidos com grande cuidado numa grande caixa secreta, que nenhum camareiro jamais vira aberta. Dizia aliás que, tendo sido tratado rispidamente numa manhã em que tida ido fazer-lhe uma visita, suspeitava que ele estivesse experimentando naquele momento alguma vestimenta espetacular de guta-percha.

“São os armadores”, continuou enquanto o advogado, esquentando, “que nos mandam de comida para os tubarões. O código marítimo é uma piada. Deveria haver uma lei aplicada seriamente, que os mandasse apodrecer na cadeia.”

O segundo oficial rebatia e ele insistia com mais calor, tanto que pouco a pouco agruparam-se em torno dele muitos, para se divertir com aqueles tremores de medo mórbido que a noite que caía agravava.

Mas a conversa foi interrompida de repente pelo grito de um passageiro da terceira classe no castelo central: “O mar está pegando fogo!”.

Todos se voltaram na direção do mar. O navio deslizava de fato num mar aceso, fazendo esguichar pelos lados jorros de topázios e de diamantes, deixando atrás de si uma faixa de fósforo líquido, um caminho coberto de ouro, em outro prata. O espaço luminoso se estendia a uma grande distância, degradando num suave clarão branco, que fazia pensar naquilo que os holandeses chamam mar de leite ou de neve, visto já por muitos navegadores no Pacífico, no golfo de Bengala e no arquipélago de Molucche. Mas perto de nós a água ardia e vivia, era uma beleza, uma seqüência e um cruzamento de fogos fátuos, um brilho infinito de estrelas e de pequenos sóis, que se aproximavam do navio e pululavam distante, erguiam-se e abaixavam-se sem se esconderem, dando às ondas uma transparência esplêndida, como de um mar iluminado de baixo para cima pelos astros fabulosos de Plutão e de Proserpina, radiantes no interior do globo. Entendia-se bem então por que os navegantes antigos, que viam pela primeira vez aquele mar

resplandecente, ficavam com a mente turvada. Não se podia deslocar o olhar: ofuscava, atraía como se trouxesse à superfície todas as riquezas do universo, dava vontade de mergulhar a mão para pegar um punhado de gemas, de enfiar-se dentro dele para sair fulgurante como monarcas orientais. Todos experimentavam a necessidade de encontrar comparações fantásticas e dizer extravagâncias, esbaldando-se com a imaginação naquela imensidão de tesouros ondulantes que brilhavam ao redor como uma tentação e um escárnio. A admiração aumentou ainda mais quando, depois de uma hora daquela visão, apareceu um bando de golfinhos, que se puseram a esguichar e a saltar naquele fogo, acompanhando o navio, como para unir a alegria deles à nossa. Então foi um redemoinho de fagulhas, uma festa de espumas e jatos d´água chamejantes, uma dança de constelações, uma loucura de esplendores que fez desatar nos passageiros da terceira classe gritos agudos, berros de alegria como uma multidão de rapazes.

O único descontente era o marido da suíça, que vimos aparecer no convés resmungando, com a cara vermelha e irritada. Mas, santo Deus, ele procurara. Havia ido ao castelo central, em meio a um monte de camponeses, para explicar que aquela fosforescência das águas era produzida por uma quantidade de animaizinhos microscópicos, chamados não sei com que nome do outro mundo, ou em outros termos, que todas aquelas centelhas eram animais. Desta vez, na verdade, fora muito além dos limites e tinha sido recebido com uma clamorosa risada.

Mas um novo espetáculo já chamava a atenção de todos. O céu clareara por inteiro e se viam, pela primeira vez no horizonte, as quatro estrelas lindas do cruzeiro do Sul, desconhecidas *al settentrionale vedovo sito*.[97]

Brilhantes na solidão escura dos chamados sacos de carvão, os desertos do céu austral. De um lado resplandeciam limpidamente a Alfa e a Beta da Centauro, e do

[97] O pólo norte, definido por Dante no Canto I do *Purgatório*,

outro a constelação do Naviglio com o estupendo sol Canópo. Todo o firmamento brilhava límpido e silencioso. A estrela polar desaparecera.

14.O oceano azul

Aqui, no décimo sétimo dia, encontro anotado no guia de Berghaus que se deveria passar a famosa linha traçada por Alessandro VI para dividir o mundo entre Portugal e Espanha, e ao lado, estas palavras: "*bom tempo fora e em casa".* De fato o humor daquela multidão de emigrantes acompanhava com fidelidade admirável as variações do mar. Como se falasse com um personagem poderoso, ao qual pedimos um favor e que pode nos prejudicar, o nosso rosto reflete involuntariamente todas as expressões do seu, assim, os pensamentos e as conversas de toda aquela gente se tornavam pretos, amarelos, cinzas, azuis, refulgentes conforme a cor das águas. É muito certa a expressão "a cara do mar", porque quando sua superfície se alisa ou se encrespa, as sombras que chispam e os tons pálidos ou tétricos que a cobrem de repente, assemelham-se de maneira maravilhosa aos movimentos de uma face humana, qual reflete a agitação de um ânimo muito instável e desleal. Quantas mudanças ocorriam em poucas horas, permanecendo sempre um tempo bom! O oceano que parecia velho e cansado, rejuvenescia em poucos minutos, percorrido por um frêmito de vida que o mudava todo. Depois se aquietava, pensativo, e se entediava e adormecia e depois de novo, acordava como por causa de um choque, inquieto, amuado, como se tivesse sido ofendido por aquela casca de noz cheia de formigas, que passava sobre seu corpo e parecia que arquitetasse pregar-lhe uma peça. Em seguida, caía numa indiferença desprezível, ou perdoava e dizia: "Passem, passem," sorrindo. Com isso, mudava rapidamente o aspecto do navio, como se aquelas mil e seiscentas pessoas tivessem um único sistema nervoso. Às dez todos deitados, silenciosos, com cara de gente que não tinha mais o que esperar do mundo, davam ao *Galileo* a aparência de um lazareto flutuante. Uma hora depois, por causa de um vento que varria o horizonte ou de um raio que dourava na proa, todos de pé, todos em

movimento, um murmúrio, uma alegria de festa, e eles mesmos se surpreendiam. Assim mudava pouco a pouco a disposição de ânimo deles em relação a nós, e a maneira como nos recebia no espaço deles. De manhã, feias olhadelas, viradas de ombro e até palavras maldosa próximas aos ouvidos. Uma antipatia impiedosa pelos “fidalgos”. Na noite do mesmo dia, ao contrário, olhares benignos, pedidos aos rapazes que nos deixassem passar e também palavras amigáveis lançadas assim ao vento, para puxar conversa. Nós também fazíamos como eles. Olhando-os, pensávamos, muitas vezes, com serenidade: “Pobre e boa gente! São dos nossos, enfim. O que não se daria para vê-la contente! Como seria bom sermos amados por eles!”. Em outros momentos, sob a atmosfera abafada do céu fechado: “Que raça de cães! Pensar que nos fariam morrer todos perpendicularmente, se pudessem! E nós vamos agradar-lhes, imbecis”.

Mas naquele dia, o mar estava azul e, pelo bom humor da população da terceira classe, através de uma espécie de transparência moral, podiam ser feitas muitas observações psicológicas novas. Pois é preciso notar: sob a trama dos despeitos e dos ódios, urdira-se, naqueles dezesseis dias de viagem, uma outra de simpatias, de amores e de intrigas amorosas, muito complexa, e muito mais variada que a outra. O Comissário sabia tudo ou quase, pelo que via com os próprios olhos e por aquilo que lhe comunicavam, a pedido ou não, quinze ou vinte comadres informadas de cada fofoca, que exerciam na proa o mesmo ofício que a mãe da pianista e o agente de câmbio faziam na popa. Era uma diversão impagável vê-los desfiar o rosário das paixões, na cabine de comando, com os olhos na multidão, apontando calmamente os personagens, com aquele seu modo de falar de juiz de paz, engraçadíssimo, por dentro e grave por fora. A proa lotada de pessoas se estendia abaixo como um grande palco descoberto, acariciado naquele momento por uma brisa cálida, que agitava ao vento as roupas estendidas para secar e fazia esvoaçar as pontas do lenços e os cabelos sobre as têmporas das mulheres. Ele contava. Eram muitos os amores, e sendo obrigados a permanecer na maior parte, sempre ou quase sempre, rigorosamente em castidade, que se tornavam mais intensos e ardentes, podia-se dizer, a olhos

vistos, como nunca ocorre na cidade ou no campo. Não havia mulher jovem, solteira ou casada, que não tivesse o seu ou os seus admiradores, impudicos ou prudentes mais ou menos apaixonados, correspondidos ou não, encoberto ou às claras. A contenção e o fato de ter sempre o objeto ali sob os olhos, podendo quase ser tocado, na desarrumação da roupa de manhã, no abandono do sono durante o dia e na nudez livre da maternidade, tinha feito nascer caprichos ou pequenas paixões vivas até para matronas do campo semi-centenárias, que em terra não seriam dignas de levar nem um beliscão. As jovens, se não tinham uma cara assustadora, chegavam a ter até mesmo rodas de suspirosos. Alguns deles depois de um tempo se cansavam e iam vaguear entorno de uma outra beleza, deixando o lugar vazio para outros. Assim os grupos iam mudando. Havia concupiscências passageiras e contemplações platônicas, que tinham como objetivo enganar o tempo, e também galanteios jocosos, feitos para divertir os companheiros. Mas havia também homens que se apaixonavam seriamente até o fundo da alma, de uma audácia e de uma brutalidade que desafiava a luz do sol e o regulamento da disciplina, obstinados e ciumentos como árabes, que não queriam concorrentes em volta e ameaçavam dar facadas por todo lado. Todos estes tinham seus lugares fixos, de onde durante o dia, quando não se podia tentar nada, chocavam o objeto de seus suspiros com os olhos de gavião que encaram a presa e injuriavam até mesmo aqueles que passando, interceptassem seus olhares. Até mesmo algumas cabeças grisalhas, uns peões de cinqüenta anos de pele de rinoceronte, nos quais se diria que a faúlha não acendia mais nem por esfregação tinham pegado fogo. Um destes, um monferrino, com focinho de javali, até embraquecera os cabelos pela camponesa de Capracotta, cujo rostinho redondo de nossa senhora desbotada, colorido por pelo reflexo do seu lenço de rosas vermelhas, fazia virar a cabeça também de vários outros, apesar da presença de um marido alto e barbudo. As duas coristas, que andavam de um lado para o outro o dia todo rindo com todos, esfregando-se em todos, tocadas em todas as partes, parecia que se divertiam especialmente em desencaminhar os bons maridos. As mulheres as odiavam como a peste, e a insultavam sem meias palavras, pelas costas e pela frente, ameaçando recorrer ao Comissário, para que

limpasse a proa, que era uma coisa que dava nojo. Mas não eram as únicas. Havia outros rostos estragados de cidade que seduziam os pais de família com um pouco de farinha na cara e um pouco de porcarias no lenço. Passavam na frente das esposas bem educadas com um com ar de senhouras e um escárnio que merecia uns sopapos, uma infâmia. Para que servia a delegacia em Gênova? Mas padeciam principalmente por causa daquele macacão da negra dos brasileiros, que vinha apenas nas horas das refeições e à noite, mas tinha acendido um verdadeiro vulcão de paixões: parecia impossível, diziam, com aquele nariz de batata, carrancuda e aquele fedor de bode, e todos atrás, em volta, como cães famintos, cheirando aquela sujeira e ela se esbaldava. Foi por um triz dois que dois maridos não se pegaram no tapa por causa dela, e para um deles a mulher já tinha feito uma cena que tinha sido ouvida até o motor. A do outro lhe deu um sonoro tapa, ao qual o marido retribuiu prontamente, prometendo acertar as contas na América. A bolonhesa gorda pelo menos mantinha um certo decoro. Queria levar intacto o seu nome de *moça honesta* para o novo mundo, dizia o Comissário. Corria a história de que ela tinha o coração ferido por um emigrante suíço e a sua conduta noturna era duvidosa, mas de dia, entre as pessoas, mantinha uma dignidade de arquiduquesa, tanto mais digna, aliás quanto mais crescia ao redor dela a insolência das suposições jocosas que se faziam em torno do mistério acerca da sua bolsa inseparável. Havia muitas outras que, mesmo apaixonadas, davam bom exemplo moças morigeradas, ou pelo menos tímidas, que namoravam decentemente com bons rapazes, que agiam como amigos do coração ou amantes com sérios propósitos e estavam o dia inteiro na barra de suas saias, numa atitude lânguida mas respeitosa, sob os olhos dos parentes. Mas, em geral, os galanteios tinham atitude e falavam uma linguagem que devia acelerar e refinar de modo especial a educação das crianças e das muitas mocinhas entre dez e catorze anos que estavam a bordo e que naquele afanoso assédio viam e ouviam tudo. Os mais baixos instintos, domados na vida ordinária pelas fainas, e adormecidos na quietude solitária dos campos, haviam se despertado pouco a pouco, como cobras, no peito de toda aquela gente aglomerada e ociosa, nos calores dos trópicos. Quando a escuridão da noite

tornava ousados os circunspetos e tirava todo freio dos atrevidos, se entreviam e se ouviam daquelas de fazer enrubescer soldados armados a cavalo. Pela forma, em grande quantidade, era pornografia, mas quanto ao conteúdo, era o mesmo que se distribui e se engole em pílulas de ouro, sem que ninguém se escandalize em muitos salões conforme manda o figurino. E depois...o que acontecia depois? Interrogado sobre esse ponto, o Comissário enrolava o bigode do lado direito balançando a cabeça. Sem dúvida, o regulamento falava claro, o comandante não transigia, e o pequeno corcunda era incorruptível, mas a proa era grande, pouco iluminada, cheia de cantos escuros e de refúgios oportunos e, entre os emigrantes, mais do que a inveja e o ciúme que os levavam a perturbar, o que falava mais forte era o sentimento de solidariedade, fundada no *hodie mihi cras tibi,* que os induzia a proteger. Além disso, durante a noite, o corcunda não estava sempre lá na escada do dormitório de sentinela e muitas vezes adormecia. Então era uma farra de contrabandos, uma tarantela de pecados mortais, que as estrelas da Cruz viam, espectadoras dos amores a céu aberto dos indianos, e deviam dizer que todos os homens são mesmo irmãos. Nas noites sem lua e sem estrela, principalmente, e quando o calor era forte, não bastaria nem um batalhão de corcundas. Justo enquanto falávamos dele, o meu bom giboso passou com uma garrafinha na mão, e seguindo talvez o curso dos seus pensamentos, disse-me: “é pior uma loira que sete morenas”. Depois, encolhendo-se um momento e levantando o indicador, acrescentou: Se as indecências pesassem, já estaríamos no fundo há dezesseis dias. (E agora o que é que há?).

Eram rapazes da proa que batiam as mãos numa manobra com a qual as velas se erguiam de mezena e de contra-mezena, de forma que o navio se encontrava com todas as suas grandes velas abertas e seguia reto no mar azul ma imponência de sua beleza. No mesmo momento, como para fazer-lhes festa, um bando de aves aquáticas do Brasil veio dar três voltas ao redor dos mastros e depois desapareceu. O *Galileo* nunca tinha me parecido tão bonito. Largo e poderoso, mas as curvas ágeis das suas laterais e o grande comprimento davam-lhe a graça de uma gôndola imensa. Seus mastros altíssimos, unidos por uma trama de

cordames, pareciam caules de gigantescas palmeiras ramificadas, ligadas por cipós sem folhas e as grandes bocas púrpuras das bombas de ar davam a impressão de jarros de flores colossais, atraídos pela América em vez do sol. As laterais pretas e duras de breu, o convés inteiriçado de equipamentos de ferro e sobrevoado por nuvens de fumaça escura. Mas este aspecto rústico de oficina, era alegrado por botes azulados equilibradas sobre os parapeitos, por mangueiras alvas e infladas, por pontos móveis, que despontam no céu, por cem luminescências de metais, de madeiras, de vidros, por mil objetos e formas diferentes e bizarras que representam cada uma comodidade, uma elegância, uma defesa, uma indústria, uma força. E os ruídos da máquina, os golpes profundos do propulsor, as pancadas da hélice, a chiadeira das correntes do leme, a sibilação do dromômetro, o tremor das escadinhas dos mastros, o tilintar dos cristais suspensos, formam uma música difusa e estranha, que acaricia o ouvido e entra na alma como uma linguagem misteriosa de gente esparramada e invisível que em voz baixa incita reciprocamente ao trabalho e à luta. A popa estremece sob os nossos pés como a carcaça de um corpo vivo. O colosso tem oscilações repentinas cujas causas são incompreensíveis e que lembram tremores de febre, impulsos bruscos e sem harmonia, que parecem gestos de despeito e movimentos replicados da proa que parecem abalos de uma enorme cabeça que pensa, e na seqüência, outras vezes por longos trechos assim parado e lento sobre o mar agitado que uma bola de marfim não se moveria sobre suas tábuas parecendo que as ondas não o roçam. Vai sem descanso, na névoa, nas trevas, contra o vento, contra as ondas, com um povo em cima, com cinqüenta mil toneladas no ventre, de um mundo para o outro, guiado infalivelmente por uma pequena trave de aço que pode servir para cortar as folhas de um livro e por um homem que faz girar uma roda de madeira com um leve esforço das mãos. Percorremos com o pensamento a história da navegação, remontando desde o tronco de árvore à balsa, da piroga ao barco a remo e assim por diante todas as formas de embarcação ampliadas e fortificadas ao longo dos séculos, paramos diante daquela última forma para compará-la à primeira, e o peito se enche de admiração e nos perguntamos qual outra obra mecânica mais maravilhosa teria realizado a

raça humana. Mais maravilhosa do que o oceano que ela rompe e devora e à cuja ameaça contínua responde com o ruído incansável dos seus aparelhos: “Você é imenso, mas ignorante; eu sou pequeno, mas sou um gênio; você separa os mundos, mas eu os uno, você me circunda, mas eu passo, você é super-poderoso, mas eu sei.”

Ah! Pobre orgulho humano! Enquanto estava com esses pensamentos, um estremecimento da popa à proa, e cem vozes inquietas, mil rostos amedrontados se interrogavam uns aos outros. O navio estava para parar. Muitos se precipitaram sobre os parapeitos, olhando para baixo, sem saber o quê. Outros correram para falar com o comandante. Algumas mulheres se preparavam para desmaiar. O navio parou. É impossível reproduzir a impressão sinistra que produziu aquele silêncio repentino, e que triste imagem de pobre brinquedo quebrado, teve aquela enorme embarcação imóvel e silenciosa no meio do oceano! Como esvaeceu imediatamente a confiança nas forças e na potência do homem! No mesmo ponto se revelou a maldade humana que se regozija com o terror e com as angústias dos outros. Alguns passageiros espalhavam o boato que estava para explodir uma caldeira, que tinha se estragado a quilha e que estava entrando água na estiva. Ouviram-se gritos de mulheres. Os maquinistas que terminavam o turno e subiam ao convés com o torso nu e negro, eram rodeados e acossados por perguntas afobadas. Os oficiais iam de um lado para outro dizendo palavras que o murmúrio da multidão não deixava entender. Finalmente se espalhou na proa e na popa uma notícia tranqüilizadora: “não era nada. Era o aquecimento de uma almofada do eixo do motor; estava sendo consertada, dentro de uma hora retomariam a viagem”. Todos respiraram, alguns, que tinham até ficado pálidos, sacudiram os ombros, dizendo que tinham adivinhado logo, mas a maior parte permaneceu distraída, como ocorre quando se sente uma pontada ou um batimento irregular do coração. Aquela máquina, da qual ninguém falava antes, tornou-se então o tema de cem conversas, todas cheias de uma diligência e de um respeito infantil que fazia rir. Porque, enfim, ela era o coração do navio, não é verdade? O Comando é o cérebro e se o cérebro se estraga, pode-se viver ainda, mas se o coração pára,

está tudo acabado. Como se chamava o maquinista? Tinha a expressão de um homem inteligente e experiente. Não falava nunca. Devia ter estudado muito. Teria sabido se safar de um transtorno. Todos faziam elogios, sem conhecê-lo. Apenas o moleiro balançava a cabeça, com um sorriso de piedade, levando para passear pelo convés aquela sua barriga vaidosa. Maquinistas italianos! Ele espera coisa pior. Tinham que ser americanos ou ingleses, mas a mesquinharia nacional não queria saber disso. "*Faltan patacones!"* lhe respondia o padre. Mas depois de meia-hora, as conversas esfriavam, aquela hora bendita não passava nunca, as inquietações renasciam. "Mas por que demora tanto, pelo amor de Deus! Para esfriar uma almofada!" exclamava mais de um que não tinha a menor idéia do que era. "É uma vergonha!! O que estão parafusando lá embaixo? Que incompetentes...Ah!finalmente! A máquina dá sinal de vida! A hélice gira, o mar gorgoleja: graças a Deus! Vamos embora."

No entanto, o que me fez mais sentido naquele acontecimento novo para mim foram os olhares trocados entre duas pessoas. Tanto é verdade que o espetáculo mais atraente para o homem é sempre aquele da alma humana. Justo no momento em que, não se conhecendo ainda a causa da parada repentina, podia se temer um perigo grave e todos temeram. Estando eu na pracinha, vi o meu vizinho de dormitório virar-se para olhar a esposa, que estava acima, apoiada no parapeito do convés, e ela, como se previsse aquele gesto, olhar para ele. Foi um daqueles olhares que revelam a alma como um raio examinado por um espectroscópio mostra a natureza química da chama que o vibra. Não era nem de ansiedade nem de medo, nem de curiosidade duvidosa, mas um olhar frio e tranqüilo, que exprimia a profunda certeza de que ambos tinham da indiferença absoluta de um pelo outro, mesmo diante daquele perigo desconhecido do qual poderia sobrevir a morte. Disseram-se reciprocamente com os olhos: "eu sei que você não se importa de forma alguma em me perder, você sabe que eu perderia você com o mesmo sentimento". Depois disso, a mulher se afastou do parapeito e o marido olhou em outra direção. Este teria sido o adeus para eles, se uma desgraça os tivesse dividido para sempre. Mas o que teria acontecido entre eles

para que, mesmo se odiando, permanecessem juntos? Essa pergunta sempre me voltava à cabeça, mesmo contra a minha vontade. Pensei que deveriam ter filhos que os obrigavam a estar juntos. Ou um filho único, que, em casos semelhantes, é uma ligação mais forte de que quando se tem muitos. Ninguém os conhecia a bordo. Aquele sorriso contínuo e forçado, quase trêmulo, dela, inspirava em todo mundo uma certa repugnância, ainda que ela, adivinhando esse sentimento, se esforçasse para vencê-la, tentando dar ao seu rosto e à sua voz uma expressão de bondade e de tristeza, como se estivesse magoada, mas resignada aos julgamentos falsos. Ele falava com pouquíssimas pessoas. Parecia constrangido com as pessoas, como todos aqueles que sabem que a própria infelicidade é evidente, e se envergonham ou se sentem ofendidos pela piedade que ela inspira. Conjeturava-se por outro lado, a partir de certas expressões rápidas dos olhos e da boca, que ele devia ter sido em outras ocasiões de temperamento aberto e inclinado a amizades gaias e talvez até bom, mas que todos aqueles impulsos da sua natureza tinham sido desfeitos ou arrefecidos um após o outro numa longa luta contra um adversário mais forte e mais tenaz que ele. Era fácil perceber, de fato, que ele temia a esposa, mas que ela não o temia. Dava a entender isso, pelo olhar de suspeita, que ele dirigia ao redor, quando troca algumas palavra com a argentina ou com a brasileira, diante das quais permanecia naquela atitude de respeito amável e triste que sabe manter com as mulheres dos outros quem é infeliz com a própria, e vê em cada uma delas a imagem de um felicidade ou pelo menos de uma vida tolerável, que a ele não é permitida. Dava tanta pena aquela timidez de criança martirizada naquele homem alto e robusto, em cujas feições restava ainda uma certa beleza viril. Ao olhá-lo de perto, se via aquele tremor freqüente nos músculos dos lábios, que distingue os homens acostumados a reprimir a cólera, e aquele modo de fixar os olhos no vazio, sem olhar e por muito tempo, que é próprio das tristezas que rondam o suicídio. Não mostrava o tédio e a impaciência dos outros passageiros. Ele parecia indiferente ao tempo como os prisioneiros condenados à prisão perpétua. Não me surpreenderia de forma alguma se ouvisse dizer que ele se jogara entre as rodas da máquina .Talvez em casa ele tivesse a distração do trabalho e do movimento, alguns amigos, um vício

com o qual tentava embriagar-se. Pelo menos por algumas horas não via a mulher. Mas lá, sobre aqueles quatro palmos de tábua, ser obrigado a vê-la e tocá-la continuamente, a odiá-la e a ser odiado sob os olhos de todos, a respirar o hálito dela numa masmorra sem luz e sem ar, era junto o suplício da reclusão, da berlinda e da prisão. Nenhuma alma humana com a qual se consolar! Porque ele não fizera a menor confidência para ninguém, e se saberia estando todos ávidos para penetrar na masmorra deles. Nem ela falava. Eram dois túmulos fechados, em cada um deles se debatia um monstro enterrado vivo, sem pedir ajuda nem piedade.

Naquela noite, no entanto, eu acreditei estar a ponto de descobrir o mistério. A brisa quase cessara e o mar dormia, de forma que tarde da noite, quando descemos para ir para a cama, deslizando o navio sem choques e rangidos, ouviam-se todos os mais leves barulhos de uma cabine a outra como naqueles perigosos hotéis de madeira de certas cidadezinhas do Reno nos quais os guias recomendam “ser discreto”. Quando entrei na minha cabine, ouvi a voz sufocada da mulher que falava rapidamente, com um tom áspero e monótono, como se fizesse uma longa recriminação, repisando o passado, recordando fatos e pessoas e a voz do marido respondia baixo em intervalos, com resignação: “Não é verdade, não é verdade, não é verdade”. Mas acuando cada vez mais e aumentava as acusações, as negações dele também se exasperavam e se precipitavam. O infeliz, impotente para lutar, e nem sequer tomando cuidado para reservar nas polêmicas a dignidade de homem, submetera-se à mísera defesa da femeazinha que repete por uma hora a mesma palavra, por medo que o silêncio absoluto não caia sobre ela, ainda pior. Mas de repente, estremeceu e pôs para fora uma chuva de palavras incompreensíveis, furiosas, ultrajantes, desesperadas, entrecortadas por um gemido de cão raivoso que me fez tremer. Havia mordido as mãos. Ela riu. Fiquei um momento escutando, esperando o barulho de um tapa ou o estertor dela agarrada pelo pescoço. Mas ouvi a voz dele, humilde e súplice, que pronunciou algumas vezes um nome, “Attilio”, a voz de um homem que se confessa derrotado, que pede perdão, que cede tudo, ainda que a ele seja

concedida apenas uma coisa. Attilio devia ser um filho, e seu pai um daqueles homens, muitas vezes até de temperamento forte, que o sentimento paterno torna pusilânimes, curvos com os braços acorrentados, sob o flagelo da mulher que pode feri-lo de morte naquele único afeto. Não me parecia possível que a voz daquela esposa impiedosa não respondesse àquela súplica miserável e estiquei o ouvido...Não ouvi resposta. O estrado de uma cama rangeu. A mulher se deitara, sem responder. Então ouvi o barulho com se fosse de uma mão que remexesse violentamente dentro de uma mala e me passou pela cabeça que estava procurando uma pistola. Mas ela continuava calada. Aquele desgraçado não tinha mais nem o conforto de ser considerado capaz de um ato desesperado. Enquanto estava ansioso, esperando o golpe, entrou um homem na minha cabine, e no clarão incerto de um candeeiro reconheci o agente.

Não ouvi bem as primeiras palavras porque prestava atenção ao vizinho, mas não se ouvia nenhum estouro. Talvez tivesse lhe faltado coragem, como outras vezes. Ouvi, no entanto, o barulho de um corpo que se deixa cair, prostrado, e a batida de uma mão na testa. O agente não percebeu nada. Tinha algo muito diferente na cabeça. Tinha vindo desabafar sua raiva comigo. A cabine dele tinha se tornado inabitável...por um homem. Ele tinha enfiado um casacão, e havia meia hora que circulava em pantufas pelos corredores, esperando que os seus vizinhos dormissem. “A gramática espanhola” disse. Isso mesmo, a gramática espanhola. Não era outra coisa, mas repisavam demais o parágrafo das interjeições. Importava muito para ele que aquele rostinho bonito de Lucca da mulher terminasse rezando a *Ave Maria*. O pior era que, enquanto nos primeiros dias as suas crises de tosse e as suas cotoveladas contra a parede os intimidavam, agora, tinham se habituado e nem ligavam. Faziam na verdade pequenas orgias, de “gabinete especial”, roíam doces trazidos da mesa, sorviam licor. Parecia-lhe até que faziam exercícios de ginástica, com saltos e tombos, um monte de travessuras que nunca se poderia imaginar vendo-os de fora, com aquela timidez mentirosa de santinhos. No dia seguinte se vingaria. Queria persegui-los da popa à proa como um carcereiro, sem deixá-los recuperar o fôlego nem um minuto e

fazer com passassem vergonha a cada refeição no refeitório. Que descarados! Nada mais insuportável do que o sétimo sacramento a bordo quando estava fresco. Enquanto isso ele tinha que ficar andando de um lado para outro. Mas não tinha perdido o seu tempo. Saindo da cabine tinha visto desaparecer no fundo do corredor transversal um fantasma branco e conhecido, a suíça, mas não tinha conseguido descobrir onde ela tinha se enfiado. Não era possível que tivesse entrado no argentino monóculo, porque os argentinos estavam todos na cabine do gaúcho, de onde vinha um tilintar de taças, nem no toscano, que havia duas noites ia à proa onde parecia ter um caso. Suspeitava do descendente dos Incas, mas tinha que se certificar. Quanto ao professor, acreditava que estava no convés, esperando uma chuva de estrelas cadentes. Quando a mulher queria sair depressa, reclamava do calor, dizia que em dois na cabine se sufocava, e então ele ia para cima estudar as constelações. Certamente aquela cara de tigela da camareira genovesa que de noite estava sempre de sentinela no cruzamento dos corredor, não devia estar ali apenas para vigiar o seu Ruy Blas, mas também para proteger as escapadas dela, senão não daria para acreditar que lhe passasse sobre os pés com tanta desenvoltura. Parecia-lhe também ter visto esvoaçar pelas sombras a negra, e tinha metido na cabeça que o marselhês tinha iniciado um curso de estudos sobre a raça etíope. Parecia também que a camareira vêneta naquela noite estivesse circulando pelos corredores com uma fuça libidinosa, que lhe despertava suspeitas. Enfim, era uma noite agitada, ninguém dormia. Haveria muito material para a coluna de notícias do dia seguinte. Já vira colocar o rosto na entrada duas ou três vezes a mãe da pianista, espiando ao redor com uma curiosidade chamejante. A propósito, ele estava seguindo com os olhos a filha cujo rosto, às vezes, brilhava quando alguém passava. Mas ele não conseguira ainda descobrir quem era esse alguém porque, sempre quando vira um daqueles brilhos instantâneos, haviam passado vários e a jovem raposa era tão pronta a recolher o olhar que ele nunca tinha conseguido captar a direção. Ah, uma paixonite sem conseqüências, um fogo oculto. Segurava a cadeira, tudo acabaria e de um dia para outro numa carta...mas alguma coisa havia, ainda iria indagar. Eu não tinha ouvido a novidade? Tinham mandado chamar depressa o padre

napolitano, que fora com passo de dromedário, enfiando sua grande túnica. Alguém devia estar mal na proa. “Basta,” concluiu “vou à adega tomar um copo de cerveja, e depois volto para ver se sossegaram. Diabo. Boa noite.”

Foi uma noite péssima. Era quase meia-noite e a maior parte estava ainda acordada. O tempo abafado sufocava todos. E ainda por cima parecia que naquela noite o dormitório tivesse se transformado numa enorme caixa harmônico na qual cada suspiro se tornava sonoro e se ouvia do início de uma corredor a outro. Na cabine atrás da minha roncava o moleiro, que de vez em quando mudava de posição, gemendo e exclamando: “*Ah! Pobre Itália!*”, que devia ser o seu estribilho. De quando em quando me chegavam ao ouvido os acessos de tosse enfraquecidos da moça de Mestre que dormia do outro lado do navio. O caçula da brasileira, doentinho, chorava e ouvia a cantilena doce e triste negra, uma espécie de soluço de poupa, que me fazia passar pela fantasia os cantos plangentes dos escravos da África sepultados nas estivas dos veleiros imóveis sob o sol do Equador. De frente a mim, batiam papo desligados do mundo o advogado e o tenor e ouvi que falavam da Grécia. Ouvi exclamar: “George Byron!” Depois o advogado dizendo: “Então, o senhor não sabe das tropas do pan-eslavismo?”. “Ah!” respondeu o tenor. “Não me fale de pan-eslavismo. Para seu governo nunca venha me falar de pan-e-la-vis-mo!” Ouvi fragmentos de conversas do padre napolitano com o chileno, que deviam estar de pé, de cuecas, cada um na entrada da sua cabine. “*Quando se produz um movimento de queda no preço do ouro selado...”* Finalmente todos se calaram.

Mas quando não se pega logo no sono, nessas noites abafadas, dentro daquelas gaiolas de cabines, não há o que se esperar a não ser aquele estado modorrento cansativo, no qual a visão e a audição ficam, como se estivessem encobertos, mas não adormecidos, e o sonho, se se pode ainda chamar de sonho, adquire um balanço vertiginoso, transportando-nos sem descanso do mar para a nossa casa, e de lá para o mar, e depois de novo para a casa, com uma visão tão lúcida e tão brutal dos desencantos que é um suplício. Quantas vezes depois, em casa,

mesmo anos depois, têm-se de novo aqueles mesmos sonhos, como se tivessem permanecido impressos indelevelmente no cérebro, como coisas reais, muito diferentes dos outros inúmeros da vida! Lembro o barulho da água que batia contra o lado do navio, a poucos centímetros da minha cabeça, e que naquele silêncio do casco se ouvia mais limpo que nunca, um murmúrio contínuo e igual por longos intervalos, que irrompia em palavras mais altas, em risos reprimidos, em silvos sutis, e se abrandava numa farfalhada levíssima e depois, plaft! Um tapa furioso e depois de novo o murmúrio de uma súplica, como se o monstro pedisse para entrar, prometendo que não faria mal a ninguém, jurando que era delicado e inocente. Ah! Que hipócrita! Sem trégua ele roça, raspa, lambe, bate, procura uma fresta, irrita-se por encontrar tudo fechado e lacrado e se lamenta, se surpreende que se desconfie dele e, perdendo a paciência de repente, volta a zombar, a ameaçar a esmurrar a porta como um patrão insolente. E àquela cantilena incansável se junta toda a sorte de barulhos suspeitos. Em alguns momentos juraria que é uma outra pessoa que dorme ao lado de você, que uma pessoa circula dentro da sua cabine e remexe a sua mala. Você se desperta de repente. Uma pessoa entrou de verdade e se aproxima. É o camareiro que vem ver se a janelinha está fechada e que, depois de dar uma olhada, desaparece. Então você ouve outros barulhos no convés, passos prorrompem como se fossem de pessoas que vão acudir um perigo, ruídos incompreensíveis, que na quietude da noite, parecem enormes e fazem suspeitar de um desastre. Você ouve passageiros que saem da cabine, sobem para ver e descem novamente. Nada. Eram dois marinheiros que puxavam uma corda. Você fecha novamente os olhos e recomeça a sonhar, acorda sobressaltado com um barulho ensurdecedor e terrível. Desta vez algo aconteceu! Segue-se um estouro! A popa foi destroçada! Nada, uma tempestade. Ah! Finalmente se poderá dormir. Mas pela janelinha aparece um leve clarão cinzento. Desponta a alvorada. Maldição! Mais cinco dias.

15. O morto

Mais cinco dias! Era a exclamação de todos naquela manhã e pareciam mais longos os cinco dias que faltavam dos dezessete que passaram. Porque é preciso observar que, em virtude de não sei que lei de inércia psíquica, o lento aumento do tédio e do cansaço geral prosseguia, latente, mesmo nos intervalos de tempo calmo e de bom humor. Passados estes, cada um sentia novamente a odiosa carga agravada proporcionalmente ao tempo transcorrido, sem o menor déficit de peso, como se tivesse estado sempre aborrecido. Aquele décimo oitavo dia prometia ser ruim. Nuvens pretas e cinzas formavam uma abóbada achatada sobre o mar, que de um lado tinha cor de óleo batido, de outro parecia cor de cinza encharcada e em alguns pontos, de um betume pretejado, que se avolumava e se reassentava, como a pez do fosso dos corruptos[98]. Na proa e na popa, formavam-se muitos abrigos e se circulava a notícia de que durante a noite morrera o velho camponês piemontês, com pneumonia. O atestado de obtido fora redigido e assinado por duas testemunhas, de madrugada, no salão náutico depois do exame médico. Aquele acontecimento, mesmo se sabendo que naquelas longas viagens, entre tanta gente, não era raro, despertava uma tristeza inquieta, como se fosse uma ameaça para todos. O médico foi parado na "pracinha" pelas mulheres, que queriam saber, e com o seu rosto plácido Nicotera domesticado, contou. Tinha sido uma cena dolorosa. O velho, antes de morrer, quisera rever a moça de Mestre para entregar-lhe o seu pouco dinheiro e os papéis, para que fizesse chegar ao seu filho. Mas tinha tido uma agonia desesperada. O padre não tinha conseguido fazê-lo aceitar a morte com resignação. No olhar que ele percorria pelos presentes e ao redor, naquele estranho hospital, via-se uma angústia imensa, uma ansiedade de criança por ter que morrer lá, no meio do oceano e de não ter uma sepultura. Agarrava o braço da moça dizendo apenas: "*Oh me fieul! Oh me pover fieul!"* e balançado a cabeça num gesto de desolação infinita. Depois de morto, ficara com um rosto contraído numa expressão de susto e ainda banhado de lágrimas. Quase tiveram que levar a moça para o convés e com dificuldade ela conseguiu se arrastar até a popa.

[98] Referência ao Canto XXI do Inferno quando Dante encontra os corruptos submersos na pez fervente e guardados por diabos.

Fui para a proa. Havia uma agitação daquela que se vê numa praça onde se cometeu um crime à noite. Ajuntamentos e conversas reservadas, em voz baixa, de mulheres que mostravam, sob a máscara da tristeza, o prazer de se ter algo extraordinário para comentar, e o que se experimenta sempre diante do anúncio de uma morte: um sentimento mais intenso e agradável pela vida. Conversavam sobre o sepultamento. Quando seria feito e de que forma, de que lado o jogaria e se com os pés ou com a cabeça para frente. Faziam as suposições mais estrambóticas: que seria jogado nu, com uma bala de canhão amarrada ao pescoço, que o abandonariam no mar fechado numa caixa alcatroada para protegê-lo dos peixes, como era estabelecido pela lei. Algumas diziam que já tinham visto aproximar-se do navio tubarões, atraídos pelo cheiro do cadáver, e muitas olhavam o mar para ver. Muita gente se aglomerava na porta da enfermaria para descer para visitar o morto, mas um marinheiro, colocado lá de sentinela a impedia a entrada. Enquanto isso no castelo da proa, no meio da roda de sempre, o velho do casacão verde fazia um discurso imprecatório, agitando o indicador para cima: "*um a menos! Vamos em frente. A carne dos pobres é jogada para os peixes. Aquele ali por exemplo já estava condenado desde o primeiro dia. Eu aposto que não lhe davam de comer!"* Dizia que em vez de uma boa sopa mandavam-lhe a água usada na lavagem dos pratos e que o tinham deixado morrer de fome sem um travesseiro embaixo da cabeça. À noite se soube por meio de espiões que ele lançara também a suspeita de que aquele não tinha sido o primeiro a morrer durante a viagem, mas que os outros eles tinham sabido manter escondidos e depois foram despejados no mar na calada da noite, do convés. "*Mas há de chegar",* disse em voz alta " *o dia do juízo!"* ele e seus ouvintes me fulminaram com os olhos e me fizeram desistir de ouvir outras coisas. Fui pedir notícias do pequeno *Galileo.*

Encontrei na porta da cabine da segunda classe o pai sentado sobre uma mala, com um dos gêmeos entre os joelhos e o cachimbo na boca. "*El fantolin sta*

ben[99]*",* disse-me com aquela cara risonha de sempre. Em seguida, piscando os olhos na direção do velho do castelo de proa, cuja voz chegava até lá, disse-me em voz baixa: "*Ghe xé dele teste calde*[100]*".*

Depois acrescentou: "*Para mim, a partir do momento que se vai para o novo mundo, o que me importa ficar louco porque as coisas vão mal no velho?"*

Esta pergunta era como uma sondagem que ele me fazia para ver se eu era um fidalgo intratável ou um daqueles com os quais se pode refletir. Mas sem que eu respondesse a não ser com um aceno com a cabeça, pareceu-me que o meu rosto lhe inspirava confiança, porque, fazendo um salto disse francamente:

"*Por mim, desculpe*, uma coisa errada que fazem os patrões é espalhar tantas sandices sobre a América, que morrem todos de fome, que voltam mais *desesperados* que antes e que lá tem peste e que os governos de lá são todos *exploradores* e traidores e assim por diante, o que acontece então? Acontece que quando depois chega uma carta de alguém de lá falando que está bem e que *ganhando dinheiro*, então não se acredita mais em nada daquilo que os patrões dizem, nem mesmo naquilo que é verdade e suspeitam que seja tudo enganação, e que é todo o contrário é que é verdade, *e lá vão aos milhares de cada vez*..

Disse-lhe que tinha razão e que se tivesse sido dito só a verdade, talvez teriam partido menos. "E você está indo com esperanças?"

"Eu?" respondeu. "Eu penso assim. Pior do eu estava não posso ficar. A fome que eu passei aqui não vou passar lá de jeito nenhum. Estou certo?".

Em seguida, recarregando o cachimbo, continuou:

---

[99] O menino está bem.
[100] Estão de cabeça quente

"*Vou lhe contar uma coisa: Não emigra, não emigra.* Me dizia o cavalheiro Careti (quem terá sido este Careti?). Você está errado, você está errado. Dizia que todo emigrante que parte, leva embora um capital de quatrocentos francos. Você vai consumir e produzir fora, você faz um mal para o seu país. O que lhe parece esse jeito de raciocinar? Me diga. Dizia-me também que estava errado de reclamar das taxas porque quanto mais os impostos forem altos, mais o camponês trabalha e assim, produz mais. *Piavolae la me scusa, digo mi.* Eu não sei nada disso, respondia-lhe. *Eu sei que eu me mato de trabalhar e que não tiro dinheiro para viver, eu e minha mulher. Eu emigro para comer. Ele me aconselhava esperar, que iriam drenar a Sardenha e a Marema e, pondo a mão o campo romano, que i gavaria verto i forni econômicos e os bancos, e que o governo ida dar um jeito de melhorar a agricultura. Mas enquanto isso eu não como? Oh crose de din e de dia! Como se faz para esperar quando não se come?"*

Encorajado pelo minha aprovação, ampliou o tema da conversa e começou a expor aquelas idéias gerais, que todo homem do povo hoje tem mais ou menos confundidas na cabeça, a respeito das causas do mal andamento das coisas. Gasta-se tudo para manter soldados, milhões aos montes em canhões e em embarcações e assim, *só impostos,* e nos pobres ninguém pensa. As mesmas coisas de sempre, mas que nunca parecem tão verdadeiras como quando são ouvidas de alguém que experimenta os efeitos na própria miséria e ao qual não se pode dar nenhum consolo, nem mesmo com palavras. E justamente eu pensava, enquanto ele me falava, que depois de um dia de trabalho não tinha na mesa uma sopa de cebolas e de noite acordava por causa da fome, mas não ousava comer para não tirar o pão dos filhos, que já tinham pouco, pensava no que me adiantariam todas as grandes reflexões, que me vinham à mente, sobre as necessidades históricas, sobre o sacrifício do presente pelo que virá e sobre dignidade nacional. A sociedade, que em nome destas coisas pedia-lhe tantos sacrifícios, não tinha sequer ensinado a ele a compreendê-las e se eu as tivesse dito, pareceria um insulto a sua miséria.. Eu estava ouvindo-o com aquele aspecto quase envergonhado com que quase todos escutamos as queixas dos pobres,

tomados por um sentimento de grande injustiça, para a qual não encontramos resguardo nem mesmo na imaginação, mas que faz todos sentirem vagamente pesar a consciência, como se fosse uma culpa hereditária.

"Ah não!" disse abaixando a cabeça. "*Como vai indo o mundo agora ,é uma coisa que não pode durar. Tá ruim para muita gente".* E me falou das misérias que via ao redor, das histórias penosas que ouvia na proa. Em comparação a elas, na sua opinião, ele parecia ser dos menos desgraçados. Havia aqueles que não tinham comido um pedaço de carne durante anos, que havia anos não usavam uma camisa a não ser em dia de festa, que nunca tinham apoiado os ossos numa cama e sempre trabalharam de sol a sol. Havia alguns que, feitas as despesas da viagem, iriam chegar na América com dois escudos no bolso e que todo dia separavam um pouco de bolacha para ter algo para roer em terra e não precisar pedir esmola, caso não encontrasse trabalhos nos primeiros dias. Conhecia mais de um assim que, para não chegar na América descalço, mantinha amarrado ao redor dos pés com um barbante aquele único par de sapatos esfarrapados que lhe haviam sobrado, e dormia sobre eles com medo de que os roubassem. "*E ouça uma coisa"* acrescentou "*tem gente que levou uma vida tão ruim, e que foi embora tão tarde que chegou na América para ser enterrado."* E me mostrou um camponês de cerca de quarenta anos sentado um pouco afastado dele, com a cabeça descoberta, que suava em bicas, inclinado sobre as mãos descarnadas e trêmulas. Estava com um febrão que não o deixava nunca, que ele pegara plantando arroz, e não parava nada em seu estômago. Uma noite (mas eu não podia contar para ninguém) ele tinha metido na cabeça que se jogaria no mar e já estava com o tronco todo inclinado para fora. Depois disso, sua mulher não o perdia mais de vista. Uma infeliz que dava mais pena que ele. "*Veja o senhor, que coisas!"*

Dizia tudo isso com tristeza, mas sem rispidez, não por gentileza para comigo, mas por aquela consciência confusa, comum a muitos entre o povo e decorrente, em parte da mentalidade religiosa, em parte da intuição própria, de que a miséria

da maioria é resultado de uma lei do mundo, como a morte e a dor, uma condição necessária da existência do gênero humano, que nenhuma ordem social poderia mudar radicalmente.

“Chega,” concluiu, recolocando o cachimbo no bolso, e colocando as mãos sobre a cabeça do filho, “que o Senhor me proteja. Se na América encontrasse pelo menos gente boa como a que encontrei aqui a bordo! Porque veja, *sior paron*, se aquela pobre moça doente não vai para o céu, quer dizer que lá não entra ninguém. Ela faz levar sopinhas para as mulheres que estão amamentando, ela dá dinheiro aos pobres, ela dá roupa a quem não tem, ela é uma bênção para todos. Mas é como eu digo, para mim, o mundo vai mal. Um anjo protetor que vai morrer cedo. Estou indo *tagarela!”* gritou para a cabine. “Com licença, *paron.* Minha mulher está me chamando. Olha que daqui a pouco vai abrir as comportas.”

De repente, de fato, caiu do céu cinza uma chuvarada de gotas grossas como uva, e logo após, uma chuva densa, que estalava, cobrindo tudo com um véu, como se o navio tivesse entrado dentro de uma nuvem. Uma onda de passageiros irrompeu gritando na cobertura onde eu me encontrava, e recuando uns dez passos, me envolveu e me aprisionou ali no escuro um círculo estreito de jaquetas ensopadas, em meio a um cheiro forte de gente pobre. Ocorreu, então, uma cena para se contar. Haviam se passado apenas dez minutos, e pela agitação de um bolo gente e uma explosão de risadas e assobios, notei que havia uma briga. Erguendo-me na ponta dos pés, vi uma mão no alto que caía num movimento rápido e regular, como um martinete, sobre uma nuca invisível. “Quem é? O que é isso?” Todos gritavam, não se entendia nada. Dois marinheiros vieram correndo, chegou o Comissário, os dois brigões foram separados e levados embora entre berros. Imaginando que fossem para a “pretoria”, também fui correndo para lá, passando pela cozinha da terceira classe. Chegando lá, fiquei muito surpreso ao ver que os dois presos eram o pai da genovesa, bufando de raiva, e o escrivãozinho de Módena, desfalecido, sem chapéu, com uma cara que era um

verdadeiro atestado de socos. Um cortejo de caras de zombaria os seguia. Os presos entraram na cabine do comissário; o cortejo se aglomerou na entrada.

Tinha acontecido o seguinte. Desabando o aguaceiro, o escrivão se precipitara com os outros para a cobertura e ficara ele também naquele aperto como um enchova num barril. Mas, por sorte, e ao mesmo tempo, por desgraça, ocorreu que, justo na frente dele, com as tranças no seu rosto, com as costas contra o seu peito, ficara presa na massa a moça genovesa e atrás dele, quem? Puxa! O sogro dos seus sonhos. O pobre jovem, morto de paixão havia dezessete dias, inebriado pelo perfume, pegando fogo pelo contato, tentado pela escuridão, perdera a luz da razão e começara a cravar beijos no pescoço e nos ombros do seu ídolo, com tal fúria, com tal desatino de amor, que não sentira sequer a primeira carga dos vigorosos bofetões paternos. No segundo caiu em si, como quem desperta de um delírio, achou que tivesse morrido.

O julgamento foi uma cena de comédia impagável. O pai, perdidas as estribeiras, injuriava ainda: " *Patife! Cara de bandido! Porco d´un asino! Vou quebrar a sua cara!* E estendia as mãos para agarrá-lo pelos cabelos.

O outro dava pena, não negava nada, dizia que tinha perdido a cabeça, pedia desculpa, afirmava que era um rapaz honesto, queria mostrar a carta do prefeito da sua cidade (acho que era Chiozzola) e segurava a cabeça entre as mãos chorando como um bebê, fazendo gestos de desespero de Massinelli[101] de férias. "Mas estou dizendo, eu perdi a cabeça...agi como um animal...juro pela minha honra...não tinha a intenção...estou pronto para dar meu sangue..."e sob a sua dor sincera e a vergonha, transparecia a força da paixão não ignóbil que lhe tinha feito cometer aquele despropósito, um daqueles amores violentos que ardem nos pequenos como chamas de gás dentro de tubos de vidro.

[101] Personagem de uma rapaz um pouco bobo e um pouco esperto, criado pelo comediógrafo Edoardo Ferravilla (1846-1915)

Mas o pai não se deixava comover, mais indignado ainda, como se tivesse sido ofendido no orgulho paterno, porque um tamanho gesto de audácia tinha sido cometido por um personagem tão desprezível, por aquele meio homem, que punha a alma pela boca e depois perdia a vergonha daquele jeito. E continuava a gritar: "*Mau caráter, porco sem vergonha! A minha filha! É preciso ter muita cara de pau!*" E queria começar a bater nele de novo.

Então aquele abria os braços, desconsolado, num gesto que queria dizer: "Estou aqui, façam o que quiserem de mim." E depois tornava a jurar que era um cavalheiro, a pedir desculpa, a oferecer a carta do prefeito.

O Comissário estava muito constrangido para encerrar a questão. Eu vi passar pelos olhos dele um sorriso que correspondia à tentação teatral de propor um casamento. Mas o pai não tinha jeito de quem aceitaria uma brincadeira. Enfim, resolveu a questão passando um sabão no rapaz sobre o respeito que se deve ter com as mulheres, e ordenando-lhe que não se deixasse ver por uns tempos no convés, e aconselhou ao outro a tranqüilizar-se, porque *a coisa* não ofendia a reputação da filha, que era estimada por todos e assim por diante. Em seguida, pôs os dois para fora, pedindo ao pai que voltasse para a proa primeiro. Este se afastou, virando-se ainda para trás ameaçando com a mão e lançando ainda dois ou três adjetivos genoveses, variados. O rapaz, diante do Comissário, colocou uma mão sobre o peito, e disse com um tom dramático: "Acredite, senhor Comissário....palavra de honra...foi uma desgraça...um momento de...". Mas aqui o amor inflou seu peito e estrangulou a voz, e erguendo os olhos para o céu numa expressão cômica, mas muito sincera, que resumia toda a história da sua paixão oceânica, exclamou: "Se o senhor soubesse!". Mas não pôde dizer mais nada e se foi de cabeça baixa, com sua flecha atravessada no coração.

A figura daquele pobre apaixonado que se afastava pela passagem coberta, ficou relacionada na minha memória com um novo aspecto do mar e do céu, que tinha clareado depois da chuvarada. Todo o céu em grandes rasgos de uma calma

pura, como se tivesse sido lavado e refrescado, sendo percorrido por nuvens inquietas. O mar verde em espaços amplos, entre os quais se estendiam largas listras de um azul sombrio, de forma que parecia ver um prado imenso, onde se interseccionam canais enormes, cheios até as bordas. Tinha-se a ilusão estranha de ter entrado num continente metade terra e metade água, abandonado pelos habitantes sob a eminência de uma inundação, e tinha-se o ímpeto de se procurar com os olhos no horizonte as pontas dos campanários e das torres, como nas grandes planícies da Holanda. Em seguida, as águas se agitaram e deram àquele verde o aspecto de uma vegetação mais forte, e assim, a ilusão se mudou, e me veio à mente aquele amplo espaço de oceano, coberto por um tapete espesso de algas e sargaços flutuantes que enredou por vinte dias as naus e assustou os marinheiros de Colombo. Alguns pássaros brancos riscavam o céu, longe. O sol fazia cintilar aqui e ali espécie de ilhotas cobertas de esmeraldas e no ar soprava uma tepidez de primavera na qual parecia sentir aromas terrestres, que falavam à alma, como um eco de vozes longínquas, trazidas pelos ventos do pampa.

Mas o mar verde e o episódio do apaixonado clarearam apenas por poucos minutos a face escura que tinha aquele dia o *Galileo.* Apenas a loira gorjeava de alegria pelo convés, passeando de braços dados com seu marido a quem acariciava com a voz, com olhar e com o leque, como uma esposa de sete dias, talvez para compensá-lo de alguma desgraça que lhe preparava para mais tarde, sobre a qual brilhavam idéias no azul de suas pupilas infantis. Enquanto ele, como sempre, curvava-se e dava com os olhos entreabertos e a ponta da língua aquele leve sorriso de zombaria para si, para ela, para os outros, para o universo, que era uma espécie de careta simbólica da sua quieta filosofia. A lembrança daquele morto que estava a bordo parecia projetar uma sombra de tristeza sobre todos os demais, e todos os olhos se voltavam de vez em quando para a proa, inquietos, como se todos temessem vê-lo aparecer de uma hora para outra, ressuscitado, para maldizer a sua assustadora sepultura. Era o tema de todas as conversas que se faziam gradativamente mais graves, como se à medida que a escuridão aumentava, aquele corpo se alongasse e, no meio da noite, tivesse que chegar

com os pés até a popa e bater nas portas das cabines. O almoço foi pouco alegre. O comandante e o velho chileno entabularam uma discussão lúgubre sobre esse assunto. Se o cadáver atirado ao mar com um peso nos pés chegaria ao fundo inteiro e se por efeito da pressão enorme das águas desfazendo e separando os tecidos não chegaria apenas o esqueleto. O comandante era da segunda opinião. O chileno, diferentemente, sustentava o contrário, dizendo que a pressão da massa de água que está acima era transmitida por aquela que impregnava o corpo, de forma a ser sentida em todas as direções e de maneira oposta em todos os pontos, e assim, ocorreria que o corpo deveria descer ileso. Em seguida, entrando num acordo sobre a velocidade inicial, sobre o aumento de velocidade na descida e sobre a profundidade máxima do atlântico, calcularam que o cadáver levaria uma hora para realizar o seu percurso vertical.

“No entanto, lento,” disse o chileno, “o cadáver pode encontrar correntes que o empurrem para cima a uma grande altura.”

Àquela imagem do cadáver que ia para cima, notei que o meu vizinho advogado começa a tremer. Apesar disso ficou parado ali, corajosamente. Mas o genovês teve a má idéia de se referir à descrição, lida num jornal de Nova Iorque, da descida de um mergulhador, que encontrara dentro da carcaça de um navio que afundara os cadáveres de náufragos monstruosamente inchados, hirtos na água, com os olhos fora da testa e com os lábios caídos, tão horrendos de se ver sob a luz da lâmpada, que o sangue gelara em suas veias e ele fugira como um doido. Depois daquela, o advogado não pôde mais agüentar. Pondo-se de pé bateu o garfo no prato: “Um pouco de cuidado, senhores!” exclamou e retirou-se. O comandante, irritado com aquela cena, não falou mais e a refeição acabou em silêncio. Mas no momento de levantar-se, o genovês aproximou-se de mim com um rosto alegre e me disse ao ouvido: “É para a meia-noite!”.

O sepultamento tinha sido marcado secretamente para a meia-noite, para evitar uma aglomeração de passageiros de terceira classe, entre os quais o Comissário tinha feito espalhar o boato que seria às quatro da manhã.

À meia-noite, o tempo tinha escurecido novamente e havia apenas uma faixa fina clara no horizonte a oeste, como uma fresta deixada aberta pela imensa cobertura negra do céu, antes de fechar-se sobre o globo para se tornar uma escuridão profunda. Um mar de tinta, o ar parado. Se não fossem aqueles poucos faróis no convés, deveria se caminhar tateando, como na estiva.

Indo em direção à proa, ouvi na escuridão a voz do marselhês que falava com um tom enfático da poesia de ser sepultado no oceano, de ir dormir naquela solidão infinita, e dizia: "*J´aimerai ça, moi!"* . Alguns passageiros saíam do dormitório da terceira classe em silêncio, olhando ao redor. Sobre a passagem coberta alcancei o padre napolitano, paramentado, que ia a passos longos e lentos, seguindo um marinheiro, que levava água benta numa tigela.

Na proa, próximo ao dormitório das mulheres, encontrei um grupo, iluminado por baixo por uma lanterna segurada pelo corcunda. Lá estavam o comandante e o Comissário, com poucos passageiros da primeira classe. Mais à frente alguns marinheiros, uns vinte emigrantes estavam ao lado da taberna, como se estivessem escondidos, e algumas figuras apareciam confusamente no castelo da proa. Quando o padre chegou, todos se moveram, como para se disporem em semi-círculo, e separado apareceu o rosto de cera do frade. No mesmo momento, ouvi um farfalho atrás de mim e virando-me vi a moça de Mestre e a tia, que ficaram embaixo da cabine de comando, no escuro.

Acreditando que, como de costume, se lançava o cadáver da ponta do castelo da proa, não compreendia por que todos ficavam ali. Quando a um sinal do comandante, dois marinheiros abriram um cancelo lateral da parte do casco, então entendi.

Enquanto isso, parecia que o navio ia diminuindo a velocidade. Após poucos minutos, para minha surpresa, parou. Não sabia que se atiravam os cadáveres com a embarcação parada para evitar que a sucção das águas os traguem para baixo da roda da hélice.

Então todos se calaram e vi, sob a luz da lanterna, o rosto vermelho e sonolento do comandante que parecia irritado de ter que assistir àquela cerimônia e mantinha os olhos fixos sobre uma longa haste estendida sob seus pés, diante da abertura do cancelo.

Ouviu-se uma voz, todos se viraram. Brilhou uma luz sob o castelo da proa e, logo depois, saíram pela porta da enfermaria três marinheiros que levavam uma coisa informe, como uma cama despedaçada.
Todos se afastaram, eles vieram para a frente e fizeram o gesto de depositar a carga sobre a haste. Mas colocaram de atravessado.

O comandante disse em voz baixa: "*Direito, bruttoi".*
Colocaram melhor e depositaram lentamente o cadáver com os pés voltados para o mar. As duas travas de ferro que tinham amarrado nos pés bateram sonoramente no assoalho.
O morto estava envolto num lençol branco, costurado na forma de uma saco, que lhe cobria a cabeça, estendido sobre um colchão dobrado em cima dos dois lados e amarrado com uma corda. As travas despontavam para fora do embrulho. O conjunto tinha um aspecto miserável de uma carga de mercadoria, amontoada depressa para desocupar espaço. O corpo parecia tão diminuído e encurtado que imaginaria que era de uma rapaz. De uma descostura do lençol, no fundo, despontavam os dedos nus de um pé. O nariz adunco e o queixo, salientes sob o tecido, lembravam-me a maneira pressurosa com a qual o infeliz procurara o endereço do filho, na primeira vez em que o vira em seu leito. Talvez o filho estivesse dormindo naquele momento em alguma barraca de madeira, próximo à

estrada de ferro sonhando com prazer que veria dentro de poucos dias o pobre pai. Todos mantinham os olhos sobre a forma daquele rosto como se esperassem vê-la se mover. O silêncio e quietude de cada coisa ao redor eram tão profundos e solenes, que parecia que fôssemos os únicos vivos no mundo.

“Por favor reverendo!” disse o comandante.

O padre aproximou-se do cancelo e mergulhou a mão na tigela do marinheiro, aspergiu o cadáver e deu a bênção.

Todos ao redor tiraram o chapéu, alguns passageiros da terceira classe se ajoelharam. Virei-me para trás e também a moça de Mestre estava ajoelhada com o rosto entre as mão, na sombra.

O padre começou a recitar depressa: “*De profundis clamavi ad te, Domine; exaudi vocem meam”.*

Muitas vozes responderam “*Amém!”*

As duas lanternas seguradas pelos marinheiros lançavam uma luz avermelhada sobre os rostos imóveis e tristes, atrás dos quais havia uma treva infinita. Entre outros, vi na segundo fila o garibaldino, e fui como que ferido por encontrar aquele rosto fechado e duro como sempre, que não mostrava o mais leve sentimento de piedade, como se estivesse para jogar ao mar um saco com uma lastra. Tornei a me perguntar como era possível que a amizade daquela santa criatura ajoelhada lá atrás não tivesse podido nada sobre a sua alma. Envergonhei-me por ter sido mais uma vez enganado infantilmente, imaginando que houvesse uma grande alma no peito daquele homem sem coração.

O padre murmurou com rapidez crescente os outros versos do *De profundis* e a oração de absolvição dos pecados. Em seguida, aspergiu outra vez o morto com água benta. No *réquiem aerternam* todos se levantaram.

"Vamos" disse o comandante.
Dois marinheiros seguraram as extremidades da haste, ergueram lentamente e a pousaram na beirada do navio, empurrando-a um pouco antes, de forma que um quarto dela despontasse. Quando a erguiam, vi mover alguma coisa preta no peito do morto e aproximando-me reconheci a cruz preta da moça.

As lanternas se ergueram.
Os dois marinheiros seguraram a haste pela parte da cabeça e começaram a erguê-la delicadamente, o corpo começou a deslizar...

Naquele ponto soaram dentro de mim aquelas palavras desoladas do moribundo como se fossem gritadas em voz muito alta, com um grito imenso que cobria todo o oceano: " *Oh meu filho! Oh meu pobre filho!"*

O corpo escorregou, desapareceu nas trevas, fez um baque profundo. Então os marinheiros fecharam depressa o cancelo e todos desapareceram daqui e dali como sombras. Antes de entrarmos na popa, o navio tinha retomado seu caminho e o pobre velho prosseguia lá bem longe de nós a sua descida solitária na direção do abismo.

16. Um dia de cão

Se é verdade que em toda longa viagem de navio há um chamado "dia de cão" em que tudo dá errado e o navio vira um inferno, eu acredito que o *Galileo* tenha tido o seu no dia seguinte ao sepultamento, pelo menos por três quartos, uma vez que graças a Deus, não acabou como começara. Aquela morte a bordo pode ter contribuído, saber que em dois dias se fizera um trajeto pequeno e um mar ruim

semelhante a uma imensa lastra de platina, que refletia nuvens sem cor, de onde parecia que chovessem lâminas dilatadas de fogo, como sobre os blasfemadores do inferno de Dante. Mas tudo isso não basta para justificar um dia horrível como aquele e é preciso mesmo admitir um influxo misterioso do trópico de Capricórnio, que se devia passar em vinte e quatro horas.

Assim que acordei, ouvi que o ar estava carregado de eletricidade, uma crise de ciúme da camareira genovesa, levada a tal ponto pela paixão que injuriava em voz alta pelos corredores contra o traidor Ruy Blas, repetindo-lhe cem vezes o nome do animal negro sem o menor respeito como se estivesse bem no meio da praça Caricamento. Com dificuldade o agente de câmbio conseguiu fazê-la estancar a fonte de impropérios, ameaçando-a de ir direto para o comandante. Subo e encontro o comandante fora da graça de Deus, agitando uma folha, interrogando o comissário e ameaçando ir ele pessoalmente pegar todos os quarenta e sete a chute na bunda. Tinham feito chegar às suas mãos pouco antes uma carta, assinada daquele jeito por quarenta e sete passageiros de terceira classe que reclamavam da comida, solicitando especialmente uma “maior variedade de misturas para acompanhar os pratos de carne”, que eram sempre as mesmas. O protesta devia acabar. O protesto tinha sido promovido pelo velho toscano do casacão verde e escrito numa folha de papel que revelava uma instintiva ojeriza de todos por banho. A coisa insuflava incrivelmente a cólera do comandante, que suspeitava que aquela sujeira fosse uma ofensa intencional e queria dar uma lição exemplar. Enquanto isso solicitava uma investigação. Mais ainda, o Comissário contava-lhe que, durante a noite, não se sabia quais passageiros da terceira classe, tinham repicado com tesoura o vestido de seda preta daquela tal senhora, sem motivo nenhum, de pura maldade e que, desta vez ,a pobre mulher, que fora paciente e tímida até aquele dia em meio a toda sorte de grosserias, perdera a luz dos olhos e fora pedir justiça, soluçando, sufocada pela angústia e pela ira. Se tratava de descobrir os culpados, mas havia outra coisa. Não se sabia quem, para não ter que a puxar e obrigar os marinheiros a dar água em bacias, tinha

espatifado todas as torneiras do bebedouro de água doce. Mas estavam à caça dos réus. Tratava-se de estabelecer uma punição. O dia começava mal.

Subi no convés onde estavam quase todos os passageiros. Todos rostos de gente que tinha passado a noite numa cama de pregos. As antipatias recíprocas tinham subido até aquele último limite que separa o silêncio desprezível da injúria declarada. Tropeçavam uns nos outros sem se cumprimentarem. A própria "domadora" havia vários dias vivia numa espécie de efervescência de amor materno por todos, estava separada, abatida como se revirasse no coração toda a Chartreuse da sua dispensa secreta. O genovês veio ao meu encontro com uma cara ameaçadora e fixando-me no rosto com seu único olho, disse-me de maneira ríspida: "O senhor sabe o que há de novo nesta manhã? Nada de gelo! Quebrou o motor e um marinheiro machucou a mão. É a segunda fez. Uma infâmia!" Estava uma fera. Fez que ia se afastar, mas voltou atrás e me perguntou, olhando me de viés: "E aquele frito misto de ontem à noite?" e dando uma risada irônica, afastou-se. O meu vizinho da cabine, apoiado no mastro de mezena, estava mais transtornado do que o normal, e no rosto na roupa dava sinais de ter passado a noite no convés para não ser torturado pela sua tirana. Até os recém-casados, sentados um do lado do outro num sofá de ferro tinham uma expressão inerte como se pela primeira vez estivessem cansados e irritados daquela cama de Procuste, na qual eram obrigados a estudar espanhol havia três semanas. Apenas a argentina sorria, usando um lindo vestido verde carregado, cuja cor se refletia como num espelho no rosto da mãe da pianista, e a moça de Mestre que passeava com aquele seu rosto doce e melancólico e com uma folha nas mãos procurando doações para o camponês febrento e sua mulher para que não chegassem na América sem roupas e sem sapatos. Era uma coisa que dava pena e desprezo ver com que caras frias e quase carrancudas era recebida e com que dificuldade grosseira, após muitas palavras, a maior parte escrevia o nome. Poucos falavam e estes poucos, dava para entender que, pelos olhares enviesados, diziam poucas e boas de alguém e ou de alguma coisa, com o azedume de quem tem os nervos à flor da pele. Ouvi entre outros o moleiro, que

se lamentava que a bordo de um navio como aquele fosse permitido aos passageiros subir ao convés em pantufas. Fazia um sinal com os olhos para o padre napolitano que arrastava com os pés duas verdadeiras gôndolas de Veneza, com as quais chegava atrás das pessoas de repente como um espectro, isso irritava as pessoas. O descaramento daquele renegado comedor de farinha me fez virar as costas para aquela companhia aborrecida. Fui para proa.

Lá encontrei coisa pior. O mormaço e o fedor haviam mandado todos para cima. Nunca tinha visto tanta gente lá. Era uma multidão compacta das cozinhas até a ponta da proa e todos inquietos como se estivessem esperando um acontecimento e, extraordinariamente desgrenhados, vestidos de forma descomposta e sujos como se não dormissem há dias. Se via que não suportavam mais o mar, o navio, a cozinha e o regulamento, e que bastaria uma coisa de nada para fazê-los sair dos eixos. Ninguém brincava, nem canta. Até o grupo dos bem-humorados do castelo central estava mudo. O camponês sem nariz dormia, o cozinheiro enciclopédico passeava sozinho, o álbum pornográfico do porteiro não tinha leitores. Apenas o barbeiro vêneto fazia ouvir de vez em quando o seu uivo de lamentação de cachorro que latia para a lua com o qual parecia expressar o sentimento comum daquela multidão. Os emigrantes aglomerados na direção da popa olhavam as portas do salão e os passageiros da primeira classe com um olhar mais turvo do que o comum, no qual se lia que aquela manhã nos fariam pior do que nos fazer mudar de lugar. Porque afinal, éramos nós que roubávamos deles tanto espaço do navio, ocupando apenas nós, menos de cem, quase tanto espaço quanto aquele ocupado por eles que eram um povo. Éramos nós que engolíamos todos aqueles pratos finos que eles viam passar pela pracinha duas vezes por dia e dos quais recebiam a fumaça no nariz e era para nós que corriam e se desdobravam todos aqueles camareiros de uniforme preto, enquanto eles eram obrigados a lavar as próprias vasilhas nas pias e a estender a mão na cozinha como mendigos. No fundo, a atitude deles era perdoável. Nós teríamos olhado com o mesmo despeito...o mesmo? Talvez pior, uma primeiríssima classe, se houvesse, de passageiros milionários fartos de faisões e embriagados de

Johannisberg. Eles estavam saturados, no final daquele longo contato forçado, da mordomia despreocupada, de se sentir como que oprimidos na própria miséria, dentro daquele grande pombal cheio de molambos e malcheiroso cheiro. Não podendo bater em nós batiam-se entre si. Já de manhã às oito, os camponeses ciumentos da negra já haviam se pegado a tapas e chutes e o comandante mandara ambos para o pelourinho no terracinho da cabine de comando, obrigando-os a ficarem de pé, um de frente para o outro com os narizes encostados. Tendo se pegado lá também, tinham sido fechados em dois esconderijos separados. Em seguida a bolonhesa, ofendida por uma má resposta do padeiro do navio, enfiara-lhe um bofetão com b maiúsculo e por isso fora chamada pelo Comissário. Como sempre acontece, sendo o exemplo contagioso, aconteceram outras rusgas. Muitas mulheres tinham as tranças desfeitas e o rosto arranhado. Em seguida os rapazes se agarravam pelos cabelos, enredando-se oito ou dez juntos, e rolando pelo assoalho em grupos misturados, que os parentes corriam para apartar distribuindo a torta e a direita numerosos tapas nos trazeiros e sapatadas, recarregando entre eles as afrontas. A irritação invadira até a cozinha, onde, por rivalidade de mercadoria contrabandeada, havia estourado uma disputa encarniçada entre o cozinheiro e seus ajudantes, que se ouvia por toda a proa, seguida de um estrondo furioso de caçarolas.

Para nós da primeira classe, as coisas se deterioraram já no almoço, que foi ruim e tornou-se ainda pior pelo silêncio e pelo semblante até trágico do comandante, que tinha na cabeça um caso, além daquele dos quarenta sete, muito grave. Uma hora antes se apresentara com muita dignidade a mãe da pianista. Havia se desencadeado um protesto em todas as formas contra as escapadelas noturnas da suíça que, em horas inacreditáveis, passava com roupas levíssimas na frente da sua cabine, conjugada a sua, com muito escândalo da moça. Quando o escândalo não era pior. O que acontecia era que todas as vezes que a suíça mandava o marido para cima estudar o céu estrelado, não ficava sozinha na cabine. Alguém de serviço devia estar de acordo. Já não se falava de outra coisa na popa. Era algo que não podia durar. O senhor comandante devia dar um jeito.

O comandante provocado na sua fraqueza, tinha lançado fogo nas chamas e prometido, sob juramento, dizer duas palavras àquele mocho do professor e à sua senhora se fosse necessário e também àquele outro ou àqueles outros, que o navio não era aquilo que eles pensavam, que deveriam respeitar a decência, pelo amor de Deus, por todo mundo, ainda que fosse preciso colocar marinheiros de sentinela nos corredores. Concluíra solenemente: *Não quero saber de indecências a bordo*. Era des se esperar então uma cena daquelas. Durante todo o almoço, ele fulminou com olhar de Torquemada[102] a loira, que muitos outros olhavam, falando entre si aos ouvidos, sem que ela percebesse nada. Solta dentro de um delicioso vestido cor de rolinha, mais fresca e mais esperta que nunca, enchia o ouvido do marido de gorjeios e de trilos, sorrindo para todos os seus amigos com seus doces olhos despreocupados, iguais a duas belas janelas de uma sala vazia mostrando de mil formas os dentes brancos, as mãos pequenas, o braço torneado, a alma misericordiosa. Depois do almoço recomeçou o seu vaivém no convés, interrompido por sumiços repentinos seguidos, de reaparições esperadas, sem saber, pobrezinha da espada de Dámocles que lhe pendia sobre os cachos loiros. Aliás ficava cada vez mais alegre e mais viva, quanto mais crescia o tédio ao redor, e como se fosse animada por um ardor de uma heroína que alimentava sitiados extenuados, dizendo com os olhos que não era culpa sua se não podia fazer mais para o alívio de uma humanidade que sofria, mas que estava fazendo tudo aquilo que podia. Sem sombra de dúvida, levava a sério o argentino, mas o tenor e o toscano não tinham sido abandonados e o Peru parecia que estava pra entrar na confederação.

Mas por volta das três, ela desceu para não subir mais e tendo desaparecido aquela única cara alegre, a irritação recaiu sobre o convés mais sufocante que antes. Por um momento, no entanto, nos distraiu um episódio cômico com o advogado. Vencendo a sua repugnância pela água salobra, fora tomar um banho. Entrando na tina, deixara subir água até o peito, mas quando estendeu a mão

[102] Tomás de Torquemada (1420-1498) Domenicano organizador da Inquisição espanhola.

para fechar a chavinha, ou porque esta não funcionasse bem, ou porque se confundira e a tenha girado ao contrário e a estragara, o fato é que fez com que ela soltasse um jato forte, uma verdadeira coluna d´água impetuosa que, em poucos minutos, encheu o recipiente, alagou a cabine, ensopou as roupas e o fez fugir para fora meio despido, com a barba respingando e um desespero de náufrago. Nós o vimos passar correndo sobre a pracinha, gritando para os camareiros para que corressem para fechar, que o navio ia afundar. Mas isso foi apenas um raio que fez apenas cinco ou seis passageiros rirem. Tendo aumentado o calor, o fedor que vinha dos dormitórios tinha se tornado pestilento, a maior parte transportara o corpo mal-vestido do convés para o salão e se abandonaram aqui e ali pelos sofás e pelas mesinhas. Ah gente insuportável! Conhecia já as atitudes e o menores gestos habituais de todos e os títulos de todos os romances quei liam aos poucos havia duas semanas e a nota musical do bocejo de cada um. Parecia assistir pela centésima vez uma estúpida representação de um teatro mecânico. Não era mais tédio, mas uma verdadeira melancolia que apertava o coração. Viam-se apenas caras compridas, testas apoiadas nas mãos, olhos velados e imóveis. A pianista tocava o piano não sei que música fúnebre. O brasileira veio pedir-lhe respeitosamente para que parasse porque sua mulher, deitada, sofria uma terrível crise nervosa. A moça fechou o piano com um baque seco e saiu. O agente me disse que a gorda soluçava na cabine. Por quê? Não sabia. Efeitos do trópico de Capricórnio. A moça da família enlutada, na segunda classe, chorava. De repente nasceu uma discussão ácida num canto entre um argentino e o marselhês, dizendo o primeiro, com razão, que do observatório de Marselha não se podiam ver a Centauro mas apenas duas estrela, aquelas que assinalam a cabeça e o ombro, enquanto o outro sustentava que se viam todas:*"Toutes les sept, monsieur, Toutes les sept, monsieur"* "Mas é um absurdo!" "*Mais, monsieur, vous avez une faço..."* A companheira do comandante que procurava alguém ao redor com um olhar feio, os quietou. O salão caiu num silêncio sepulcral.

Não agüentando mais, saí para ir para a cabine de comando. Mas não estava ainda no fundo da cobertura, quando ouvi um grito de terror e vi uma aglomeração aos pés de uma escadinha da cabine de comando. Um menino, que tinha subido até o último degrau, caíra lá de cima, batendo com a cabeça no assoalho. Sua mãe, achando que estava morto, lançou-se sobre ele desesperadamente, e apertando-o nos braços, começou a gritar como louca: "*vão jogá-lo no mar!Vão jogá-lo no ma! Meu filhinho! Meu filho!"* e fazia um gesto como para defendê-lo, ameaçando, rangendo os dentes, empurrando a multidão. O médico veio correndo e levou a mãe e criança à enfermaria. Este incidente despertou uma grande onda de reclamações contra o navio, que estava cheio de perigos, e contra o comandante, que não colocava um marinheiro de guarda nas escadas. O velho do casacão verde começou a discursar furiosamente, com os cabelos ao vento e o indicador para cima, do castelo do proa. O escrivão, cuja credibilidade havia aumentado na proa devido ao episódio dos beijos porque o consideravam como uma afronta "à princesa", havia dois dias que era assediado de cumprimentos burlescos como se tivesse ido além do que era verdade e se pode imaginar até onde. Ele se irritava, negava, sofria. Finalmente, após uma série de cumprimentos, um mais ofensivo do que outro, o sangue lhe subir à cabeça e começara a distribuir chutes e socos como um louco furioso. Mas pobrezinho, levou a pior, porque haviam lhe rodeado três ou quatro, segurando-lhe os braços e as pernas,e esfregaram sua cara com o chapéu. Por sorte havia podido escapar para o dormitório, com o nariz esfolado. Procurei a genovesa. Estava no lugar de sempre, mas com uma sombra de desprezo nos olhos, pois já adivinhava a insolência obscena das conversas e percebia os olhares de ódio que vibravam ao seu redor e havia dois dias que o pai estava de sentinela ao lado dela, resolvido a quebrar a cabeça de alguém. Mas todos estavam com a tentação de brigar. A cada meia hora se formava um amontoamento ao redor de dois passageiros que se enfiavam a mão na cara ou se agarravam pela gravata. Quando a presença de oficial os impedia de se pegarem a tapas, desafiavam-se com as devidas formas: "Na proa! Na proa!. "Hoje à noite!" "De noite!". O castelo da proa era o campo fechado escolhido previamente para os cavalheiros. Três ou quatro vezes,

pegaram-se imediatamente e com todo o direito, primeiro dois, depois três, depois uma meia dúzia, produzindo uma onda em toda a multidão. Os oficiais e os marinheiros tiveram que vir correndo. Dois bêbedos que haviam passado da conta, agarraram-se como dois animais e se afundaram as costelas caindo ambos sobre as rodas do cabrestante. Dessa vez, veio o comandante furioso, com o claro propósito de dar umas bofetadas memoráveis, para recuperar a forma. Mas não chegou a tempo. As coisas estavam num ponto que eu estava esperando ver antes do anoitecer toda aquela massa de gente apertar-se e acavalar-se num monte disforme de membros, como naquelas cenas de guerra de Gustave Doré, e transbordar pelos parapeitos e cair no mar. Mais do que aversão, naqueles momentos, eu sentia compaixão por suas misérias e uma espécie de impulso afetuoso e triste em relação a eles. Porque sob a expressão provocante de todos aqueles rostos, podia se perceber um arrefecimento passageiro de toda esperança, um grande cansaço da vida, um pranto secreto, que saía na forma de ira e se via que sofriam e que, no fundo, tinham pena uns dos outros e cada um de si mesmo. A imagem viva do estado de ânimo deles eram aqueles dois velhos camponeses do castelo da proa, marido e mulher, que até mesmo naquele momento estavam sentados um ao lado do outro sobre duas abitas, com os braços cruzados, mostrando os pescoços magros e enrugados, que contavam cinqüenta anos de trabalhos sem compensação. Enquanto estava olhando para eles, uma mulher grávida caiu desmaiada, sobre a cobertura de vidro do entrada do dormitório, pousando o rosto branco nos braços das vizinhas. Logo ouviram-se cem vozes: “Morreu uma mulher, morreu uma mulher.” Saí de lá.

Para onde ir? Seis horas eternas deviam se passar antes de anoitecer. Entrei novamente no salão e comecei a folhear um livro de bordo, no qual vários passageiros haviam escrito, mas estava cheio de bobagens, de lugares comuns e de mentiras. Então desci para a cabine, último refúgio, para tentar dormir. Mas a cabine me parecia mais apertada, mais asfixiante, mais odiosa que nunca. Os passageiros deviam ter descido todos. No entanto, não se ouvia ninguém, como se aquelas cem paredes de madeira encerrassem apenas cadáveres. Ouvia-se

apenas nênia lamentosa da negra, como um canto solitário pelas ruas de uma necrópole. Parecia que pesavam sobre a minha alma não apenas os meus, mas todos os tédios, todas lembranças amargas e os sentimentos dilacerados e os tristes pressentimentos que haviam se amontoado a céu aberto, entre aqueles mil e seiscentos filhos da Itália que iam procurar uma outra mãe do outro do oceano. Era inútil tentar racionalizar, analisando meu estado de ânimo para demonstrar para mim mesmo que não havia um porquê lógico para ver tudo fosco naquele dia, como os outros, enquanto que normalmente, e diferente deles, eu via tudo com um bom aspecto. Pensamentos turvos, mantidos por um momento com um esforço fora da cabeça, haviam entrado, e assim que cessava aquele, como uma onda de torrente, invadiam todos aqueles recônditos. Não sei quanto tempo fiquei com esses pensamentos; depois adormeci. Mas tive um sonho horrível: minha casa de noite – um vaivém de luzes e de caras que não reconhecia, - um estertor num quarto cuja porta eu não conseguia encontrar, - em seguida a cena mudou de repente, um grito assustador: “Salve-se quem puder!” e a desordem desesperada de um navio que se afundava no abismo.

Nesse exato momento um barulho forte me acordou. Não sabia se tinha dormido três horas ou cinco minutos. Na cabina brilhava um raio de sol. O barulho aumentava em cima da minha cabeça. Era uma gritaria de gente que se chamava pelo nome, um som de passos apressados, uma transmissão como se fosse o anúncio de um perigo. Pulei da cama. De todas as outras cabinas saíam passageiros correndo e se precipitavam pelas escadas. Subi ao convés. Vi-me em meio a uma multidão. Olhei em direção à proa. Tudo aquilo que havia de vivo nas cavidades mais profundas da embarcação se desentocara. Um formigueiro preto de um ponta a outra, todos se lançaram contra o parapeito da direita, subiam nas gaiolas, nos bancos, nas escadas de corda, olhando o mar. Eu não via nada, um baluarte de coluna me escondia o horizonte. Perguntei a dois que passavam, fugiram sem responder. Então subi na cabine de comando...Ah a bendita aparição! A coisa divina que eu vi! Um navio enorme e preto, embandeirado e lotado, vinha majestosamente em nossa direção, cortando o mar azul, sob um céu límpido, com

a proa alta e as velas abertas, dourado pelo sol, fumegante e alegre, que parecia ter despontado como um prodígio do coração do oceano. Era o *Dante*[103], da mesma companhia de navegação que o *Galileo,* proveniente do Plata, rumo a Itália, carregado de emigrantes que voltavam para a pátria. Era o primeiro grande navio que encontrávamos depois da saída do Mediterrâneo, era um irmão. A cada baforada de suas chaminés reluzentes, agigantava e pareciam mais nítidas as mil figuras humanas que o coroavam. As duas multidões sobre as duas proas, olhavam-se em silêncio, mas todos tremiam. O *Dante* se aproximou tanto que uma onda nos fez balançar com violência. Quando chegou o mais perto possível, podendo nos ouvir, mostrando-nos todo o comprimento da sua lateral imponente, um grito altíssimo, contido havia muito tempo, irrompeu quase no mesmo instante das duas multidões, seguido de uma agitação frenética de chapéus e de lenços. Um grito interminável de felicidade e de adeuses, de um tom estranho, diferente de qualquer outro grito que eu já ouvira, uma explosão de vozes violentas e trêmulas, no qual se expandiam e se confundiam as tristezas da viagem, a saudade da pátria, a alegria de revê-la em breve, a esperança de retornar um dia, a maravilha e a alegria afetuosa de encontrar irmãos, de ouvir a voz e o hálito da Itália na solidão do Atlântico imenso. Foram poucos minutos. Em poucos minutos o *Dante* era apenas uma mancha negra no azul, ornamentada levemente pelas mil cabeças misturadas do seus passageiros. Mas aquela rápida visão mudara tudo a bordo do *Galileo,* reanimaram as esperanças de boa sorte, estimulando os cantos, os risos, a benevolência, a vida.

"Senhor!" ouvi dizer próximo a mim. Virei-me: era a moça de Mestre que tocava o garibaldino com o leque. Este se virou e a moça, com o rosto iluminado por um brilho da alma, apontando para ele com a mão descarnada o navio que se afastava, disse-lhe com sua voz doce: "Olhe a pátria".

17. In extremis

[103] De Amicis mudou o nome verdadeiro, *Sud America* para *Dante*.

Na manhã seguinte todos se cumprimentaram no convés com as mesmas palavras alegres: “Mais três dias!”. “Estamos na reta final!” “Depois de amanhã, então” Peculiar! Aquela benevolência incomum entre os passageiros nascia, em grande parte, da idéia de dentro em pouco poderem se livrar uns dos outros. O tempo estava bom, o ar morno. A proa parecia um vilarejo em festa. Lá encontrei o marinheiro corcunda, meditabundo, que segurava um par de botas. Parou e disse-me: *“Mulheres! É ruim quando choram mas é pior quando riem.”* E explicou-me o seu ponto de vista, que era fundamentado na experiência. Quando, ao longo do dia, havia sobre o navio uma alegria como aquela ali diante, seguia quase sempre que, de noite e de madrugada, havia algum um desespero. Para ele, entenda-se, e por aquela certa razão. Na noite passada, por exemplo, seria computada *lá em cima*. “Grandes coisas, então?” Perguntei-lhe. Levantou os olhos em direção ao céu. Em seguida disse: “Estou farto de ser alcoviteiro!” E se afastou, vendo que o agente se aproximava, e que também estava pensativo, atormentado por dois mistérios que não conseguia compreender: um, já dito, quem era o motivo do suspiro secreto daquela chata da pianista, de quem sempre captava no ar o olhar e mas nunca o olhado, como se fizesse amor com um espírito; e o outro, nunca ter visto nenhum indício, nem sequer leve, da cena que o comandante prometera fazer para a suíça. Era cômico ver aquele homem de cabelos brancos preocupado seriamente com aquelas duas insignificâncias, como um ministro diante de uma conspiração de estado. Dizem que o oceano engrandece a alma! No entanto, ele conhecia o comandante e, não era homem de fazer ameaças no vazio, num caso como aquele. Quem teria afastado a tempestade? Ah! ele haveria de descobrir, nem que tivesse que gastar o cérebro e ficar de tocaia três dias e três noites, como um caçador de tigres.

A boa disposição de ânimo dos passageiros favorecia seus estudos. Pouco depois das nove, quase todos estavam no convés e os grupos e suas atitudes permaneceram impressos nitidamente na minha memória como aqueles momentos em que nossa família se reunia antes do anúncio ou do acontecimento de um aventura doméstica. Os argentinos formavam um círculo próximo ao leme,

com o marselhês que se movia, fazendo gracejos, diante da portenha, que o ouvia com um duplo sorriso fino das mulheres que matiza com cortesia a zombaria. A família brasileira, sentada no lugar de sempre, movia silenciosamente seus doze olhos negros, como se visse todos os presentes pela primeira vez e aos pés da mulher, estava ajoelhada a negra como um cão. Perto do mastro, estavam de pé o ladrão, o estrangulado e o diretor da companhia de limpeza, que havia vários dias que estavam sempre juntos sem conversar como três amigos surdo-mudos. O advogado cochilava numa cadeira comprida, com um livro sobre a barriga. A loira estava sentada num sofá piando entre o tenor e o peruano, cujo joelho cobria com a saia estendida. Parecia que o contato com aquele tecido fizesse brilhar nos olhos graves do *quichua* a visão das mil e quinhentas sacerdotisas do Sol, mas daquelas do tempo da devassidão. No último banco no sentido da popa, estava a moça de Mestre, mais pálida do que nos outros dias exceto pelas maçãs do rosto que ardiam. Ela falava com uma espécie de excitação febricitante, mas com um sorriso de uma doçura inexprimível, para o garibaldino, sentado ao lado dela, com a cabeça poderosa e bela e um pouco inclinado, num gesto de homem triste, atento a uma música que lhe lembrava os tempos felizes, mas não lhe despertava mais nenhuma ilusão. Os outros passeavam, com passo vivo e irregular de gente alegre.

O horizonte estava encoberto por uma neblina leve e havia uma certa gravidade no ar, que fazia sentir de tempos em tempos a necessidade de se respirar profundamente. Mas a temperatura estava agradável em comparação àquela dos dias anteriores. Os argentinos diziam que já sentiam *los aires* da pátria. Deviam estar mais ou menos na latitude de Santa Catarina do Brasil.

Num dado momento, o genovês subiu ao convés, e esfregando as mãos, disse-me: “O barômetro está se abaixando”.

Para livrar-se do tédio mortal que carcomia sua alma, ele desejava até mesmo uma tempestade. Mas não devia ter razão a sua ave de mau agouro. O barômetro já havia descido outras vezes, mas o mar não havia se agitado. O povo diz isso do mar: que quando em paz, não se entende como se pode sair dela, como nunca

parece possível poder se aquietar quando está em fúria. O véu do horizonte, no entanto, ia se tornando mais alto e mais espesso. Agora era uma grande faixa de vapores acinzentados que estava para cobrir o sol. O mar cor de chumbo tornara-se revolto. Porém eu estava tão distante de prever um tempo ruim, que me divertia observando o advogado que, todo empertigado, movia sobre o inimigo um olhar lento, no qual se notava a crescente inquietação.Em seguida olhava na direção da cabine do comandante e mais longe na direção da cabine de comando. Um alvoroço estridente de pássaros me fez levantar os olhos. Eram gaviões que voavam em torno dos mastros. Aquilo realmente era um mau sinal. Mas o que fez mais sentido foi ver surgir no horizonte, de repente, uma imensa nuvem com uma forma bizarra, espessa, escura, bordejada de branco pela luz do sol empalidecido, e que se erguia rapidamente, lançando uma sombra tétrica sobre o mar, que começava a ferver. Estava quase frio.

Todos os passageiros já haviam notado a mudança. Os leitores haviam fechado os livros, todos os que estavam sentados se levantaram e olhavam o horizonte com aquele olhar com o qual se fixa o rosto de um desconhecido que vem até nós para tratar de um assunto grave. Um relâmpago e um ronco de trovão distante ao qual se seguiu uma balançada brusca, provocaram algumas exclamações: “E agora?” “O que é isso?” “Começamos mal”. As mulheres procuravam com os olhos o comandante. O advogado já havia desaparecido. Outros saíram de fininho. Isso foi suficiente para que vários daqueles que permaneceram demonstrassem um extraordinário bom humor e assumissem frente ao oceano atitudes de almirante fanfarrão, olhando as mulheres com o rabo dos olhos. O marselhês ia de grupo em grupo, dizendo alegremente: “*Ça se brouille, ça se brouille. Nous allons voir um joli spectacle*”. O espetáculo, de fato, parecia não querer esperar muito. A imensa nuvem já estava quase sobre nossas cabeças e outras nuvens se juntavam rapidamente, algumas delas compridas e finas, passavam sobre nós voando baixo parecendo tocar os mastros. Enquanto isso, o vento tornava-se mais forte e o mar começava a se agitar e o navio a dançar como jamais tivera feito até então e de tal forma que todos tiveram que se agarrar aos parapeitos e bancos. Alguns porém não acreditavam ainda que viesse uma tempestade. “É só uma

chuva forte", diziam. Mas aqueles que já tinha feito muitas viagens, sacudiam a cabeça e piscavam um olho.

Eu me lembro bem que, observando a mim mesmo, mais que aos outros, estava esperando com uma curiosidade psicológica quando e como sentiria algo que tanto nos envergonhamos de confessar. Eu me iludia que poderia perceber sua aproximação lenta, sem suspeitar que desabaria sobre mim de um momento para o outro, no ponto em que, na balança da alma, o prato do instinto de sobrevivência pesasse mais e mandasse o da curiosidade pelos ares. Enfim, em terra firme desejei muitas vezes ver-me no meio de uma tempestade marítima. Portanto, é uma sorte para o artista. Mas quando virei para olhar a pracinha, vi virem correndo para perto do comandante, oficiais, maquinistas, marinheiros, camareiros e o comandante gesticulando como se desse ordens urgentes e, em seguida, todos espalharem-se rapidamente para vários lados, e lançando-se para verificar os botes salva-vidas, para segurar as gaiolas, para fechar as portas, precipitando-se velozmente, abrindo caminho aos empurrões em meio à multidão que fugia sob os primeiros jatos d´água do mar, então, para dizer a verdade, procurei em mim o artista e não o encontrei mais. Aliás me pareceu que ele já havia fugido havia uns quinze minutos.

Os raios se tornaram mais freqüentes, os trovões roncavam mais forte, os bois mugiam. Olhei ao redor. Havia muitos rostos pálidos. Mas em alguns prevalecia ainda a curiosidade, em outros a recusa de ir se fechar na cabina. As mulheres apertavam os braços dos maridos. Os homens se sondavam de quando em quando com uma olhada, cada um tomando o ânimo e a altivez do rosto do outro, que lhe parecia pior do que supunha estar o próprio. De repente, uma esguichada violenta atingiu o convés e se ouvi dize um: "*Nom de Dieu*!" e em seguida uma risada forçada. O marselhês tinha ficado sem o chapéu e encharcado da cabeça aos pés. No mesmo momento, quatro marinheiros subiram correndo e levaram embora o sofá e as cadeiras. Em seguida,a veio o Comissário gritando: "Para baixo senhores! Vamos fechar o salão, apressem-se!". Então se ouviu um grito do

fundo da alma: “Ai, meu Deus! Meu Deus!” era a esposa. Não se pode imaginar como ecoa intimamente em todos aquele primeiro grito, aquela primeira irresistível confissão de terror diante da morte, do qual todos sentem desmascarar violentamente o estado de ânimo, que dissimulam para os outros e para si mesmos. Então houve uma fuga desordenada e apressada sob o chuvisco dos esguichos que já caíam por todo o convés, em meio a uma confusão de vozes engasgadas e discordantes: “*Oh Pablos! Pablos!”.* “Depressa, senhores, depressa.” Santa Maria bendita!” “Estamos perdidos.” “Meu Deus!”. “Diabos!” “Coragem, Nina.” “*Que relampagos!”* “Andem depressa, pelo amor de Deus!” Tive tempo apenas de ver as pontas dos mastros que desenhavam grandes arcos no ar, uma confusão infernal de pessoas na porta do dormitório da terceira classe, e fui empurrado para o salão. Uma mulher bateu e caiu na entrada. Por um momento vi o comandante na pracinha, como se tivesse envolto numa nuvem de água e ouvi distante o relincho de um cavalo. A entrada foi fechada e no mesmo instante uma esguichada gigantesca e muito próxima de um raio. Um movimento assustador da lateral do navio, que mandou uma parte dos passageiros para o chão e outra contra as paredes, tirou a última dúvida de quem ainda podia tê-la: era uma tempestade.

A maior parte, agarrando-se às mesinhas e à cadeiras fixas do refeitório, e cambaleando como se tivessem machucado a cabeça, dirigiram-se às cabines. Outros se jogaram nos sofás. Algumas mulheres choravam. O estrondo da embarcação e do mar encobria as vozes. Parecia quase noite. O lugar e os personagens pareciam mudados. Naquele momento todas as afetações, todos os aspectos falsos caíam por terra e aparecia embaixo nu o animal aterrorizado, completamente dominado pelo seu furioso amor pela vida, eram como que caras novas, vozes desconhecidas, movimentos e olhares que revelavam lados da alma não percebidos antes. Na meia escuridão dos corredores, onde todos procuravam tateando as próprias cabines, trombando uns nos outros, entrevi rostos descompostos de condenados à morte que, à primeira vista, eu não entendia de quem eram. Quando cheguei na minha toca, já se ouviam aqui e ali as primeiras

agonias de enjôo, vozes de choro chamavam as camareiras, portas batiam com estrondo, malas e caixas dançavam e batiam contra as divisórias. Era uma desordem e um vozerio estranho e lúgubre que se ouve quando se entra num manicômio, onde todos os hábitos da vida estão fora da normalidade. Uma balançada brusco de me lançou como um saco na cabine. A porta se fechou sozinha. Um raio me ofuscou e um pensamento repentino me gelou o sangue: “E se eu não conseguisse mais sair daqui?” Senti uma solidão imensa como se estivesse fechado na própria sepultura.

Sim, é a verdade, a mais pura verdade. Este é o pensamento que se cravou na minha cabeça, agudo, frio, imóvel, como uma verruma de aço, e todos os outros pensamentos e imagens que se seguiram na minha mente por várias horas ficaram apenas girando em torno deste de maneira vertiginosa. Uma fantasia expulsa cem vezes retornava cem vezes. Aquela do barulho que faria a água, irrompendo dentro, em quantos segundos chegaria à porta. O escuro repentino, a prima onda na garganta e aquela dúvida terrível, se sofreria por muito tempo. Eu tentava, de forma confusa, lembrar-me de notícias lidas e ouvidas sobre aquele tema que me confirmavam na esperança de uma agonia breve. Lembro-me que o pensamento de ter uma vez desejado por curiosidade uma tempestade me parecia uma coisa insensata, monstruosa, incrível, fora da natureza humana. Olha a realidade que você desejava, louco! Mas estes pensamentos separados dos esforços vigorosos que eu tinha que fazer para manter-me agarrado à borda saliente da cama, de joelhos no assoalho, que era a única maneira de não ser sacudido lá dentro como um rato na ratoeira e perturbado pelos estrondos ensurdecedores que vinham do salão, onde as vidraças dos armários, batidas, espatifavam-se e torres de pratos caíam e se quebravam. O piano, desprendendo-se da parede, ia para lá e para cá chocando-se nas coluninhas e nas mesas. Mas pior do que o ruído de um edifício ruindo, pior que os gemidos humanos, era o mugido do mar, era o rumor que faziam as partes do navio, um rangido sinistro de edifício deslocado de seus fundamentos, uma música de esguichos, de estampidos, de lamentos agudos, como se o corpo vivo do colosso sofresse e

gritasse e percorressem frêmitos de terror pelos seus ossos longos e finos, próximas de se romper. Tentava com afinco encontrar coragem com a estatística dos naufrágios, um em cada tantas milhares de viagens, ou sei lá, com a idéia da grande solidez daqueles navios enormes, que as ondas não podem despedaçar. Aquela música desmentia qualquer estatística e zombava de toda consolação. Enquanto isso o mar crescia mais, a chuva caía torrencialmente, os raios se intensificavam, os trovões rugiam quase continuamente, o navio dava pulos tão altos que, de olhos fechados, parecia que eu estava sobre um balanço gigante, que desenhava arcos de meia milha e, a cada vôo, eu perdia o fôlego, que recuperava apenas nos poucos instantes de calma que se davam entre um e outro. Aquele ser absolutamente à mercê de uma força prodigiosa que não deixava mais livre nem meus movimentos nem meus pensamentos, dava-me a sensação de uma fraqueza física inexprimível, como de um animal amarrado e bobinado no vazio de um guindaste colossal e a idéia de que aquele suplício podia durar dez horas, um dia, três dias, aterrorizava minha alma como o conceito de infinito. Ainda que, até uma certa altura, mantive a mente lúcida, tanto que me lembro agora mais ou menos do que pensei naquele ínterim. Mas acho que depois de uma ou duas horas, a fúria da tempestade cresceu além da conta, senti a cabeça muito perturbada e do que passei então saberia dizer pouco. Lembro-me da voz imensa do mar, mais estranha e mais aterradora do que a mais assustadora fantasia, uma voz como se fosse de toda a humanidade aglomerada e enlouquecida que gritava, misturada aos rugidos e bramidos de todas as feras da terra, aos fragores de cidades desabadas e urros de inúmeros exércitos, a explosões de risos de zombaria de povos inteiros e, no meio daquele som, o assobio do vento nos cordames, uma desordem de notas longas, sonoras e discordantes, como se cada nota fosse um instrumento tocado por um demônio, gritos de desespero e delírio que pareciam vir de prisioneiros de um cárcere em chamas, e silvos que faziam tremer como se ao redor das antenas se enroscassem milhares de serpentes furiosas. Numa balançada terrível se juntava um rufo tão violento que parecia que a embarcação quisesse deitar-se ora de um lado, ora de outro, a cada batida da onda na sua lateral, tudo, do convés à quilha,

tremia, como se tivesse batido num arrecife ou na dianteira de um outro navio e as tábuas ao redor davam um baque que fazia arrepiar da cabeça aos pés como o estampido de uma bala ou de uma lâmina de um machado que nos raspa as têmporas. Cada ondada parecia o golpe de um instrumento de artilharia gigante que desabasse sobre a embarcação e arrancasse dele um pedaço. Ouvia-se o baque tremendo de centenas de toneladas de água que caíam sobre o assoalho como se uma torrente se despejasse de uma grande altura e, em seguida, o barulho de cem correntezas em todas as direções, com a fúria de uma horda de piratas que tivessem tomado de assalto o navio. Alguns movimentos eu não entendia mais, não previa mais nenhum deles. Era como se eu tivesse sido pego a pontapés e a bofetadas, erguido, arremessado, chutado e revirado nas mãos de um titã. De repente, a máquina parava e silenciava, como se tivesse paralisada, a haste da hélice dava solavancos de terremoto, a hélice, arrancos interrompidos e loucos, e se ouvia de tempo e tempo que girava furiosa fora da água e, em seguida, mergulhava de novo com um baque terrível. Nos intervalos entre os barulhos maiores, ouviam-se acima passos apressados, campainhas elétricas, gritos, distantes de uma ressonância estranha, como ecos de um vale cheio de neve, e das cabines vinham choros estrangulados como de gente degolada, que vomitasse as víscera. A uma certa altura, houve um abalo de baixo para cima tão violento que a garrafa de água pulou para fora do seu suporte e espatifou-se no teto. Aquilo foi o início de uma nova e mais louca arrastação de objetos e de uma sucessão de vôos feitos pelo navio que eu achava que estava balançando do um cume de um monte a outro, sobrevoando um abismo incomensurável e, a cada nova descida, pensava que fosse a última e dizia para mim mesmo: “Agora é o fim”. Tinha ilusões claríssimas: isso, agora o assoalho se despedaça, as laterais se partem em dezenas de pedaços, os travamentos se rompem, a quilha se quebra, todos os ligamentos se despregam, todo o casco se desfaz. Ainda não? Então desta vez. Um caos de pensamentos, uma sucessão rápida de lembranças da vida, recentes e remotas, um turbilhão de caras e lugares em fuga, clareados cada um por um raio de luz clara, misturados e deformados como por uma congestão cerebral, seguidos de um acossamento igualmente rápido e

desordenado de saudades, de ternuras, de remorsos, de orações sem palavra, e tudo fugia e voltava, como se revirado pelo próprio vento da tempestade. Seguiam, de tempo em tempo, alguns breves intervalos de entorpecimento e como o alívio que dá no início a ação do clorofórmio, mas em seguida de novo o sentimento da realidade, tremendo mais que antes, e de repente, como se dois braços galhardos me sacudissem pelos ombros e uma voz brutal me gritasse no rosto: “Mas é você, você está aqui, e que tem que morrer!” Ah! Quanto me parecia absurda aquela idéia dos momentos comuns do que seja morrer de uma forma ou de outra!...Ah! Morrer de um bala no peito! Morrer numa cama, com as pessoas em volta, - sermos sepultados – ter um pedaço de terra onde os filhos e os amigos passam ir às vezes e dizer: “É aqui!” Às vezes todos aqueles pensamentos desapareciam e tinha a impressão de ouvir por alguns instantes que a tempestade começasse a diminuir um pouco a fúria. Mas uma onda nova e aterradora, um novo giro vertiginoso da hélice levantada, como se a popa pulasse para cima, me arrancava a ilusão. Lembro-me de uma repugnância invencível olhando o mar, uma sensação de calafrio profunda, como da vítima pelo assassino, quase como se naqueles momentos, tivesse de verdade, consciência de uma espécie de animalidade do oceano, e do seu ódio contra os homens, e que, aproximando-se da janelinha, eu tivesse que encontrar mil olhares horríveis fixando os meus. Olhava às vezes, mas desviava os olhos imediatamente, assim que entrevia os contornos monstruosos das montanhas negras que se aproximavam e perfis de muralhas gigantescas que arruinavam com um só golpe, e entre uma flecha e outra que riscavam de fogo o cúmulo assustador das nuvens tenebrosas, uma luz jamais vista no mundo, que não deixava saber se era dia ou noite, a luz indeterminada das paisagens dos sonhos, nas quais o nosso sol parece não resplandecer. E assim também a noção do tempo parecia estar nublada, e não saberia dizer quanto tempo a tempestade estava durando. Parecia que tivesse que durar um tempo incalculável, não sabendo imaginar um motivo suficientemente poderoso para aquela enorme agitação ter que acabar. Parecia incrível que nem todo o oceano e nem todo o mundo estivesse naquela confusão e que pouco distante e pouco abaixo de nós houvesse águas tranqüilas e pessoas

sobre a terra que cuidavam em paz as próprias ocupações. Mas enquanto esses pensamentos passavam pela minha cabeça, que eram como um breve suspiro da alma, de novo outra onda, como um tiro de canhão da costa, um outro estremecimento do navio, como uma baleia ferida no coração, outro estrondo de travas, de assoalho, de mesinhas que rangiam e gemiam, a sensação da iminência do desastre, a morte à porta, uma despedida de tudo, a angústia de um ano em um minuto. Deus eterno! Quanto vai durar esta agonia?

Durou muitas horas. Haviam se passado sete ou oito, suponho, quando a ilusão, perdida e renascida continuamente, de que a borrasca se enfurecia, pareceu-me que durava mais que das outras vezes, em seguida se transformou numa esperança na qual a razão ainda se recusava crer, mas que todos os sentidos iam pouco a pouco confirmando. Os movimentos do navio eram ainda impetuosos, mas aquele assobio odioso e aquele miado enraivecido dos cordames pareciam ter se aquietado um pouco e a batida da onda, se não diminuído de força, ao menos era menos freqüente. Considerei um bom sinal sentir novamente todo o corpo dolorido pelos movimentos acrobáticos aos quais tinha sido obrigado durante tanto tempo, já que até então não tinha notado, e sentir de novo curiosidade em saber o que tinha acontecido e acontecia ao meu redor. Entre os baques das tábuas e os mugidos do mar, ouvi o choro do menino brasileiro e outros chorinhos, também infantis, mas que deviam se de mulheres. Vozes ansiosas chamavam de vários lados os camareiros, sinos tocavam, baús viajavam ainda pelos corredores como se dentro deles pulassem muitos animais enraivecidos. Esperando o momento certo para não esmagar o crânio contra uma parede, dei um impulso e me agarrei-me à quina da porta, para olhar para fora e vi dois ou três corpos humanos se moverem, segurando aqui e ali, andando e cambaleando como bêbados, com roupas desalinhadas e cabelos desgrenhados, entre eles o marselhês, cujas feições transpareciam um medo maldito, já em grande parte superado, mas que não quer acabar de passar. De vez em quando, de fato, uma pulo do navio e um estrondo instantâneo como se dez travas despedaçassem, me faziam ir para trás e procurar de novo a cama com as duas

mãos, com terror que a dança recomeçasse mais endiabrada que antes. Entre uma e outra intensificação, estiquei os ouvidos na direção da cabina do lado curioso para ouvir se a angústia do perigo comum tinha distendido um pouco a corda tensa do ódio entre os meus vizinhos. Fiquei um momento surpreso, ouvindo uma respiração entrecortada e gemidos freqüentes que podiam fazer suspeitar de uma reconciliação amigável, mas de repente me desenganou uma voz acelerada que soprou estas palavras: "Você esperava que tudo tivesse acabado, não é verdade??". Mas não ouvi resposta. A primeira nota encorajadora que ouvi foi uma risada de várias vozes, que veio dos lados argentinos. De cara, ouvi a voz do tenor, uma tentativa de gorjeio, interrompido bruscamente por um baque surdo, que me apareceu uma cabeçada. Em seguida, por algum tempo, não ouvi vozes humanas. O estrondo da embarcação e do mar ainda era ensurdecedor e o balanço, tão forte, que podia abater um quadrúpede. Mas se podia tentar uma saída. Agarrando-me aqui e ali, premeditando bem cada passo. Consegui arrastar-me até o cruzamento dos corredores. Que espetáculo! Pelas portas das cabina que se abriam e se fechavam continuamente, via-se uma indescritível desordem de malas, travesseiros, roupas, cabeças trêmulas sobre bacias, corpos estirados como cadáveres, pernas de mulheres descobertas até o joelho, roupas desabotoadas no peito, rostos brancos, lenços e garrafas espalhada sobre o assoalho. Encorajado pela diminuição dos movimentos, virei no corredor principal e dei de cara com o genovês, que avançava aos trancos, ao longo da parede, com a cabeça enfaixada blasfemando. "O que houve?" perguntei. Respondeu segurando um pedaço de vela. Em seguida explicou: estava morto de fome, havia subido até a dispensa para pegar duas fatias de presunto, *um rostin,* uma coisa de nada, enfim, e na parte melhor, um pulo do navio o havia atirado com a testa contra a quina da cristaleira e havia feito aquele corte. Naquele ponto veio uma voz clara das cabines dos argentinos:

Hijo audaz de la llanura
Y guardian de nuestro cielo...

Aqueles tristes cantavam para o vento dos pampas, ao qual deviam aquelas oito horas de morte. Mas o vento parecia ter parado quase completamente, ainda que o mar continuasse agitado. Caras aparvalhadas despontavam nas portas, com expressão interrogativa e depois entravam novamente depressa. Uma voz,que me pareceu ser a do segundo oficial, gritou do alto da escada: “Passou senhores!” e responderam-lhe várias exclamações dos camareiros: “Ah! Meu bom Deus! “Mas é verdade mesmo?” “Laudate Dominum!” Que o diabo te carregue!” Mas um frêmito de vida percorria todos os lados como um cemitério subterrâneo, onde os mortos começavam a esfregar os olhos e a esticar os braços. Senti que me tocavam os ombros. Era o agente, em roupas de dormir, com um hematoma no queixo, mas alegre. “Ah! Que cena!” disse, ouvi tudo.” Falava do casalzinho. No momento do perigo começaram a rezar e em seguida despediram-se soluçando. Ele pedira perdão por tê-la induzido àquela viagem. Tinham se dado um beijo supremo, aliás muitos beijos supremos. “*ah Nina mia! Ah! Moe poveo Gêumo!”* E...nada de espanhol, ah não, de verdade! Dito isso, desapareceu, mas voltou um minuto depois, em zig zag, fazendo um sinal para eu fosse depressa que havia uma grande coisa para ver. Eu o segui como pude. Parou diante da cabine do advogado, que estava aberta e me disse para olhar, dando uma risada. Ah! Um monstro nunca visto! Eu não reconheci imediatamente uma criatura humana naquela coisa disforme que vi distendida no assoalho, do qual vinha um ganido como faz Ernesto Rossi sob os despojos de Luigi XI abatido por Nemours. O advogado, de bruços, ensacado em não sei qual roupa de salva-vidas inglês ou americana, embutido de cortiça, tinha uma corcova no peito e uma nas costas, recobertas por uma espécie de couraça de algodão resistente, e uma coroa de bexiga inflada ao redor do busto, que lhe dava a aparência bizarra de um animal peitudo, caído no chão inconsciente, vencido pelas dores por causa de um excesso de leite. Aquela carga enorme de ridículo sobre aquele pobre homem tão desfeito e tão infeliz despertava uma infinita compaixão. O agente inclinou-se para chamá-lo à vida e eu, condolente, o deixei no escritório.

Com dificuldade subi ao salão onde já estavam muitos passageiros: o marselhês, o moleiro, o toscano, o vendedor parisiense, o padre alto e outros. Nenhuma mulher. Brilhavam ainda alguns relâmpagos, mas os trovões estrondavam cada vez mais raros e mais distantes. O mar ainda negro e alto e ninguém conseguia parar de pé. Admirável natureza humana! Pelo modo como se comportavam as pessoas, mesmo aquele acontecimento da tempestade tinha se convertido em satisfação do amor próprio como se o fato de não ter afundado fosse conseqüência do valor pessoal de cada um e todos experimentavam, desde de então, o orgulho com que, muito tempo depois, ao longo de toda a vida, contariam como enfrentaram aquele perigo sem medo. Causava perplexidade a desenvoltura com que mais de um, que eu vira pálido como um moribundo, colocava a máscara da coragem para aqueles mesmos para os quais sabiam ter mostrado pouco antes sinais evidentes de terror. Alguns mudavam. Alguns caminhavam de uma mesa a outra ostentando *piede marino,* e riam de tudo ainda com os lábios cheios de sangue. O marselhês dizia: "*Je me suis enormément amusé".* O moleiro fingia ler o diário de bordo! Os camareiros enquanto isso davam as primeiras notícias. O mar havia levado embora muitos botes salva-vidas, arrancado e virado as gaiolas dos perus, afogado dois bois, amassado o cancelo do casco da proa. Um marinheiro, arremessado contra o mastro do traquete, tinha se ferido gravemente na cabeça. A taberna fora destroçada. Mas o poderoso corpo do *Galileo* não havia sofrido outros danos e não havia parado um minuto. Diante daquela notícia, renascia e se via resplandecer nos olhos de todos o sentimento já humilhado do orgulho humano, a fé ardorosa na obra da indústria e da ciência dos próprios pares, sobre a qual aquela enorme força do oceano hostil não pudera senão ameaçar e insultar, que havíamos notado levemente e já tínhamos esquecido. Só o fato de abrir a porta da sala, que equivalia dar a permissão para sair, fez com que todos suspirassem de satisfação, como se somente então tivessem certeza de que tudo havia se acabado.

Ah! Olha lá, o terrível animal de novo! Vamos nos olhar de novo cara a cara. Mas como ainda era feio e agourento! Grandes ondas pretas, branquejavam de

espuma nas cristas, tumultuavam, restringiam o horizonte de todos os lados, sob um arco de nuvens tenebrosas, cortado aqui e ali por rasgos cinzas de luzes crepusculares, como se fosse agitado por inúmeras nuvens subjacentes, muito ágeis e malignas que quisessem recomeçar a luta. O navio estava todo molhado como se naquelas sete ou oito horas tivesse ficado submerso de uma ponta a outra. Por toda parte, corriam regos e aumentavam manchas de água suja. Os tetos, as paredes, os mastros, os botes pingavam como se estivessem suados pela batalha. Os marinheiros se agitavam ainda na popa e na proa, com grandes botas, ensopados da cabeça aos pés com os cabelos grudados na testa e no pescoço, exaustos pelo trabalho. Encontramos na passagem coberta o comandante todo vermelho, suado e bufando, que passou ao nosso lado sem nos ver. Batendo os ombros e os quadris nos dois lados da passagem, chapinhando na lama cor de carvão, esbarrados por pessoas atarefadas da tripulação, chegamos à proa.

Aqui havia muita gente que já tinha saído dos dormitórios, que se segurava nos cabos estendidos de través no convés para o uso dos marinheiros e tinham um aspecto compassível de uma multidão que fugia havia quinze dias de um exército invasor. O Comissário, que tinha descido mais vezes no dormitório, fez-nos algumas descrições de partir o coração e de dar náusea. Tinha visto lá embaixo massas intrincadas de corpos humanos, uns em cima e outros atravessados, com as costas sobre peitos, com os pés contra os rostos e saias para cima, emaranhado de pernas, de braços, de cabeças com cabelos soltos, que se arrastavam e rolavam sobre o assoalho imundo, num ar fedorento, onde vinham de todos os lados choros, ganidos, invocações de santos e gritos de desespero. Mulheres ajoelhadas em grupos com as cabeças inclinadas, rezando o terço, batendo no peito, algumas faziam promessa em voz alta de irem descalças a certos santuários, assim que voltassem para a pátria. Outras queriam a todo custo confessar-se e suplicavam chorando para o Comissário que mandasse chamar o frade que, enquanto isso, estava confessando muitos no dormitório dos homens. Várias mulheres tinham implorado para irem se despedir antes de morrer e outras

para subir um momento no convés, um instante, apenas para jogar no mar uma imagem de santo ou uma cruz que acalmaria as ondas. Houve até quem lhe ordenasse em nome de Deus para virar o navio para voltar para a Itália. Uma delas das mais aterrorizadas tinha sido aquela falsa leoa da bolonhesa, que soluçava e se descabelava maldizendo o destino, como uma atriz de circo. Contava também exemplos de medo ingênuo. Uma pobre velha chamara do seu leito, e com a voz estrangulada pelo choro, colocou setenta liras de prata nas mãos dele, suplicando que, já que o destino era afundar, que ele fizesse a caridade de fazer chegar aquela soma ao irmão, no Paraná. Como se por acaso algum desastre ocorresse, fosse uma lei da natureza que os oficiais devessem chegar salvos ao destino. Uma pobre camponesa, caindo da cama do segundo andar, tinha abortado. Outras, pelo susto, tinham ficado mudas e emitiam apenas vozes inarticuladas e gestos delirantes. Naquele momento ainda havia muitas que não queriam acreditar que tivesse acabado o perigo e que estavam ainda agarradas convulsivamente às camas, recusando qualquer palavra de consolo.

Pobres mulheres! Davam mais compaixão ainda porque não escondiam por orgulho a própria alma. Aquelas que já tinham subido ao convés, algumas com a cabeça enfaixada, muitas com inchaços no rosto, todas destruídas e como que atoleimadas, olhavam o mar com aquele olhar que dizem ter os groelandeses, quase petrificados pela visão habitual de um infinito lúgubre, davam uma dolorosa imagem do estado ao qual deviam ter se reduzido aquelas de baixo. A vivacidade loquaz que acontece quando se escapa dos perigos não nascera ainda. Todos estavam ainda agitados de forma que a cada onda maior, a cada balançada forte do navio, afastavam-se dos parapeitos, remexiam-se, prontos para recair no terror de antes e moviam os olhos dilatados em direção à cabine de comando, para consultar o rosto dos oficiais. Começaram a acalmar-se apenas quando viram sair da máquina com os dorsos nus e os rostos chamejantes e suados, orgulhosos pela própria vitória, os maquinistas que faziam o revezamento e estavam indo descansar de seu trabalho extra, pois durante a tempestade, todos tinham sido chamados. Aqueles que trabalhavam junto ao fogo tinham que ser segurados de

pé pelos braços pelo outros companheiros, para não baterem a nuca nas caldeira ou queimarem o rosto nas fornalhas.

Mas quando despontaram as primeiras estrelas, a despreocupação e a alegria renasceram, e foi tanta falação que parecia que todos os mil e setecentos passageiros falavam ao mesmo tempo.

Todos descreviam, todos contavam e eram histórias de sofrimento, intermináveis e dez vezes repetidas, de mil pequenos incidentes de nada, que o medo havia agigantado na imaginação de cada um, e que assumiam no exagero da conversa a importância de fatos dignos de poema e de história. Metade dos passageiros, esquecendo ou negando o próprio medo, pintava com cores cômicas ou fingia desprezar ou talvez desprezasse realmente o medo da outra metade. Após o jantar, ouviu-se um alvoroço extraordinário de cantos e de gritos de bêbados. No nosso refeitório também houve festa. Todos comeram abundantemente como lobos, contentes da vida, mofando do mar. O almoço terminou de maneira engraçada com um brinde feito pelo marselhês ao *sangue frio* do comandante, com o tom e o sorriso de um entendido. Mas o advogado não estava. E para a tristeza de todos, faltava também a moça de Mestre, que naquelas oito horas de fadiga, tinha ficado profundamente abalada e havia golfado sangue.

18.Amanhã!

Na manhã seguinte, o céu e o mar estavam esplêndidos e toda a população do *Galileo* se movimentava, porque se o tempo continuasse bom, chegariam na América na noite seguinte, talvez ainda em tempo para desembarcar e era preciso preparar as coisas com calma, e combinar um pouco com os amigos e conhecidos sobre o que fazer. O mais difícil de se fazer era a inscrição para o desembarque, ou seja, decidir se convinha ir ou não apresentar-se ao Comissário para se colocar entre aqueles que pretendiam aproveitar as ofertas do Governo

argentino, que pagava as despesas do desembarque aos imigrantes que pedissem, e lhes dava alimentação e abrigo por cinco dias e, para aqueles que iam para as províncias do interior, viagem gratuita. Aquele gesto de inscrever-se ou não era chamado pelos emigrantes de " declarar querer *estar* ou não *com a emigração".* Certamente as vantagens eram grandes, mas eram grandes também as desconfianças, uma vez que aquela generosidade do Governo (era um governo!) levantava suspeita que fosse alguma cilada e que aceitá-la, entre outras coisas, significasse vincular desde então a própria liberdade em relação aos lugares e às condições dos contratos. Apesar disso, a maior parte aceitava, e havia uma procissão contínua ao escritório do Comissário, que parecia ter se transformado numa agência. Entravam e, dando o nome, estropiavam de cem maneiras a única palavra difícil que tinham que dizer: "Ponha meu nome com a *a*migração." "Aceito a *an*migração". "Vou com a *ini*migração". Ou então, sem mais: "Fulano de tal, *mi*gração". No entanto, muitos iam, mesmo sem ter tomado uma decisão, como quando se vai pedir uma opinião a um homem da lei e, depois de obter muitas informações, recusavam. As mais perplexas eram as mulheres. Quase todas paravam para refletir mais uma vez na porta, coçando a cabeça, como se tivessem tratado do destino de toda a sua vida. Algumas, após terem dado o nome e saído, voltavam depressa meia hora depois para cancelar porque tinham sabido que o governo *traía.* E a esses juntavam-se outros emigrantes, que vinham pedir informações sobre a alfândega, se deveriam pagar ou não por ela e também se havia forma de esquivar-se da inspeção, por indulgência ou por astúcia. Comovia ouvir que se tratava de presentes, que traziam para parentes ou amigos da América. Uma garrafa de um vinho *especial*, um queijo-cavalo, um salame, um quilo de massa de Gênova e de Nápoles, um litro de óleo, uma caixa de figos secos e até um punhado de feijão, mas daquele colhido em casa, daquele canto, daquela horta de que o parente ou o amigo devia se lembrar com certeza. Vinham perguntar se deviam pagar algum imposto por um pífaro, uma gaita de fole, um melro, uma caixa cheia de frigideiras e panelas usadas. Todos pareciam tomados pelo terror da alfândega de Montevidéu e de Buenos Ayres, das quais tinham ouvido contar coisas fabulosas e falavam como se fosse a travessia de

uma floresta de má fama, onde havia um bando numa emboscada para deixá-los sem nada. Mas aqueles que mais despertavam compaixão eram os doentes e alguns velhos sozinhos. Os primeiros estavam temerosos que o abatimento desse na cara para o médico americano, na consulta da chegada, e que este os mandasse para um lazareto. Outros, atormentados pela dúvida de que não conseguissem subir a bordo a tempo, segundo ouviram, um filho ou um parente próximo, que devia dar a garantia de seus meios de subsistência, sem a qual, justa a lei argentina, que recusa bocas inúteis de sessenta anos, não poderiam desembarcar. Tanto uns quanto outros vinham perguntar ao Comissário, ansiosos, o que aconteceria a eles em ambos os casos de desgraça, e saíam tristes e cabisbaixos.

O Comissário escrevia, escrevia e se viam passar diante dele os protestantes da *montanha*, um após outros, aos quais tinha repreendido, as moças que o tinham esquentado a cabeça com seus amores, as mães que o tinham aborrecido com ciúmes, os apaixonados despudorados, as comadres que faziam escândalos, os briguentos que tinha sido obrigado a apartar e a punir. A cada um demonstrava reconhecer com sorrindo ou meneando a cabeça, ou com uma boa palavra. Eu, ao lado dele, não me cansava de olhar aquela cabine cheia de registros e tabelas, pensando em quantas história de misérias e mentiras romanescas de moças, e iras de brigões e prantos de mulheres já ouvidos. Mais que outra coisa me chamavam a atenção os sacos de correio amontoados num canto, amarrados e lacrados. Porque lá estavam os fragmentos do diálogo de dois mundos. Sabe-se lá quantas cartas de mulheres que pela terceira ou quarta vez pediam dolorosamente notícias do filho ou do marido, que não davam sinal de vida havia anos. Súplicas para que voltassem ou as chamassem para vir encontrá-los. Pedidos de socorro, avisos de doenças e de mortes. Retratos de rapazes que os pais não reconheceriam, chamados desolados de noivas, mentiras despudoradas de esposas infiéis e últimos conselhos de velhos. Tudo isso misturado a enormes cartas empedernidas de cifras de banqueiros, a cartas de amor de bailarinas e coristas, a prospectos de comerciantes de vermute, a maços de jornais esperados

pela comunidade italiana, ávida por notícias da pátria. Talvez até a última poesia de Carducci ou o novo romance de Verga. Uma confusão de folhas de todas as cores escritas em cabanas, em palácios, em oficinas, em sótãos, rindo, chorando, tremendo. Todos aqueles sacos seriam espalhados entre poucos dias desde a foz do Prata aos confins do Brasil e da Bolívia, até às margens do Pacífico, no interior do Paraguai e pelas encostas dos Andes, suscitando alegrias, remorsos, dores, temores, que depois, por sua vez, comprimidos em outros sacos, fariam a mesma viagem na direção oposta, amontoados numa outra cabine como aquela, onde veriam passar outras procissões de pessoas pobres, que voltavam ao velho mundo, talvez menos pobres, mas não mais felizes de quando o tinham abandonado com a esperança de uma melhor sorte.

Enquanto isso, a procissão continuava. “fulano de tal: está com o Governo.” “ Beltrano: com a *mi*gração.” “Sicrano: des*a*mbarque e asilo.” O trabalho foi interrompido por uma aparição repentina da bolonhesa, que vinha com toda a fúria reclamar de uma nova e sangrenta ofensa de um pobre coitado que, passando ao seu lado e tocando sua bolsa misteriosa, havia dito a ela, numa evidente alusão àquela determinada suposição que não podia se repetir: “Pagam alfândega”. Ela o queria ver na cabine de comando com os pés e as mãos amarradas, ou proclamaria diante de todos os Cônsules da América que os oficiais do navio protegiam todos os *boletári* de terceira classe para aviltar moças honradas. Estando próxima da América, não falava mais do parente jornalista. O Comissário a rebateu, sem alterar-se, prometendo que, acabada a inscrição, faria justiça e virou na direção de dois camponeses irritados, que voltavam para cancelar seus nomes da lista, para não cair nas mãos daqueles ladrões patifes, que se ofereciam para desembarcar de graça os emigrantes para serem os primeiros a roubá-los e a fazer propostas sujas para suas mulheres. Evidentemente eram notícias recolhidas frescas na proa, onde os agitadores trabalhavam para esquentar as cabeças. De fato, indo lá, vi o velho do casacão verde discursando no castelo da proa no meio de uma platéia maior que o comum, apoiando-se, talvez por simpatia política pela cor vermelha, à âncora de esperança e balançando os cabelos

grisalhos ao vento. A bronca do comandante por causa do protesto dos quarenta e sete não o havia intimidado, como dava para se notar. Ele tinha respondido que *iria aos jornais.* Agora, a proximidade da terra da liberdade o tornara ainda mais ousado, e não só não abaixava mais a voz quando algum explorador do povo passava por aqueles lados, como também a aumentava, rouca e rude, como o som de um trombone, esticando os nervos do pescoço e enrugando a pele. Ele fazia admoestações que davam a entender que não estava fazendo aquela viagem pela primeira vez: que tomassem cuidado com os argentinos, com os aliciadores da colônia italiana, com os Cônsules, com os pretores de todas as cores, que estavam todos conluiados, todos velhacos que comiam gordo às custas da imigração. Que ficassem atentos, principalmente no desembarque, às bagagens, que eram roubadas debaixo dos olhos. Que não perdessem de vista as esposas e as filhas porque haviam já ocorrido casos abomináveis de violências praticadas pelos agentes do governo, à luz do dia, sob os olhos dos pai e da mães. E nada de abrigos, que eram barracas caindo aos pedaços, onde chovia sobre as camas, não davam de comer, ou colocavam na sopa porcarias para os deixar abobalhados, e fazendo com que um homem não soubesse mais somar dois mais dois. Então vinham uns biltres propondo contratos. “Fiquem alerta, filhos!” gritava, “Bem alerta, ou serão assassinados pior do que na própria pátria! Ai de quem confiar!” Mas não era o única a arengar. Outros grupos aqui e ali estavam ouvindo outros oradores, surgidos naquela manhã. No castelo central, o ex-cozinheiro doutor, que tocava ocarina, fazia discurso. Ele tinha visto de tudo, sabia todas as coisas, tinha um conselho franco e seguro para todos que, para onde quer que fossem na América, como se tivesse já vivido em todos os lugares, por muitos anos e tivesse feito todo tipo de trabalho. Dizia das ciladas perversas que armavam para os emigrantes que tinham alguma coisa. Doação de terras distantes por um pedaço de pão, terras férteis e irrigadas onde se tornariam ricaços em dez anos, e os ingênuos, esvaziando a bolsa e chegando lá, encontravam desertos de areia, um ar fétido, índios a poucos milhas, onças ao redor à noite e cobras de cinco metros que se enfiavam nas casas. Obrigados a fugir da fome, tinham que viajar a pé por centenas de milhas antes de encontrar

um lugar habitável, flagelados pela chuva durante semanas inteiras e levados por ventos infernais que arrastavam cães e vacas como folhas secas. Diante daquelas conversas, alguns, suspeitando do exagero, erguiam os ombros e saíam de perto. Muitos, no entanto, sorviam tudo e ficavam preocupados, com os olhos no chão. Em outros grupos, porém, pregavam os otimistas: um mundo novo, nada de impostos, nada de alistamento militar, nada de tiranias. A terra germinava só em ser tocada com o arado, a carne a cinqüenta centavos o quilo, cidades de quatro mil habitantes, onde não se via a carranca de um "fidalgo". Citavam casos de fortunas rápidas, tulhas repletas, de lavradores que pagavam um professor só para os filhos. "Viva a América! Vocês vão parar de se atormentar, *sangue d´un cane!"*

Naquela preocupação geral se percebia, à primeira vista, que a alma feminina tinha passado para segundo plano, que muitos amores tinham sido deixados no melhor da festa. Não se viam mais todos aqueles adoradores de olhos fixos, que chocavam durante horas as amadas, ou as rodeavam durante metade do dia para ter um momento para dizer-lhes uma palavra ao ouvido ou uma toque no braço. Mas aquela preocupação deixava mais livres os poucos que permaneceram fiéis. Entre estes notei o pobre escrivão de Módena, que retornara à antiga contemplação posicionando-se um pouco mais distante atrás, mas mais imóvel, mais estático, apaixonado de forma ainda mais extasiada que antes, como se os maus-tratos, as amarras e as humilhações, pobrezinho, não tivessem feito outra coisa que tornar para ele mais bonito e caro o objeto adorado pelo qual sofrera tudo. Eu o observei por um tempo da cabine de comando e não o vi mover nem o pescoço nem se inclinar, nem desviar os olhos, se não por um instante, da moça, que estava sentada no mesmo lugar, consertando meias, ao lado do irmão pequeno, ereta sobre seu belo torso de virgem saudável e robusta, mais branca, mais limpa, mais fresca que nunca. Tinha sempre aquele rosto plácido, havia vários dias se tornara levemente turvo, mas não demorei a notar que aquela humilde e incansável adoração daquele pobre rapaz, sozinho, fraco, feio, zombado, devia ter despertado nela um sentimento de piedade e de benevolência

de amiga e irmã, que ela talvez achasse que devia deixar transparecer, por gratidão, porque, no momento em que eu estava para me afastar, enquanto ela movia aquele mesmo olhar tranqüilo, vi seus olhos se fixarem por alguns instantes, com uma expressão claríssima de bondade e de simpatia – e não me pareceu ser a primeira vez, - aquele rosto. Ah! Deus do céu! Ele brilhou como um espelho ao sol, enrubesceu, estremeceu inteiro e depois deu um grande suspiro, passando a mão na testa e olhando ao redor, como se estivesse surpreso que todo o navio não tivesse percebido o prodigioso acontecimento.

Mas ninguém ao redor prestava atenção. Aquela fixação de todos numa preocupação apenas deu-me a oportunidade de circular um pouco, livremente, em meio à multidão e de ouvir trechos de algumas conversas. Aquela iminência da chegada havia finalmente despertado em quase todos uma certa curiosidade de saber algumas coisas sobre as cidades e as províncias onde iriam se estabelecer e muitos perguntavam ora um ora outro oficial, ou os passageiros mais instruídos, mostrando cartas amassadas de parente e amigos, gesticulando e dando-as para que lessem. E as reliam também junto com eles, com aquela consideração fora do comum que demonstram as pessoas não letradas, ou quase, por toda espécie de documento escrito, no qual supõem que haja sempre alguma possibilidade de interpretações várias e sutis. Eu ouvia muitos pronunciarem aqueles nomes de colônias agrícolas que para mim deviam ser agradáveis: Esperanza, Pilar, Cavour, Garibaldi, Nuova Torino, Candelária. Mas santo Deus, dava pena ver a ignorância tenebrosa na qual iam às cegas quase todos eles, sem a menor idéia da divisão dos Estados e das distância, como se a América do Sul fosse uma ilha de cem milhas de perímetro, onde todas as cidades ficavam a um disparo de fuzil uma da outra. Buenos Aires, Tucuman, Mendoza, Assunção, Montevidéu, Entre-Rios, Chilì, Estados Unidos, formavam na cabeça da maioria um indescritível e inextrincável imbróglio de idéias falsas ou obscuras, onde o homem mais consciente e paciente do mundo não saberia como começar para colocar um pouco de ordem e um facho de luz. A idéia de que muitos deles, os mais jovens, tinham até freqüentado a escola e tinham aprendido a ler e a escrever me deixava

desanimado. Aqui e ali nos grupos de família, calculavam as despesas nos dedos. “Então, cinco para o desembarque, três para a taberna, vamos pôr para o primeiro dia...” mais a frente: “*Vapurino pe Rrusario, quattro pezz´e mèza, tanto; nu muorz´e pane pe´u viaggio, restano cinche ducate, senza cuntà ´e scarpe pe Ciccillo*”. Ouvi, entre outras coisas, corriam más notícias sobre a moça de Mestre, à qual se dirigiam alguns para pedir conselhos e recomendações. Falavam de uma recaída grave. Alguns acreditavam que estivesse moribunda. Algumas mulheres diziam que já tinha morrido, mas que guardavam segredo porque o culpado (como não sabiam) era o comandante. O camponês de Mestre me pediu notícias ansioso. Toda a sua família havia se encantoado no antigo lugar, entre a gaiola e o tonel, sob uma tenda de panos estendidos para enxugar, sob cuja sombra estava o pequeno Galileo, vermelho como um camarão, mamava como um bezerro, nos braços da mãe sorridente. “*Ah! Coitadinha!”* exclamou o camponês. *“É uma desgraça que devia acontecer só a um anjo com aquele! Ela é boa demais, não podia ter vida longa.”* A mulher acrescentou: “*Diga a ela que vamos rezar por ela, a nossa madrinha, que Deus a abençoe!”.* - Ele tinha fé no governo, tinha se inscrito com a *amigrazion*, não podia acreditar em todas aquelas *bobagens* que estavam dizendo aqueles *doidos* do castelo da proa. – Em seguida me perguntou se era verdade o que dizia o ex-cozinheiro sabichão do castelo central, que do Equador para baixo a água na qual se navegava era boa para beber por causa do grande rio da América que jogava para trás as ondas do mar. Mas se interrompeu para exclamar: *“olha lá os nossos novos patrões!”.*

Eram os cinco argentinos, na companhia do padre napolitano que, pela primeira vez, vinha à proa para dar uma olhada em seus hóspedes. O padre tinha que explicar ao deputado um projeto seu de empreendimento financeiro, porque falava forte, agitando a mão como um leque: “...*se encontrássemos os acionistas para um grande banco agrícola-colonizador...”* Juntei-me a eles, impelido por uma maior simpatia, naqueles últimos dias, pelos filhos daquele país no qual tantos compatriotas meus estavam confiando os destinos da própria vida. Procurava no rosto deles impressões do ânimo. Mas eles olhavam e não diziam nada. Os olhos

deles, por outro lado, revelavam, em cada gesto, uma satisfação do orgulho que eles sentiam por ver toda aquela gente, que ia pedir sustento na pátria deles, a maior parte para sempre, cujos filhos que viriam, nascidos cidadãos da república, falariam a língua deles e não aprenderia mais a própria demonstrando talvez vergonha, como muitas vezes acontece, da própria origem estrangeira. Eles talvez, olhando-os, imaginavam todos aqueles *comedores de terra* e comerciantes ligúrios no trabalho e viam reluzir barcos carregados pelas águas do Paraná e do Uruguai, estenderem-se por entre as florestas novas estradas de ferro dos estados tropicais, erguerem-se canaviais nos campos de Tucuman e vinhedos nas colinas de Mendoza e plantações de tabaco no Gran Chaco e casas e edifícios surgirem aos milhares, e miriâmetros quadrados de deserto verdejarem e dourarem sob a chuva dos suores deles. Uma onda de coisas me veio então à boca, para dizer-lhes. Vocês recebem bem essa gente? São voluntários valorosos que vão engrossar o exército com o qual vocês conquistam um mundo. São bons, acreditem, são trabalhadores, vocês verão, e sóbrios e pacientes que não emigram para enriquecer, mas para dar de comer aos filhos e que amarão facilmente a terra que dará a eles a sobrevivência. São pobres, mas não por não terem trabalhado, são incultos, mas não por culpa deles, e orgulhosos quando se menciona seu país, mas porque têm uma consciência confusa da grandeza e da glória antiga e, às vezes, são violentos. Mas vocês também, filhos dos conquistadores do México e do Peru, são violentos. Deixem que amem ainda e se orgulhem de longe da pátria deles, porque se fossem capazes de renegar a própria, não seriam capazes de amar a de vocês. Protejam-nos dos traficantes desonestos, façam justiça quando a pedirem e não os façam ouvir que são intrusos e tolerados em meio a vocês. Tratem-nos com bondade e com amabilidade. Seremos muito gratos! São nosso sangue, nós os amamos, vocês são uma raça generosa, nós os recomendamos a vocês com todo o nosso ânimo!

Não sei que contenção boba, que naquele caso mais que boba, era vil – me impediu de dizer aquelas coisas. Eles teriam me ouvido com perplexidade, certamente, mas talvez não sem emoção. O mar estava tão bonito! Parecia que

cada um tivesse que refleti-lo dentro de si. Desde cedo, tinham sido vistos veleiros e barcos de países diferentes, em direção ao Prata e vários bandos de pássaros tinham vindo ao redor do *Galileo* gritando as boas-vindas. Acabada aquela confusão para a inscrição, todos tinham se aquietado, e se mostravam inclinados à benevolência. Muitos emigrantes que tinham obtido a permissão para entrar na primeira classe para procurar assinaturas para duas rifas, de um relógio de prata e de uma velha gravura de Nossa Senhora, em benefício de duas famílias pobres, recolheram um monte de assinaturas a sessenta centavos. O sorteio, dizia o documento, seria feito na manhã do dia seguinte "com todas a garantias requeridas, na frente do matadouro". Depois do meio-dia, não nasceu mais nenhuma discussão a bordo. A terceira classe recebeu um prato de bracholas com batatas que adoçou muitos corações. A nossa refeição também foi tal que fez brilhar de satisfação até o único olho do genovês e tornada mais saborosa também pela idéia daquele "algo mais" que Brillat-Savarin diz que tem que estar na expectativa dos comensais, para que um almoço seja realmente agradável. Esse "algo mais" era para nós o pensamento do espetáculo que nos ofereceria o navio no dia seguinte, quando aparecesse a terra. As todas conversas, que sofriam a força da atração da América, versaram sobre os países vizinhos, como se já tivéssemos estado. Dentro de três dias se ouviria o *Poliuto* no teatro Colon, e no Solis, *Crispino e a Comare,* com *Baldelli.* Foi discutido o projeto da nova praça Vittoria em Buenos Aires e o do novo Hospital italiano em Montevidéu. Os presidentes das duas repúblicas foram anatomizados fibra por fibra e foram feitos muitos comentários pequenos e calorosos sobre os jornais benevolentes e hostis com relação à nossa imigração nas duas capitais. Só o garibaldino permanecia calado, com um véu de tristeza no rosto, mais espesso que nos outros dias. Calados também estavam meus dois vizinhos de cabine. Mas nos rostos deles havia algo de insólito, como sempre havia expressão do ódio, mas animada por uma idéia nova, como se depois da chegada fosse ocorrer algum fato, que cada um deles esperava favorável a si e desagradável para o outro, a partir do qual se devesse, de certa forma, a discórdia entre eles. Não se olhavam na cara, mas percebia-se uma luta muda e concitada entre eles, como se se pungissem os

flancos a punhaladas embaixo da toalha, sem se fazer notar. Ambos estenderam a mão juntos para pegar o saleiro e, prevendo a tempo que se tocariam, todos os dois as retiraram ao mesmo tempo e continuaram a comer sem sal. Alegrava-me também a idéia de que, chegando na América, eu não veria mais aquele espetáculo miserável.

A uma certa altura, observei que faltavam a senhora da Chartreuse e a mãe da pianista, e não supondo que com aquele tempo sofressem de enjôo, perguntei notícias delas ao agente, que estava sentado entre mim e o advogado. Mas como? Então eu não estava sabendo de nada? Então eu já estava com a cabeça na América. Ah! Uma cena de teatro. Havia vários dias a "domadora" tinha indícios de que a outra estava falando mal dela e imaginava qual era o tema da maledicência. Podia ver isso refletido no rosto de alguns passageiros que, em determinados momentos, olhavam para ela sorrindo e que punham os olhos na fresta da porta, passando na frente doa sua cabia. Mas, naquele dia, a sua camareira, encarregada de espiar, tinha ouvido tudo. Aquela cobra de saias se dizia afetada por um incipiente *delirium tremens,* e fazia descrições abomináveis da sua cabine – onde tinha ido várias vezes sorver licor de Zara – uma verdadeira licorista, com garrafas até debaixo do travesseiro, copinhos sujos por todos os cantos e uma coleção completa de águas minerais, e de pós e pílulas para curar na manhã seguinte desarranjos gástricos produzidos pelas bebidas do dia anterior. Mas já dizia que não havia mais conserto possível, porque a doença já estava avançada demais, e citava uma opinião desoladora do médico, recomendando aos homens que não passassem próximo a ela o com o charuto aceso. Ouvindo aquele relatório, justamente num momento em que estava alta, a gorda foi correndo diretamente na direção da cabina da boa amiga, e encontrando-a no meio do corredor, na presença de muitas pessoas, havia lhe dito três – não mais que três – palavrões, com aquela voz nítida e com sotaque e com o olhar da sua profissão e daquela que pode inspirar apenas a Chartreuse seca, aquela autêntica dos Frades beneméritos, quando é bebida em dose conveniente. A outra, com a cara destemida, respondeu-lhe um apenas, trissilábico, mas que

valia por aqueles três . Então...as camareiras vieram correndo e as briguentas, convulsivas, entraram furiosas, cada uma em sua própria cabine, onde haviam desmaiado, meia hora depois.

Mas, dizendo isso, o agente pensava em outra coisa, e parecia que estava observando uma correspondência de olhares entre duas pessoas distantes da mesa. De fato, após alguns minutos, ouvi modular em voz baixa o longo grito de Hamlet diante do daquele teatrinho: “Aaaaaaaaa profética alma minha!”. Imediatamente agarrou-me pelo braço e me confidenciou ao ouvido a sua maravilhosa descoberta. “Pois olhe, sem se deixar notar.” Disse-me em seguida. Eu olhei e não demorei a perceber. A cada dois ou três minutos, os belos azuis e vazios da loira fitava por alguns instantes o comandante e sobre a carona vermelha e rude dele brilhava uma luz, um imperceptível sorriso meio escondido pelas sobrancelhas espessas e pelos bigodes duros, semelhante a um pequeno pedaço azul que aparece num rasgo de um céu nublado e imediatamente recoberto. Mas os olhos azuis fitando-o novamente, o rasgo se reabria e o azul se mostrava de novo. Não havia a menor dúvida. O jogo delicado se repetia regularmente, havia um acordo entre a cabecinha loira e o cabeção vermelho, a sereia cantara, o urso polar ouvira, o *Galileo* rendera-se. “Ah! Agora entendo, “ dizia o agente, mordido, “porque a cena deu em nada! Ah! *Não quero indecências a bordo!* Ah ! Seu tartufo marinho[104]! Isso é demais!” Mas no fundo estava satisfeito por ter se libertado do pesadelo daquele mistério e, quando subimos ao convés, esfregou as mãos dizendo: “Não resta outra coisa a não ser descobrir o fortunado ao qual a moça lançará sua teia...se ainda lhe sobra alguma coisa para enredar.”

Ele e os outros se divertiram alegremente, mais tarde, apontando para a coluna redonda do professore que, apoiado no parapeito, dava explicações para o padre sobre a constelação de Orion. Era uma noite encantadora, um auspício alegre

[104] Hipócrita, alusão ao protagonista da comédia de Molière de 1664 que, sob a aparência de honestidade e devoção, escondia imoralidade e cinismo.

para o bom término da viagem. A oeste, num céu resplandecente e estrelado, erguia-se a luz zodiacal, em forma de uma grande pirâmide branquejante, que tocava quase o zênite com o vértice e abraçava cerca de um quarto do horizonte. Um trecho da via Láctea, que vai de Escorpião à Centauro e os quatro diamantes lindíssimos do Cruzeiro do Sul, aparecia nitidamente. As nuvens de Magellano, as vastas nebulosas solitárias que faziam disparar o coração e brilhar a pena de Humboldt[105], formavam ao redor do pólo austral duas maravilhosas manchas brancas, brumosas no infinito. Viam-se estrelas cadentes e a cada trecho, como um chuva fina de flores de fogo, que riscavam o céu de luz prateada, rubra, dourada, azul. Mas aparentemente muito maiores, devido à atmosfera cristalina, do que aquelas que se vêem no horizonte. A clareza do céu era tamanha que a embarcação desenhava nítidos seus cordames e mastros negros, e olhando da pracinha, viam-se estrelas entre as sartas, estrelas entre os cabos, nos vãos dos infrechates, ao redor das antenas. As estrelas se refletiam também no mar calmo, de forma que parecia que não navegássemos, mas voássemos sobre um navio aéreo dentro dos esplendores do firmamento. No entanto, quase ninguém olhava. Cada um daqueles mil e setecentos átomos vivos tinha ao redor de si uma esperança, ou um temor, ou uma amargura, em relação ao qual todos aqueles milhões de mundos não importavam mais que uma nuvenzinha de poeira levantada do chão com o pé.

De fato, na proa, ouvia-se um murmúrio bem nítido das conversas, mas mais contido e mais uniforme do que nas outras noites. Nem cantos, nem gritos. Percebia-se que todos falavam de interesses, de ocupações, de coisas sérias. No momento da separação das mulheres dos homens, ouviram-se: " Boas noites!", cheios de subentendidos e cem vozes vibrantes: "Até amanhã, então!" "É a última noite!" "Amanhã terra firme!" "Dentro de vinte e quatro horas, a América!". Todos já estavam embaixo já havia algum temo e ainda subiam cochichos sonoros, como a

[105] Alexander Von Humboldt (Berlim 1769-1859) realizou uma longa viagem durante a qual explorou lugares do continente americano até então desconhecidos.

respiração de uma multidão comovida. Era o transbordamento de um mar de almas produzido pela aproximação de um mundo.

19. A América

Que agradável despertar-se! Aquelas palavras “hoje sentiremos a terra sob os pés” nas quais se expressava o sentimento de todos, tinham para nós um som e uma força novos e, ao repeti-las, experimentava-se uma espécie de prazer físico, como aquele que se sente apertando o braço ao redor de uma coluna de granito. Mais do que por outras razões, desejava-se impacientemente chegar também por esta de que, ao fim uma longa navegação, já se está farto e irritado a ponto de não se suportar mais aquela dança de linhas, aquele contínuo encolher-se, dobrar-se e retorcer-se ao qual se está obrigado pela angústia de cada coisa, por aquele eterno cheiro de salsugem, de alcatrão e de madeira. Que alegria será rever as estradas, respirar o cheiro dos campos, e deitar-se entre quatro paredes verticais, não sentindo mais que a casa que nos recebe tem uma pulsação de vida própria, da qual depende a nossa! Por acaso, se havia passado perto das Canárias e de Cabo Verde no meio da noite e por esse motivo não se viu nem mesmo aquela pequena ilha de Fernando de Noronha, do Brasil, que todos desejavam para poder quebrar aquela monotonia interminável de mar pelo menos por um momento. Nem um palmo de terra deste o estreito durante dezoito dias. Parecia-me que se tivesse tido um terrão nas mãos, eu o teria revolvido e cheirado com prazer, como um fruto proibido. Enfim, dentro de poucas horas poderíamos nos saciar: dois pedaços de trinta e oito milhões de quilômetro quadrados, em forma de duas lindas pêras compridas, equivalente cada uma setenta Itálias.

Já que se acreditava poder chegar a Montevidéu em pleno dia, desde a madrugada, começou entre os emigrantes, um trabalho de limpeza geral, apressado e grosseiro, porque queriam salvar, dentro do possível o decoro nacional, não apresentando-se na América como pedintes imundos e selvagens. Distribuía-se água doce com profusão por ser o último dia, era uma lavação

exasperada, como se fosse uma multidão de mineiros de uma mina de carvão, cabeças mergulhadas em gamelas, uma música de sopros e de suspiros, e esguichos d´água por todo lado, que parecia chover. Muitos comprimiam vigorosamente o pente entre as florestas de cabelos que tinham permanecido virgens desde Gênova. Outros, com os pés nus, limpavam os sapatos com cuspes e trapos, gente escovando, batendo, passando em revista as roupas amarfanhadas e despeladas. O barbeiro vêneto, imitador de cães, tinha aberto uma botica a céu aberto, próximo à parte superior do casco, à esquerda, onde os que seriam escalpados esperavam numa longa fila como os turcos nas praças de Istambul, esperavam a vez, coçando as bochechas com as duas mãos e fazendo gracejos entre si. Viam-se branquejar centenas de pescoços e braços nus de crianças sem blusas e de mulheres em anáguas. Algumas penteavam-se uma a outra, ou desobstruíam as cabeças dos garotos. Outras acomodavam depressa e do melhor jeito possível jaquetas e bermudas, ou esvaziavam sacos e malas puídas à procura de roupas frescas ou brancas, e naquela alegria que tinha reavivado a cordialidade, as famílias se prestavam mil pequenos favores, com grande retribuição de insistências e agradecimentos em voz alta. Um frêmito de vida jovial corria por todos os lados. Acima do grande murmúrio vivo da multidão, ouviam-se de vez em quando: “ Viva a América!”, ou gorjeios em falsete, como fazem as pessoas do povo no norte da Itália, ao fundo de cada estrofe de uma canção. No almoço, alegrado por um som de pífaros e de gaitas de fole, foi feita uma distribuição extraordinária de biscoitos, com os quais encheram os bolsos, e o responsável pela dispensa serviu rum e aguardente como um taberneiro de regimento um dia antes da batalha. Depois disso, todos os passageiros, apoiados no parapeito, ou sentados, se viraram em direção ao ocidente, esperando a aparição do novo mundo.

Mas as horas passaram e a terra não despontava. Nuvens espalhavam-se pelo céu, mas o horizonte limpo, e o mar mostrava sempre a sua linha azul nítida, sem uma sombra de promessa. Depois do meio-dia, os passageiros começaram a dar sinais de cansaço. Não restava mais nadinha de paciência para as últimas horas

àquela gente que tinha tido tanta durante três semanas. Muitos já se irritavam e reclamavam. Por que não se via nada? Então os oficiais tinham errado os cálculos? *Já era para se ter visto a terra.* Já não chegaríamos mais de dia. E Deus sabe quando chegaríamos. “Navios italianos!” se dizia de tudo: sorte quando se chega dentro de um ano. Faziam alusões maldosas, quando passava um oficial, olhando-o com cara feia. Muitos, aliás, simulando não acreditar mais que fossem chegar, davam de ombros e viravam-se de costas para o mar, fingindo ocuparem-se de outra coisa. Mas toda vez que o oficial do despacho, que estava de guarda na cabine de comando, mirava com o binóculo, todos cravavam os olhos nele, em grande silêncio. O murmúrio recomeçava apenas quando toda esperança era afastada pelo gesto de indiferença com o qual ele abaixava o instrumento. Ele, no entanto, não se movia da ponta do terracinho, o que fazia acreditar que esperasse ver alguma coisa de um momento para outro. O camponês do nariz decepado, obstinado em ser o primeiro a anunciar a América, estava de pé na metade da escadinha da cabine de comando, pronto para pegar no ar o primeiro movimento do oficial, para lançar um grito e, a cada levantada do binóculo, fazia em direção à massa um gesto majestosamente engraçado, como o de um tribuno que impõe silêncio à multidão num momento supremo.

Na popa, enquanto isso, todos também esperavam. As mulheres sentadas, viradas em direção ao ocidente. Os homens caminhavam pelo convés excitados. A moça de Mestre estava no seu lugar de sempre, entre o garibaldino e a tia, com o rosto mais pálido, mais abatida que nos outros dias, mas não mais triste, ao contrário, tinha os olhos mais vivos e brilhantes, como nunca se tinha visto, e com uma expressão de bondade extraordinária, parecia uma beleza nova vinda após a golfada de sangue. Pela primeira vez estava vestida de preto e a clareza diáfana da sua pele adquiria, por causa daquele vestido, um realce que assustava, como se fosse um rosto vivo que saísse de baixo de uma mortalha. Ela e a tia seguravam sobre os joelhos papéis e pequenos embrulhos de roupas, que preparavam com as pontas dos dedos. Estavam também a mãe da pianista e a mulher gorda, sentadas nas duas extremidades opostas do convés. A primeira

com a sua cara de histérica de sempre, que mostrava os belos dentes, com uma expressão de ferocidade acentuada. A outra com a sua carona benigna, redesenhada de uma serenidade alcoólica, como se tivesse esquecido tudo. Todas as outras mulheres constituíam com seus vestidos claros uma mancha de cores alegres, como uma fileira de bandeiras marinhas, hasteadas em sinal de festa. Mas ali também começava a se manifestar impaciência. Os pés se arrastavam sobre o assoalho, as mãos fustigavam os leques, as cabeças se agitavam, as conversas iam adquirindo um tom esmaecido. Não diziam aquelas bobagens irritantes que dizem os emigrantes contra o comando, mas pensavam, e as disparavam com os olhos.

A uma certa hora, a moça se levantou, apoiando-se no braço da tia, e ambas, com seus embrulhos, dirigiram-se à terceira classe. Na pracinha, juntou-se a elas a camareira vêneta, que as esperava, segurando outras coisas. Sendo aquela a sua última visita à proa, e curioso para ver, tomei a passarela da segunda classe e passando pelo castelo central, fui à cabine de comando.

Talvez tivesse escolhido aquela hora por ser menos observada, estando toda a atenção dos passageiros voltada para o horizonte. Da cabine pude acompanhar com os olhos todas as voltas que dava em meio à multidão, e fiquei surpreso ao ver quanta gente ela conhecia, a quantos tinha feito o bem naqueles poucos dias. Entregou ao camponês doente e a sua esposa o fruto da coleta. Deu coisas a uma outra família, perto do traquete e a outros entregou bilhetes e cartas. Em seguida se aproximou da moça genovesa e não vi bem, porque as pessoas se juntaram ao redor, mas me pareceu que enfiasse um anel em seu dedo. O rapazes corriam de encontro de todos os lados, um bando de crianças a acompanhava e ela passava uma mão sobre as cabeças e com a outra dava doces e dinheiro. Foi cumprimentar a família de Mestre e beijou o pequeno Galileo. Vários homens aproximaram-se dela com o chapéu abaixado e ficaram conversando um pouco com ela, como se pedisse conselho. Aqui e ali dava aperto de mão e pareceria que se despedia. Seu pequeno rosto branco e seu cabelo de morta se perdiam na

multidão, em seguida reapareciam. Escondia-se na sombra sob o castelo da proa, reaparecia na porta da "dispensa", desaparecia na escada da enfermaria, revia-a junto ao cabrestante, em meio a um grupo de mulheres que estendiam na direção dela seus bebês, para que a tocassem. Por onde passava rostos sorridentes se recompunham, aqueles que esbravejavam, abaixavam a voz, todos davam passagem e se viravam. Seu rosto mostrava um cansaço, mas tinha sempre aquele sorriso, um tremeluzimento nos olhos velados e nos lábios esmaecidos, no qual parecia ter se limitado toda a sua vida, como um último lampejo de sol sobre uma rosa branca, já curvada em direção ao chão. Quando foi à passagem coberta para voltar à popa, parou um instante e respirou, comprimindo uma mão no peito. Aproximou-se a camponesa de Mestre que beijou a manga de seu vestido e foi embora. Lentamente ela retomou o caminho.

A terra não aparecia! Mas eu já não estava impaciente. Estava zangado comigo mesmo porque depois de ter desejado tanto, a iminência da chegada à América não despertava em mim nenhuma comoção. Era um outro fenômeno moral parecido àquele que tinha experimentado nos primeiros dias da viagem, face ao mar amarelo, uma espécie de síncope do sentimento da curiosidade e do prazer. Como se não me restasse nenhum daqueles mil desejos ardentes com os quais havia partido, a idéia daquela nova terra me dava apenas um sensação de tédio, acompanhada pela preocupação mesquinha com os aborrecimentos do desembarque e com o incômodo de um queimor na garganta que me deixara um charuto ruim. Chegava a desprezar a agitação dos outros – bobos – que pareciam ansiosos para retornar aos trabalhos e às afobações de todo dia, como se aquelas três semanas de navegação não tivessem sido para todos um dos períodos menos tristes da vida. Tanto que, para não ver, fui sentar-me na cabine do Comissário e ali fiquei um tempo lendo um velho número do "Caffaro"[106], maldizendo, entre uma coluna e outra, os livros, as histórias de viagem, as reportagens e as conferências que nos tornam mais familiares os países mais distantes e nos mandam vê-los com a cabeça já saturada de suas imagens e

[106] Jornal genovês fundado em 1875 pelo escritor Anton Giulio Barrili

incapazes de qualquer forte impressão. Santo Deus, é isso. Eu deveria me envergonhar em confessar, mas a poucas milhas do continente americano, eu quebrava a cabeça para resolver uma charada do jornal genovês, da qual me fugia o *segundo:*

O segundo sempre em movimento

e percorria com o pensamento todos os reinos da natureza para encontrar aquele segredo, enquanto o marinheiro corcunda, ele também muito indiferente à América, lustrava a maçaneta de lata da porta, cantarolando uma música ligúria

Era uma vez um moça bonita

com uma voz arrastada e nasal, que me dava sono.

De repente o canto parou, como se a atenção do marinheiro tivesse sido subitamente atraída para outro lugar e ouvi daquele lado da cabine de comando um grito muito alto – longo – interminável – lamentoso:

"A América!"

Um estremecimento percorreu minhas veias. Foi como o anúncio de um grande acontecimento inesperado. Uma visão imensa e confusa de um mundo, que me despertou de repente a curiosidade, a surpresa, o entusiasmo, a alegria e me fez saltar de pé, com uma onda de sangue na testa.

Um outro grito, mas de mil vozes, respondeu àquele primeiro, e ao mesmo tempo, o navio se inclinou fortemente para a direita sob o peso da multidão que corria..

Corri para o convés, procurei o horizonte...por alguns instantes não vi anda. Em seguida, forçando a vista, distingui um faixa avermelhada que se perdia à esquerda e à direita em duas línguas finas, semelhante a uma nuvem levíssima que lambesse a face do mar.

Fiquei alguns minutos olhando, perplexo como os outros, sem saber por quê.

Muitas exclamações irromperam-se em volta de mim. "*Estámos a casa*!" "*Ghe semmo finalmente!" Quatre heures, vingt-cinq minutes!"* exclamou o marselhês

olhando o relógio: "*A hora que eu tinha previsto"* O tenor disse simplesmente, com uma expressão de coisa profunda: "A América!" A gorda, super-excitada, chamava um e outro pelo nome, fraternamente, para pedir-lhes que olhassem, que festejassem aquele bordo de terra, que ela via talvez muito mais vasto que nós. A única cara que continuava fechada era a do garibaldino, e ao vê-lo experimentei de novo um sentimento de repulsa por ele, parecendo a mim que era demais, que aquela miséria de ver todo o universo morto porque quatro pobres ilusões no nosso pobre coração estão mortas, afinal, era uma miséria ignóbil.

Corri imediatamente para a proa, onde após o primeiro tumulto se seguira um grande silêncio. Todos estavam com os olhos fixos naquela faixa de terra nua, onde não viam nada, imóveis e absortos, como se estivessem diante da face de uma esfinge, da qual quisessem arrancar o segredo do próprio futuro, e como se além daquela mancha avermelhada já aparecessem ao olhar deles as vastas planícies sobre as quais curvariam a cabeça e deixariam os ossos. Poucos falavam. O navio voava, a faixa de terra se erguia e se alongava. Era a costa do Uruguai. Não se via nem vegetação nem habitação. Muitos esperavam descobrir uma terra maravilhosa, pareciam desiludidos. Diziam: "Mas é igual às nossas terras." Em um grupo falavam de Garibaldi, que tinha combatido naquela costa[107] e se notava que o fato de encontrar, após tantos dias de viagem, uma terra desconhecida onde aquele nome era vivo como na pátria, agigantava imensamente a sua glória no conceito deles. Uma camponesa jovem, sentada próximo à porta do dormitório, com uma criança nos braços, chorava, seu marido a chamava de *fabioca* (tola), batendo com o cotovelo no ombro... perguntei a uma vizinha o que tinha acontecido. *Uma idéia,* respondeu. A visão da América - como se apenas vendo-a tivesse se convencido de que tinha abandonado irrevogavelmente a sua terra - tinha apertado seu coração e tinha começado a chorar. Fui para a frente, perto do castelo da proa. Encontrei dois operários turineses sentados na na parte superior do casco...Ah! Nunca vou esquecer isso.

[107] Em 1942 Garibaldi chegou ao Uruguai, onde combateu ao lado da população local contra a dominação Argentina.

Nas águas do oceano, de frente para o novo mundo e para o futuro, naquele momento solene, eles discutiam sobre a localização da taberna de Casa Borgone: se era no cruzamento da via del Deposito ou da via del Carmine, ou da via del Carmine e da via dei Quartieri. Um deles se zangava. Em geral, as mulheres se mostravam mais preocupadas que os homens. Muitas pareciam atônitas. Alegres mesmo apenas os jovenzinhos, que de alegria se beliscavam e se chutavam. Alguns dos velhos estavam de costas viradas para o mar, encantoados no lugar de sempre, numa atitude de gente que não tinha mais nada o que esperar daquele bordo de terra vermelha, a não ser nele morrer em paz. O casal de velhos do castelo de proa, sentados sobre suas abitas, dormiam.

Mas pouco tempo depois, acabando o primeiro efeito da aparição, como se fosse um acordo, explodiu na proa uma alegria disparatada, um coro de cantos, de assobios e gritos de gente que se aglomera em volta de uma taberna erguendo os copos e os canecos, um fervilhamento de todos os lados, que parecia que em poucos minutos fossem engolir dezenas de litro de vinho bom. Todos os bons humores deram espetáculo. O velho do castelo central começou a modular os seus gemidos de imitação, agachado em meio a uma roda de gente que ria com a boca de uma orelha a outra. O camponês sem nariz imitava a cara das mulheres aterrorizadas pela tempestade, provocando uma tempestade de aplausos. Em seguida, desceu o saltimbanco cabeludo do castelo da proa, com a sua cara tétrica, fazendo a rota no convés entre duas fileiras de mulheres encantadas. Num acesso de alegria o ex-porteiro careca, esfarrapando o álbum famoso das sujeiras, distribuía suas folhas aos companheiros, que desapareciam na multidão, formando outras rodas de curiosos zombadores. De forma que dali a pouco foi apenas um acesso clamoroso de humor obsceno e pornográfico que percorreu todos os bancos e rasgou todas as bocas, da cozinha ao matadouro, acompanhado por um estrondo ensurdecedor do som de instrumentos, de expressões de bêbados e de gritos, entre os quais, de tempo em tempo, se erguia um grito longo e lamentoso do barbeiro, que uivava para a lua.

Enquanto isso, o sol se abaixara e estava bem de frente para nós, do lado de lá da terra. Via-se um crepúsculo estupendo, tão bonito quanto os mais bonitos que tínhamos visto nos trópicos. Espetáculo freqüente naquela parte da América, por causa da grande quantidade de vapores que sobem das águas do Prata e dos dois rios enormes que o formam[108]. Esses vapores, acumulando-se no alto, tingem-se de luz , dissipando e refratando o ar quando ele está parado, com uma força de cores que superam qualquer fantasia. Aparecia no horizonte apenas uma região chamejante, mas partida em mil formas de catedrais de ouro, de pirâmides de rubis, de torres de ferro escaldante e de arcos triunfais de brasa, que se desfaziam lentamente para dar lugar a outras arquiteturas mais baixas e mais bizarras, que acabavam mostrando o aspecto das ruínas ardentes de uma cidade aniquilada, e em seguida, uma série de gigantescos olhos sangüíneos, que nos olhavam. Acima o céu estava escuro e o mar, abaixo, negro. Diante daquela visão, fizera-se silêncio na proa e os emigrantes olhavam assombrados, como se aquilo fosse um fenômeno oculto, próprio daquela terra. Viam-se algumas ilhotas: Lobos, à esquerda, Gorriti, à direita, mais à frente a ilha das Flores, depois os faróis dos bancos de Arquimedes. O silêncio era tão profundo na proa, que se ouvia nitidamente o estrondo da máquina. O navio deslizava como um barco num lago.

Um emigrante exclamou: “Que mar lindo!”

“Não estamos mais no mar”, observou um marinheiro, que estava ao meu lado. “Estamos num rio.”

O emigrante e aqueles que estavam próximos a ele se viraram para procurar a outra margem e, vendo apenas a linha límpida do horizonte, não acreditaram. Mas navegávamos já no Prata, cuja margem direita estava a mais de cem milhas de nós.

Quando a última luz crepuscular desapareceu, vimos brilhar os faróis de Montevidéu e uma faixa distante e confusa de casas, vagamente iluminada e uma selva de navios, dos quais se viam apenas a pontas.

Já se sabia que não se desembarcaria mais e a multidão estava cansada das emoções do dia, mas todos ficaram no convés para desfrutar o prazer da parada.

[108] Paraná e Uruguai (NA)

Dali a pouco, de fato, o navio começou a diminuir o movimento e o anélito. Em seguida parecia que se movia levemente. Enfim aquele monstruoso coração de ferro e de fogo que havia vinte dias batia de maneira agitada, deu a última palpitada, e o colosso parou, morto. Depois do último apito ecoado sobre a cabina, as duas âncoras enormes se desprenderam dos lados e caíram fragorosamente, arrastando, com a rapidez do rio, suas grandes correntes, que levantaram centelhas dos dois olhos de ferro. O mar gorgolejou à frente e o navio estremeceu e calou-se novamente. Suas duas garras gigantescas tinham se agarrando ao fundo do rio.

Os emigrantes ficaram ainda alguns minutos saboreando a sensação nova da imobilidade e do silêncio e, em seguida desceram, em longas filas, lentamente, para os dormitórios e os passageiros da primeira classe, não atraídos pelo movimento do ar, também se retiraram.

Eu fiquei quase sozinho, surpreso, porque depois de ter achado tantas vezes a viagem insuportavelmente longa, aquele momento parecia-me tão breve e vago como um sonho, enquanto me lembrava de tantas coisas. Não tendo visto nada pelo caminho que me marcasse as distâncias na cabeça com imagens bem distintas umas das outras, todos os dias se misturavam na imaginação num só e parecia que tivesse percorrido aquele espaço sem fim num vôo. Nenhuma momento da viagem, a não o da tempestade, permaneceu como aquele impresso na minha alma. O rio enorme parecia imóvel, quase como se suas águas repousassem, cansadas do percurso de duas mil milhas que tinham feito pelas montanhas do Brasil[109]. O céu estava escuro e tranqüilo, Montevidéu dormia, na enseada nenhum movimento, nenhum barulho, o navio mudo. O silêncio altíssimo pesava sobre todas as coisas e parecia que viesse de longe, pelos outros grandes rios, das planícies sem fim, das florestas imensas, dos mil cumes dos Andes: o silêncio misterioso e formidável de um continente adormecido.

[109] O rio Paraná com 4700 km de comprimento nasce no centro do Brasil.

O comandante me despertou da meditação passando ao meu lado esfregando as mãos – algo insólito – como se dentro da cabeça hirta de urso marinho desfrutasse antecipadamente uma noite tranqüila. Fui tentado a repetir para ele o seu refrão: "*Indecências a bordo...*"

Mas ele me preveniu perguntando com o rosto sério: "O que estarão fazendo em casa a esta hora?" Olhei o relógio e respondi: "A esta hora na minha casa está escuro e todos dormem."
Ele começou a rir, esfregando as mão. *"O senhor também caiu!"* "A esta hora na sua casa está batendo sol, seus filhos estão pedindo café com leite."
Não tinha pensado nisso.
Mas o bom comandante, que estava realmente feliz, perguntou-me ainda se, antes de embarcar, eu tinha pedido o armador para avisar a família assim que tivesse recebido o anúncio da chegada.
Respondi que sim.
"Está bem," disse, "dentro de três horas a sua família vai saber que o senhor chegou àa América são e salvo."
Também não tinha pensado nisso e desci feliz, eu também, para dormir o meu último sono no ventre do *Galileo.*

20. No Rio da Prata

Dormir? *Doce ilusão*[110]*.* Como acontece com todo mundo depois de um dia agitado ao qual se sabe que seguirá um outro não menos agitado, os passageiros não dormiram o quanto desejava o cansaço. Por volta das duas da madrugada quase todos acordaram e entre os suspiros de mulheres, bocejos de homens e conversas sussurradas, que naquele silêncio do navio imóvel soavam como um zumbido de mutucas, não houve mais sossego. Uma hora antes do amanhecer, ouviam-se passos apressados e a voz do médico, tendo socorrido a moça de Mestre por causa de um desmaio devido ao esforço feito no dia anterior para subir

[110] Mentita speme

ao convés e fazer sua última visita à proa. Em seguida, o pequeno brasileiro começou a estrilar e a negra a cantar a nênia. Então todos pularam das camas e se puseram a preparar ruidosamente as próprias coisas, conversando sem receios. Quando raiou o dia, depois de terem trocado infâmias por meia hora pelos corredores, o camareiro e a camareira entraram com o café nas cabines, encontraram já os passageiros de pé, lavados e escovados, com a gorjeta na mão.

Ruy Blas, apresentando-me a bandeja, desejou-me felicidades e boa permanência na América com a sua postura de camareiro de teatro, mas com uma voz tão lânguida e um olhar de peixe morto, que até uma criança teria lido a intenção de exibir uma grande melancolia pela separação iminente da misteriosa criatura que o amava. Enquanto eu sorvia o café, ele olhava o céu pelas janelinhas, mordendo o lábio inferior, como que para reprimir a voz do coração ferido. Em seguida, pegou a gorjeta e obrigou-se à humildade do gesto inclinando-se elegantemente cheio de dignidade. Saindo logo depois dele, vi-o entrar na cabine do padre cuja voz grossa ouvi pouco depois contando lentamente: "*Dois, três, cinco, seis..."* liras, imagino, que Ruy Blas devia receber com a mão aberta, como um súdito, tremendo de raiva pela sua rainha.

No convés encontrei o comandante e os oficiais em seus afazeres. Tinham subido a bordo então um empregado agaloado, do porto de Montevidéu e um médico – o primeiro um homenzarrão com um fio de voz, o segundo, um meio homem com uma voz grave – que, depois de terem sido informados sobre as condições de saúde dos passageiros, dirigiram-se à proa para contar o pessoal da tripulação. Enquanto isso, todos os passageiros da terceira classe iam se juntando no convés central para passar diante do empregado Uruguai, que devia numerá-los, e do médico, que separaria as caras suspeitas. Do castelo central tinham que avançar um a um, passar sobre a ponte que dava para a "pracinha" e, em seguida, descendo do convés pela escadinha da direita, voltar à proa. Sobre o amplo castelo central não havia mais um palmo de espaço vazio. Uma multidão como um

regimento em coluna cerrada cobria-o de uma ponta a outra, emitindo apenas um leve murmúrio. O céu cobrira-se de nuvens. O rio imenso, de um amarelado cor de lama. A cidade de Montevidéu, distante, aparecia apenas como uma longa faixa esbranquiçada sobre a margem marrom. Do lado oeste, numa colina solitária despontava o Cerro, lembrança de Garibaldi. Uma paisagem vasta e simples, que esperava o sol, em silêncio. Longe fumegavam pequenos barcos a vapor que vinham na nossa direção.

Subi ao convés para ver pela última vez os meus mil e seiscentos companheiros de viagem. Chegaram poucos minutos depois o empregado, o médico uruguaio, o comandante, os oficiais, o médico de bordo. A triste procissão começou. Triste não apenas em si mesma, mas porque aquela numeração da multidão como de um rebanho, cujos nomes não importava a ninguém conhecer, fazia pensar que toda aquela gente fosse contada para ser vendida, que não passassem diante de cidadãos de um Estado europeu, mas vítimas de uma raça de ladrões de carne humana feita sobre uma praia da África ou da Ásia. Os primeiros passaram lentamente. Mas diante de um gesto de impaciência do empregado do porto, o comandante fez um sinal e então começaram a apressar o passo, a marchar quase correndo. As famílias passavam unidas, o pai primeiro, as mulheres depois, com as crianças no colo e os garotos puxados pela mão, os velhos atrás. Quase todos levando sob o braço ou no ombro, os embrulhos com as coisas mais preciosas, que não tinham confiança de deixar nos dormitórios. Muitos estavam limpos e vestidos com suas melhores roupas, que tinham deixado reservadas para aquele dia. Muitos outros mais esfarrapados que no embarque, emporcalhados de toda sujeira que se pode apanhar esfregando-se por três semanas em todos os cantos do navio, com as barbas longas, com o pescoço nu, com os dedos dos pés fora dos sapatos. Alguns até sem chapéu e alguns seguravam com as duas mãos a jaqueta sem botões, para esconder a nudez, que transparecia. Moças bonitas, velhos arqueados, jovens de vinte anos, operários com blusa de trabalho, pastores com cabelos longos, camponeses calabreses com colete verde, peliças, *brianzole* (da *Brianza)* com prendedores nas tranças, montanhesas do Piemonte com a o

gorro branco, passavam, um colocando o pé no rastro do outro, como se aparecessem num palco de teatro, num espetáculo que representasse a fuga de um povo. Alguns passavam, saltando, por uma demonstração engraçada de alegria. Outros com expressão turva, não olhando na cara de ninguém, como se estivessem ofendidos por exporem-se por um instante. Os burgueses, as meio fidalgas que ainda traziam em si algum sinal da antiga riqueza, passavam com a cabeça baixa, envergonhando-se. Os velhos lentos e as mulheres atrapalhadas pelos embrulhos eram empurrados para o lado, ou mandados para frente com um empurrão daqueles que vinham depois, brutalmente. As crianças choravam, por medo de serem jogados no chão. Os empurrados blasfemavam. Quantas caras conhecidas eu via passar! Lá está o homenzinho do telegrama para a esposa, com a sua cara cheia de rugas engraçadas, com o jeito de quem ainda acredita. Lá está o velho do casacão verde que corre com os cabelos grisalhos ao vento, lançando um olhar de desconfiança e de desprezo para os passageiros da primeira classe aglomerados no convés. Lá está o saltimbanco tatuado, as duas coristas desgrenhadas, a família de Mestre, com o pequeno Galileo que toma seu café da manhã correndo. Lá está o porteiro pornográfico, a bela genovesa que passa com o rosto rosado e os olhos baixos, a bolonhesa gorda, que atravessa a ponte com passos imperiais, com a sua inseparável bolsona na cintura e o suposto homicida do castelo da proa e Nossa Senhorazinha de Capracotta, e o barbeiro uivante e a pobre viúva do assassinado. À medida que marchavam, passavam novamente pela minha cabeça todos os incidentes tristes e engraçados daquela estranha vida de vinte dias e todos os sentimentos mutáveis de simpatia, de despeito, de afeto e de desconfiança que aquela gente me tinha inspirado, mas que agora eram todos sobrepostos pelo sentimento único de uma piedade dolorosa e cheia de ternura. Não acabavam de passar, como se tivessem se duplicado durante a noite. Mais famílias atrás de famílias, rapazes atrás de rapazes, rostos da cidade, do campo, do norte e do sul da Itália, imagens de boa gente, de malfeitores, de doentes, de ascetas, de velhos soldados, de mendigos, de rebeldes, que corriam cada vez mais rapidamente, como para afugentar o terror de não chegar em tempo à América para encontrar a sua parte de terra e de

pão. Ah, a interminável marcha miserável! A fantasia, como um escárnio, mostrava-me obstinadamente, além daquela miséria agitada, as patuscadas patrióticas dos azafamados, os ricos e os iludidos, gritando de entusiasmo carnavalesco nas praças da Itália embandeiradas e reluzentes. Eu experimentava uma sentimento de humilhação, que me fazia desviar o olhar dos meus companheiros de viagem estrangeiros cujas exclamações afetadas de compaixão e de perplexidade chegavam ao meu ouvido como injúrias ao meu País,. Enquanto isso, continuavam passando roupas rasgadas, tristes cabelos brancos, mulheres definhadas, crianças sem pátria e nudez, vergonha, e dor. O espetáculo durou uma meia hora, que me pareceu eterna. Passou entre os últimos, lentamente, o frade com cara de cera com as mãos enfiadas nas mangas. Em seguida, passou o bando dos suíços com o chapéu vermelho. E como Deus quis, acabou.

Então, do primeiro barco a vapor que chegou subiu no navio um bando de pessoas, parentes e amigos dos passageiros, que se espalharam na proa e na popa, procurando com os olhos e chamando pelo nome as pessoas. Começou de todo lado uma grande troca de beijos e abraços e de cumprimentos. Três homens se aproximaram do suposto "ladrão" e, enquanto nós esperávamos que o prendesse, todos os três tiraram o chapéu e se inclinaram profundamente e um disse: "*Monsieur le ministre...*" Puxa! Todos ficaram perplexos. Julgar as pessoas pelas aparências! Mas a atenção de todos foi atraída imediatamente para outro lugar, para uma cena penosa. Um rapazinho bem vestido, bonito, mas antipático, correu na direção dos meus vizinhos de cabine, que se dirigiram na direção dele exclamando: "Attilio!" mas a dois passos de distância pararam, esperando que ele escolhesse um ou outro para abraçar primeiro, como se aquela preferência fosse a expressão do julgamento do passado e de uma sentença irrevogável do futuro deles. O jovem titubeou um instante, não comovido, no entanto, olhando para ambos. Em seguida se lançou entre os braços da mulher, que o apertou ao peito com uma aparência de grande ternura, desmentida no mesmo instante pelo olhar satânico de triunfo que lançou para o marido. Ele ficou pálido como um morto e

olhou ao redor. Todos temeram que desabasse sobre o assoalho. Mas ficou de pé, fazendo um grande esforço e sorriu...um sorriso de dar compaixão e medo. Soltando-se da mãe, o jovem se aproximou dele e lhe deu um beijo frio as bochechas pálidas, que ele não teve força para retribuir. Todos viraram os olhos para outro lado, com uma sensação de calafrio, como se tivessem visto um assassino. Eu fui logo para a proa, sem ter mais coragem de olhar para aquele desgraçado.

Mas aqui uma outra cena piedosa me aguardava. Um grupo de velhos, mulheres e homens, rodeavam o Comissário, pedindo-lhe proteção e conselho, agitados, assustados, com os lábios trêmulos. Eram daqueles sexagenários sozinhos que não podiam desembarcar sem um que parente próximo se apresentasse na chegada e para se responsabilizasse pelos meios de subsistência deles. Agora os parentes que esperavam não apareceram, e era natural, porque eles deviam desembarcar em Buenos Aires, mas confundindo naquele momento o Uruguai com a Argentina, e achando-se sozinhos, pensavam que estavam perdidos. O que aconteceria com eles? Não se pode dizer a angústia e o aviltamento daquela pobre gente, que depois de ter abandonado a Europa, acreditavam que seriam expulsos da América, como carcaças humanas inúteis, boas nem sequer para engordar a terra, e já imaginavam uma viagem de volta desesperada para a pátria, onde não tinham mais afetos, nem casa, nem pão. O Comissário tentava convencê-los que não se estava a Argentina, mas no Uruguai, que os parentes deles iam se apresentar em Buenos Aires, do outro lado daquele rio que estavam vendo, que ficassem tranqüilos, que estavam se angustiando sem motivo. Mas eles não raciocinavam, estavam como que imbecilizados pela agitação, e pareciam ainda mais miseráveis e mais infelizes em meio à alegria ruidosa dos jovens que a todo momento esbarravam neles e gritavam em seus ouvidos: “Fiquem alegres, velhos!” “Viva a República!” “Viva a América!” “Viva a Prata!”.

Custou-me livrar o Comissário deles por um momento, para despedir e então tive mais notícias do escrivão que, desesperado pelo fato de ter que se separar da

genovesa que desembarcava em Montevidéu, tinha sido tomado por um acesso convulsivo e colocava abaixo o dormitório. Em seguida, fui me despedir dos outros oficiais, que veria daí a dois meses em Buenos Aires, após duas travessias do oceano. Quis também me despedir do meu pobre corcunda, que encontrei na porta da cozinha, com uma panela na mão. " Ah! Finalmente!" exclamou dando um suspiro de satisfação, "*vamos ter agora doze dias sem mulheres!"* "Mas", disse-lhe "o senhor vai acabar se casando," "*Eu?"* respondeu tocando o peito com o dedo "*Casar?"* E com entonação declamatória: "Isso não vai acontecer nunca!" Acrescentou ao meu ouvido, contente: "*Doze dias"!* Mas vendo aproximar-se o comandante, disse depressa: "*Senhor, boa viagem!"* e depois de apertar minha mão, virou a corcova e desapareceu.

Enquanto isso, outros barquinhos a vapor tinham se aproximado, e um tocava a escada principal. Voltei para o convés para me despedir dos passageiros da primeira classe que desciam, em meio a um remeximento de malas, a uma troca alegre de apertos de mão e de votos de felicidade. Tive então uma prova do quanto é difícil conhecer as pessoas numa viagem. Alguns passageiros, com os quais eu tinha tido uma confiança quase de amigo, iam embora sem dizer boa sorte ou despedindo apenas com o chapéu, como se me tivessem já esquecido. Outros com os quais não havia trocado uma palavra, vinham se despedir de mim com uma efusão afetuosa e sincera que me fazia demorar. E com muitos outros ficou a mesma coisa. O marselhês foi cordial. Repetiu-me que amava a Itália, porque homens como ele eram superiores aos ódios dos governos e que faria todo o possível para conciliar as almas dos italiano e dos franceses na Argentina. "*Tachez d´en faire autant parmi vos compatriotes. Quant´à moi, onme connaît dans les deux colonies. On sait.".* Concluiu com um gesto solene "*que j´apporte la paix! Adieu."* O agente de câmbio se apresentou para despedir-se do casalzinho, que se intimidou, apresentando a flechada do Parto. "Já", disseram, "não encontraram mais nenhuma dificuldade para a língua na América, porque...falando sem censura, fizeram um grande e bom exercício!" Eles fugiram pela escada. Então ele chamou o advogado que estava para descer, com um embrulho redondo

embaixo do braço, que devia ser um salva-vidas: “Advogado, agora o senhor ficará tranqüilo”. Mas este, lançando um olhar oblíquo para o rio, resmungou: “Nunca se sabe. Às vezes esse rio sujo é até mais abjeto que o oceano Atlântico...”. E começou a descer com grandes precauções, não respondendo às despedidas de ningúem. Desceram a loira e o marido, meus vizinhos de cabina com o filho, a “domadora”, a pianista e a mãe, os franceses, o padre, os passageiros da segunda classe e outros. Quando todos estavam embaixo, sentados na pequena popa, o agente me deu uma cotovelada na cintura, exclamando: “*Eureka!”* e me fez um sinal com a cabeça. Olhei para a direita, no convés do *Galileo,* e vi apoiado no parapeito, numa atitude preocupada e aflita, Ruy Blas, tinha o olhar fixo no barco a vapor, e acompanhando a direção do seu olhar, pousei o meu no rosto da pequena pianista, impassível como sempre, mas com os olhos voltados para ele, com uma fixidez aguda e tenaz, que não deixava dúvida, que prometia para a primeira ocasião uma daquelas cartas loucas e daquelas rupturas imprudentes nas quais se desabafava de longe as suas furiosas paixonites reprimidas. “Ah, a pequena Maria de Neubourg”, exclamou o agente “rainha das gatas mortas!” Mas o vapor já se distanciava. Quase todos se despediam de nós. A gorda mandou um beijo para o *Galileo* com um gesto impetuoso. Observei mais uma vez o meu pobre vizinho de cabine, sentado separadamente do filho e da mãe, para quem começava uma nova vida de angústias e de torturas. E captei no ar uma curiosa despedida da suíça, que, não sabendo a quem se dirigir especialmente dos muitos amigos que a olhavam do convés, abraçou com um largo e doce olhar de gratidão toda a popa do *Galileo.* O último que notei foi o professor, sentado ao lado dela, com a coluna curvada, sorridente com os olhos semicerrados e a língua num canto da boca, numa expressão de quem zombava da esposa, dos amantes, do Atlântico, do velho continente e do novo. Em seguida, todos os rostos confundiram-se e desapareceram diante dos meus olhos para sempre.

Um outro vapor tinha se aproximado naquele ínterim, no qual deviam descer os argentinos, a família brasileira e todos os outros. Mas ninguém, por delicadeza,

quis descer antes da moça de Mestre, que sabiam ter que ser trazida e que ainda não tinha sido vista no convés naquela manhã. O comandante, interrogado, sacudia a cabeça. Todos ficaram esperando na porta do salão, em duas fileiras. Primeiro saiu o garibaldino que, tomando aquela espera como demonstração de curiosidade, olhou ao redor com desprezo. Em seguida, apareceu a moça de Mestre, sentada numa cadeira com braços, trazida por dois marinheiros, e ao lado da tia, com os olhos vermelhos. A pobre doente, vestida de preto, branca como um cadáver, tinha a cabeça apoiada no espaldar e as mãos sobre os joelhos, como se não tivesse mais força para movê-las. Mas em seus olhos, que quase não tinham mais vida e na boca da qual parecia não sair mais hálito, errava ainda aquele sorriso levíssimo, de uma tristeza e de uma doçura infinita. Quando passou, todos tiraram o chapéu, e ela respondeu com um movimento suave dos lábios, sem palavra. Os marinheiros pararam próximo ao cancelo da escada. O comandante, segurando o chapéu na mão, cumprimentou-a com aquele laconismo seco com o qual os homens rudes escondem a emoção: “Boa viagem, senhorita...fique boa!” E se virou bruscamente para ordenar que os emigrantes, que chegaram correndo, querendo a todo custo se aglomerar ao redor da moça, a quem não teriam deixado respirar, fossem para trás. Empurrados, subiram, resmungando, no castelo central, para vê-la descer e ir embora. O garibaldino foi o último a despedir-se dela, enquanto estava já sobre o pequeno degrau da escada. Ela lhe estendeu a mão, que ele beijou, e, em seguida, erguendo o indicador com expressão de censura sorridente e amável, disse-lhe ainda uma palavra, que eu não entendi. Ele inclinou a cabeça, sem responder. Os dois marinheiros começaram a descer com grande cautela, um segurando pela frente e o outro pelo espaldar, pedindo à doente que segurasse forte nos braços da cadeira. A tia a segurava por trás, ansiosa recomendando-lhe que não olhasse para a água. Quando estavam no fim da escada, um marinheiro do vapor ajudou os outros dois, e sem abalos, a depositaram na popa, virada para o *Galileo.* Todos os outros desceram e tomaram um lugar. Apenas o garibaldino ficou a bordo, apoiado no parapeito, pouco distante de mim. O vapor se moveu.

Então entre os emigrantes, que tinham se aglomerado no parapeito do castelo central, irrompeu uma admiração e uma gratidão por aquela criatura angelical, que tinham visto tantas vezes no meio deles, comovida por suas misérias, doce com todos como uma irmã, da qual muitos deles tinham recebido conforto e benefícios. Não se ouviu um grito, mas um murmúrio longo de despedidas, nas quais pareceu transbordar tudo aquilo que as amarguras e os rancores de uma existência atormentada tinham deixado de bom e de afetuoso naquela multidão. “Boa viagem, senhorita!” “Deus a abençoe!”. “Que Deus a cure!” “Lembre-se de nós!” “Boa viagem à nossa amiga!” “Adeus!” “Adeus!” E balançavam os chapéus e os lenços. Ela respondeu com uma saudação cansada da mão, e em seguida, com a mesma mão, erguendo mais uma vez os olhos velados e doces em direção ao seu amigo, tornou a fazer aquele gesto com o indicador, como para dizer-lhe: “Lembre-se!”

O vapor já estava longe e a sua imagem despontava ainda nítida na popa, como uma flor negra no meio de um maço de várias cores misturadas. Quando parecia apenas uma manchinha preta pequenina, viu-se alguma coisa branca mover-se acima dela. Era um lenço que esvoaçava. Era para ele. Deu-lhe uma olhada. Ah! Era demais! Nem naquele momento se abalava. Mas no momento em que eu dizia isso para mim, a sua testa se contraiu, seus lábios tremeram, seu peito se encheu, e de repente um soluço explodiu de seu coração, um só, nítido, profundo, violento, como o grito de um homem a quem toda a alma se ergue como uma onda gigante do oceano. Em seguida, cobriu o rosto com as mãos. Finalmente era um pranto! Talvez fosse a bondade, o amor, a pátria, a piedade das misérias humanas, eram todas as fortes e doces virtudes da sua juventude generosa que voltavam com todo o ímpeto no seu largo peito de ferro pelo vão que tinha aberto aquela pequena mão da moribunda. Talvez fosse a humanidade que agarrava novamente o seu soldado, que o lançava novamente sobre seu seio após um longo afastamento, como para uma mãe, pedindo a ela perdão e prometendo a ela recomeçar a amá-la e a servi-la como nos bons anos da fé e do entusiasmo. A visão esvaíra-se, a criatura benéfica morreria. Mas talvez aquele seu último

sorriso, que não era mais de uma criatura humana, teria clareado seu caminho até o final e aquele branco esvoaçante, ficaria para sempre no horizonte da sua vida, como a marca de uma redenção.

Ele continuou imóvel contra o parapeito, com os braços cruzados, como se estivesse pregado lá por um pensamento novo e profundo que absorvesse toda a sua alma, e ainda estava lá quando, de pé num outro vapor em meio a grupo de amigos, eu avistava o colossal *Galileo* abaixando-se e diminuindo-se pouco a pouco, mostrando ainda, no entanto, ao longo de seus parapeitos as mil cabeças dos emigrantes, como o formigueiro de uma multidão apoiada nos espaldões de uma fortaleza solitária em meio a uma planície sem fim. E percorrendo novamente aquela viagem de vinte dias, parecia-me realmente ter vivido num mundo à parte, que, reproduzindo em ponto pequeno os acontecimentos e as paixões do universo, tivesse me facilitado e esclarecido o julgamento em relação ao homens e à vida. Muita tristeza, muita maldade, muitas culpas. Mas muito mais misérias e dores. A maior parte das criaturas humanas é mais infeliz do que má, sofre mais do que faz sofrer. Depois de ter odiado e desprezado os homens, sem dúvida fruto de amargar-nos a vida e de exacerbar em torno de nós a maldade que os torna odiosos e desprezíveis, nós retornamos ao único sentimento sábio e útil, que é aquele de uma grande piedade por todos, da qual, pouco a pouco os outros afetos bons e fecundos renascem, confortados pela santa esperança de que, apesar das aparências passageiras contrárias, o peso imenso das dores diminua lentamente no mundo e alma humana melhore.

Quando pus os pés na terra, olhei novamente par ao *Galileo* e o coração disparou ao dizer-lhe adeus, como se fosse um pedaço flutuante do meu País que me tivesse trazido até lá. Ele era apenas um traço negro no horizonte do rio incomensurável, mas se via ainda a bandeira, que tremulava sob o primeiro raio de sol da América, como uma última despedida da Itália que recomendasse à nova mãe seus filhos errantes.

INDICE

1. O embarque dos emigrantes
2. No golfo de Leão
3. A Itália a bordo
4. Na proa e na popa
5. Cavalheiros e damas
6. Rancores e amores
7. No trópico de Câncer
8. Mar amarelo
9. Os tipos originais da proa
10. O dormitório das mulheres
11. A passagem do Equador
12. O pequeno Galileo
13. Mar de fogo
14. O oceano azul
15. O morto

16. Um dia de cão
17. In extremis
18. Amanhã!
19. A América
20. No Rio da Prata

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo